MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO
DO
DIRETOR

RODOLFO GARCIA

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.
(Philobiblion, Cap. XVI).

1942

VOLUME LXIV

SUMARIO

1944
IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL

ESTUDOS SÔBRE O NHÊENGATÚ

PELO

DR. VICENTE CHERMONT DE MIRANDA

Dr. Vicente Chermont de Miranda
N. 17 julho 1849 — F. 9 maio 1907

EXPLICAÇÃO

Os *Anais da Biblioteca Nacional*, desde os seus primeiros volumes, têm aberto suas páginas a estudos referentes à Linguística americana, especialmente à Linguística brasileira. Uma indicação sumária mostrará a relevância dêsse material, sempre apreciado por autoridades competentes. Tem-se, assim, *Etimologias brasílicas*, por A. do Vale Cabral (volumes II e III); *Conquista Espiritual do Paraguai*, do Padre Antônio Ruiz de Montoya, traduzida do Guarani e acompanhada de um esbôço do Abanhêen, pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira (volume VI); *Vocabulário Guarani da Conquista Espiritual do Paraguai*, pelo mesmo tradutor (volume VII); *Bibliografia da Língua Tupi ou Guarani*, por A. do Vale Cabral (volume VIII); *Dicionário Brasileiro*, pelo Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares (volume XIII); *Poranduba Amazonense*, ou *Kochyma uára Poranduba*, pelo Dr. J. Barbosa Rodrigues (volume XIV); *Vocabulário indígena*, pelo mesmo autor (volume XV); *Vocabulário indígena* (*Complemento da Poranduba Amazonense*) pelo mesmo autor (volume XVI); *Yñerre, o Stammvater dos índios Mayas*, pelo Dr. Rodolfo R. Schuller (volume XXX); e *Notas sôbre a língua geral do Brasil, ou Tupi moderno do Amazonas*, pelo professor Charles Fred. Hartt (volume LI). Poucas publicações nacionais poderão apresentar melhor e maior folha de serviços nesse gênero de estudos, entre os quais figuram na primeira plana os de Baptista Caetano, considerados justamente como clássicos da Filologia americana.

Seguindo a orientação traçada pelos *Anais*, sua atual direção, que neles já inseriu as *Notas* de Hartt, oferece neste volume mais uma contribuïção linguística, a qual, a seu juízo, não desmerece das anteriores em importância científica e em riqueza de ensinamentos, e talvês mesmo, de alguma sorte, as supere quanto à oportunidade, porque aparece no momento em que há, evidentemente, nos meios educativos do país, vivo in-

terêsse por essa ordem de conhecimentos, demonstrado na criação de cadeiras de Língua Tupi em institutos superiores de ensino e em trabalhos publicados sôbre a matéria.

Trata-se agora dos *Estudos sôbre o Nhêengatú*, da autoria do Dr. Vicente Chermont de Miranda, que os *Anais* acolhem com a certeza de que prestam grande serviço à cultura nacional. Pela razão exposta em outro lugar publicam-se apenas as duas primeiras partes, que compreendem o que se poderia intitular a estrutura do idioma e seu estudo comparado com os dialetos afins, a primeira, e o Nhêengatú na fauna amazônica, a segunda.

O Dr. Vicente Chermont de Miranda, que estudou *in loco* e diuturnamente os índios da região do baixo Amazonas, muito bem dominava seu linguajar; reunindo a isso especial cultura das ciências naturais, estava por certo excelentemente aparelhado para explicar e interpretar as peculiaridades da fauna e da flora daquela vasta zona através de suas denominações bárbaras. As etimologias dos nomes de animais, que são as de que trata esta parte dos *Estudos*, têm sempre em conta, em sua dedução, os caracteres biológicos e congêneres, que lhes deram origem. O saber dar *nome aos bois* foi em todos os tempos qualidade louvada dos índios, considerados bons observadores da natureza desde os primeiros viajantes que com êles travaram conhecimento. Nesse particular, o Dr. Vicente Chermont de Miranda amplia, corrige e retifica noções que predecessores ilustres, de Martius a Theodoro Sampaio, divulgaram em conhecidos tratados, aceitos por quantos vieram depois, e que talvez não devam prevalecer por fôrça das razões que o autor apresenta, sem embargos da autoridade daqueles mestres consagrados. Nas lições do sábio paraense muito há que aprender. Os cultores da Linguística brasílica terão neste trabalho subsídios excelentes para seus estudos e pesquisas.

Resta agradecer ao Sr. Dr. P. Chermont de Miranda, eminente escritor, a magnífica doação que fêz à Biblioteca Nacional dos manuscritos de seu digno pai, como ainda a bela notícia bio-bibliográfica que, por pedido da direção dos *Anais*, acedeu em escrever para ilustrar esta publicação.

Biblioteca Nacional, maio de 1943. — RODOLFO GARCIA,
diretor.

NOTÍCIA BIO-BIBLIOGRÁFICA SÔBRE O DR. VICENTE CHERMONT DE MIRANDA

Descendente, pelo lado materno, de nobre linhagem de soldados do Meio-Dia da França, expatriada desta por efeito da revogação do Édito de Nantes, e, por seu progenitor, de antiquíssima estirpe da indômita Cantábria espanhola, o autor dêstes *Estudos*, orfanado em tenra idade, no Pará, sua terra natal, foi enviado a estudar a Lisboa, por seu tio e tutor Antônio de Lacerda Chermont, Visconde de Arari.

Na capital portuguêsa fez seu curso de humanidade, adquirindo sólida cultura clássica, ao depois sempre aprimorada e atualizada. Concluída essa fase de sua instrução, esteve em París, de onde, não conseguindo ingressar na École Centrale, a não ser como simples ouvinte, se passou para a Bélgica, em cuja Universidade de Gand se diplomou em engenharia industrial, voltando em seguida ao Brasil.

Antes disso, e já formado, contraiu núpcias com uma jovem holandesa, Carolina Maria Magdalena Van Gyselaar, pertencente à família da nobreza neerlandesa. Dêsse consórcio nasceram-lhe três filhos, de nomes Antônio Pedro, Leonie Clementina, ao depois Baroneza von Tautphöeus, e Pedro Antônio, que subscreve êste preito à sua memória.

De volta à terra de seu nascimento, dedicou-se, de início, à administração do engenho de açúcar Aproaga, situado à margem do rio Capim, que herdara dos pais, Antônio José de Miranda e Inês de Lacerda Chermont de Miranda. Extinguira-se, porém, a êsse tempo, na então Província do Pará, o período do explendor nas lavouras tropicais, que a enriquecera anteriormente, e mui decadente se encontrava, ali, a indústria açucareira. Pauco depois, por êsse motivo, Vicente Chermont de Miranda deu fim à sua atividade industrial, passando a residir em Belém, capital da Província. Dali, por vêzes várias, se atirou a longas e árduas jornadas de explora-

ção aos sertões paraenses, devassando-lhes as selvas e rios encachoeirados, até então quase desconhecidos. E assim, levado por acentuado pendor ao estudo da natureza, subiu com fins científicos o curso do Trombetas, Erepecurú, Cuminã, Tapajós, Alto Capim, etc., cujos levantamentos realizou, nos trechos por êle percorridos. Contribuiu por essa forma para torná-los conhecidos, enriquecendo a corografia pátria com dados de escrupulosa exatidão.

Dessas viagens deixou plantas, cujos elementos foram incorporados à certa geográfica do Estado do Pará e, ao depois, aproveitados pela Repartição da Carta Geográfica, quando da organização, por esta, do Mapa do Brasil, ao comemorar-se o centenário da nossa Independência. O Museu Goeldi fez litografar o levantamento do rio Capim, acrescentando-lhe interessantes dados botânicos.

Figura de relêvo social e político, com acentuada projeção, Vicente Chermont de Miranda, militou, como seus maiores brasileiros, nas fileiras do Partido Liberal, de que foi um dos chefes, ao lado de José Carneiro da Gama Malcher e do Conselheiro Tito Franco de Almeida, ao tempo do Império. Nessa época foi deputado provincial e, com o falecimento de Gama Malcher, substituiu êste como intendente (prefeito) da capital. Em tal função dedicou sua melhor atenção ao saneamento da cidade na parte condizente com a engenharia sanitária, notadamente por meio da drenagem geral da cidade e seus arredores. Implantada a República no País, chefiou o Partido Republicano Democrata, formado pela grande maioria do extinto Partido Liberal, juntamente com José Joaquim da Gama e Silva, Américo Marques de Santa Rosa e o coronel Frederico Augusto da Gama e Costa. Pouco depois, tal era o prestígio de que gozava, que o seu apôio resoluto e firme ao Dr. Justo Leite Chermont, primeiro governador provisório do Estado, embora seu adversário político, impediu a subversão da ordem neste, consolidando a autoridade daquele governante e evitando-lhe a deposição, no momento tramada pela oficialidade da guarnição federal de Belém.

Caudilho destemeroso, por duas vêzes levantou e armou fortes contingentes populares. Da primeira, contra o então capitão de fragata Duarte Huet Barcelar Pinto Guedes, a êsse tempo segundo governador provisório do Pará. Reagiu, nessa ocasião, com energia e desassombro, opondo a fôrça

em defesa dos seus amigos políticos do município de São Domingos da Bôa-Vista e fazendo rechassar expedições militares enviadas ao rio Capim para oprimir seus correligionários. De tal fato resultaram-lhe a prisão e exílio para fóra do País, não obstante os têrmos da pacificação firmada pelo govêrno local, que se comprometera à concessão da imediata e completa anistia. Esta, porém, só sobreveio muito mais tarde e por decisão do Congresso Nacional, voltando em seguida Chermont de Miranda à Pátria. Da vez seguinte, o movimento revolucionário, por êle organizado, o foi em acôrdo com os oficiais da flotilha do Amazonas, e tinha articulação com a revolta da Armada, chefiada pelos almirantes Custódio de Melo e Saldanha da Gama, na capital da República.

Malograda a intentona, logo em seu início, quando já governador constitucional do Estado o Dr. Lauro Sodré, não teve êsse outro levante maiores conseqüências, para o que, justiça lhe seja feita, muito influiu o espírito moderado dêsse ilustre patrício, embora as graves circunstâncias que o país atravessava por efeito da luta armada que o convulsionava.

Quando, por fim, Vicente Chermont de Miranda se afastou da atividade política-partidária, fê-lo cercado de invulgar estima e respeito públicos, que lhe grangearam sua límpida vida pública e privada, marcada de profunda integridade de caráter, realçada por uma coragem pessoal sempre demonstrada nas horas graves por que passára a terra que lhe foi berço.

Daí por diante, recolhido a ostracismo voluntário, dedicou-se ao estudo das ciências naturais e à linguística. Pesquisador infatigável da natureza, foi o descobridor da existência, na Amazônia, do *Lepidosiren paradoxa* e do *Phreatobius cisternarum*, famosas e raríssimas espécies ictiológicas então desconhecidas entre nós e cujos reduzidos exemplares enriquecem, ao presente, as coleções do Museu Goeldi. Dêsse instituto, ao tempo dos seus mais notáveis diretores, os cientistas suiços Emilio Augusto Goeldi e Jacques Huber, foi destacado cooperador, já enriquecendo-lhe o patrimônio científico, já colaborando assìduamente no respectivo *Boletim*, que lhe constitue os preciosos anais. Além de numerosos artigos, publicados na *A Provincia do Pará*, de que foi dos distintos colaboradores, deixou vários trabalhos de livraria sôbre a fauna, a flora e a corografia amazônicas, particular-

mente relativos à ilha do Marajó. Destacam-se entre êstes os seguintes:

— *Marajó* — Estudos sôbre seu solo, seus animais e suas plantas (1894);

— *Glossário Paraense*, ou coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à ilha de Marajó (1905), nomenclatura de notável valor filológico dos têrmos e das expressões peculiares à Amazônia, freqüentemente citada nos modernos dicionários brasileiros; e

— *Campos de Marajó e sua Flora*, considerada do ponto de vista pastoril (1907) — obra anotada pelo sábio botânico Jaques Huber, então diretor do Museu Goeldi, e editada por êste, em separata de seu *Boletim*, já depois do falecimento do autor. Êsse livro ainda é lido como o mais completo e minuciso estudo das plantas forrageiras do Brasil.

Ao falecer, prematuramente, em 1907, aos 57 anos de idade, tinha Vicente Chermont de Miranda em preparo um vasto trabalho a respeito do Nhêengatú ou Tupi boreal, abrangendo sua literatura, a fauna, a flora e a corografia amazônicas. Surpreendeu-o infelizmente a morte quando concluíra apenas as duas primeiras partes dessa obra considerável, ficando as restantes em notas numerosíssimas. Por êsse motivo sòmente êsse material pode ao presente ser publicado sob os auspícios da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em seus *Anais*.

Sôbre o valor dessa obra opinará com autoridade o meu distinto amigo Dr. Rodolfo Garcia, a quem deixo consignada nestas palavras a gratidão à nímia gentileza com que se incumbiu da correção cuidadosa das provas de composição, que a caligrafia, de difícil decifração, de meu pai, só tornava acessível à competência do tupinólogo eminente, que é, sem favor, o culto prefaciador dêste trabalho. Tal circunstância explica a tardia divulgação dêste escrito, nas páginas do precioso repositório de dados científicos e de documentos históricos, que são aqueles *Anais* gloriosos, atualizados pelo Dr. Rodolfo Garcia, num esfôrço ingente e meritório, jamais assás encomiado.

Ao concluir, impõe-se-me assinalar que, pelo seu caráter sem jaça, aliado a um espírito liberal e cultíssimo, Vicente Chermont de Miranda personificava a distinção no trato social, conjugando a tais predicados, próprios do homem fino e educado, extrema bondade e singeleza para com os humil-

des. Tratava-os com carinho e simplicidade, que os punha logo à vontade. Aos próprios escravos mostrava-se tão bondoso, que dêle não se afastaram ao serem libertos pela Lei Áurea. Permaneceram ao seu serviço enquanto viveu, e, depois de morto, por influência do tratamento recebido do antigo senhor muitos se conservaram até se finarem, já encanecidos e inválidos, com os seus filhos.

Devo-lhe eu, além do ser físico, a própria formação espiritual, a princípio processada na fase da educação no lar, ao depois completada no convívio afetuoso em que, ao mesmo tempo pai e amigo, me foi êle o guia experimentado na trajetória da vida. Sejam-lhe estas linhas a homenagem à sua memória querida, a expressão intensa da minha infinita gratidão e dorida saudade filial.

Rio, 21 de abril de 1942.

P. CHERMONT DE MIRANDA.

INTRODUÇÃO

A significação dos nomes geográficos indígenas é assunto que tem vivamente interessado os cientistas. De todos os Estados brasileiros são os dois do extremo Norte, Pará e Amazonas, os que mais conservaram na designação dos rios, dos igarapés, das ilhas, das serras, dos lagos, as denominações já existentes no comêço da colonização, e também os que procuraram na língua geral as vozes com que apelidaram as suas cidades, as suas vilas, os seus sítios, ou os saltos dos seus encachoeirados paranás. Procedendo a êsses estudos etimológicos, verificámos que, na sua quase totalidade, provêm essas designações geográficas de nomes de plantas ou de animais, tornando-se por êsse motivo necessário, *primeiro que tudo*, organizar uma lista dêsses nomes, com suas variantes e corruptélas, por constituírem a base sôbre a qual assenta a etimologia dêsses vocábulos.

Foi êsse o caminho seguido pelo insigne Martius, na sua importante obra sôbre os nomes tupínicos das plantas e dos animais, a qual precedeu a terceira parte relativa às denominações geográficas. Êsses três trabalhos têm por título :

NOMINA PLANTARUM IN LINGUA TUPI
NOMINA ANIMALIUM IN LINGUA TUPI
NOMINA ALIQUOT LOCORUM IN LINGUA TUPI

Paramos, então, com os trabalhos encetados, a fim de edificar êsses dois primeiros alicerces essenciais da nossa obra, que será composta de cinco partes :

A primeira trata da fonética nhêengatú, da gênese dos nomes dos animais, e de algumas das causas que concorreram para o insucesso dos trabalhos etimológicos dos tupinistas mais conspícuos. A segunda parte ocupa-se dos nomes dos animais. A terceira dos nomes das plantas. A quarta dos nomes corográficos da Amazônia. A quinta, finalmente, será constituída por um ensaio crítico da literatura tupi, no qual serão analisadas as obras de Couto de Magalhães, de Costa

Aguiar, de Barbosa Rodrigues, e o dicionário da *Chrestomatia*, do Dr. Ernesto Ferreira França, o *Anônimo* de 1795, o da *Paranduba maranhense* e o manuscrito existente na biblioteca do Museu Goeldi; sendo os três primeiros em nhêengatú e os demais em abanhêenga.

O estudo das origens das nossas designações geográficas tem sido tratado por diversos tupinistas de nota, mas, que o saibamos, ainda nenhum paraense a êle se dedicou. Entre os sulistas fulguram os nomes de Freire Alemão, de Braz da C. Rubim, Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, Candido e João Mendes d'Almeida, Baptista Caetano de Almeida Nogueira, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Theodoro Sampaio. Entre os estrangeiros com maior brilho resplandecem vultos da envergadura de Carl Fred. Phil. von Martius, Richard F. Burton, Charles Fred. Hartt, Hermann von Ihering, Emilio A. Goeldi, os quais com mais ou menos proficiência contribuíram para enriquecer o repertório etimológico brasileiro.

Não precisa o filólogo ir muito longe na análise dos têrmos geográficos paraenses para verificar que não só a língua tupi monopolizou essas designações em prejuízo dos nomes lusitanos, como ainda conservou êsses vocábulos quase sem alteração. Dá-se mesmo neste nosso Estado um fenômeno curioso: nos primeiros tempos após a ocupação, os portugueses estropiavam os têrmos indígenas, mudando ou acrescentando letras; mas no período seguinte, muitos dêsses vocábulos, alterados, corrompidos, voltaram à sua primitiva pureza. Êsse fáto deve-se provàvelmente à mistiçagem; do cruzamento dos brancos com as índias, cruzamento favorecido pela corôa portuguesa, resultou numerosa prole mameluca, a qual, pela influência materna, obrigou o branco a pronunciar tupìnicamente os têrmos já por êle barbarizados.

O leitor encontrará com certa surpresa alguns nomes abanhêengas, como Abaeté, Camburupi, Cotijuba, designando lugares nas imediações da capital do Estado; mas a história vem em nosso auxílio para nos dizer que os primeiros colonizadores do Pará foram portugueses, mamelucos, e índios mansos vindos do Maranhão, extremo limite norte do tupi austral. Êles deram denominações nesse dialeto a diversas localidades, algumas das quais ainda perduram, mas o elemento nhêengatú preponderante posteriormente, absorvendo

êsse pequeno núcleo colonizador, deu a essas localidades, de novo, nomes puramente nhêengatús, ou imprimiu-lhes o cunho nhêengatú, eliminando os sons *b* e *g* nêles introduzidos pelos companheiros de Caldeira Castello Branco.

Além dos nomes indígenas de animais usados atualmente inserimos na Parte II todos aqueles que podemos colher nos dicionários antigos, como também muitos dos que os naturalistas escreveram nas suas obras relativas aos animais do Brasil; devemos por isso avisar o leitor que êsses-últimos nomes se acham em grande número tão alterados, tão corrompidos, que nos foi impossível repô-los na sua pureza tupínica. Quanto podemos corrigimos essa *errata*, mas os que ainda ficam barbarizados darão muito que fazer àqueles que se aplicarem às etimologias dos vocábulos oriundos da lingua geral.

Provàvelmente, darão os cientistas com alguns nomes científicos, que não corresponderão com os vulgares. Não tendo estudos de zoologia suficientes, achamo-nos não poucas vêzes embaraçados ante a numerosa sinonímia dêsses nomes dados pelos naturalistas, que para mais aumentarem a perplexidade dos leigos, como nós, trocaram os nomes indígenas de diversos animais, como por exemplo o do *maguarí*, Ciconia cocoi, êste corrutéla de *socphí*, como o do *cauauá*, que apelidaram Ciconia maguarí, etc.

Resta-nos dar uma informação sôbre uma obra freqüentemente citada na Parte II. Entre os preciosos livros postos à nossa disposição pelo Sr. Dr. professor Emilio Goeldi, de que falamos no Capítulo III § 2.º, relativos à língua tupi, o mais valioso foi sem dúvida o *Dicionário português-tupi*, manuscrito sem nome do autor, que designaremos por *Vocabulário do Museu Goeldi*. E' obra de um jesuíta português, mais ou menos do começo do XVIII século e elaborado no Rio de Janeiro. O original existe na Torre do Tombo, em Portugal, uma cópia na Biblioteca Nacional da Capital federal, sendo o exemplar do nosso Museu cópia desta cópia, mas, tirada por pessoa idônea e conscienciosa, poucos erros conta. Na Parte V trataremos dêste inestimável lexicon, que bem merecia dos poderes públicos uma imediata impressão sob as vistas de um filólogo abalizado. Temo-lo como o melhor e o mais completo dicionário do tupi austral, utilíssimo àqueles que se dedicam aos estudos etimológicos da onomatologia tupínica.

PARTE PRIMEIRA

CAPÍTULO I

A FONAÇÃO NHÊENGATÚ

§ 1

As numerosas tribus de origem tupi, outrora estabelecidas no vale amazônico, davam à língua por êles falada o nome *n h ê e n g a t ú, de nhêenga,* fala, linguagem, e *catú,* boa; os indígenas da mesma raça, que povoavam o sul do país, designavam a sua pelo têrmo *abanhêenga, de abá,* homem, e *nhêenga,* fala. Os filólogos aceitaram êstes dois vocábulos para designar os dois dialetos, nos quais se cindiu a língua tupi: o nhêengatú ou tupi equatorial, e o abanhêenga ou o tupi austral. A diferença entre os dois é considerável quanto à pronúncia, pouco importante quanto ao vocabulário, é nula em relação às formas gramaticais. A diferença lexicológica, contudo, entre êsses dois ramos da língua, tão extensamente espalhada por um vasto território, não é tão insignificante, como nos querem persuadir alguns tupinistas, e mais sensível ainda é a que separa o tupi do guarani, não obstante afirmar o contrário o insigne guaraniólogo Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

a) — Nos seus *Apontamentos sôbre* o *abanhêenga,* êsse autor diz que: "Os vocábulos usados por tupis e não por guaranis e vice-versa são poucos e podem ser enumerados. Em geral dependem das condições climatéricas e geográficas em que viviam, que faziam variar os modos de vida; por exemplo, nomes de peixes das costas do Brasil seriam naturalmente desconhecidos no Paraguai. Afora dêste mais um ou outro vocábulo diferente, como seja *texag,* ver em guarani, *tepiac,* em tupi; *uruguassú,* galinha, *sapucaia,* e poucos mais".

O nhêengatú possue tôdas as vogais puras e nasais conhecidas em português, e mais a vogal gutural que representaremos pelo *y*.

Das consoantes puras emprega as seguintes, *b, p, g, k, t,* e das consoantes nasais; *mb, nd, ng, m, n, nh.* Só usa o *r* brando, como *arara, cararà,* mesmo quando no comêço das palavras, como em *rupí, rurú, riri;* as sibilantes *s* e *z* lhe são desconhecidas, mas lhe é familiar o som ciciante representado pelo *c* antecedendo *e* e *i,* pelos *s* antes de *a,* de *o,* ou de *u.*

A chiante *ch* ou *x* é vulgar, não porém a representada pela letra *j.* Faltam-lhe, portanto, as consoantes *d, f, v, j, l, z, r* duro e sibilante. Com a falta de oito consoantes, contando o *g* e *b,* expelidos quase totalmente do tupi equatorial, não admira essa quantidade de têrmos compostos sòmente de vogais, mais afins dos sons emitidos pelos irracionais do que de uma nobre expressão do pensamento humano. As consoantes são a ossatura de uma língua; sem elas tornam-se as palavras como interjeição justapostas, como o primeiro balbuciar da infância. Com uma linguagem desta ordem não podia o selvagem passar da quase animalidade em que vivia para a vida intelectual, apanágio do homem civilizado. A palavra, sendo instrumento do pensamento, no nhêengatú, tinham os autoctones um instrumento rude, pesado, tosco, rombo, que os impossibilitava de dar uma fórma mais intelectual ao trabalho de seus cérebros: diz-me o que falas, dir-te-ei quem tú és, — é mais verdadeiro do que o célebre aforismo de Brillat-Savarin.

b)— Theodoro Sampaio não tem razão, quando afirma, que o tupí não posue o *s* sibilado, mas sim o *s* chiado; *os* exemplos *sinunga* e *sipó* por êle invocados, nada provam. Se uns dizem *chipó* a maioria pronuncia *icipó.* O exímio tupinólogo, por certo, não dirá *chiri, ichica, chi, coarachi, iachi,* mas pronunciará tupinicamente conosco *ciri, icica* — resina, seiva, *ci* — mãe, *coaraci* — sol, *iaci* — lua. Nós fazemos distinção entre o som sibilante: paz, cascas, vascas, cascais; o ciciante: sussurro, ciume, seita, sítio; e o chiante: chita, chupar, machiche. Examinemos essas consoantes cada uma de per si.

§ 2

— B —

O som labial *b* é raro em nhêengatú; nas palavras nas quais o abanhêenga o tem intercalado, o índio amazônico o substitue por um *u,* ex.: *apiaua, apiaba,* homem, *peua-peba,*

chato, *ipaua-ipaba*, lago, *caua-caba*, vespa, *suaca-sobaia*, cauda, *curucaua-curucaba*, garganta, *potaua-potaba*, dádiva, *tenaua-tendaba*, lugar, *quissaua-quissaba*, rede de dormir, *igassapaua-igassapaba*, ponte, etc. Mesmo no começo das palavras é trivial essa substituição: *uauassú-babassú*, Attalea speciosa, *uerá-berá*, relampago, *uêuê-bêbê*, voar, *uacaua-bacaba*, Oenocarpus bacaba, etc. Os têrmos começados por *b* são tão raros, que Barbosa Rodrigues, no seu recente *Vocabulário indígena*, sòmente trás *bubuia* e um composto.

É possível que o uso do botoque, *tembetára*, tivesse dado origem a êsse metaplasma. Aos doze ou treze anos, quando lhe apareciam nos seios os embriões das glandulas lactíferas, o *curumin* sofria a operação do *tembecuára*, buraco do beiço, feito com um osso pontudo de veado. O *tucháua*, ou chefe da maloca, sentado sôbre um banco, geralmente de cedro, assistia ao ato, verificando se o operador furava o beiço na altura apropriada, nem muito baixo nem muito em cima. Nesse orifício introduziam uma haste lisa, descascada, quase sempre de *m a n i v a*, da grossura de um lapis. À medida que o buraco se alargava, aumentavam o calibre do botoque, até que, em indivíduos erados, maduros, o beiço inferior, *tembé*, disformemente espichado, chegava a cair sôbre o peito, sem que o bárbaro pudesse naturalmente unir os dois beiços; usavam então de um *tembetá* de madeira leve, mas mesmo assim eram forçados, se queriam fechar a bôca, a lever o beiço inferior com a mão até encostá-lo ao superior.

O *mbetára*, que no começo era ornato, tomou, entre os índios Tembés, proporções enormes com o fim de dar-lhes hòrrenda e feroz catadura para amedrontar os inimigos. Um índio Tembé, Antonio Peua, *tucháua* de uma pequena maloca, no rio Capim, aniquilada pela varíola, contou-nos que, quando mocinho, conheceu alguns da sua nação, cujo *tembecuára* era tão largo que enfiavam por êle a cabeça, circulando-a então a fina faixa labial na altura da nuca! A junção dos beiços necessária para a pronúncia do *b*, não podendo ser efetuada, tornou-se a fala dêsses selvagens indistinta, trocavam certos sons, alteravam a fonação de outros, e afinal o que provinha da impossibilidade pelo uso do enorme *metára*, nos guerreiros da tribu, tornou-se geral para ambos os sexos, ou por simiesco espírito de imitação, ou por moda. Nota-se, todavia, que, mesmo nas tribus sem botoque, o som *b* é difícil de ser emi-

tido. Um *amanagé* puro sangue, que nos foi dado quando contava quatorze anos, até agora com os seus vinte e seis, esquecido do idioma materno, dizendo "banana" fica-se em dúvida se se ouve *manana ou mbanana*. Os índios amanagés nunca usaram de *tembetára*.

Como essa permuta do *b* pelo *u* perdeu o nhêengatú a suavidade do abanhêenga, imitando em algumas palavras o som do ladrar do cão, como em *uiaua*, guaiaba, *seneaua*, barba, *icuire*, novamente, *iauáu*, fugir, *iaué*, assim, etc.

§ 3

— D —

O *d* puro não existe. Nas palavras portuguesas tupinizadas que, por carência de têrmo equivalente, usam os índios, substituem-no pelo *r*: *saurú*, sábado, *sorára*, soldado, *camarára*, camarada, *cunhára*, cunhado; êste último suplantou o vocábulo castiço em algumas tribus. Estamos neste ponto em desacôrdo com o padre Luiz Figueira, que admite o *d* puramente labio-dental sem nasalação; mas escudado na opinião não menos autorizada de Anchieta e baseado na fonética do *nhêengatú* moderno, persistimos em pensar que no começo das palavras em abanhêenga, nunca se pronuncia *d*, mas sim *nd*, e que, em nhêengatú, repelindo-se o son *d*, profere-se *nê*.

Theodoro Sampaio verte machado por *dgi*: "escolhido (diz êle) o local para a lavoura, derrubavam-lhe as árvores de maior vulto, empregando-se para êsse fim o machado de pedra *ji* ou *dgi*". O som *dj* não é tupi, como também podemos afirmar que essa asserção de derrubadas a *machado de pedra* constitue uma das muitas crenças pueris, falsas, absurdas, que entre os civilizados correm sôbre os usos, os costumes, a vida do nosso indígena; mas na Parte V trataremos detidamente dêste assunto aqui descabido.

§ 4

— Nd —

O *nd* é encontrado, posto que sem frequência, em algumas palavras, como *iandi*, óleo, *iandú*, aranha, *cuandú*, *mandioca*, *pindoba*, etc.

Nos raros casos em que o *nd* é inicial no abanhêenga, o tupi equatorial só faz ouvir o *n*: *nhê-nê*, tu, *ndayé-ynayé-inaié, inagé*.

§ 5

— F —

A semi-labial *f* é absolutamente desconhecida em tupi; tôda palavra que a contém, como *Afuá, Tefé*, é espúria. Por êsse motivo não merece louvor o respeito descabido do Dr. Ernesto Ferreira França pelos êrros do copista, deixando essa letra em diversos têrmos, que se acham estropiados na sua Chrestomatia; *folandira* por *tocandira, tucandêra, faira* por *taira*, filho, *faracuá* por *taracuá, tracuá*, etc.

§ 6

— G —

Em guarani, como também em abanhêenga, a gutural *g* é de uso freqüente, quer no princípio, quer no meio das palavras; mas isso não acontece em nhêengatú, no qual, se encontrado, pode-se estar certo que foi por eufonia, acrescentado pelo branco. Assim temos no Sul *guatá*, no Norte *uatá*, andar, *guassú-uassú*, grande, *guirá-uirá*, ave, *guirapá-uirapá*, arco, *guaibi- uaimi*, velha, *guarapiranga-uarapiranga*, barreira, barranco, *guarabá-uarauá*, peixe-boi, *gurupema-urupema*, peneira, crivo, *guára-uára*, morador, etc. O mesmo acontece quando o *g* se acha, nos dialetos do Sul, no meio do vocábulo: *meguan-meuan*, careta, mácula, *tagoá-tauá*, amarelo, *caraguatá-carauatá*, gravatá no Sul; *miguá-miauá-*, mergulhão, *uruguá-uruá*, caracol, *paranaguá-parauá*, papagaio, *maguari-mauari*, Ciconia cocoi. Se tivesse refletido nesta particularidade do tupi amazônico não teria interpretado tão erradamente Martius a origem de Araguari, de Guajará, de Gurupá, de Araguaia, nem Theodoro Sampaio a de Guamá, de Arapari, (Guarapari) de Araguáia. Esta obra tão preciosa acha-se desvalorizada pelos muitos êrros — mais de quinhentos — que uma cópia descuidada e uma revisão negligente deixaram imprimir; é o vocabulário mais incorreto que existe em tupi. O menos inçado dêstes êrros tipográficos é o *Dicionário anônimo* de 1795, edição Platzmann, mas ainda assim, encontram-se cêrca de cento e vinte, dos quais 12 imputáveis ao autor e o resto ao copista e revisor.

§ 7

— J —

É o jota raríssimo; tão raro que bem se pode afirmar não existir. O *Dicionário anônimo* de 1795 ensina que "nunca o *i* é tão rigorosamente consoante que fira a vogal como *g;* entre vogais é consoante duplex, como neste verbo *aiar* — tomo; onde o *i* faz o mesmo som que o nosso verbo cair (página II). O padre Marcos Antonio — *Chrestomatia,* do Dr. E. F. França, na palavra *Paié* — feiticeiro, adverte que em tupi é raramente o *i* rasgado; os tupinambás apenas têm algum *i* rasgado, quando o mesmo se acha diante do *u*.

Em nhêengatú não há exceção: em tôdas as palavras, nas quais o branco, para suavizar o encontro de muitas vogais, pronuncia *j* o índio diz *i* : *jaguara-iauara,* cão; *juruna-iuruna,* macaco de boca preta; *javary-iauari* (Astrocarium javary), *jacaré-iacaré; jabáo-iauáu ,* fugir; *jaguacaca-iauacáca ,* lontra; *guajará-oaiará,* árvore frutífera, *ajurú-aiurú,* papagaio, etc. A falta do *j* foi por Faria notada nos seguintes têrmos: "Todos os vocábulos nesta língua se escrevem sem as seguintes letras : F — L — J — S — V — Z."

§ 8

— L —

O tupi ignora-o. Um vocábulo, no qual existe o som *l,* tem noventa e nove probabilidades por cento de não ser tupi. Aqueles que, afirmando o contrário, o dão como de origem indígena com um *r* pelo *l,* não têm observado a negação do tapuio por essa líquida. Se tivesse isso em mente Theodoro Sampaio não derivaria *jalapa* de *iarapa,* nem dado a *mameluco* uma origem sul - americana. A intercalação de um *l* em palavra tupí, como em *solinaria, suinara - suindara,* ou a permuta do *r* brando pelo *l,* como em *"Solimões"-sorimau,* é de uma raridade tal na Amazonia, que êsses casos se podem contar nos dedos de uma só mão. Nas palavras portuguesas, adotadas pelo tupi, onde o *l* existe, se não é eliminado simplesmente como em *cuiêra,* colher, substituem-no pelo *n* como em *naranda,* laranja, ou pelo r: *muratú* - mulato, *chiróra* - ceroula, que também se traduz por calça. Dessa repugnância invencível da língua geral pelo *l,* já trataram José Veríssimo,

nas *Cenas da vida amazônica*, e o Capitão Richard Burton nos *Highlands of Brazil*. Êste último refere ter ouvido de um bacharel, deputado provincial, certamente mameluco, *estrera d'arva*, por estrêla d'alva, como o primeiro diz ter ouvido pronunciar *Escola normar* por professores diplomados pela Escola normal.

Cabe aqui ainda uma censura ao Dr. E. F. França por ter deixado imprimir, na sua *Chrestomatia*, palavras onde o intruso *l* se pavoneia estropiando-as, algumas a ponto de ser quase impossível reconstruí-las na sua primitiva pureza, como: *folandyra* — por *tucandyra*, tucandera, *aikitningol*, por *aikitingoc*, açacalar, *nailo-catú* por *intio catú*, achacoso; *agualem* por *aguacem*, achar, *talybar* por *tacyba* formiga, *aleopiará* por *aceopiará*, paladar, *anheloaib - recé*, por *anhecoaib - recê*, padecer pena interior, etc.

§ 9

— M —

O *m*, no fim dos vocábulos, não dá a essa sílaba final o desagradável som nasal, como na nossa língua materna. No dic. anônimo de 1795 já essa regra se acha escrita : "e se ha de exprimir apertando os beiços".

§ 10

— N —

No fim de uma palavra pronuncia-se como o *m* em também, além, porém.

§ 11

— Nh —

O som palato-lingual semi-nasal *nh* pode ser encontrado no comêço de uma ou outra palavra:*nharon, nhonté, nhãhã*, mas comumente nos têrmos em que o guarani o escreve, o nhêengatú prefere ou suprimí-lo, como em *nhaué-iaué*, *nharucang — arucanga*, costela, ou sugstituí-lo por *i*:*nhã — hãhã — iassanã*, jassanan, *nhandi — andi*, óleo, *nhaquyran — iaquyrana*, cigarra, *nhemondiá — iemondiára*, menstruação, *nhotymiotym*, plantar, enterrar, *nhatiú — iatiú*, mosquito, *nhmime — iumime*, esconder.

§ 11 *a*.

— P —

Nota-se nesta tão primitiva língua uma instabilidade curiosa nos sons das labiais *p* e *b* e das semi-labiais *mb*, *m*, da qual resulta o uso indiferentemente, ora de uma ora de outra destas consoantes, e isto em uma mesma palavra. Parece que o índio hesita em fixar de um modo permanente as palavras, tateando êsses sons sem firmá-los definitivamente; com a sua linguagem ainda perto das suas origens não decidiu qual a exata pronúncia de certos têrmos, nos quais se mostra ela dúbia, empregando sem motivo aparente ora o *p*, ora o *b*, ora o *m* ou o *mb*. Vemos assim usar indiferentemente *ymirá* — *ybyrá*, madeira, *myryguy* — *byryguy*, *mytanga* — *pitanga* — *butanga*, *memy* — *memby*, flauta, *miguá* — *mbiguá* — *biguá*, mergulhão, *meiú* — *mbeiú*, *beyú*, beijú, *motim* — *potim*, camarão, *poranduba* — *moranduba*, *moranga* — *puranga*, formoso, *mereba* — *pereba*, chaga, *mbo-pó-pú*, mão, *potyra* — *potura*, flor, *puranquê* — *muranquê*, trabalho, *boia* — *mboia* — *moia* — *muia*, cobra, *mbatui* — *matui*, massarico, *panema* — *manema*, infeliz, etc. etc.

§ 12

— Q —

Sendo o K desusado em português substituímo-lo pelo *qu*, quando seguido de e ou *i* : *puqueca*, *muquem*, *piquira*, piriquito; se o *qu* soa como em *quadro* empregamos o *c* : *cuatipurú*, *araucuan*, *cuatí*, etc.

§ 13

— R —

Mesmo no começo das palavras é brando como em *rahú*, *tupana rangaua*, etc.

§ 14

— U —

O que dissémos relativamente à troca das letras *b*, *p*, *mb*, *m*, também tem aplicação ao *s* e ao *t*. Diversas palavras começadas por *t* em abanhêenga e em nhêengatú paraense

mudam em nhêengatú amazônico o *t* em *s: terena - serena,* lamber, *taconha-saconha, tomatiá-somatiá.*

§ 15.

— T —

Alguns autores, como Couto de Magalhães e Pedro L. Simpson, fazem certa confusão nas palavras que começando por *t,* mudam em composição êsse *t* em r, dando-os como começados por *r,* quando realmente o som inicial é a dental *t.* No *Selvagem* encontram-se alguns dêstes equívocos como no *Opúsculo da Gramática brasileira,* onde o seu autor dá *ranha* como transformação por aférese de *tanha,* dente. Os exemplos não faltam: *acutiranha, saranha, piranha,* etc.

§ 16.

— U —

Muitas palavras que o abanhêenga pronuncia com o som aberto ó ou ô, o nhêengatú profere *u : mboia — muia,* cobra, *pó - pú,* mão, *araposső-arapossú,* picapau. Contudo convém notar que essa transformação se dá mais nas tribus do Estado do Amazonas do que nas do nosso.

§ 17.

— V —

Falta-lhe êste som, como lhe falta o seu conexo *f.* O abanhêenga em algumas regiões sóe usá-lo por melindre, na frase dos lexicologistas missionários, em certas palavras em vez de *b* : *avá* por *abá;* todavia, parece-nos que constituiu isso uma inovação posterior à descoberta do Brasil, pela imitação dessa semi-labial que ouviam os índios dos portugueses.

§ 18.

— Y —

A pronúncia da vogal gutural *Y,* tão escrupulosamente observada nos dicionários antigos, é substituída hodiernamente em diversas palavras pelo *i* e em outras pelo *u* : *ambyra-ambura,* cadáver, *potyra — putura,* flor, *yby — yuy —*

icuy, terra, *Mytuú — Mutuú*, Domingo, *pytá-puitá*, ficar, *uyba — uuba — uyua*, frecha, etc.

§ 19.

— Z —

Em tupi não existe, mas é usado em alguns dialetos dessa língua. Os tembés ainda existentes no rio Capim, dizem :

Tezu por *teiú*, lagarto.
Anguzá por *anguiá*, rato.
Zaquirana por *iaquirana*, cigarra.
Zauara-hú por iauára-assú, onça.
Zapucâ-cuzã por *sapucaia-cunhan*, galinha.

. . . .

§

POLITONGOS

A ausência de oito consoantes, sobretudo a eliminação do *b* e do *g*, do meio das palavras, produz um acúmulo de vogais tal, que dificulta ao branco a pronúncia de muitos vocábulos, nos quais essas vogais, entrechocando-se, produzem horripilantes cacofonias, mais parecidas com o uivar de féras do que sons emitidos por criaturas humanas.

Alguns exemplos farão melhor apreciar êste defeito capital do nhêengatú.

Ditongos. São vulgaríssimos: *cuá*, cintura, meio, *iára*, dono, senhor, *saissú*, amar, *caá*, mato, fôlha, planta, *aápe*, lá, *nhaã*, êsse, *pinaytyê*, pescador de anzol, *uatá*, caminhar, *supiá*, ovo, *pyá*, coração, *cuára*, cova, buraco, *uirá*, ave.

Tritongos. Também são encontrados a cada passo: *iuaca*, céu, *cáua*, vespa, *peua*, chato, *acâuéra*, caveira, *mucaua*, espingarda, *yuaté*, alto, *yua*, arvore, *yuá*, fruta, *ygarupaua*, pôrto, *pereua*, ferida, chaga, *amutaua*, bigode, barbatana, *apycaua*, assento, banco, cadeira, *teiupaúa*, cabana, tejupar, *mangaua*.

Tetratongos. A junção de quatro vogais não é nada raro: *iauára*, cão, *suaia*, cauda, *uauąca*, circularmente, ao redor, *uêuê*, voar, *uauyrú*, rato, *ayua*, ruim, *semeyua*, margem, litoral, *uyua*, frecha, *caáuy*, anil, *iacumãyua*, pilôto.

Pentatongos. Podem ser citados: *aioioca,* nome de uma planta, *cutiuia,* cutia, caudada, *ciriuaia, cauauá, mieuaire,* replanta, *tuyuyú, iauaú,* fugir, *seneuaua,* barba, *iuyua,* salsaparrilha, *quiuáua,* pente.

Hexatongos. Até o enfileiramento de seis vogais sonoras se encontra em: *iauêuêra,* arraia, *uaiáua,* guaiaba, *oiuiuauti,* êle se encontra. No rio Capim cresce uma planta chamada atualmente *ariariua,* que alguns velhos ainda pronunciam *ayuayua; iauéiaué,* assim mesmo, contém oito e nas duas frases seguintes o leitor poderá contar número ainda superior : O cauauá fugio — *cauauá oiauauane.*

A guaiaba é fruto ruim — *uaiaua yuá ayua.*

. . . .

CAPÍTULO II

A ORIGEM DOS NOMES DE ANIMAIS

§ 1

As línguas nos seus dois primeiros estádios, o de monosílabismo e o de aglutinação, procuram na onomatopéia a designação de muitos vocábulos fàcilmente reconhecíveis. A língua portuguesa é assás pobre na imitação dos sons produzidos na natureza; talvez por já se achar no seu último período de perfeição as palavras primitivamente onomatopáicas terão perdido a antiga semelhança imitativa. Não assim o tupi que, estando no começo do segundo período, possue grande cópia de expressões de origem imitativa.

Na representação de um som pela palavra acontece que essa onomatopéia em uma língua difere completamente do têrmo onomatopáico em outra língua para êsse mesmo som. Um ruído que nós neo-latinos traduzimos por uma palavra onomatopáica, o tupi repreesnta por outra de fonação totalmente diversa, mas imitativa também. Compare-se ferver, borbulhar com *pupare,* que neles se encontrará a idéia das bolhas que arrebentam à superfície de um líquido em ebulição, e por extensão da agitação desordenada da água em cachão nos saltos e cachoeiras. Bater, arrebentar, trovão, gotejar, açoutar, estrondo, não são mais imitativos do que : *petec, popoc, tupan, tyquyr, nupan, pú;* frigir é onomatopáico como

também o é *piriric*, gargarejar, como *cororong;* zigue-zague, como *timan-timan*, rasgar, como *mussaruc*, palpitar, como *tyctyc*, onda, como *yapenong*, inchar (inflare), como *pungá*, cansaço, *cancon*, mas em tôdas estas palavras o mesmo sentido não é determinado pelo mesmo som.

Na nomenclatura dos animais a onomatopéia constituiu-se a fonte, na qual o selvagem procurou expressões para enriquecer o seu então minguado vocabulário. Efetivamente, os nomes dos seres viventes têm por principal origem:

1.º — A imitação do seu canto ou voz.

2.º — Qualquer predicado da sua aparência exterior, como a côr total, ou a de uma só parte do corpo.

3.º — As dimensões, o tamanho, as proporções ou a conformação de qualquer parte do indivíduo.

4.º — Uma particularidade biológica do animal pròpriamente, ou do seu habitáculo, ou de sua alimentação, ou ainda da sua nidificação.

5.º — A sua semelhança pela aparência, pela côr, pelos hábitos com um animal já conhecido e nomeado.

§ 2

Na imitação do canto encontrou o tupi o nome das seguintes aves : *acauan, acuraua, anacan, arancuan, araponga, arapapá, arára, ati-ati, cancan, caracará, carocaró, cururió, chincoan, curá, curica, curicáca, jacurutú, matui, matinta-pêrê, matiu-tiu, murucututú, pintauan, pipira, quirirú, quiri-quiri, socó, suiriri, tangurupará, tem-tem, téu-téu, urú, urubú — chẽ-chẽ, utú, sococoi*, etc., etc.

Poucos são os mamíferos que devem o seu nome à onomatopéia; podem sòmente ser citados a preguiça, cujo grito agudo, angustioso, valeu-lhe o nome de *ay-ay;* a cabra que não conheciam, denominaram o "veado que faz mé", *suassumé;* o vocábulo *chauim* imita o guincho dêsse macaquinho; o roedor *toron* tem um grito que se pode traduzir pelo seu nome.

Diversos batráquios são conhecidos pela imitação da voz que fazem ouvir : *cururú, cutaca, tataca, iué* ou *jué*.

Alguns insetos também são nomeados pela onomotopéia do seu canto: *tanãnã*, do seu vôo estrepitoso: *biuium*, do ruido ameaçador, quando embravecidos: *capú-capú*, receberam a sua

designação. Ao rápido *zum-zum* do seu vôo o beija-flôr o ser chamado *uainumbi*.

Um animal tem algumas vêzes diferentes nomes, posto que todos onomatopáicos; isso provém de serem desconhecidas as labiais, as guturais, as dentais aos irracionais, menos aos "Psittacidae", enxertando nós na imitação de suas vozes êsses sons que êles não emitem. Assim o *Pitangus sulfuratus* parece dizer *Pintãuan* ao tupinambá, *Bem te vi, Triste vida* ao português; a ave noturna que para o índio, no Norte, profere distintamente *Uacuraua*, no sul diz *Bacuráu* ou *Tiontion*, e também ao ouvido do lusitano parece pronunciar *Tabaco bom* ou Sebastião; o tapúio amazônico ouve o *Dyplopterus naevius* repetir por longo espaço o seu tristonho *Matintapêrê*, enquanto no Sul indivíduos da mesma raça, falando a mesmo linguagem, ouvem *Sacicerêrê*. Muitas vêzes, sob a espessa fronde dos gigantes da floresta, nos igapós, durante as horas mais cálidas do dia, repercute a voz clara e forte do *Lathria cineracea*, cujo nome onomatopáico no Baixo-Capim é *Cucurió*, diferente do nome *Coió-Coió*, pelo qual o conhecem os índios no Alto-Capim e ainda dessemelhante de *Coui-coui-ó* ou *Temtem pium*, imitativos usados em algumas localidades.

Êstes exemplos fazem nos ver que é sobretudo na acentuação das sílabas, de acôrdo com as notas mais ou menos prolongadas da voz dos animais, que reside a onomatopéia: as consoantes dêsses nomes são antes acessórios que os tornam mais harmoniosos.

§ 3

A coloração deu motivo à formação de divèrsos nomes compostos. Os adjetivos *iaquira*, verde, *iú-juba*, *tauá-tagoá*, amarelo, *ui-obi*, azul, *pichúna* e *úna*, preto, negro, escuro, *piranga* e *pitanga* encarnado, *tuira* e *pitanga*, cinzento, pardo, *pitinga*, barrento, turvo, *tinga* e *murutinga* branco, alvo, *pinima* sarapintado, *paráua*, verzicolor, variegado, são encontrados uns mais outros menos, sobretudo em nomes de aves e de peixes, umas vêzes para diferençar variedades ou espécies de um mesmo gênero, outras vêzes para designar gêneros distintos. Os exemplos são numerosíssimos, de entre êles citaremos: *paca-tinga*, *paca-piranga*, *acuti-tinga*, *acuti-piranga*, *mutuca-pichum*, *mutuca-paráua*, *jaguapitanga*, *iauti-piranga*, *iauti-tinga*, *chauim-pichuna*, *jacu-tinga*, *auirú-cari-iu*, *arara-piranga*, *araruna*, *ai-*

pichuna, inambé-paráua, inambé-ui, inambú-tuira, iuruti-piranga, meru-ui, mociqui-piranga, mutum-pinima, pacú-pichuna, piranha-tinga, piranha-piranga, piranhuna, sauiá-tinga, sauiá-pichuna, suassú-tinga, suassú-piranga, arirú-iú, aritauá, uirauna, saí, pirabutanga, pirapitinga, uiratinga, caua-iú, pirauna, etc. A côr sòmente de uma parte do corpo serviu para nomear o *Yuruna* ou *Caipuzú,* o *Yurupiranga,* a *Mutuca-acamitanga,* o *Tié-apoti-juba,* a *Boiacuaiú,* o *Acãmutanga,* o *Yuratim,* etc.

§ 4

Com os qualificativos *assú, u,* grande, *miri, i,* pequeno, *chichi,* pequeno, puderam diferençar os animais de uma mesma família de maior ou menor estatura: *mucura-chichú, tamanduá-assú, tamanduá-i, socoi, airuassú, andirá-assú, arari. ianarari, iauacacai, aimiri, sucuriú, maricá-assú, caracarai,* etc.

Com os adjetivos *apára,* torto, curvo, *antan,* duro, rijo, *acica,* cortado, troncho, *nema,* fétido, *pucú,* comprido, alto, *puranga,* formoso, *aiua,* ruim, *peua,* chato, *été,* verdadeiro, formaram diversos vocábulos expressivos, como *tatu-apára, aperema, aracú-antan, boiacica, cambeua, ceuipeua, piraiua,* (piraiba), *piranema, pirapuai, pirapema, potiri-peua, suassú-apara, suassú-été, iauara-été, taciua-rema, tatupeua; uauiru — acyca, uirapeua,* etc.

As dimensões exageradas das pernas deve o *Phrynus lunatus* o nome de *iandú-pocambucú,* aranha de dedos compridos, como por causa das suas mãos achatadas, à feição dos palmípedes, recebeu a *Lutra brasiliensis,* no Sul, a designação de *iagoapópéba,* onça de mão chata.

§ 5

Uma particularidade biológica qualquer peculiar a determinado animal facilita-lhe a sua designação, como para o cauteloso *acuti,* para o arisco *pacú,* para o necrófago *urubú,* para o elétrico *puraquê,* para o grunhidor *piracutá,* para a premonitoria *maracamboia,* para a savanicola *capiuára,* para a melivora *irára,* para o voluteante *urubú-ieréua,* para o xilobiótico *iapeussá,* para o tagarela *aiurú,* para o *cuati,* o *pichana,* a *uaturá-saua,* a *tatucáua,* etc.

§ 6

Com o adjetivo *rana* formaram alguns têrmos pela semelhança que lhes pareceu ter o animal assim denominado com outro mais conhecido: *jacaré-rana, surucucurana, quirana, suassurana, taturana;* mas é sobretudo, nos nomes de plantas que esta palavra é empregada. No Glossário paraense demos *rana* como sufixo, significando "semelhante", "que se parece", na Parte II, na palavra *suassuarana* tratamos detidamente dêste vocábulo.

§ 7

A sinonímia por nós dada para os animais conhecidos por mais de um nome facilita um estudo curioso: a feição mais característica de um animal, em tupi, para algumas tribus difere daquela que mais deu na vista de outros ramos dessa mesma família. Tomemos como exemplo os nomes da lontra: *jagoassú, jagoacacá* ou *jagoacacáca, jagoapopeba,* e *jagoassabussú,* contraído em *sabussú.* Todos comparam-na ao *Canis-brasiliensis,* ou a onça, mas para uns a corporatura foi o que mais se salientou: cão grande; outros na voz encontraram a comparação mais adaptada: cão que grita, *cáca* ou *cacáca;* no Sul foi a mão chata, com os dedos unidos por uma membrana como a do pato, que mais despertou a atenção do índio: cão de mão chata; outros ainda também no Sul, viram sobretudo a pelagem bem fornida de pêlos longos: a peluda c. d. *saba* pêlo e *ussú*.

CAPÍTULO III

CAUSAS DOS ÊRROS NAS ETIMOLOGIAS GEOGRAFICAS DA AMAZÔNIA DADOS PELOS TUPINISTAS DO SUL

"E' bom não aceitar sem mais estudos tôdas estas etimologias." — JOSÉ VERISSIMO.

§ 1

O leitor verificará no decorrer dêstes estudos, que recusamos grande número de etimologias dadas por tupinistas, aliás de grande saber e talento. Não nos parece fóra do nosso quadro estudar aqui sucintamente as causas das quais resultou a deficiência dessas etimologias.

Essas causas são devidas em sua maioria :

1.° — Ao pouco conhecimento que tinham do dialeto nhêengatú.

2.° — Ao incriterioso preconceito de possuir o indígena uma cerebração igual, senão superior, a da raça branca.

3.° — À errada colocação das palavras no possessivo.

4.° — À má colocação do adjetivo.

5.° — À inexata acepção dada aos vocábulos.

6.° — Ao desprêzo do acento tônico.

IGNORANCIA DO NHÊENGATÚ

A falta de conhecimento do dialeto nhêengatú transparece em mais de uma das etimologias dadas pelos sábios guaraniólogos do Sul. Mais adiante demonstraremos que, por desconhecerem que o vocábulo *Y* não significa rio, nos deram êles muitas etimologias falsas. Aqui apontaremos uma outra palavra guarani e abanhêenga, *guá*, enseada, desconhecida em tupi equatorial, à qual os tupinistas apresentam como radical de diversos têrmos geográficos nhêengatús. *Guá* também, na pátria do tupi austral, pronunciado *sabaá*, e *soá*, diz-se *sauá* entre os índios da Amazônia; mas *guá, sabaá, soá, sauá* são ramos de uma mesma árvore, provêm todos de um mesmo tronco. Êsse têrmo perdura em uma designação corográfica no rio Capim, onde, pouco abaixo do engenho Aproaga, existe um pequeno lago e as ruinas de um engenho chamado *Sauá;* êsse sítio acha-se numa parte curva do rio, que forma enseada. Não sabendo os tupinistas, aos quais nos referimos, que *guá* tem *sauá* por equivalente aqui no Norte, tomaram diversos nomes de localidades da *Nhêengaturetama,* como compostos, nos quais entrava êste *guá* espúrio: *Araguari, Guamá, Guajará.*

Na origem de *Paranaguá,* Martius, ignorando até a significação genuina do abanhêenga *guá,* em vez de decompô-lo em *paranà-guá,* enseada do mar, preferiu traduzí-lo por *paraná-coaé,* o mar eis aqui; eis o Oceano; Martius é tido como um dos raros homens de ciência que bem conheciam o tupi, cujos trabalhos na espécie, são com justiça considerados um tesouro na linguística americana. Nestes têrmos o erudito Dr. Theodoro Sampaio, um dos mais notáveis vultos da ci-

ência brasileira, tornando-se o interprete do sentimento geral pelos conhecimentos tupínicos do egrégio bávaro, consagra-lhe a reputação. Mas nessas duas categoricas afirmativas: ter o *sábio alemão conhecido a fundo a lingua tupi,* e constituirem seus trabalhos um tesouro na linguística americana, muito há que rebater; um dêsses conceitos laudatórios não vai sem o outro, mas ambos estão longe da verdade, ou mais explìcitamente ambos são contrários à verdade.

A reputação de Martius como abalizado tupinista, como "um dos raros homens de ciência que bem conheciam o tupí", acha-se escorada por três obras :

1.° — O seu trabalho sôbre os nomes em tipi das plantas, dos animais, e de diversas localidades, trabalho precioso pôsto que eivado de senões, do qual já dissemos antes, e com o qual teve o seu autor o grande mérito de ser o iniciador da onomatologia brasílica.

2.° — Quanto ao seu vocabulário nhêengatú, é êle uma mescla indigesta de nhêengatú, de abanhêenga, de tupi contemporâneo e de tupi arcaico, com algumas palavras espúrias, sem valor nenhum linguístico. Comparando-o ao consciencioso *Vocabulário indígena* de Barbosa Rodrigues, em nhêengatú moderno, mostra tão enorme inferioridade, tão deplorável carência de um conhecimento mesmo superficial dêsse dialeto, que ninguém pode consultar êsse "dicionário de tupí vulgar" com proveito.

Para aquilatar-se do quanto Martius "bem conhecia o o tupi "não carece pôr a nu as suas traduções erradas, como "Tempus matutins" por *piassayé,* "obscurus, a, um "por pituna — ossú, "canus, a, um" por *tuguyr,* (*tuyra*) "cochlear", por *poóca,* etc., etc.; basta apontar o fato seguinte: Os índios dificilmente empregam um substantivo em absoluto, fazem-no sempre acompanhar de um pronome possessivo: *ce,* meu, *nê,* teu, *iauê,* nosso. Assim, se lhes perguntarem como se chama bôca, dirão *ce-iarú,* minha bôca, ou *iané-iarú,* nossa bôca. Martius, ouvindo-lhes essas frases, não deu por isso, o que mostra ignorância até dos pronomes possessivos, as primeiras palavras que se aprende de uma lingua. Eis o que nessa escora da sua usurpada reputação de insigne tupinista se pode ler: "Cilium", inandê-reçá-çaba, tradução literal — pêlos dos nossos olhos: pestanas. "Corpus", *ce-reté,* trad. — meu corpo.

"Crus", *ce-retuma* (ce-retiman) — trad. minha perna. "Frater", *simung*, (*ce-mũ*) — trad. meu irmão. "Frons", *ce-ruá* — trad. meu rosto. "Supercilium", *ce-reçá* — *pecanga*, trad. — minhas sobrancelhas. "Oculus", *sersa*, barbarismo, pôr *ce-ressá*, meu ôlho. "Cubitus",*siwa penna sawa*, palavras que têm ares de tupi da Angola. Cotovêlo atualmente diz-es "quebra do braço" *iyuá-penas-saua;* o barbarismo de Martius corrigido escreve-se *ce-yuá-penassaua*, trad. — meu cotovêlo. Êstes exemplos frisam bem o pouco conhecimento que êle possuía do nhêengatú. Vejamos agora se a sua erudição era mais sólida em abanhêenga, analizando ràpidamente a sua obra tupí, o dicionário tupi-portug. alemão em tupi antigo. O sábio alemão aproveitou um manuscrito tupi-português, que data mais ou menos do meado do século XVIII, e copiou-o, acrescentando alguns nomes de animais, de plantas e diversos vocábulos, entre os quais alguns espúrios, como "tanga", "maloca", ao passo que têrmos perfeitamente castiços dá-los êle como espúrios; nesse caso está *typoí*, a que além de o traduzir incorretamente por "camisa sem manga" afirma ser palavra da língua moxa ou chiquita; também *tianha*, gadanho, tido por êle como lusitanismo, é puro tupi, encontrado nos dicionários da língua geral, como também em Montoya.

Quando êle se afasta da cópia textual é para escrever um contrasenso; assim no manuscrito original *py* é vertido por *pé* e por *avesso*, Martius acrescenta "não com a mão" que se pode traduzir por *inti-pó-irumo*.

No manuscrito lê-se *iapar*, "aleijado", o sábio botânico *corrigindo* escreve *iapar* — aleijado dos braços, sem reconhecer que isso seria traduzido por *iyuá-apára*, como aleijado dos pés por *py-apára*, como aleijado das pernas, por o *cetiman-apára*, pois que *apára* adjetivo, significa torto, e por extensão aleijado.

No manuscrito vê-se *suassumé*, como significando "cabra", mas o primeiro *a* mal feito, fez com que Martius o tomasse por um *o* e com tôda a seriedade em vez de *cabra* escreveu "cobra" ! A palavra seguinte do manuscrito é *suassumé-apyaba ; apyaba* significa homem e também macho. *Apyaba* e *cunhan* servem ao tupi como os têrmos macho e fêmea em português para distinguir os gêneros: *suassumé-cunhan*, cabra; *suassumé apyaba*, bode; mas aí ainda o copista não fêz a perna do *e* bem feita, de modo que êsse *e* podia

confundir-se com um o e eis que o "homem de ciência que tão bem conhecia o tupi, com a gravidade de um sábio alemão que realmente era, copiou "bodo", traduzindo-o etimològicamente por "cobra-homem, i-e, bodo"; e a êsse seu neologismo "bodo" deu a significação de peixe-boi, Lamantin, Kuhfisch, metamorfoseando *suassumé-apyaba*, bode, em peixe boi, *uarauá!*

Sobaia corresponde ao nosso nhêengatú *suacá*, cauda, rabo; *acyca*, cortado, *sobaia-acyca*, traduzido no Marajó pelo têrmo pouco correto "rabicho", significa em português clássico "descaudado", e em linguagem popular ultramarina "derrabado", que é vocábulo eqüivalente dado pelo manuscrito. No dicionário triglota foi vertido por causa do *a* imperfeito em "derribado", "niedergeworfen", "umgestürzt". E assim de muitos outros erros crassos que uma pessoa medianamente tupi-iára não cometeria, fica provada a mediocridade do cabedal tupínico do celebre cientista bávaro, a cuja penúria devem ser atribuídas às muitas etimologias absurdas por êle publicadas.

O manuscrito, do qual se aproveitou Martius para o seu dicionário triglota, tem uma história bem interessante que aqui pode ser contada. Quando já se estava imprimindo o Glossário paraense que publicamos no ano passado (1906), o professor Dr. Emilio Goeldi, o ilustre naturalista fundador do nosso Museu de etnografia e de história natural, pôs à nossa disposição a sua rica biblioteca tupi que, se vinha tarde para auxiliar-nos nesse opúsculo, não deixava de ser-nos útil nos estudos etimológicos com os quais nos ocupamos. Entre as obras que nos foram então emprestadas, foram os *Glossaria linguarum brasiliensium* uma das que mais interêsse nos inspirou, e das que em primeiro lugar percorremos, merecendo mais detida atenção o dicionário tupi-português-alemão de págs. 31 a 97. Aí lemos com surpresa uma nota à palavra *ygarapé* concebida nestes têrmos : "Hoje dá-se êste nome só aos esteiros ou rios pequenos, especialmente àqueles que só são volumosos com a subida da maré". Nada mais inexato do que esta definição, que mais estranheza causa pelo fato de ter percorrido o seu autor a vasta Amazônia desde o litoral atlântico até às fronteiras peruanas, por onde êle forçosamente deveria ter ouvido dar o nome de *igarapé* aos afluentes menores dos grandes rios e aos riachos, onde a influência das marés não se faz sentir. Algum tempo depois encetamos a leitura do dicio-

nário de frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres, que faz parte da *Poranduba maranhense*, composta de uma história do Maranhão, de uma descrição dos animais e das plantas maranhense e dêsse vocabulário tupi-português. Neste último, também como nota à mesma palavra *ygarapé*, deparamos com o trecho já transcrito do dicionário de Martius. Esta estranha coincidência aguçou a nossa curiosidade, incitando-nos a comparar os dois textos, comparação da qual resultou a prova de ser o trabalho do botânico alemão uma cópia do dicionário da *Poranduba*, obra de um frade, fei Onofre, a qual jazia sepultada, sob as espêssas camadas de claustral poeira, nas estantes da livraria do convento de Santo Antônio, no Maranhão, de onde frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres o foi desenterrar, corrigindo-o e aumentando-o já no Pará, onde residiu.

Nas duas últimas páginas da *Poranduba* um pequeno artigo do Dr. Cesar Augusto Marques explica êsse mistério. Conta êle que em 1843 Francisco Adolfo de Varnhagen oferecera ao Intituto Histórico e Geográfico Brasileiro um precioso manuscrito com a denominação de *Poranduba maranhense*, ou *Relação histórica da província do Maranhão em que se dá notícia dos sucessos mais célebres que nesta tem acontecido desde o seu descobrimento até o ano de* 1820, *como também das suas principais produções naturais*, etc., etc., *com um mapa da mesma província por frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres*. Francisco Adolfo de Varnhagen não havia sido mais do que o intermediário entre o autor e o Instituto Histórico. Passados alguns anos Gonçalves Dias, sócio dessa ilustre corporação, extraiu uma cópia do inestimável manuscrito, a qual lhe serviu para o seu dicionário tupi-português publicado em 1858. Pouco tempo depois desapareceu o donativo de frei Francisco da biblioteca do Instituto. Em 1876 o Dr. Cesar Marques, procurando-o, não o encontrou, mas não diz êle nesse seu artigo se já havia dado antes pela falta do manuscrito em questão; então, indagando veio a saber que o coronel Francisco Manoel da Cunha Junior "possuía uma cópia, que lhe custara trezentos mil réis pagos a quem o possuía, porém prêso por juramento de cavalheiro", recusou denunciar o pouco escrúpuloso detentor do manuscrito original.

Resta apurar qual o manuscrito que foi parar às mãos de Martius: se o original ou uma cópia do mesmo. O autógrafo da *Poranduba* foi furtado da biblioteca do Instituto entre 1852 e 1855; isso se verifica do seguinte trecho de Martius, escrito em 1862: "ainda não tinham aparecido (os dicionários de Gonçalves Dias, e da *Chrestomatia* do Dr. Ernesto Ferreira França) quando eu, em 1855, principiei a imprimir o presente volume, cuja conclusão por outras ocupações foi retardada" (pág. XIII).

A cópia comprada pelo coronel Cunha Junior, por intermédio do seu sócio Cesar Marques, foi oferecida ao Instituto, que a fêz publicar no tomo LIV de sua importantíssima *Revista*, que tantos documentos preciosos tem salvado do esquecimento; mas essa publicação saiu inçada de erros, ou porque não houvesse uma cuidadosa revisão das provas, ou então, mais provàvelmente, porque a cópia Cunha Júnior já o estivesse. A ausência dêsses erros no vocabulário de Martius faz supor que êles não existiam no manuscrito, do qual se serviu. Na Parte V voltaremos a tratar dêste assunto, apresentando argumentos favoráveis à hipótese de ter sido o próprio original subtraído o que foi parar às mãos do ilustre bávaro, que por certo ignorava a sua criminosa procedência.

. . . .

§ 3

INTELIGÊNCIA DOS ÍNDIOS

Os mamelucos tinham grande interêsse em fazer crer que, como no vigor físico, êles não eram na inteligência inferiores ao branco; por isso traçavam das faculdades intelectuais do índio um quadro lisonjeiro, dotando-o de um grande espírito de observação, de um raciocínio bem ponderado e lógico. Essa tese bem recebida, foi poderosamente auxiliada pelos jesuitas que, querendo fundar na América do Sul um futuroso império teocrático, pretendiam conservar a língua tupi com exclusão da portuguêsa e ofereciam o selvagem como a antítese do colono europeu: êste cheio de vícios, brutal, dado sòmente aos gozos materiais, aquêle soberanamente bom e inteligente. Homens de talento, transviando-se, aceitaram ingênuamente essas exagerações tão fervorosa e brilhantemente patrocinadas

por poetas, como Gonçalves Dias, e por romancistas, como J. de Alencar, exagerações permitidas em obras de imaginação, mas indignas de figurar em trabalhos científicos. Alguns filólogos, encarecendo êsses dotes espirituais tão falazmente outorgados a êsses homens no corpo e crianças no intelecto, que são os bárbaros habitantes das nossas matas, reconheceram ainda nêles uma faculdade de sintetizar, que certamente não conheceu o branco na idade da pedra.

Está agora em moda, como um sentimentalismo piegas peculiar à nossa raça, elevar às nuvens a língua tupi; todos os tupinistas, tanto antigos como modernos, extasiam-se ante a "língua suave, elegante, copiosa", ante a sua "delicadeza, facilidade, suavidade, cópia e elegância", chegando a aberração ao ponto de compararecerem-na na perfeição à grega, quando na verdade é ela de uma pobreza desoladora logo que se trata de exprimir qualquer conceito moral, qualquer predicado da alma. A linguagem, como expressão do pensamento, revela as aptidões, as faculdades cerebrais dos que a falam; por êsse motivo os tapuios não podiam ter o mesmo desenvolvimento da inteligência que o seu conquistador, de posse de uma língua já herdada dos cultos romanos, com a sua invejável riqueza e aptidão para exprimir os sentimentos os mais elevados, cogitações as mais filosóficas que à humanidade é dado conhecer.

Mas todos os esforços dêsses homens superiores não podem esconder a dura realidade: o nosso indígena é intelecto embotado que jaz na mesma estagnação imemorial, tão incapaz de uma concepção elevada como inapto a passar do concreto ao abstrato. A êsse errado juízo sôbre os dotes intelectuais dos bárbaros autóctones devem os filólogos diversas etimologias inexatas, como a de *Marajó*, o tapamar, o anteparo marítimo, como a de *Guamá*, vale que reune, envolve ou cerca", como a de Guajará "bacia que reune, recolhe, lugar de confluência"! Um autor, citado por Theodoro Sampaio, chegou a gratificar o índio com conhecimentos astronômicos, fazendo *Guaratinguetá* significar "lugar onde o sol chega e volta, ou muda de curso; *coaracy*, sol, *tinga*, branco e *oatá*, andar, tirou êle essa tradução transcendental!

§ 4

DO POSSESSIVO

"El genitivo de possessión se haze poniendo al principio lo que possee y luego lo posseido". Assim se exprime Montoya e depois dêle todos os gramáticos até Couto de Magalhães, que diz: "O genitivo de possessão se conhece porque a cousa possuída é posposta ao possuidor como no inglês". Esta regra da língua tupi-guarani é invariável e constante; os exemplos são numerosos: *itacurussá*, cruz de pedra; *iauratépaua* lago da onça, *iauarembé*, beiço de cão, *uirupari-pindá*, anzol do diabo, *suasupipóra*, rasto de veado, *tapyira-co*, roça de anta, *iacarecanga*, cabeça de jacaré, *mucura-caá*, erva de mucura, *macacaquiuáua*, pente de macaco, *puraqueyua*, árvore de puraqué, *cararapó*, garra de carará. Esquecendo êsse preceito gramatical alguns tupinistas extraviam-se em traduções incorretas, que oferecem como frases castiças da língua geral.

Martius traz *caaurubú* como significando erva de urubú, *pipira*, composto de *pé* e *pirá*, caminho de peixe, *caissára*, c. d. *caá* mato e *jussára*, *jamari*, c. d. *iá-mari*, fruta da árvore marí, *jaraguá*, c. d. *iára*, senhor, *guá* do campo. Barbosa Rodrigues também deu-nos para *assahy*, "Euterpe oleacea", c. d., "*uá*, fruto, *hahy*, avezinha dêste nome". Vide esta palavra na Parte III.

§ 5

COLOCAÇÃO DOS ADJETIVOS

A colocação do adjetivo não é arbitrária; o indígena põe-no sempre depois do substantivo. "O adjetivo, escreve Couto de Magalhães — segue o substantivo". Centenas de nomes de plantas, de animais, de localidades aí estão a afirmar a invariabilidade dessa regra: *iandiroba*, "Carapa guyanensis", *aperema*, *anauera*, *pucú*, *bacaba*, *arapichi*, *assacú*, *barajuba*, *tauerá*, *curuá-panema*, *paupuranga*, *miritiapina*, *sumuuma apara*, *guajara-assú*, *jacaré-purú*, *ypomonga*, sem que isso incomode em excesso alguns tupinistas, que fazendo pouco caso dessa exigência do tupi, dão etimologias, nas quais o qualificativo precede o substantivo. Assim vemos Theodoro Sampaio decompor *atapú* em *atã-pú*, forte soar,, *paraguá* em *apára*, torto, *quá*, leito, *surubí* em *surú*, liso, *bí*, pêlo. *Acre*, corr. de *aquiry* em *aquyr-y*, verde rio. Vem aqui a propósito

desta última apontar uma causa de numerosas etimologias inexatas de tupinistas do Sul. Teimam êles em dar a *y*, em nhêengatú, a significação do rio, acepção que absolutamente não possui. Em guarani *y* pode significar água e também rio, mas cá no Norte só tem a acepção de água; o *i*, êsse *i* que tão freqüentemente se vê no fim de certos nomes de igarapés, é um postfixo diminuitivo eqüivalente ao nosso "zito" ou "zinho".

Na *Poranduba maranhense* frei Francisco dos Prazeres Maranhão diz bem claramente que "um *i* junto ao substantivo faz o seu diminuitivo." Contra esta regra insurge-se Martius, dando a *Iavary* a significação de "rio dos fujões", *jabáo*-r-y; a *sarapohy* : rio ou água do caranguejo redondo, c. d. *seri*, caranguejo, *apuam*, redondo, *y*, água. Theodoro Sampaio tem grande número de etimologias dêste quilate. Até a origem de *Araguary* passou-lhe despercebida, pois sendo corr. de *arauary*, sardinha, êle o decompõe em *aragua-r-y*, rio do vale ou baixada dos papagaios! O mais curioso é que, desconhecendo em *arabery* uma corr. de *arauary* ou de sua var. *arauiry*, fá-lo significar rio das baratas: *arabé-r-y*. Rio diz-se *paraná* em tupi equatorial; em documentos antigos lêm-se nomes como *Getyca-paraná*, rio das batatas, *araraparaná*, rio das araras, *miritiparaná*, rio dos miritizeiros, *uruáparaná*, rio dos caracós, *quiinha-paraná*, rio das pimentas. Aos rios de menores dimensões chamavam *igarapé*. O guarani difere; além de *y*, rio exprime pela palavra *y — embó*, ou *yacanga* o que nós designamos por igarapé.

A colocação do adjetivo é um escolho sôbre o qual todos os tupinistas notáveis têm ido bater; não admira por isso que o autor do *Glossário paraense*, com a sua mediocridade, tivesse também errado na etimologia do vocábulo *carantuan*, antepondo *caran* a *tuan*.

. . . .

§ 6

O ACENTO TÔNICO

Alguns tupinistas, indo mais longe ainda pela vereda das incongruências, chegam a mudar o acento tônico de uma palavra, quando isso lhes favorece o sestro etimológico: dois têrmos homófonos, diferindo sòmente quanto a acentuação,

para êles são absolutamente eqüivalentes. O mais useiro neste desprêzo pelo acento tônico é o ilustre Martius, que tira *Maricá*, lago no Sul, de *marica*, barriga, que deriva *Guajará*, de *cuá*, pintado e *iára* senhor, "isto é (acrescenta M), homens pintados"; que oferece *guara*, ave e *apáre*, volta como origem de *Guarapary* (Arapary); *póra* habitante, como a fonte de onde dimana *Aporá*, serra no Estado da Bahia, que deconpõe *araponga*, em *guirá-pungá* e *Macapá* em *macacayba*. Th. Sampaio também em algumas das suas etimologias, prestidigita com o acento predominante, como em *guaraná*, que êle extrai de "*guá-raná* parecido com o côco, semelhante ao coquilho" torcendo, recurvando o adj. *rana* até transformá-lo em *raná*.

Baptista Caetano mesmo, o reverenciado autor de um magistral dicionário guarani, dizendo ser freqüente a abreviação da final acentuada, oferece como exemplo *mucama*, derivado, segundo êle de *mucàmby* "quae mammam praebet, quae lactat", significando "altrix, nutrix". Não podia o erudito guaraniólogo ser mais infeliz na escolha do seu exemplo descabido; mas, a regra falsa, o exemplo descabido era inevitável. *Mucamby*, c. d. *mú*, fazer e *camby*, leite, não significa ama de leite, "nutrix, altrix", mas sim amamentar, "lactere"; ama de leite", quae lactat", traduz-se por *mucambyssára*, c. d *mucamby* e *sára*, postfixo que substantiva os verbos, equivalendo ao nosso sufixo *dor*, *dôra*. *Mucamby* e *mucambysara* são vocábulos triviais encontrados nos dicionários. O dic. anônimo de 1795 traz *mucamby*, na *Chrestomathia* do Dr. E. F. França vem *mucambyssára*. A verdadeira etimologia de mucama, que em seguida transcrevemos, demo-la no "Glossário paraense":

Mucama, s. f. Têrmo sulista. Nas *Scenas da vida amazônica*, à pág. 24, o meu amigo José Verissimo diz ser controvertida a origem destas palavras; uns querem que venha do tupi, outras a dão como africana. Incontestàvelmente é ela americana; vem de *mú*, fazer e *cama*, (*camb*) seios. Significa etimològicamente mulher cujos seios despontam, se desenvolvem, nubil. Primitivamente dizia-se *mucamba*, que mais se aproxima ainda do tupi. O têrmo africano equivalente é *mumbanda*, outróra usado na Bahia e em Pernambuco. O tupi *mucama* corresponde ao guarani *ycam*, que Montoya traduz por "tiene pechos", "sus pechos", já es moça".

§ 7

ACEPÇAO DOS VOCABULOS

O genuíno valor das palavras não é respeitado; a cada passo vê-se um têrmo torcido, mutilado para dar-se-lhe o som almejado, com o fim de aproximá-lo à fôrça do vocábulo com o qual se pretende identificá-lo. Outra licença que, êsses filólogos tomam é de darem aos têrmos, quando isso lhes convém, significação que nunca tiveram. Com êste meio de espichar e de encolher facilita-se na verdade a solução de etimologias difíceis, mas faz-se pouco cabedal da probidade, seriedade científica, sem a qual os estudos etimológicos descambam para a fantazia descabelada.

Enveredando por êste caminho errado Martius faz *guará* significar ave, *cuá*, pintado, *póoca*, colher, *ará*, ave, *pé*, lugar, *cupí*, formigueiro, *mame*, lugar, *pé*, que caminha, *guá*, pelo campo, *pupé*, lugar, *ypé*, lugar, *ava*, pai, etc. Richard Burton dá a *guará* a significação de senhor, dono : "as a desinence *guará* means lord, or master". Barbosa Rodrigues também conta no seu passivo bom número destas interpretações arriscadas, como *jacitara*, o que agarra a gente, *parú*, bonito, *cará*, ave, *taú*, grande, etc. Theodoro Sampaio inçou o seu esplêndido trabalho com êstes defeitos, vertendo *peba* por miúdo, inferior, *apecú*, trilha longa, *arabé*, bezouro, escaravelho, *cai*, chorar, *arapiranga*, arrebol *bêbê*, pairante, *panema*, fétido, *guará*, ave, *mú*, negro, escuro, azulado, *bú*, preto, *um*, preto, *ú*, preto, *corú*, *gorup*, roça, *rupá*, lugar, sítio, *ybitu*, eflúvios da terra, nuvens, *iará*, agarrar, *iurú*, pescoço, *puba*, apodrecido, *nhoe*, extrair, *yó*, precedente, *yó*, tapar, etc. Baptista Caetano usa igualmente em larga escala dêste meio de vencer dificuldades.

Temos ainda em Couto de Magalhães um réu do mesmo delito : *Itaipava* é um têrmo usado nos rios encachoeirados, nos quais designa os trechos onde o leito, todo de pedra, é tão raso que poucos decimetros de água o cobrem; também dão êste nome às partes nas quais fica apenas uma rasa e estreita torrente, com o resto do rio, em tôda a sua largura de lagedo descoberto. Esta palavra correntemente empregada nas relações de viagem e exploração é dada pelo autor do *Selvagem* como composta de *itá-y-pabe*, que traduz por "água que corre sôbre pedras", *itá*, pedra, *y*, água e *peba* "que

corre sôbre", significação esta nova e inédita para nós. A verdadeira origem de *itaipava* é mais simples, sendo ligeira corrutela, como é, de *itaupaba*, composto de *itá*, pedra, e *upaba*, lugar, ou lugar de pedras, pedregal.

Upaba-tupaba, substantivo oriundo do verbo irregular *tuba*, estar deitado, é sinônimo de *tendaba*, nhêengatú, em composição *renaua*, substantivo verbal também derivado de um verbo muito irregular *cena*, estar sentado; agora usa-se indiferentemente de ambos, mas algumas dezenas de anos atráz como se pode verificar no Vocábulário do Museu Goeldi a sinonímia não era completa: *tendaba* exprimia o lugar onde uma pessoa ou uma cousa estava sentada e *tupaba*, nhêengatú, o lugar onde estava deitada; sòmente *ambaba* é que hoje, como outróra, significa lugar onde uma pessoa ou objeto inanimado se acha em pé; essa palavra perdura no nome geográfico *Curussambába*, contraída em *Curussambá*, em alguns lugares, composto de *curussá*, cruz, *ambaba*, erguida.

Êste *upaba-upaua* forma algüns têrmos compostos como *ypaba-ypaua*, c. d. *y*, água e *upaba*, lugar, lugar de água, lago, como *acangupaba*, almofada, literalmente lugar de reclinar a cabeça. Em *igarupaba*, cuja tradução literal é lugar, paradeiro de canoas, significa pôrto, encoradouro; com êste nome existe uma povoação no Estado de Santa Catarina, levemente alterado em Martius: *Garopaba*, e não obstante ser um substantivo trivial em guarani, em abanheênga *ygarupaba*, como também em nhêengatú *igarupaua*, Martius, que "tão bem conhecia o tupi" achou a sua origem em "*caroaba*, árvore da família das Bignonaceas e *pabe*, tudo ou lugar cheio de carobeiras, carobal" !

Razão de sobra tem Theodoro Sampaio em aconselhar "de guardar a reserva mais cautelosa em decidir-se pela nacionalidade de um vocábulo duvidoso, porque não raro os interpretadores se deixam possuir de verdadeira obsessão, querendo ver vocábulos tupís em quanta palavra espúria se lhes apresenta com estrutura aparentemente brasílica". Realmente, alguns filólogos deixam-se apoderar de uma espécie de logomania, vendo têrmos tupínicos em palavras cuja fonação lhes está dando passaporte seguro da sua nacionalidade estrangeira. Diversos vocábulos africanos, sempre sonoros nos quais os *d* e os *g* dão mais vigor às nasais, como *bedengo*, *camon-*

dongo, quilombo, munguzá, quimgombó, gambá, mandinga, têm encontrado etimologistas para lhes fornecer diploma de brasílicos. Os próprios têrmos agalegados, que mostram em cada sílaba a sua origem lusitana, são apresentados como de estirpe tupi: *queixada, paul, tabúa*. Como exemplo desta mania tupinizante cita o filólogo baiano "Jurumenha", vila do Piauí, que Martius interpreta como tupí, composto de *jurumum*, abóbora, e *meeng*, dar, quando é o nome de um lugarejo alentejano. José de Alencar, citado pelo mesmo autor, deriva "Mecejana" que é o nome de uma vila do Alentejo, do tupi *mo-cejar-ana*. Podia também o autor de *Tupi na Geografia Nacional* ter citado "mondim, localidade outróra existente à margem esquerda do igarapé-grande, bem na foz, onde hoje se acha o farol de Soure, a qual em 1789 continha duzentos habitantes todos índios, que é o nome de duas vilas em Portugal, no entanto que Martius encontrou a sua origem em "*mundéo*", armadilha para apanhar peixe (sic) e *y* água"! Theodoro Sampaio também claudicou gratificando "Boim", povoação no rio Tapajoz, com uma origem tupi, quando mais não é do que o nome de uma povoação portuguêsa de quatrocentas almas na província do Douro, e fazendo provir "Jalapa", cidade mexicana, em cujos arrabaldes é vulgar a planta purgativa, à qual deu o seu nome, de *iarápa*, "o que é para se colhêr ou para se tirar".

PARTE SEGUNDA

O NHÊENGATÚ NA FAUNA AMAZÔNICA

"Os nomes zoológicos estão intimamente ligados com os caracteres orgânicos e biológicos dos animais a que se referem." — H. VON IHERING.

ABREVIATURAS

Abanh.	....	Abanhêenga
Adj.	....	Adjetivo
Bapt. Caet.	....	Baptista Caetano d'Almeida Nogueira
corr.	....	corrutela
contr.	....	contração
c. d.	....	composto de
E. G.	....	Dr. prof. Emilio A. Goeldi
etim.	....	etimologia
G. Dias	....	Gonçalves Dias
Gloss. par.	....	Glossário paraense
Guar.	....	Guarani
Mac. Soar.	....	Macedo Soares
Mart.	....	Martius
Mont.	....	Montoya
nhêeng.	....	nhêengatú
n-t.	....	norte-tupi
onom.	....	onomatopéia
onomat.	....	onomatopaico
part.	....	particípio
Sin.	....	Sinônimo
s-t.	....	sul-tupi
s. m.	....	substantivo masculino
s. f.	....	substantivo feminino
T. S.	....	Theodoro Sampaio

120.929 F. 4

var.	....	variante
voc.	....	vocábulo
Voc. do M. G.	....	Vocabulário do Museu Goeldi
V.	....	Vide
von Iher.	....	Dr. prof. von Ihering

PARTE SEGUNDA

O NHEENGATÚ NA FAUNA AMAZONICA

A

ABÁ. Vide *Auá*.

ABACATUJABA. Peixe galo. Voc. do M. G. Segundo Mart. é o *Zeus vomer* dos naturalistas; var. de Marcgrav, *abacatuaia*.

ACA. Chifre, corno, ponta, pontudo. Veneno de plantas e peçonha de certos animais.

ACANGA, var. *acang*. Cabeça. Contr. em *cã* em alguns vocs. compostos.

ACANGUSSÚ, s. m. composto de *acanga-ussú*. Cabeçudo. Variedade da onça pintada, *Felis onca*, na qual as "manchas são chegadas umas às outras, formando rosetas pequenas e imperfeitas". E. G.

ACÃMUTANGA. *Androglossa Dufresnii*: Sin. *iauá, aiurúété-cú*. Espécie de papagaio "fácil de reconhecer-se pela região amarela que tem diante dos olhos, as faces azues e a parte anterior da *cabeça vermelha*." E. G. Mart decompõe-no em "*aca*. galho e *moteryc*, gravar, esculpir, ou então em *cama*, mama, e *tanga* crista". Nas *Aves do Brasil* de E. G. vem a forma bastante alterada *acumutanga*. Acãmutanga provem de *acanga* e *mutang*, var. de *pytanga*, vermelho. Vide *pitanga*.

ACARÁ, s. m. Mais correto *uacará*, guar. *guarará*. Garça. Vide *uacará*.

ACARÁ e seus compostos. Vide *uacará*.

ACARI. Vide *uacari*.

ACÃUAN, var. *macãuan*, guar.:*macãguã*, incorretamente escrito *macaguá* por alguns autores. Acauan, *Herpetotheres cachinans*. Onom. do seu monótono trissilábico canto. Bapt.

Caetano prefere uma etimologia mais complicada: "*acab*, brigar, faz no part. *ocabac* (donde o *ocauác*) e ainda o outro part. *yacahar*, que explicam o nome; na fórma *macaguá* pode ser contr. de *mboi-acá-har*, aquele que briga com as cobras".

ACARA-AỸA, Peixe cão. Voc. do M. G.

ACURAUA. s. m. var. *uacuráua*. No Sul *bacurau*, Tiontion, Sebastião e Tabaco-bom. Nome dado a diversos *Caprimulgidae*: *Hydropsalis climacocereus*, Tschud. *Podager nacunda*, *Nyctidromus albicollis*, Gm. Onom. Os índios pornunciam *uacuraua*.

ACUTI. *Cutia*. De *acuti*, esperar, acautelar-se, espreitar. G.-Dias diz terem os índios dado êste nome à cutia como se dissessem cauteloso, como quem vai pé ante pé. De fato, êste belo roedor costuma a caminhar no mato com cautela, vigilante. Bapt. Caet. propõe: "*a* de gente, *cur-ti*, modo de comer ou tragar, com as patas dianteiras".

ACUTI-PIRANGA. *Cutia* vermelha. *Dasyprocta croconota*.

ACUTIPURÚ. *Cuatipurú*. Em Portugal esquilo, harda. *Sciurus aestuans*. Segundo Mart. significa "o que mora em habitação alheia", tomando o botânico bávaro *purú* com a acepção de emprestar, mas essa etimologia não pode ser a verdadeira. Êste voc. deve ter outra significação, como também em *uirapurú*, passarinho, ao qual todos os outros obedecem e servem; como em *tajapurú*, espécie de *tajá*, que traz a felicidade ao pescador que vai à pesca com um pé dessa planta na sua canoa. Algmas denominações geográficas têm ainda êste *purú*: *Caipurú*, lago no Trombetas, *Iacarépurú*, lagos no Curuá. Além da significação mais usual de emprestar, *purú* também quer dizer tomar por empréstimo e usar. Em guar., segundo Mont., *guyrá-purú* significa ave que se sustenta de caça. No Sul o *cuatipurú* recebeu a denominação espúria de "cachinguelê".

ACUTI-TINGA. *Cutia cinzenta*. *Dasyprocta fulginosa*.

ACYCA. Pedaço, côto, tronco, cortado, atorado. Encontrado em *Boiacyca*. *Uairúcyca*, *beijú-cyca*, *suaiacyca*, etc.

AIA ou *uaia*. Subst. Como terminação de palavras compostas é contr. de *ruaia-suaia* s-t. *soaia-sobaia*, guar. *tuguay-huguay*, cauda, rabo. Em taiassú-aia, "sus domesticus", não significa porco manso ou de papada, como quer T. S., mas sim

taiassú, caudado. O mesmo em *cutiuaia*, e em *tatuaia*. O filólogo baiano confundiu êste *uaia* com o s-t. *aia* guar. *aỹ*, papo de ave, papada de porco, garganta do homem, equivalente ao *curucaua* nhêengatú.

AIAỸA. Espécie de coruja. Voc. do M. G.

AIAIÁ guar. *ayayá*. *Colhereira*. *Platalea ayauá*. Pernalta de côr rosea e bico espatuliforme.

AIRÚ. V. *uauirú*.

AIURA, s-t. *ajúra*, guar. *ayur*. Pescoço.

AIUREPY. Cachaço, toutiço.

AIURÚ, s-t *ajurú*, guar. *ayurú*. Nome genérico dos papagáios, mais especialmente do *Androglossa aestiva*, também chamado papagáio grego, ou papagáio verdadeiro, espécie de papagáio de encontros vermelhos. C. d. "*a*, gente, homem, *iurú*, boca", Mac. Soar. Equivalente mais ou menos ao nome científico androglossa, língua humana. T. S. propõe "*ajur-ú*, pescoço escuro", *dizendo indicar uma casta de papagáio; mas una*, escuro, preto, por mais contraído que fique, em composição, sempre guarda a nasalação, mesmo em guar., como se pode verificar no nome de um veado de pescoço negro, *guassú-anhurun*, c. d. *ayur-un*, transformando-se em composição *ayur* em *anhur*.

AIURÚ-APÁRA. *Androglossa ochocephala*. Papagáio amazônico.

AIURÚ-ASSÚ. Papagáio moleiro. *Androglossa farinosa*. Sin. *aiurú-chó*. Denominado *assú* pelos índios por ser a "maior espécie do Brasil" e "moleiro" pelos portugueses, porque, sôbre uma plumagem dorsal verde-escura, desde a nuca pelos encontros e lados do corpo, os numerosos salpicos brancos fazem parecer polvilhado de farinha.

AIURÚ-CURÁU. T. S., aceitando a opinião de Martius, dá êste *nome ao A. Amazônica como significando papagáio maldizente*. Não é no Pará conhecida a nossa vulgar *curica* por esta denominação. Quer-nos parecer que o *ajurú-curáu* de T. S. é corr. do guar. *ayurú-querêu*, espécie de pequeno papagáio, a menos que não seja corr. de *curá*, nome onomat. dado a *A. aestiva* por algumas tribus. Em guar. *curá* e não *curáu* significa zombar, escarnecer.

AIURÚ-CURICA. *Androglossa amazônica*. Papagáio de encontros verdes. Sin., segundo E. G., *aiurú curica*. Mart. traduz *curica* por ronco; parece-nos antes que é voz onom. dêste loquaz membro da família dos *Psittacidae*; o seu grito habitual é *curi-cacá, curi-cácá*.

AIURÚ-CURI-IÚ, s-t. *ajurú-curi-juba*. Por êste nome é também conhecido o *A. amazônica*, c. d. *aiurú, curi, iú-juba*, papagáio curica amarelo.

AJURÚ-ETÉ-CÚ. Não podemos decifrar a última sílaba dêste nome, dado por E. G. como sin. de *Iauá*.

AIURÚMBOIA. Sin. de *Parauamboia*, c. d. *aiurú-mboia*.

AMBUÁ. guar. *ambuá*. *Imbuá*. Myriapode.

AMERECYMA. Espécie de lagarto. Voc. do M. G. *Gymnophtalmus quadrilineatus*, Merr. Mart. decompõe-no em "*ameiva-ryrú-eyma*, i. e., ameiva sem pescoço inchado".

AMORÉ, s. m., var. *aymoré*. *Amblyopus Bronssonetii*. Pequeno peixe de águas salobras ou salgadas, mui procurado para isca. Diz o Voc. do M. G. que é "moreia do mar da feição de peixe, preta e sem escamas, que se criam e vivem nos mangues, dentro nas covas dos caranguejos". Na Vigia diferenciam três qualidades de amoré: *amoré-assú, amoré-antan*, e *amoré* do buraco do caranguejo, que tem a reputação de sustentar-se desses crustáceos.

AMUTÁUA, var. mutaua, s. t. *amotaba*, guar. *ambotá*, Bigode, barbatana.

ANACAN, s. m. *Ara severa*. Sin. *Maracanan-assú*. Voz onom.

ANACAN, s. m. Sin. *Uanaquiá, Hiá*. *Deroptyus aceipitrinus*.

ANAGÉ, s. m. var. usada no Sul. V. *Inaié*.

ANAMBÉ, s. m. "Nome amazônico para a maioria das espécies da família dos Cotingides". E. G. V. a var. *inambé* mais usada.

ANAPÚ. V. Uanapú.

ANDIRÁ, s. m. var. *Anirá*, guar. *mbopi*. Morcego. Em guar. *andirá* é o nome de uma ave.

ANDIRÁ-ASSÚ, s. m. Grande morcego frugívoro.

ANGUYÁ, s. m. No rio Capim, rato pequeno arruivado; em guar. significa ratazana.

ANGUYÁ-YAGUÁ. Em guar. conhecem por êste nome o furão, c. d. *anguyá-iagoára*, cão rateiro.

ANGUYÁ-I. Espécie de rato pequeno do mato.

ANHANGA, var. *aianga*, guar, *anhang*, c. segundo Mart. de *anga*, alma e *ynham* correr. Em guar. significa diabo, demônio; em tupi fantasma, visagem, duende, alma do outro mundo. Como segundo componente em *inambú-anhanga, suassu-aianga*.

ANHANGA-TIAMA. Em tembé é o nome da Matintapêrê. *Tiama*, flauta, gaita, apito. Em tupí *tiama*, significa espirrar.

ANHUMA, var. *anhyma*. Sin. *Cauimtaú*. *Palamedea cornuta*. Inexata é a etim. proposta por T. S. "corr. — diz êle — de *nhã-um*, ave preta", não se pode admitir que *iuráguirá*, ave, se corrompesse em *nhã*. Em nhêengatú temos uma ave preta, a *uirauna*, corr. em *grauna* no Sul, e em guar. também êsse voc. composto não sofreu tamanha alteração, pois existe um pássaro com o nome de *guyra undussú*, c. d. *guyrá*, ave, *hun* preto, *guassú* grande.

ANHUPÓCA. *Chauna chavaria*. Nome em Cuyabá do pássaro chamado no Rio Grande do Sul *Tahan*, c. d. *anhumapóca*.

ANICÃUERA, s. f. *Xiphorhamphus falcirostris*. Peixe dágua doce abundante nos lagos do rio Capim. *Anicãuéra* parece corr. de *uaim-cãuéra* por *uaymi-cãuéra*, osso de velha. Os índios pronunciam *yamcã-uéra*, *Antan*, adj. var. *santan, tantan*. Duro, rijo, coriáceo, forte, têso.

ANÚ, s. m. *Crotophaga anú*, guar. *anú*. Pequeno pássaro preto do campo e das capoeirinhas.

ANÚ-CORÓCA. *Crotophaga major*, guar. *anú-guassú*. Sin. "*anu-guassú, anú-coroya*". E. G. Êste *coroya* não será corr. de *coróca?* *Coróca* ou *curóca*, decrépito, caduco. V. Gloss. par. Mereceu êsse nome pelo seu canto. O *anú-coróca*, em bandos pelas margens dos igarapés, produz um som prolongado, mas pouco alto, parecido com o falar dos velhos, que por falta de dentes e sobretudo devido já à decrepitude emitem sons indistintos como que resmungando.

ANUIÁ, ANUJÁ. Peixe dágua doce.

APAÍ, s. f. Apahy. *Dendrocygna viduata*, L. Espécie de marreca. Sin. ereré.

APAIARI, s. m. *Hydrogenus ocellatus*. Peixe pequeno dágua doce no Marajó.

APÁRA. var. *iapára, iapar*. adj. Torto, arqueado, por extensão aleijado. Entra na composição de algumas palavras : *tatuapára, cajú-apára, sumahum-apára, aningapára*, etc.

APÊ. Concha de qualquer marisco; casco dos quelônios.

APECON, s. t. *Apecũ*, guar. *apecum, cum*. Língua.

APEREÁ. Preá. *Cavia apereá*. Espécie de *sauiá*. T. S. tira-o de "apé-reá, que mora no caminho". Caminho diz-se *pé* e não *apé*, tanto em tupi, como em guar. *Reá* nos é desconhecido com a acepção de "que mora", vertida em nhêeng. e em aban. por *uára-yguára*, ou *por póra-ipóra*.

APEREMA. *Nicoria punctularia*. Sin. *cam-pinima*, c. d. *acanga, pinima*, por causa dos riscos e pintas que na cabeça tem. Pequeno quelônio dos tabocais e várzeas alagadas, cujo nome se compõe de *apê*, casco, *nema*, fétido. Realmente, o casco deste saboroso pequeno jaboti tem, na interseção do peitoral com o dorsal, um cheiro desagradável, que desaparece quando conservado por algum tempo em cativeiro.

APESSÁ, var. *apyssá* ou *apyssacuára*, ouvido.

APETOOMA. Sin. *acangatooma*, ou *acanga-tuuma; tooma*, miolo de qualquer cousa. Miolos, cérebro.

APURIQUÍ. Espécie de macaco da noite. Parece var. de *byryquy*.

APYÁUA, var. *apgáua, apygáua*, s-t. *apyaba*, guar. *abá*. Indígena adulto, macho. Serve para designar os machos dos animais : *suassumé apyaua*, bode, *suassumé-cunhan*, cabra : *sapucaia-apyaua*, galo, *sapucaia-cunhan*, galinha.

AQUÊQUÉ. "Formigas pequenas, ruivas que comem as plantas e criam sòmente em cima da terra". Voc. do M. G. Parece ser sin. da que no Pará conhecemos por *macú*. Guar. *aquêquê*.

AQUINI. Peixinho de compridos ferrões, incomestível pela sua exiguidade; é encontrado nos lagos do Marajó.

AQUIQUI, s. m. Nome dado por certas tribus de raça tupi à guariba preta; entre outras a dos tembés e a dos oyampys.

ARACAIRÚ, s. m. No Amazonas, segundo Barb. Rod., *uairacairú*. Pequeno e encarnado caranguejo dos igapós centrais e margens avarzeadas arenosas dos igarapés.

ARACÚ. Sin. *aracú-tinga*. *Leporinus fredericii*. Peixinho fluvial. Em guar. *aracú* é o nome de uma ave.

ARÃCUAN, s. t. e guar. *aracuan*. A pronúncia atual, tanto dos índios como dos luso-brasileiros, é *arancuan*, *Ortalis arancuan*, Spix. É sem dúvida a onom. do seu canto, mas Mart. quer que provenha de *uirá*, ave, *guâ*, de variegadas côres

ARANCUAN-ACAUPIRANGA. *Ortalis motmot*, L., c. d. *acanga-piranga*.

ARACÚ-ANTAN. *Leporinus Mullieri*. Sin. *Arari-pirá*, c. d. *aracú-antan*, rijo.

ARAMANAIA, s. f. s-t.*aramanday*. Espécie de bezouros.

ARAMASSÁ, s. m. *Solea maculipinnis*. Espécie de linguado amazônico.

ARAPAIMA, s. f. *Sudis gigas*. Sin. *pirarucú*.

ARAPAPÁ. *Canchroma cochlearia*. Mart. decompõe-no em *uirá*, ave, e *poóca*, colher. É engraçado o engano em que caíu êste tupinista; além da impossibilidade da transformação de *poóca* em *papá*, tomou êle o verbo "colher" dos dic. por "colher" subst. Colher, sin. de apanhar, quando se apanha com a mão qualquer objeto, diz-se *poóca*, c. d. *pó*, mão, e *óca*, moderno *uca*, tirar, extrair, arrancar. Colhér era um instrumento que não possuia o indígena; para substituí-la usava, no Norte, cuias pequenas alongadas e no Sul empregavam conchas de moluscos, do *itan*, sobretudo. A *ybyra-pecê*, que no Sul usavam os índios para "mexer os seus vinhos e mingáus", era mais uma espátula de madeira do que uma colher pròpriamente com a forma que lhe damos. Colhér, *cochlear*, traduz-se por *cuiêra*, transparente corr. do voc. português.

ARAPONGA, s. f.*Chasmorhynchus nudicolis*. T. S. decompõe-no em "ara-ponga, papagáio que sôa, papagáio estridente, alterando-se às vêzes em *uraponga* e *guiraponga*". Carece retificar esta etim.; a forma correta nhêeng. é *uirapong*, a s-t. *guiraponga*, e a guar. *guyra-pon*, c. d. *uirá-guirá*, ave, e *pong*

onom. do seu canto. *Pong-ponga* é palavra tupi-guar. que imita o som do sino, ou o que produz um caldeirão, em cujo fundo se bate, "sonido de cosa hueca" na frase de Mont. Esta palavra *ponga*, alterada em *punga*, é encontrada em *mupunga*, têrmo trivial na Amazônia. V. Gloss. par. Mart. diz que "o nome tupi significa escrófulas, *struma*, c. d. *uirapunga*, porque o pescoço da ave com o canto incha".

ARAPARÚ, c.-m. *Chiromachaerus gutturosa*. Piprídeo amazônico.

ARAPASSÚ, *s.* m. var. *arapassô*. Picapau. Nome dado em geral às avezinhas da família dos Picariae, que no rio Capim é sòmente aplicado ao picapáu maior de penacho encarnado. Em nota à pág. 343 nas "Aves do Brasil", E. G., referindo-se à confusão que o vulgo atualmente estabelece entre os *Pici-deos*, verdadeiros picapáus, e os Dendrocolaptides, diz que "segundo parece também na língua tupi se dava essa confusão, pois as palavras *Arapacô* e *Arapassú* empregam-se igualmente para *Picides* e para *Dendrocolaptides*". Temos que dêsses dois têrmos, *arapacô* mais não é senão *arapassô* escrito escrito com um *c* sem cedilha. *Arapassô* e *arapassú* designam as mesmas aves; a terminação *ô* mais usual no abanh. e a em *u* no nhêeg.

ARAPEUA, s. f. Pequeno passarinho algo semelhante ao bemte-vi de pernas curtas, ao qual na Vigia dão êste nome, c. d. *uirá-peua*.

ARAPUÁ. Corr. de *yrapuá*. Espécie de abelha, c. d. "*yra*, mel, *apuam*, redondo, ninho redondo de abelhas", T. S. Em tembé *arapuá* significa veado, existindo um *Tabanus* conhecido por *arapuá- mutuca*.

ARAPYCA, s. f. "Tartaruga pequena de cabeça vermelha própria do Rio Negro". Barb. Rod.

ARARA, s. f. Nome de diversos *Conuridae*. Cremos ser onom. do grito gutural desta formosa ave; em guar. *ará* contr. de *arara*. Rich. Burton e T. S. não têm razão em afirmar que *arara* é o aumentativo de *ará*. O têrmo castiço tupi é *arára* e nos compostos, nos quais êle entra, nunca perde a sua terceira sílaba; assim, ainda hoje dizemos: *arara-cuára*, *aráraimbiú*, *ararúna*, *arary*, *ararandeua*, *ararambóia*, *araracanga*, *araratim*, *araratucapy*, etc.

ARAMBOIA. *Xiphos araramboia.* Pequena cobra vermelha, arborícola, peçonhenta, c. d. *arára-mbóia.*

ARARAPIRANGA. Arara encarnada. *Sittace coccinea.* Sin. *Arari, Araracanga.*

ARARI — *Arary. Sittace caerulea* no Alto Amazonas, *Canindé,* na região costeira do Norte.

ARARICA, s. f. *Sittace militaris.* Espécie de arara.

ARARÚ, s. m. Pequeno caranguejo encarnado, comestível. do rio Guamá.

ARARUNA, s. f. *Sittace hyacinthina,* c. d. *arara-una.*

ARASSARI, s. m. Nome de diversos *Rhamphastidae,* menores que os tucanos, entre os quais se citam os seguintes : *Pteroglossus arassary, P. Baillenii, P. Wiedii, P. pluricinctus, P. castanotus, P. Beauharnessii.*

ARATAIASSÚ, s. m. Sin. de *arapapá,* Mart. explica êste nome, decompondo-o em *aratú,* caranguejo, *yassú,* significando ave que come caranguejos. *Arataiassú* é corr. de *uirátaiassú;* os índios dizem indiferentemente *uirátaiassú* ou *taiassú-uirá.* V. esta última palavra, cuja significação difere.

ARATINGA, s. f. "No Amazonas todas as espécies de Conurus (periquitos) que apresentam mais côr verde do que amarela são conhecidos por êste nome". E. G.

ARATÚ, s. m. Espécie de caranguejo vermelho do mangal. Voc. do M. G.

ARAUÁ, s. m. *Conurus pavua.*

ARAUARY, s. m. *Pellona flavipinnis.* Pequeno peixe conhecido atualmente pelo nome de sardinha. É possível que seja var. de *Arauri.*

ARAUTÓ, s. m. s-t. *araguató. Mycetes ursinus.* Espécie de macaco.

ARAUAUÁ, s. m. s-t. *araguaguá,* e *arauabá.* Espadarte. Peixe do mar também encontrado na contra costa do Marajó.

ARAUÊ, s. m. s-t- e guar. *arabê.* Barata. *Periplaneta americana.* Os franceses das Antilhas dão a êste inseto o nome de *ravet,* cuja estirpe é *arabê.*

ARAUIRI, s. m. *Chalcinus auritus.* Sin. *Piraba,* sardinha e provàvelmente var. de *arauari.* Em Mart. está escrito *ara-*

beri, araveri, e *aravari*. C. de "arabê-r-y, baratinha, ou rio das baratas". T. S.

ARIMAIÁ. Rato cinzento do Alto-Capim.

ARINAIRÍ, s. f. var. *Nari-nari*. Arraia grande desprovida de ferrão.

ARIRÁMBA, s. f. *Ceryle amazona, C. torquata, C. americana.* Ave ribeirinha que no sul é designada pelo nome de "Martim-pescador", tradução do francês "Martin-pecheur". Segundo o Príncipe de Wied, citado por E. G., o nome primitivo dos *arirambas* no litoral do Norte era *iaguacati;* Natterer citado pelo mesmo naturalista, dá *uarirama* como o nome genérico na língua geral.

ARIRANHA, s. f. Nas obras antigas encontra-se êste nome como o da *Lutra brasiliensis,* mas em nhêeng. usual chamam-na *iauacáca*.

ARIRÚ-IÚ, s. m. Avezinha parecida com o bemtevi, porém menor, de peito amarelo, *iú,* ao qual impròpriamente dão o nome de *Pintauan*. É vulgar pelas margens dos igarapés e lagos; sustenta-se de insetos, piquiras e camarões miudos.

ARITAUÁ, s. m. *Gymnomystax melanicterus*. Linda avezinha dos campos marajoáras, de plumagem preta e amarela, predominando esta última côr. Temos ouvido pronunciar *aritauá, aratauá,* e *iritauá,* c. d. *uirátauá*.

ARÚ, s. m. *Pipa americana*. Espécie de sapo.

ARUAIM, s. m. Caramujo.

ARUNAN, s. m. *Osteoglossus bicirhosum*. Peixe do Marajó.

ARUMARÁ. Nome em Pernambuco do *Psarocolius unicolor.*

ASSANÃ, s. m. *Cresciscus cayennensis,* Bodd.

ASSÚ, var. *ussú, uassú,* s-t. e guar. *guassú*. Em composição contrai-se algumas vêzes em *ú,* grande.

ATANGARÁ, s. m. *Uirapurú. Pipra leucocilla,* L.

ATANGARÁ-TINGA. *Manacus manacus,* L.

ATIATI, s. m. Gaivota. *Larus atricilla.* Sin. *atingassú.* Var. do Voc. do M. G. *anti-anti*. Parecem onom. do seu chilrear. Em guar. *guyratin,* ave branca.

ATIMIRI, s. m. O Voc. do M. G. verte-o por "grajáo" (Grajaú?), dizendo ser passaro do mar.

ATOBÁ, s. m. *Sula fusca*.

ATUÁ, s. Nuca.

ÁUA, s-t. *ába*, guar. *a*, cabelo.

AUÁ, guar. *abá*. Em nhêeng. perdeu a sua significação de homem, guardando, com o pronome interrogativo, a acepção de quem? só ou mais vulgarmente em composição com *tahá;* comtudo algumas tribus, a dos tembés, por exemplo, usam do *auá* como sin. de *apyáua*.

AUARÁ, s. m. var. *agoará, avará*. Raposa, *Cànis brasiliensis*. Sin. usado no Sul, *jaguá-pytanga*, guar. *aguará*. Segundo E. G. é igualmente o nome do *Lycalopex vetulus*.

AUARÁ-ASSÚ, s. m. s-t. *agoará-goassú*, guar. *aguará-guassú*, Lobo. *Chrysocion jubatus*. E. G. dá como sin. em guar. *jaguaperi* e *jaguáraguassú*.

AUIÚ, s. m. var. *auajú*. *Arius oncina*.

AVIÚ, s. m. Provável corr. de *uanaviú*, que os documentos antigos ainda dão como *anaviú*. Minúsculo camarão abundante no Baixo-Tocantins.

AY-AY ou *ay*. Preguiça. Onom.

AY-ASSÚ. Preguiça real. *Choloepus didactylus*.

AY-IBI-RETÉ. Prequiça de bentinho. *Bradypus marmoratus*.

AYMARÉ. V. *amoré*.

AY-MIRY. *Bradypus cuculliger*.

AY-PICHUNA. Preguiça preta. *Bradypus torquatus*.

AY-CÁUA. Espécie de vespa.

AYUA, adj. s-t. *ayba*. Ruim, máu, componente em *tatuayua, pirayua*.

AYÚRA. V. *aiura*.

B

BACACÚ. No Rio Negro designa a *Xipholena pampadora*.

BACACÚ-PICHUNA. *Xipholena lamellipennis*. Pronúncia mais usual *uacacú*.

BACÚ. Peixe de pele, das costas e estuários. Parece achar-se alterado em *pacú* pelos naturalistas. Talvez seja o *Doras dorsalis*, abundante no contra-costa do Marajó.

BAIACÚ, var. *mamaiacú, goabaiacú. Tetrodon psittacus.* Peixe venenoso. Corr. de "*mbaé-acú*, cousa quente, bicho quente". T. S. A var. *goabaiacú* é do Voc. do M. G., que a traduz por "Peixe coelho". No Pará a pronúncia usual é *baiacú*.

BARECUMBÉ-CÚ. *Pimelodus bufonius.* Alguns escrevem *Brecumbucú*. As três últimas sílabas decompõem-se em *acanga-mbucú*, cabeça comprida.

BARI, s. m. var. *ubari. Hemiodus notatus.* Pequeno peixe fluvial.

BAIRARI. *Zenaida maculata*. No sul nome de uma espécie de pomba.

BATUIRA DO CAMPO. *Tringoides bartramia.*

BERÚ, var. de *merú*.

BIRIBIRÍ. *Leporinus nigrotaeniatus*. Peixe dágua doce.

BIUIUM. Espécie de bezouro. Talvez o mesmo que o *Bojoim* de Mart.

BOIA, var. *mboia, moia, mucá.* Cobra, serpente. Temeràriamente afirma T. S. que "*boa* corr. de *boia*, é especialmente usado para designar a gyboia". Não em tupí. Com o têrmo de história natural em "Boa constrictor", de acôrdo; como palavra francesa ainda; mas nessa língua Littré dá-lhe uma origem latina. V. *Gyboia*.

BOIACYCA, s. f. Cobra conhecida por "Mãe-de-sauba", por ser frequentemente encontrada nos ninhos desta formiga. A *boiacyca* é de grossura uniforme de cabo a rabo; daí o seu nome: *acyca*, pedaço, côto, troncho, como se uma parte fina usual nos outros ofídios tivesse sido separada.

BOICUAIÚ, s. m. Papa-sapo. Cobra amarelada na metade posterior e cinzenta na anterior, c. d. *boia-cuá-iú*, cobra metade amarela.

BOITATANÁ, s. f. Grande ofídio que, adulto, mede cêrca de 2,50 m, não peçonhenta.

BOITININGA, s. f. Cascavel, guar. *aguaí*. No Rio Capim, onde não se encontra essa terrível cobra *Crotalus horridus*,

dão o nome de *Boitininga* a uma serpente parda, peçonhenta. Sin. *maracamboia*. Segundo Anchieta, citado por T. S., c. d. *mboia-cyninga*, cobra ressonante, cobra chocalhante". Em nhêeng., *tining* significa sêco e talvez seja o nome relativo ao maracá terminal de contextura córnea, como uma bagem de feijão sêca, no qual chocalham os grãos quando secudida.

BOIUNA, s. f. Cobra de um a dois metros, preta-azulada no dorso e amarela no ventre. Têm-na os índios por peçonhenta; c. d. *boia-una*.

BOIUSSÚ. Cobra grande, c. d. *boia-ussú*.

BURUJAJARA. Diversas aves do gênero *Thamnophilus*, como o *T. Leachi*, o *T. severus*, o *T. ambiguus*, o *T. naevius*, o *T. ruficapillus*. Usado no Sul.

BYRYQUY. Buriquim. *Eriodes arachnoides*, var. *muryqui*, mas os naturalistas deram êste nome ao *E. hypoxanthus*, reservando aquele ao *E. arachnoides*.

C

CABECÊ, s. f. Espécie de *caua*. Voc. do M. G.

CABURÉ, s. m. É a forma aban. do nosso têrmo *cauré*, mas êste designa um rapineiro diurno, e aquele, diversas corujas. O *Caburé* de orelha, *Pisorhina choliba crucigra*, Spix; *Caburé* do sul, *Glaucidium pumilum*, Temm. etc.

CAI. Macaco. *Cai-assú*, espécie maior.

CAIPUZÚ, s. m. Sin. de *iuruna* entre os tembés, c. d. *cái*, *macaco*, *pó*, mão, *zú*, corr. de *iú*, amarela. Não foi só para os tembés que a côr dos pêlos das mãos constituiu a feição mais golpeante desse símio; os aracuajús também deram ao *juruna* o nome de *capuschy*.

CAIACANGA, s. f. Polvo. Voc. do M. G.

CAMA ou Camb. Seios, ubere, mama. *Camapuam*, seios duros, pontudos; *camapirera*, seios caídos, pendentes.

CAMBEUA. Sin. *tamautá cambeua*. Espécie de *tamuatá* de cabeça chata: *acanga-peua*.

CAMBÍ, subst. guar. *Camby*, leite.

CAMBURUPÍ, s. m. Sin. de *pirapema*, usado no Ceará e no Maranhão, var, *camurupy*.

CAMOCICA. No rio São Francisco e em Goiaz assim chamam ao *Cervus nanus*.

CAMONDONGO, s. m. *Mus musculus*. Têrmo sulista desconhecido na Amazônia, onde se diz "ratazana". Sua etim. é incontestàvelmente africana.

CAMURIM, s. m. *Centropomus undecimalis*. Peixe do mar.

CANAMOCO, s. m. Peixe das cachoeiras do Trombetas. Será tupi ?

CANCAN, s. m. *Ibycter americanus*, Bodd. Onom. Ave social da mata que pousa sempre nos mais altos galhos das grandes árvores.

CANDIRÚ, s. m. *Cetopsis* spec. Peixinho voraz.

CANDIRÚ-ASSÚ, s. m. *Cetopsis* spec. Idem.

CANGATÁ, s. m. *Arius luniscutis*. Sin. *Guryjuba, iurupiranga*. Peixe do litoral.

CANGOERA, var. mais usual *cãuéra*. Osso, caveira.

CANINANA, s. f. var. *caninamboia*, guar. *iacaninã*. Cobra reputada peçonhenta. Sin. *pepéua*.

CANINDÉ, s. m. guar. *canindé*. "Corr. de *can-ndê* anegrado, retinto, tisnado, escuro". T. S. Teriam os índios mimoseado com o epíteto de anegrado, retinto ou tisnado uma ave, a *Sittace*. Parece-nos *arapapá*, c. d. *uirá* e *papá* onom. do seu grasno, composto de duas notas de cada vez, unisonas, roucas.

CAPITARI, s. m. O macho da tartaruga amazônica, *Podocnemis expansa*. Em alguns lugares também assim designam o macho do tracajã.

CAPIUÁRA, s. f. *Hydrochoerus capybara*, c. d. *caapii*, capim, herva, e *uára*, comedor, aquele que se alimenta de capim; querem outros que seja *uára*, aban. *ygoára*, habitante, morador, aquele que vive nas pastagens; guar. *capiybara*, e *capiybá*.

CAPOROROCA, s. f. *Cygnus coscoroba*. Cisne branco. Pato arminho. Informa E. G. que a voz dessa ave corresponde bem ao seu nome.

CARÁCA. Corr. do têrmo português *cráca*, crustáceo do gênero dos *Balanidae*.

CARACARÁ. *Polyborus brasiliensis.* "Corr. de *carãe*, o arranhador, o arranha-arranha". T. S. Parece-nos antes onom. A sua voz habitual pode ser comparada a um *cra-cra-cra*, ràpidamente pronunciada, que E. G. compara com exatidão ao "som que se produz passando ràpidamente uma vara pelas grades de ferro de um jardim"

CARACARÁ-I. *Milvago chima-chima.* Vieil. Atualmente começam os mestiços a corromper êste voc. dizendo *cacarahy.* Sin. *caracará branco, chimango*, no Sul. Éste último pela fonação não parece tupí.

CARACARÁ-UNA. *Caracará preto. Ibycter formosus.* Sin. *Uracaçú;* corr. de *uirá-guassú.*

CARACHUÉ, s. m. No Sul sabiá. Corr. de *uirá*, passaro *chué*, chorão, Barb. Rod. A transformação de *uirá* em *cará* é improvável, mas a de *iaccô* em *chué* não o é; todavia, a deformação do voc., no qual entra êste verbo *iaceõ*, não toma a forma *chué*, mas sim *ció-chió*, como em *aritassioia* e em *caá-iachió*. Em algumas regiões *iaceó* pronuncia-se *iachió*. Diversas aves cantoras respondem por êsse nome: *Merula phaeapygia, M. gymnophtalmus, M. fumigata.*

CARAÍ. *Nyctipithecus vociferans,* Spix. Espécie de macaco.

CARAIÁ, guar. *carayá*. Sin. em aban. de guariba: *carajá.*

CARAMURÚ. Em localidades da região amazônica designa a *Lepidosiren paradoxa;* no litoral atlântico era o nome de um peixe, cuja espécie não está bem averiguada, e que o Voc. do M. G. traduz por "moréa do mar", e por "lampreia".

CARANATÚ, s. m. *Pimelodus notatus.* Peixe.

CARAPANÃ. Nome pelo qual são conhecidos diversos culicideos na Amazônia. "Corr. de *carapánan*, o arcado, o encurvado, o arco espesso". T. S. Não podemos atinar com a semelhança que tem um *carapanã* com um arco espesso. *Uirapára*, corr. de *ybyrá-apára*, não tomará em nhêeng. a forma *carapá*. Arqueado, encurvado, dizemos *apára*, ou *parim*, mas não *uirapára*. V. *apára.*

CAPÚ-CAPÚ. Espécie de *caua*. Seu nome *capú-capú* imita o ruído que faz, quando assanhada e pousada sôbre o ninho que, por um pedúnculo, pende do galho de uma árvore.

CARAPICÚ. Nome no Sul, segundo A. de Miranda Ribeiro, do *Eucinostomus pseudogula*.

CARARÁ. *Plotus anhinga*. Sin. *Biguátinga* (*Miuátinga*). *Miuá* na região costeira do Norte. O sobrenome *anhinga* é aquele que Marcgrav traz como tupi.

CARAUATÁ-ASSÚ. Peixe do Alto-Capim.

CARAUATÁ-I. Espécie menor, também do Alto-Capim, talvez seja o *Auchenipterus nodosus*. corr. em *caratai*.

CARATÁ-I. *Auchenipterus nodosus*.

CARIPI, *s. m*. Gavião piscivoro.

CARIPIRÁ. *Tachypetes aquila*. Sin. no Sul *Grapirá*, corr. de *caripirá*. No Sul tem ainda as denominações de Tesoura, Alcatraz, João Grande, Fragata.

CARIACÚ. Veado malhado. Têrmo desusado no Pará.

CARON. Carão. "Contr. de *guará* ou *guyrá*, e *una*, ave preta". Mart. O *Aramus scolopaceus* tem uma voz que muito se parece com o nome pelo qual é conhecido.

CARUMBÉ. No Capim a população mestiça chama Cacumbé à *Testudo tabulata*, jabotí, cujas escamas dos membros são amarelas; mas os índios tembés designam por êsse nome a *Testudo carbonaria*, que os semicivilizados tratam por *iaboti-piranga* ou *jabuti tucuman*. Em guar. *carumbé* é um quelônio aquático.

CASSAROBA. V. *Picassuróba*.

CÁUA, s. f. s-t. *caba*, guar. *cab*, vespa.

CÁUA--IÚ, s. f. Cáua de môlho. Espécie pequena, amarela, *iú*, que prêa a comida já preparada: moquiada ou cozida, caindo frequentemente no caldo por causa da sua voracidade; daí o seu nome português. Já por três vêzes, no rio Capim, vimos negros comendo levarem à boca distraidos pedaços de carne ou de pirarucú, nos quais estava uma destas cáuas, talhando o seu bocado; introduzidas na boca, ferravam na língua, que inchava enormente.

BAUACHI, s. m. No Alto Amazonas, segundo Barb. Rod., pronuncia-se *cauichi*. Esponja dágua doce que se cria nos

troncos submersos, e que em contacto com a pele produz forte prurido. É vulgar nos lagos do Alto-Capim.

CAUAN. Em Minas, sin. de *Urubutinga*.

CAUARÚ, s-t. *cabarú*, guar. *cabayú*. Cavalo, cuja corr. é. Êste têrmo, adotado pelo tapúio, prova a repugnância do nhêeng. pelo *b*.

CAUARÚ-CUNHAN. Egua.

CAUARÚ-RAPIAEYMA ou *Cauarú-tiraroneyma*, cavalo castrado. No primeiro caso *rapiá-sapiá-eyma*, sem testículos; no segundo *tiaron-eyma*, sem ereção.

CAUAUÁ, s. m. *Ciconia magoary*. Sin., segundo E. G., nos sertões *jaburú, tapucaja*. A pronúncia *cauauã* não é correta.

CAUIMTAÚ, sin. do aban. *anhuma*. Para Mart., c. d. *"acanga-itá-áca"*, "in capite lapis cornu". Êste *taú* final parece-nos afim do último componente de *urutaú*. José Verissimo escreveu *cametaú*, dando-o como onom. A grafia *cauimtaú* é de E. G.

CAURÉ. *Falco albigularis*. O equivalente aban. é *caburé*, mas no sul em voc. designa diversas corujas. Sôbre o que se toma no Pará pelo ninho dêste destemido gavião pode-se ler com interêsse o artigo do professor E. G., "A lenda amazônica de Cauré". *Bol. do Mus. Goeldi*, vol. 4.°, pág. 430.

CAVACUÉ. *Androglossa diademata*. Habita o Rio-Negro, segundo E. G.

CENECUYRA, var. *icuyra*, guelras. Sin. *piracuracáua*.

CENEUAUA, s-t. *tinoaba, tenoaba, tendeuaba*. Barba.

CERIUAIA, var. *cerigoia*, "Centola, espécie de caranguejo grande vermelho". Voc. do M. G. Provável corr. de *ciriuaia*.

CEUI, var. *chibui*, s-t. *ceboi*, guar. *ceboi*. Lombriga, minhoca, sin. do Voc. do M. G. *sapoajabaya*.

CEUI-PEUA. Sanguesuga, i. e. lombriga chata.

CHAUIM, s. m. Var. *sauim, saguim*. Talvez onom. do guincho dêsse macaquinho.

CHAUIM-PICHUNA. *Midas ursulus*.

CHAUIM-TINGA. *Hepale argentata*.

CHIMBURÉ. *Schizodon fasciatus.*

CHINCUAN. *Piaya minuta,* Vieill. P. *cayana,* L., *Coccyzus melancoryphys.* Onom.

CIECIÉ. Espécie de caranguejo. Voc. do M. G.

CIRI. *Ciry.* Espécie de caranguejo.

CIRIRI. Var. *uiriri,* guar. *suiriri,* avesinha, cujo nome é a imitação do seu chilrar.

COEMIN CABARÚ. Sin. *Tié-tinga, prebichin.* Será corr. de *guacymã-cabarú,* cavalo de velha? *Cissopis major.*

COIÓ. No Rio de Janeiro assim designam o peixe voador *Cephalacanthus volitans.* A. de Miranda Ribeiro.

OIÓ-COIÓ. V. *cucurió.*

CONAPÚ. Méro. *Epinephelus itaiara,* Licht.

CONDURÚ. A femea do caranguejo do mangal, cujo macho, *ussá,* o trivial caranguejo, é um dos moluscos mais apreciados pelos paraenses.

CORÓ-CORÓ, s. m. Ave, *Phimosus nudifrons.* Onom.

COROCOTÉO. *Ampelio cuculatus,* var.*corocoré.*

CÓROCOTURÚ. *Ibycter acter.* Gavião preto.

COTIPEMA. Espécie de camarão que mede cêrca de quinze centímetros, corr. de *poti e pema.*

COYU-COYU. Nome dado a diversos papagainhos do gênero *Psittacula; guar. cuyú-cuyú.* Sin. *parauá-i.*

CUACHININ. *Procyon cancrivorus,* s-t. *guachinin.* Segundo E. G. sin. de *jaguacampeba,* c. d. *iaguara-acangapeba,* cão de cabeça chata. T. S. diz ser "corr. de *guárachini,* cão pulador, saltitante", qualidade que não tem êsse animal.

CUANDÚ. guar. *cuim. Cuendu prehensibis, C. melanurus, C. insidiosus.* Sin. s. t. *cuim* e *cui.* Os índios chamam *cuandú-assú* ao de espinhos avermelhados, e *cuandú-i,* aquele que os tem brancacentos.

CUATÁ. *Atteles paniscus.* Macaco.

CUATÁ-TINGA. A. *variegatus.* Idem.

CUATÍ. *Nasua socialis.* Segundo G. Dias "vem de *cuá,* cintura, e *tim,* focinho, chamando-se assim êsse animal por

dormir com o nariz na cintura". T. S. prefere "*cua-ti* riscado, lanhado, punçado, o que traz riscos ou sulcos". De tal modo êsse autor altera algumas vêzes os têrmos da língua geral, que difícil se torna aprofundar a sua opinião. Neste caso está *quá*. Será *coatiára?* Em *paraguá*, papagáio, dá-lhe êle a acepção de bico (*tim* em nhêeng.). Nós no Marajó usamos correntemente do adj. *arassá*, c. d. *aoba-rassá* para dedignar o gado que sôbre uma côr laranja ou alvaçã tem riscos verticais pretos; essa palavra, sim, poderia o filólogo baiano verter por "o que traz riscos ou sulcos"; mas quatí?

CUATÍ-MUNDÉ. *Nasua solitaria*. Espécie maior que o precedente e mais rara. Não compreendemos o motivo por que o tupí qualificou de *mundé* êste grande *cuatí*, a menos que esta palavra não tenha outra acepção do que aquela que todos nós conhecemos: armadilha para caça. No Sul êsse têrmo acha-se corrompido em *mundéo*.

CUATÍ-YRA. Grande abelha.

CUCHIÚ. *Pithecia chiropotes*. Macaco.

CUCURIÓ, s. m. *Latharia cinerea*, Vieill. Ave dos igarapós, cujo nome é onom. No Baixo-Capim pronunciam *cururijó*. Sin. *coió-coió, coui-coui* e *temtempiúm*.

CUIM. Equivalente aban. de *cuandú*.

CUIUBÍ. Cajubim. *Pipile cajubi.*

CURIANGÚ. *Nyctidromus guianensis*. Espécie de *uacuráua*. Onom. Sin. no Sul *Ibyáu*.

CURICA, ou *curic*, s. f. *Androglossa amazonica*. Papagáio. V. *Auirá-curi*. Segundo E. G. é também conhecido por *curica* o *Pionopsittacus Barrabandi*, Kuhl.

CURIMATÁ, guar. *quyrymbatá*. *Prochilodus reticulatus*. No Sul corr. em *crumatan curimatan, curumatá, corimatá*. O guar. *quyrymbatá* parece *compôr-se de quyrygury*, e *mbatá* terminação encontrada em *tamuatá*.

CURÁ. No Maranhão e em algumas tribus paraenses dão êste nome onom. à *Androglossa aestiva*.

CUIÚ-CUIÚ. *Doras niger*. Peixe.

CUNAUARÚ. Batráquio arborícola. Aceitam alguns tupinistas a sua origem de *cunhã-arú*, por se parecer a sua voz com a da mulher, mas essa semelhança não existe. Êste curioso

e pouco conhecido animal, como meio de defesa, projeta contra os que o perseguem um líquido inódoro bastante cáustico, o qual em contacto com a pele produz uma bolha e põe a nú a derme; êste líquido pode ser ejeculado a uma distância de um metro. Dizem ainda os índios que o breu do *cunauarú*, provém de uma secreção visguenta produzida pela sua pele. Essa matéria secretada, solidificando-se, adquire um cheiro especial e é empregada como remédio pelos índios, em defumação, e na preparação de feitiços e sortilégios pelos pardos.

CUPACÍ. Pequeno búzio.

CUPIRA. *Trigona cupira*, c. d. "*cupim-yra*, ninho de abelhas ou mel de cupim", von Iher. Var. da Par. mar. *Cupineira* por *cupĩeira*. Pensamos que o nome da cupĩneira ou cupira provém de utilizar ela para suas colméias os ninhos de cupim abandonados.

CURÚ. Qualquer coisa protuberante, saliente, é *curú* : A borbulha ou vesicula — *curiba*. O torrão de terra dura ou antes o pedregulho — *itacurú*, donde o nosso têrmo luso-brasileiro *tacurúa*. V. Gloss. par. As protuberantes escamas do dorso do *jacaré-assú* — *curú*. *Curucurú* significa rugoso.

A colina, o outeiro = *curú;* ex. *Iaguaracurú, Maecurú*, serras em Monte Alegre.

CURUÁ. "Espécie de abelha." Talvez c. d. *curú-ei*, Von Iher.

CURUÁ. *Cotinga caerulea*. Avezinha.

CURIÓ — TUYRA. *Oryzoborus torridus*. Sin. bras. Avinhado, Bico de furo. *Papa-arroz*.

CURICÁCA. *Geronticus albicollis*. Pernalta.

CURUATÁ-PINIMA. Bonito. Peixe do Atlântico.

CURUPIRA. Gênio que habita as florestas, c. d. "*curúpira*, o sarnento, o coberto de feridas". T. S. Não nos parece verdadeira esta etimologia. O índio não representa êste ente mitológico nem curubento nem pirento. Os missionários deram o *curupira* como um diabo, o que está longe da verdade. Não será uma reminiscência dos contos ouvidos na sua infância que fizeram o erudito tupinólogo dar ao *curupira* o equivalente do epíteto afrontoso que tem o demo entre os católicos, o "tinhoso" ? Barb. Rod. também lhe dá a significação de leproso,, e ainda a de "o que vem à roça ou que jaz no mato".

Poranduba Amazonense. Von Iher. é partidário de *curupí-ára*, dono da lepra.

CURUPIREIRA. Abelha de Pernambuco, c. d. "*curupi-eyra*, mel do diabo", Von Iher.

CURURÚ. Espécie de sapo. Onom. Também *cururú* — *corôrong*, *cararang*, significa rancor.

CURURÚ-I. Espécie menor que a precedente.

CURURÚ-IÚ. Sapo de dorso amarelo-escuro.

CUTIMBOIA. Cobra não peçonhenta, c. d. *acuti-mboia*.

CUTÁCA, var. *catáca*, *tatáca*. Espécie de rã. Onom.

CUTIPURU-I. Passarinho insetívoro, c. d. *acuti-puru-i*. Sin. sulista *Cambachirra*. *Coroia*. *Troglodytes minusculus*, Naum.

CUTIUAIA, c. d. *acuti-uaia* por *suaia*, cauda; cutia caudada. *Dasyprocta acuchy*.

CUTI-YRA, c. d. *acuti-yra*, abelha avermelhada.

E

EÁ. *Nyctipithecus Azarae*. Macaco da noite.

ERÉRÉ, var. *irerê*, *aréré*, *Dendrocygna viduata*. Espécie de marreca.

G

GAINAMBÉ. *Chasmorhynchus niveus*. Segundo E. G. nome usado no Amazonas, talvez sin. do que no Capim conhecemos por *Inambé-assú*.

GAMBÁ. *Mephitis suffocans*. Sin. *Iritataca*, *Cangambá*, *Maritataca*, *yaguaritaca*. Em guar., segundo E. G. *jaguaré*, que deve escrever-se *yaguá-rẽ*, contr. de *yagua-rema*. Mont. traz "mbicurê, zorrilo, que hiède", provável sin. do têrmo dado por E. G., decompondo--se também em *mbicurema*. O voc. *Gambá* é africano. O tupí dirá como o guar. *iaguarema*, cão fedorento.

GIGÓ. *Gallithrix melanochus*. Êste têrmo não tem a consonância tupí.

GOABAYACUGOÁRA. Var. *goaperugoá*. Peixe porco. Voc. do M. G. No Rio de Janeiro informa A. de Miranda Ribeiro que o *Monacanthus hispidus*, L., é conhecido por Peixe-porco.

GOAJÚ. "Formiga que advinha a chuva ou sái antes dela em grande multidão a buscar baratas e outros e bichos". Voc. do Museu Goeldi.

GOARAGOASSÚ. Charéu. Voc. do M. G. Parece var. de *guyry-guassú*.

GOARAYM. "Outra espécie mais pequena de charéu. Voc. do M. G. Não será êrro de cópia por *goaracyma*?

GUABIRÚ. Vide *Uauirú*.

GUAIÁ, s. m. O Voc. do M. G. escreve *goajá*, definindo-o: "Caranguejo do mar que se esconde sob as pedras".

GUAIAMUM. s. m. Espécie de caranguejo, c. d. "*guayámû*, o caranguejo negro-escuro, azulado." T. S. A brilhante pena dêsse autor metamorfoseou *una*, preto, em extraordinárias e surpreendentes variantes: em *anhuma*, *um*, preto, em em *goaiamum*, *mû*, preto, em *urubú*, *bú*, preto, em *ajurú*, *û*, preto.

GUANUMY. "Caranguejo grande do mato". Voc. do M. G. Parece var. de *guaiamum*.

GUARÁ. *Ibis rubra*. Rich. Burton perpetrou a seguinte etim.: "*yg*, água, *ará*, papagáio, ou papagáio dágua". Esta outra pouco menos absurda é da lavra de Mart.: "Contr. de *guá*, variegado, e *guirá*, ave.

GUARUNDI - PRETO. *Tachyphonus coronatus*.

GUIRÁ. Vide *uirá*.

GUIRAHEENCATÚ. Canário da terra. *Sycalis flaveola*, c. d. *guirá*, e *nhêengatú*, bem falante. O tupí correto é *guiranhêengatú*. Vide *uira-rú-nhêengatá*.

GUIRÁ-PEREÁ. Informa E. G. que êsse era o nome da *Calliste flava*. c. d. *guirá-apereá*.

GUIRATINGUETÉ-ASSÚ, guar. *guyratú-été-guassú*. *Cygnus coscoroba*. Cisne todo branco. Sin. *Caparoroca*.

GUIRAUNDI. *Stephanophorus coeruleus*, corr. de *guarundi*.

GUYRÁ, var. de *guirá*.

GUYRAGUY. "Preto de cabeça branca". Voc. do M. G. É possível que seja o *Leuconerpes candidus* dos ornitólogos.

GUYRÁ-OBY. Gralha. Voc. do M. G., c. d. *guyrá-oby*. Vide *uy*.

GUYRI. "Bagre branco do mar". Voc. do M. G.

GUYRI-IÚ. *Gurijuba*, s-t. *guyri-juba*.

GUYRI-TINGA. Bagre branco. *Aruis rugispinnus*.

GYBOIA. Giboa. *Boa constrictor*. Bapt. Caet. diz provir de "*yi-boy*, ou de *yi-boi*, corr. de *yi-boi*, cobra dágua". Não é possível que o indígena desse a *giboia*, cobra terrestre, o nome de cobra dágua; essa denominação dá-la-ia êle de preferência à *sucurijú*, Eunectes murinus, que vive na água. O Voc. do M. G. diz: "As que são dágua, grandíssimas: *sucurijú*. As maiores do mato, menores que as primeiras: *gyboia*". Pode-se ainda objetar a essa etim. o fáto de não tomarem um *g* inicial as palavras tupís começadas por *y*, água, quando adaptadas pelos brasileiros *igapó*, *igarapé*, *igarité*, *iára* ou *uiára*, *itinga*, *ipiranga*, *ipomonga*, *itú*, *icica*. Há equívoco da parte de T. S. em dar *curiyú* como o equivalente tupí-guar. de *giboia*; o trecho citado do Voc. do M. G. isso prova para o tupí. Para Rich. Burton, *giboia* tira a sua origem de "*ji* ou *gi*, machado, e *boia*, cobra, porque se supunha que se arremessava como um machado". T. 2.°, pág. 120.

I

I. Sin. de *miri*. Pequeno. Serve de postfixo diminutivo.

IACAMĨ. *Psophia crepitans*, c. d. "*Y-acã-mĩ;* o que tem a cabeça pequena". T. S. "*y-acan-mii*, a que move a cabeça, a mesureira". Bapt. Caet. Nenhuma das duas satisfaz.

IACAMÎ-IÚ. Iacamin de costas côr de ubim sêco, *Psophia ochroptera*.

IACAMĨ-CUPETINGA. Iacamin de costas brancas. *P. leucoptera*.

IACAMÎ-CUPETINGA. *P. creptans*. O mais comum no Pará.

IACAMÎ-UNA. P. obscura.

IACAMACIRI. Segundo E. G., parece ter sido o nome dos *Gallenlides* em tupí da região costeira do Norte, no tempo de Marcgrav.

IACARÉ. T. S. derivava de "ya-caré,, o que é encurvado ou sinuoso; ou de *y-echa-caré*, o que olha torto ou de banda, ou ainda de *iaguá-ré*, a féra de outro gênero". Nas duas primeiras há pouca probabilidade de perder *carẽ* a nasalação final

para pronunciar-se *caré;* quanto à última, é logo arriscado verter iaguá = iaguára por féra, sendo duvidoso que o selvagem chamasse ao *jacaré*: "onça de outro gênero". Sin. No Alto-Amazonas *Gaudú*.

IACARÉ-ASSÚ. *Caiman niger*, guar. *iacaré*. Algumas tribus designam êsse crocodiliano pelo nome de *iacaré-curucurú* por causa das suas escamas ósseas protuberantes: *curú*.

IACARÉ-TINGA. *Caiman sclerops*. Espécie menor que a precedente.

IACARÉRANA. Grande lagarto aquático

IACINA, s. f. Inseto alado da família das Libélulas.

IACÚ, guar. *iacú*.

IACÚ-ASSÚ. *Penelope jacucáca*. Spix. Em nhêeng. o adj. *jacarearú*, pronúncia mais usual entre os tupís.

IACURUARÚ. *Iacruarú*. No dic. anonim. de 1795 lê-se *iacú* significa desconfiado, astuto, arisco, versuto. Bapt. Caet. diz provir de "*y-a-cú*, o que come grãos, o que come ou traga frutas". Pelo dialeto n-t. é impossível dar-lhe essa origem.

IACUCÁCA, guar. *iacucag*. Espécie de *jacú*.

IACÚ-PEUA. *Penelope Marail*. Variedade de *jacú*. Vide *peua*.

IACÚ-PEMA ou pemba. *P. superciliaris*.

IACÚ-PIRANGA. *P. pileata*. É a espécie existente no Marajó.

IACÚ-TINGA. *Iacú*, cinzento-escuro, com pintas brancas, guar. *iacu-petin*. No rio Capim dão-lhe também o nome de *iacú-pitinga*.

IACUNDÁ. *Crenicichla obtusirostris*. Peixe dos igarapés de águas límpidas.

IACUNDÁ-ASSÚ. *C. johanna*. Sin. *jacundá-tinga*, *j. corôa*, *j. piranga*, *j. tótó*.

IACURUCHÍ. *Dracoena guianensis*. Lacertilio aquático.

IACURUTÚ. *Bubo crassirostris*. Espécie de coruja. Onom. O equivalente guar. *nhacurutú* designa a *Strix nhacurutú*, talvez sin. do primeiro nome científico.

IAGOAPOPEBA. Nome da lontra no sul, segundo Voc. do M. G., c. d. *iaguára-pó-peba*, cão ou onça de mão chata.

IAGOÁ-PYTANGA. Têrmo aban, sin. do nhêeng. *auará*, c. d. *iaguára-pytanga*, cão cinzento.

IANDAIA. É a fórma s-t.; em nhêeng. *ianaia*, Periquito de cabeça amarela, ao qual alguns autores denominam. *Ajurú-juba* ou contraindo *aiurú-acan-iú*, *Conurus pyrocephalus*. Segundo E. G. em nhêeng. tem como sin. *Cacaué*, c. d. "*nhand-ái*, correndo só, o corredor" ! T. S. Poder-se-á identificar o s-t. *jandaia* com o guar. *nhendái ?*

IANDÚ, s-t. *jandú* e *nhandú*, guar. *nhandú*, aranha. Em *guar*. a Ema, *Rhea americana*, é homônimo da aranha.

INDÚ-ASSÚ. Aranha caranguejeira.

INDÚ-POCAMBUCÚ. *Phrynus lunatus*, c. d. *poacanga*, dedo, e *pucú*, comprido.

INDÚ-TINGA. Aranha de corpo pequeno, mas pernilonga, com uma malha branca na parte superior do torax; vive nos troncos podres e é tida como peçonhenta. Encontrada no rio Ararandeua.

IANDIÁ. *Pimelodus Mulleri*. Peixe dágua doce. T. S. traz a var. *Iundiá* e decompõe-na em "*yundi*, espinhal, barbas, espinhos, e *á* cabeça; jundiá o que tem a cabeça cheia de espinhos ou barbas" !

IAPACANĨ. Êste nome não indica o mesmo pâssaro por todo o Brasil; no Sul responde por êste nome corr. pelos naturalistas em *iu-napacanin* o esplendido *Spizaeornatus*. Marcgrav, que escreveu em Pernambuco, dá êste nome ao *Donacobus atricapillus;* no rio Capim assim chamam um pequeno gavião pedrês.

IAPEGOÁ. Centopeia, corr. provável de *japeussá*.

IAPEUSSÁ. Escorpião. Algumas tribus designam por êste nome a centopeia, reservando o de *iauajira* ao escorpião. Em guar. significa tanto o escorpião como a centopeia, c. d. *iapêussá*, de *iapeá-iepeá-iepeaba-iepeaua*, lenha e *ussá* caranguejo, ou caranguejo da lenha, pela semelhança das patas dianteiras do escorpião com as unhas dos caranguejos, e por ser na lenha, na madeira caída, mais ou menos carcomida, que usualmente habita êste peçonhento arachnídeo.

IAPII. *Iapiim*. *Cassicus persicus*. Sin. *chechéu, japui, japujuba*.

IAPÚ, guar. *iapú*, c. d. "*ya-pú*, o que rumoreja, ou faz ruído, o gritador". T. S. Aqui *pú* tem a acepção de rumorejar, como rumorejar também faz o mesmo autor significar *purú*. *Iapum* e *Iapú* têm o mesmo rad. *iapí*, a terminação *i* e *u* são: o primeiro um dimin. e o segundo um aument. *Iapí*, tem diversas significações, entre as quais a de "tocar gaita, flauta." O grito habitual de ambas estas aves é assás parecido com o som, agudo num e grave noutro, de uma clarineta. Parece-nos, pois, que etimològicamente pode ser traduzido por "o tocador de gaita-*assú* e *miry*.

IAPECUÉRA, var. *apêcuéra*. Casca dorsal dos quelônios, c. d. *apêcuéra*, pròpriamente o casco já tirado.

IAPÚ-ASSÚ. *Gymnostinops bifasciatus*, Spix.

IAPURUCHITÁ. V. *Puruchitá*.

IAPURUTÊRÊ. "Porco do mato que, pela grandeza, dentes e fereza, dizem ser os mesmos da Europa". Voc. do M. G.

IAQUIRANA, var. *iuquirana*, guar. *nhaquyran*. Cigarra.

IAQUIRANHAMBOIA. Espécie de cigarra que o vulgo, sem razão, tem como muito peçonhenta, c. d. *iaquirana-mboia*.

IARARACA, guar. *yarará*. *Bothrops atrox*. Cobra das mais peçonhentas; c. d. "*yará-ag*, o que colhe ou agarra envenenando, ou vulgarmente, o que tem bote venenoso". T. S. Nesta etim. o autor amplia a acepção de *yará*, dando-lhe significações que não lhe competem; não significa nem agarrar nem bote. Mont., aliás tão completo, traduz-lo por torcer, colhêr, recolher, colhêr água.

IARAQUI, *Prochilodus binolatus*. Peixe amazônico.

IARATITÁ. Larvas de bezouros.

IARAUÁ, s-t. *igaragoá*, var. n-t. *iaguarauá*. Peixe-boi. Mais usada é a var. *uarauá*.

IARAUIRA, *Doras costatus*. Sin. de *quiriquiri* no Alto Tapajoz.

IASSANÃ, s. m. *Parra jacana*, c. d. "*y-assã-nã*, o que grita forte, o que tem grito intenso". T. S. Dificilmente se pode dar esta etim. em nhêeng.; nesse dialeto seria necessário que *sacemo* se contraísse em *assã* e *nã* mudasse de significação.

IATITÁ, s. m. guar. *jatitá*. Sin. de *uruá*.

IATIÚ, s-t. *jatiú, nhatium,* guar. *nhatiú*. Espécie de *carapanã*.

IATIUÓCA, var. *iatiuca, iateuca,* s-t. *jatibóca,* var. *jacebuca,* guar. *iatebú*. Carrapato. Nome dos *Ixodes*.

IATURANA, *Chalceus taeniatus*. Peixe fluvial.

IAUACÁCA, Lontra. *Lutra brasiliensis,* s-t. *jaguacáca* e *jaguacacáca,* guar. *guairacá,* c. d. *iauára-cáca,* sendo o último componente a imitação da voz dêste animal.

IAUACÁCA-I, Espécie de lontra menor que a precedente.

IAUÁ, Sin. *acãmatanga, aiurú-été-cú. Androglossa Dufresnii*. Vide acãmutanga.

IAUAJIRA, s-t. *jagoajira*. Escorpião, rabo torto.

IAUARA, s-t. *jaguára*. O nome por excelência dos grandes felinos e dos *Canidas*. O port. não o adotou, como o fez a francês: *jaguar,* mas entra na composição de diversos vocs.: *Iauaratipua, Pirajaura, Iaguarary, Iauaruna,* etc. Atualmente *iauára,* cão, *iauraté,* onça.

IAUARARY, guar. *aguarari* c. d. *iauara-r-i*. Cão, cachorro.

IAUARUNA, var. *iauarapichuna,* var. *iauaratépichuna*. Tigre, onça de pelagem negra.

IAUARA-QUIYUA, s-t. *jagoára-quyba*. Pulga. Traduz-se literalmente por "Piolho de cão".

IAUARA-PINIMA, guar. *iaguá-pynĩ*. Tem êste nome uma variedade da *Felis onca* : "amarela e negra, manchas reunidas em aneis". E. G.

IAGUÁ-TIRICA. *Felis pardalis,* L. Têrmo s-t.

IAUÊUÉRA, guar. *yabeby,* s-t. *jabebyra,* Arráia. *Trygon*. O Vov. do M. G. traz os nomes de diversas espécies ou variedades dêste peixe: *jabety-tinga, nari-nari, nari-nari-pinima, jereba*. Êste último equivale ao nhêeng. *iereua,* virar-se, voltar, pairar, esponjar-se, e refere-se ao fáto de deixar na areia das praias a arráia uma depressão de maior ou menor diâmetro, como o fazem certas aves, como a galinha e alguns inambús, quando se espojam em lugar poeirento. Esta arráia jereba, a *aiereba* de Marcgrav, citado por Mart. é a *Trygon Aiereba,* de Müller. Não terá o nome dêste peixe *iauêuêra,*

relação com o seu modo de nadar, ondulando os prolongamentos laterais do seu corpo, com movimentos alternativos de baixo para cima, à imitação do vôo dos passaros: *uêuê ?*.

IAUTI, var. *iabutí*, s-t. *jabuti*. Cágado, nome de diversos quelônios, c. d. "*ya-u-ti*, o que come pouco, animal de pouco comer". T. S., C. d. "*yy-abú-tí*, o que tem fôlego tenaz ou persistente". Bapt. Caet. *Tí*, pouco, não é tupí; ter muito fôlego traduzem os índios por *pytú-pucú*. Sendo a palavra *jaboty* do dialeto tupi e não guar., parece não terem cabimento as opiniões dêstes dois ilustres tupinistas. Pensamos provir *jabuty* de *iapoty*, amarrar. O *jabuty* encontrado pelo caçador para ser transportado às costas, é amarrado com uma envira, que passa pela parte inteira do casco inferior e por baixo das pernas; é assim que chega à *taba*: amarrado.

IAUTI-CARUMBÉ. *Testudo tabulata*. No Baixo-Capim é a variedade, cujas escamas das pernas são amarelas. Segundo Silva Coutinho, citado por E. G., é também conhecido êste jabuty por *jabuty-tinga*.

IAUTI-APEREMA. Vide *aperema*.

IAUTI-MATAMATÁ. Vide *matamatá*.

IAUTI-PIRANGA, ou *iauti-tucuman*. *Testado carbonario*. Aquêle, cujas escamas são de um encarnado vivo. O *jabuty*, na época da reprodução, junto à *jabota*, nome dado à fêmea, emite sons fortes, parecido com o grasno do socó-boi, e êsse epitalâmio rouquenho repercute-se ao longe pela mata.

IATI-PARÓRÓCA. Pequena espécie de cágado terrestre.

IAUTI-TINGA. Os índios fazem diferença entre êste e as outras variedades.

IAUYRÚ, guar. *iabyrú*, s-t. *jabyrú*. *Iaburú*. *Tantalus loculatur*, c. d. "ya-abirú, a que é repleta ou inchada, alusão ao grande papo da ave dêsse nome, isto é papuda". T. S. O *jaburú* marajoára, do qual temos visto centenas, não tem papo saliente, nem relativamente maior do que o da garça, do maguary, do socó-boi, não é papudo; parece, portanto, ser diferente do jaburú sulista. O nome do *jaburú* dá lugar a uma deplorável confusão por designar três aves diferentes, posto que tôdas da mesma família das *Ciconidae*: nos rios do sertão tem a *Mycteria* americana êste nome, no sul e em outras regiões do centro conhecem por *jaburú* a *Ciconia maguary*, en-

quanto que nós na ilha do Marajó reservamo-lo sòmente ao *Tantalus loculator*, conhecendo a *Mycteria americana* por *Tuyuyú* e a *Ciconia maguary* por *Cauauá*. Sin. brasileiros: *Passarão, Cabeça de pedra*.

IBYBÓCA, var. *ybybóca*, etimològicamente mais correto. Cobra coral.

IÁUA, var. *caua*, s-t. *caba*. Gordura, banha. *Tapyra-icaua*, manteiga de vaca.

ICURÊ. Sin. s-t. de *tapiryra-caapóra*, anta.

ICOTOTÚ. Gorgulho.

IETY-MICHIRA, var. dada por Marcgrav: *aypi-michira*. Peixe, cujo nome port., segundo o Voc. do M. G., é Bodião, c. d. *ietica-iutica*, batata doce, ou c. d. *aypi*, macachêra, e *michira*, assada. Custa a compreender a razão destas denominações a êste peixe do oceano.

INAIÉ, s-t. *inagé*, e *inayé*, var. *anagé*. guar. *yndayé*. *Astur magnirostris*. Espécie de falcão, também conhecido, no Sul, por *Carijó*.

INAMBÉ, var. anambé. *Phaenicocercus carnifex*, L. Sin. *uirá-tatá*, *Saurá* (aracy-uirá) E. G. O nome de *uirá-tatá* por ser vermelho, côr de fogo.

INAMBÉ-ASSÚ. O canto desta ave parece-se com o da araponga. Não podemos afirmar que êste pássaro do Alto Capim seja o mesmo *Inambé-assú* dos naturalistas, *Gymnoderus foetidus*, L. Sin. de *inambé-pitiú*.

INAMBÉ-PARÁUA, var. parda, com pintas brancas.

INAMBÉ-TINGA, var. de azas brancas em corpo azul-metálico. *Xipholena lamellipennis*. Sin. *Bacacú* preto. Aza branca.

INAMBÉ-UNA. *Querula cruenta*, Bodd.

INAMBÉ-UY. Espécie tôda azul, *uy*, s-t., *oby*, guar. *toby*, azul. *Cotinga cotinga*, L.

INAMBÚ. Nome de diversos galináceos *Tinamidae* de vôo pesado e ruidoso. No sul, segundo T. S., também pronunciam *inhambú*, guar. *ynambú*, c. d. "*y-nam-bú*, o que corre surdindo ou emergindo, ou o que levanta o vôo rumorejando". T. S.

Realmente o *inambú* tem um vôo bastante estrepitoso, mas vôo, voar em guar. e em aban. *bêbê*, em nhêeng. *uêuê*, está longe de *nam*, que significa correr. Bapt. Caet. fornece-nos outra etim. ainda mais inverosímil: "*y-am-bur*, o que se levanta a prumo"; o que nunca acontece com qualquer das espécies de *inambús*, cujo vôo é muito oblíquo; fogem num vôo rasteiro, barulhento para pousar mais longe no chão.

INAMBÚ-ASSÚ. Sin. *inambú-ton* ou *tona*. O maior de todos, pedrez, raro, Talvez seja o *Crypturus obsoletus* dos naturalistas.

INAMBÚ-ACÃMYTANG. Espécie pequena da várzea, *acãmy-tanga*, de cabeça encarnada.

INAMBÚ-AIANGA. Assás pequeno. Pelo seu assobio lúgubre deram-lhe êste nome. *Crypturus variegatus*. E. G. dá como sin. *Chororão*, *Inambu-puranga* e de *Inambú-Saracaira*. Sua carne é saborosíssima.

INAMBÚ-PÉUA. Espécie vulgar. Vide *peua*.

INAMBÚ-MIRY. *Crypturus tataupa*.

INAMBÚ-SARACAIRA. *Inambú-relógio*.

INAMBÚ-TUYRA. *Inambú*, cuja plumagem cinzenta deixa nas mãos um pó da mesma côr. É provável ser o *ynambú-aquyá*, tupi *quia*, sujo dos guar. No Sul, informa E. G., dão-lhe o nome *inambú-sujo*. Talvez seja o *Crypturus cinereus* dos ornitólogos, e nesse caso sin. de *inambú-coá* e de *inambú-pichuna*.

IPÉCA, guar. *ypeg*. Pato. Mart. dá a *goabirú* a significação de pato.Vide *uaiurú*.

IPÉCA. *Cairina moschata*. Pato bravo. Pato de Cayena ou Pato castelhano. *Sarkidiornis carunculata*, Licht.

IPECÚ. Nome genérico dos picapáus, mais especialmente do maior de penacho encarnado, *Campephilus robustus;* guar. *ipecũ*.

IPECU-ACÃ-MIRÁ. Segundo E. G., o *Coephocus lineatus*, L., mas supomos que êste *acã*, contr. de *acanga* e que *mirá* está por *mirã* contr. e var. de *miranga* por *piranga*. É o pica-páu de cabeça vermelha.

IPECÚ-I-PINIMA. *Celeus undatus*, L., c. d. *ipécú-i-pinima*.

IPICÚ-MIRY. *Melanerpes cruentatus*, Bodd.

IPECÚ-TAUÁ. Picapáu amarelo, *Crocomorphus flavus*, Müller.

IPECÚ-TERÊRÊ. Pequeno picapáu pardo. Voc. do M. G.

IPEQUI, var. *pequi*. *Podoa surinamensis*, c. d. *ipeca-i*.

IPEQUI. *Heliornis fulica*, Bodd.

IRERÉ. *Dendrocygna viduata*. E. G. var. *ereré*.

IRA. Mel, abelha, guar. abelha *eirú*, mel *ei-reté*, sendo *eirú* contração do *yra-ruba* tupi. Vide *yra-maya*.

IRARA. *Galictis barbara*. No Sul sin. *jaguá-pé* (*jaguara-peba*), C. de "*yra-ra*", o que colhe mel, o lambe mel, o papa-mel. T. S. "*yara-ra, senhor do mel*". E. G. "yra-uara", comedor de mel, do qual a designação sulista "papa-mel" talvez seja a tradução literal. Na etim. dada por T. S. o último componente *ra* será contr. de *iará*? *Iará* significará papar, lamber? Vide *iararaca*.

IRACHIM. *Trigona helleri*. Espécie de abelha, c. d. "*yara-chaim*, ninho de abelha crespo", Von Iher.

IREMBOI. Espécie de abelha: c. d. "*ira-mboaci*, mel que faz dôr". Nogueira; corr. de "*arombou*, abelha que faz tremer". Bapt. Caet. Não será antes c. d. *yra-mboia*? A formação é regular, como em *iaquirana-mboia*, *tariira-mboia*, *arara-mboia*, *parauá-mboia*, *cutimboia*.

IRICICA. *Arius nuchalis*, *A. pleurops*.

IRIRI, var. *yryry*, *iryry*, *reri*, *riri*, guar. *tambá*, ostra.

IRIRI-ASSÚ. Espécie de ostra grande.

IRIRI-PEUA. Idem, menor.

IRIRI-TINGA. Outra espécie de ostra.

IRITINGA. *Arius prosps*.

ISSÁ, var. *ussá*, guar. *ussá*, caranguejo.

ISAUBA, var. *yssauba*. No Norte o primeiro é mais usado; guar. *issá*. Sauba.

ISSOCA, var. *sassoca*, guar. *yssog*, *hassog*. Larva de inseto, verme. O guar. não emprega indiferentemente *yssog* e

hassog. Para a larva em geral usa *yssog*, quando determina a espécie usa *hassog*. O mesmo acontece em tupi com o têrmo equivalente *issoca* e *sassoca* ou *tassoca*, ex. *soô-rassoca*, bicho, larvas da varejeira, literalmente vérmes da carne.

ITAN. Concha. Molusco. Das válvulas dêste animal usavam os guaranís à guisa de colher, daí a sua acepção de colher nesse dialeto. No litoral assim chamavam, segundo o Voc. do M. G., os grandes mexilhões, designando os dágua doce, menores por *itan-miri*.

ITAPEMA, var. *tapema*. Gavião-tesoura. *Nauclerus furcatus*.

ITATINA. Girino, larva do carapanã, ao qual vulgarmente chamam "cabeça de prego".

ITUI, s.m. *Carapus fasciatus, Sternarchus albifrons, Sternopygus sarapó*. Peixes d'agua doce, guar. *toby*.

ITUI-TUI. *Massarico*. Parece-nos onom. *Charadrius Azarae*.

IÚ, adj. s-t. *juba*. Amarelo. No Sul corrompem êste voc. mudando-lhe o acento tônico da primeira para a segunda sílaba; jubá em vez de juba, dizendo *itajubá*, por *itajuba*, ouro, *tui-apoti-jubá* por *tui-apo ti-juba*.

IUÁ. Braço, s-t. *gybá* ou *jybá*.

IUÉ. No Sul *gia*. *Rã*. *Hyla venulosa*, *H. rubra*, *Dendrobates tictoria*, var. *iui*. No Capim *iué* não é sin. de *iui*; *iué* designa um sapo e *iui*, uma rã. No Maranhão a cor. *gia* também vingou, como se pode ler na Por. mar., que dando a var. *jui*, adverte em nota: "atualmente *gia* e não mais *jui*".

IUÉ-ASSÚ. Espécie maior.

IUÉ-PAPEUA. Espécie de rã, c. d. *iué-pó-peua*.

IUPARÁ. *Cercoleytes caudivovulus*.

IUPARÁ-YRa. Abelha avermelhada que faz o ninho nos buracos das árvores.

IUPITI, ou *iupatim*. Segundo Mart., citado pelo Prof. E. G., significa "animal que sustem ou carrega sua cria: *iepoi-taina*, dando-o os tupís à "*mucura-chichi*". Esta etim. é inexata; *iopoi* não significa suster ou carregar, mas sim dar de comer, alimentar, sustentar. Isso mesmo repete o sábio

alemão no seu vocabulário tupí-port. alemão: *iepoi*, alimentar, sustentar, cevar"; o seu êrro dimana de ter tomado sustentar no sentido de segurar, carregar, em vez de aceitá--lo com a acepção de *nutrir*. Para evitar ambiguidades bem fez o P. Marcos Antonio (*Chrestomathia*), escrevendo: "iopoi, sustentar com comer". O dic anon. de 1795, também é explícito; "iepoi, dar de comer". No Capim os índios dão êsse nome ao *jupurá*.

IUQUIRI, var. *iuquêrê*. Pavão. *Eurypiga helios*.

IURARÁ. Sin. *uirará-assú, iurará-tinga*. *Podocnemis expansa*. Tartaruga..

IURATIM. Pequeno picapáu, c. d. *aiura-tinga;* pescoço branco.

IURÚ, s-t. *jurú*, guar. *iurú*. Bôca.

IURUEBA, var. *jurueca*. Papagáio caboclo. *Androglossa vinacea*.

IURUPARI. Diabo, demônio "*uirú-pó-ari*, literalmetne bôca-mão-sôbre, tirar da bôca". Couto de Mag. Bapt. Caet. traduz-lo por "ser que vem à nossa rede, isto é ao lugar onde dormimos". T. S. preconiza "*iurú-porim*, bôca-torta". Nenhuma delas merece aceitação; guar. *anhang*.

IURUPARI-QUIUÁUA. Em algumas tribus contr. em *iurupari-guiá*, Centopeia. Sin. *ambuá-assú*, c. d. *iurupari* e *quibaba-quiuaua-quiá*, pente.

IURUPARI-PAMPÉ. *Geophagus Daemon*. Será *pampé* corr. de *poapen*, unha do diabo?

IURUNA, var. *iurú-pichuna*. Sin. *iurupari*. Macaco de bôca preto. *Chrysothrix sciurea*, c. d. *iurú-una*.

IURUPIRANGA. *Arius rugispinnis*. Sin. *Bagre branco*, c. d. *iurú-piranga*.

IURUTÍ, guar. *yeruti*. Nome dado a diversos *Columbidae* "de *yeruti* ou *yuruti*, nome comum para as pombas em tupí, c. d. *iurú-ti*, pescoço branco". T. S. Se o filólogo baiano traduz *iurú* — por pescoço como traduzirá bôca? que significação dará a *aiura-ajura*, guar. *ayuayur?* A nasalação do *tim-tinga* não desaparece e isso o ilustre tupinista pode observar na palavra *juratim* encontrada no Voc. do M. G. o verdadeiro "pescoço branco".

IURUTI-ÉTÉ. *Leptoptila rufaxila*.

IURUTI-PIRANGA. Avermelhada de bico encarnado da mata.

IURUVIARA. *Virco chivi*, Vieill.

M

MACACA. Macaco.

MACACA-IANDÚ. Aranha arborícola, listada de amarelo e preto. *Macaca-iandú* por ser muito ágil, pulando de um galho para outro a grande distância como os símios.

MACAVOANA, var. *macavana*. Sin. *aiurú-catinga*, no Araguaia, ararinha. *Sittace modesta*.

MACARAUÁ. Passarinho dos campos e roças.

MACÚ, s. f. Formiga ruiva parecida com a samba, que, como esta, danifica as plantas, mas cujo ninho pouco profundo é facil de destruir.

MACUCÁUA. Espécie de *inambú* do Amazônas. *Tinamus solitarius*. Segundo Mart. quer dizer côr da plumagem variedade, c. d. *macuca* e *goá*, macaca significando "côlar plumarum"; não conhecemos, notando-se ainda que o acento tônico é na penúltima e não na última sílaba, var. s-f.*macucáva*, *macucágua*.

MACURÚ. *Bucco tectus*, Bodd. *Bucco hyperhynchus*. Haverá alguma relação entre o nome deste pássaro e o *macurú* indígena? José Verissimo descreve o *macurú* nos seguintes têrmos: "é um balanço formado por dois círculos de grossas talas, ou madeira flexível, separados um palmo um do outro, e ligados por cordas que o suspendem do tecto, onde deixam as crianças na primeira infância entregues a si próprias. Os dois arcos são revestidos de pano, sendo o debaixo forrado de modo a que a criança fique assentada com as perninhas pendentes". A esta definição acrescentamos: a corda que suspende o *macurú* acha-se atada à ponta de uma vara flexivel posta horizontalmente, cuja extremidade oposta é solidamente amarrada a um cáibro, ficando o *macurú* tão perto do solo quanto baste para que a criança toque com os pés; quando isso acontece o aparêlho põe-se em movimento, balançando-se docemente para os lados, e pela flexibilidade da vara, no sentido vertical também.

MAIPURE. Periquito de cabeça preta, *Pionites melanocephalus*, L.

MAITACA. *Pionus menstruus*, L., guar. *mbaitá*.

MAIUI, var. *meiuí*, s-t. Andorinha, *Progne tapera*, L. Talvez onom.

MAIUIRA; *Amblyopus Broussonetii*. Peixe do mangal. Sin. *Amoré*.

MAMAIACÚ. *Tetrodon psittacus*, var. *baiacú*, *goabaiacú*.

MAMANGÁUA, s. f. Espécie de bezouro. Em São Paulo *mamangaba*, que é a forma aban., designa, segundo Von Iher. uma grande abelha do gênero Bombus, c. d. "*mandá* ou *mánhaua* e *ib* ou *ibó* flexa". Êste bezouro sóe brocar as pontas dos cáibros para dentro da madeira depositar seus ovos, por ser sua larva xylophaga. No rio Capim os índios dizem também *uamangaba* e *mamangaba*. O seu vôo produz um sonoro e forte zumbido.

MAMELUCO. O produto do branco com índia. O Visconde de Porto Seguro, na sua *Historia Geral do Brasil*, diz que na metrópole chamavam *mamelucos* aos filhos de português e de moura, no século XV, antes da descoberta da América. Vem do árabe *mamluc*, pp. de *malaca*, possuir. T. S. tira-o de *mamã-ruca*, o que procede de mistura, o mestiço".

MANDÁ-AQUI ou *mandaguai*. Espécie de abelha, c. d. *mandá*, e *aguai*, cascavel e maracá de cascavel em guar. Provàvelmente a sua picada é peçonhenta e dolorosa, comparando-a por êsse motivo o índio à *maracamboia*.

MANDÁ-GUASSÚ. Espécie de abelha do Sul.

MANDASSAIA. Espécie de abelha, c. d. "*mandá e sái*, esperto vivo", Von Iher. Vide *Saí*.

MANDII, s. m. guar. idêntico. *Pimelodus altipinnis*. Peixe de família dos Siluridae.

MANDII-PINIMA. *Pimelodus* ornatus. Peixe.

MANDII-TINGA. *Pimelodus ornatus*. Peixe.

MANDORI, guar *mondori*. Nome de uma abelha que Von Iher. origina de *mandá* e *ori*, alegre".

MANDUBÉ. *Ageniosus brevifilis*. Peixe fluvial.

MANGANGÁ, s. m. Diz-nos Alípio de M. Ribeiro ser o nome de um peixe : o *Scorpaena brasiliensis*.

MAPAPÁ, *s. m. Hypophthalmus edentatus*. Peixe do Baixo Tocantins.

MAQUISSAPA, s. m. *Ateles variegatus*. Macaco.

MARACAIÁ-ASSÚ. *Felis pardalis. Maracajá-assú*. Sin. no Sul *jagoá-tirica*.

MARACAIÁ-MIRI. *Felis macrura*.

MARACAIÁ-UNA. *Felis yaguarundi*, guar.*yaguarundi*. Maracajá- preto.

MARAMBOIA, s. f. *Crotalus horridus*. Cascavel. Sin. no Sul *boitininga*, c. d. *maracá-mboia*, cobra de maracá. Ainda hoje no Marajó o chocalho dessa cobra tem o nome de maracá.

MARACANAN, s. m. *Sittace severa, S. maracanan, Conurus leucaphtalmus*. C. d. "*maracá-nan*, semelhante ao maracá, que imita o maracá" ! T. S. Semelhança que não passa pela mente de quem ouve o palrar ou o grito estridente dêste passaro, tão vulgar aqui nas Dunas.

MARACANAN-ASSÚ, Sin *Anacan*.

MARANHON, s. m. *Phoenicopterus ruber*, e *P. ignipalliatus*. Ganso do Norte, Flamingo. Pensamos que a etim. do nome do Estado vizinho pelo Sul deve ser procurada no desta ave". "Conhecem o Flamingo também na costa do Maranhão, onde o povo designa com a denominação local de Maranhão". E. G.

MARACOANŸ, s. m. Espécie de caranguejo trivial na Vigia e litoral atlântico. O Voc. do M. G. define-o "caranguejo maior de todos e da bôca maior que o corpo.

MARAPATÁ, s. m. Atualmente em algumas localidades corr. em *mapatá*. Espécie de tainha, cujas escamas se parecem com as do curimatá.

MARICA, s-t. *tighê*, var. *teghê*, barriga, ventre.

MARICA-ASSÚ, s. m. Macaco barrigudo, segundo o naturalista Alex. Rod. Ferreira.

MARIMBONDO, s. m. Voc. desconhecido na Amazônia, sin. de *cáua* — *cabà*, vespa, mas quem é familiarizado com os sons da língua tupí sente logo a extranheza dessa palavra espúria, sem a menor dúvida. Não obstante a sua origem africana,

Bapt. Caet. fá-lo provir de *merú*, mosca *ybon* que flecha, ou fére como flecha". O tupi para frechar diz *nhebon*, var. *nhybon;* a fórma *ybon* é guar.

MARIGUÏ-UNA. *Maruim* do Mato. Voc. do M. G.

MARUIM, var. *marimi, marigui, mariuí*. Êste último é assás usado pelos aborígenes, guar. *mbarigui*, s-t, *mariguî*. Pequeno inseto sanguivoro conhecido no Sul por "mosquito pólvora". Diz-se provir de *merú--i*. *Mariguï* é a estirpe do francês *maringouin*.

MATAMATÁ, s. m. *Chelys fimbriata*. Da reduplicação de "matá, pele na língua aruan, tribu que outróra habitára o Marajó". E. G. Parece-nos, contudo, esta etim. sujeita à controvérsia. O *Matamatá*, ao qual os índios chamam *iauty-muta-mutá*, ou *iauty-mytá-mytá*, no seu casco dorsal, tem uns altibáixos regularmente dispostos, que pareceram ao indígena algo semelhante ao ondeado do cipó matamatá, e por causa dessa aparência lhe deram o nome pelo qual é conhecido. O têrmo é tupi e usado em tôda a Tupiretama, ao Sul e ao Norte do grande Amazonas. A pronúncia castiça é *mytá-mytá*, reduplicação de *mytá*, degrau, palanque, girau tosco; mas o índio atualmente prefere dizer *mutá-mutá* e os civilizados *matamatá*. Vide *mutá* no Glos. par.

MATIRON. Matirão. *Nycticorax violaceus*. Pernalta marajoense.

MATINTAPÊRÊ. *Dyplopterus naevius*. Avezinha que passa por agoureira. O nome imita o tristonho canto. S-t. *Saci-cerêrê*, corr. por muitos em *matintapereira*. Sendo o nome onom. não se pode aceitar a etim. citada por J. Verissimo : *matin-uatá-perêrê*, "*matin* anda gritando", na qual *perêrê* não nos parece ser traduzível por gritar. O melancólico canto do *matin-ta-pê-rê* compõe-se de cinco notas, como de cinco sílabas o nome; ora, contando-se sete nas três palavras propostas, desaparece a onomatopéia.

MATUI. *Massarico*. *Himantopus nigricolis*.

MATUITUI, var. *ituitui*. Massarico pequeno. Onom.

MATURIÁ, s. m. Cigana. *Opisthocomus cristatus*.

MATUPIRI, s. m. *Tetragonopterus fasciatus*. Pequeno peixe dágua doce. No baixo Capim alguns erradamente fazem êste têrmo sin. de *piquira*.

MAUARI, s. m. *maguari*, guar. *mbaguari*, ave, *Ardea cocoi*, L. Pela falta da cedilha *soçoi* transformou-se em um novo voc. *cocoi*.

MAUBATARÁ. Sin. Choca. Diversos *Formicaroides* assim são chamados, como o *Thamnophilus palliatus*, Lich., o *T. simplex*, Sclater, o *T. doliatus*, L.

MERÚ, var. *mberú*, *berú*, guar. *mberú*. Mosca.

MERÚ-RAYRA. Bichos de vareja, c. d. *merú-tayra*, filhos de mosca.

MERÚ-UY, s-t. *merú-oby*. Varejeira. *Lucilia macelaria*. Literalmente mosca azul.

MERÚ-YRA. Abelha cinzenta pequena.

MINHOCA. Aulete dá esta palavra como portuguesa, mas T. S. quer ver sua origem tupi em "*minhoc*, ou em *mi-nhog;* o que é extraído, arrancado ou tirado". O segundo componente em tupi se escreve *ococa* — *iooca*, guar. *og* var. nhêeng. *iuoca*, nunca *nhoc*.

MINICÓ. Põe-mesa. Inseto da família dos *Mantidae*. Sin. abanh. *caájára*, c. d. *caá*, folhagem, herva, e *iára*, senhor, dono, que no Voc. do M. G. se acha vertido pelo têrmo ultramarino "Louva a Deus". O nome "põe-mesa" origina-se dos tempos coloniais pelo hábito que tinham os criados escravos de serviram à mesa conservando-se em torno déla durante as refeições dos senhores, imóveis, de braços cruzados, imitando a posição das patas anteriores do minicó.

MIUÁ, s-t. *megoá* ou *migoá* ou ainda *mbiguá* e *biguá* guar. *mbiguá*. Mergulhão. *Phalacrocorax brasiliensis*.

MINUÁ, s. m. Espécie de *uruá*.

MOCIQUY, s. m. Alforreca, medusa, caravela de Guiné.

MOCIQUY-TINGA. Variedade branca da medusa.

MOCIQUY-PIRANGA. Varedade vermelha da alforreca.

MOCÓ, s. m. *Cavia rupestris*, c. d. "*mo-coó* ou *ma-coó*, bicho que roe, animal roedor". É de T. S., mas não poderá ser aceita sem alguma explicação mais. Roer em gúar. *caraĩ*, em tupi *suú-suú; mo* ou *ma* com essa acepção nos é desconhecida em tupi. Bicho, animal, em ambos os dialetos é *soô* e não *coó*. Vide *Socó*. *Mocó* é têrmo trivial na Amazônia, porém com acepção mui diferente. Vide Gloss. par.

MOMBUCA. Espécie de abelha. No Capim pronunciam *imombuca*. Significa, segundo Von Iher., "furando".

MOPETECA. Var. *murupeteca pumumbuca* significa torcer. Espécie de formiga, c. provàvelmente de *mu-peteca*, por bater as mandibulas produzindo um ruido ou estálido, quando assanhada. Não a conhecendo, não podemos sinão aventar a hipótese.

MOQUIRANA, s. f. Chatos, piolhos ladros. Sin. *quyuarana*, contr. em *quyrana*.

MOQUIRANA-RAYRA. Lêndas de chatos, *rayra - tayra*, filhos.

MOROSSOCA, s. f. A Por. mar. escreve *merussoca*, e assim alguns índios ainda pronunciam. Faria dá uma etim. que citamos no Gloss. par. em contradição com *merú-soc*. traduzivel por "mosca pungente".

MUCUIM, s-t. *mucuỹ*. No Rio Grande do Sul dizem *micuim*, Ácaro minúsculo encarnado.

MURIQUI, var. de *byryquy*.

MURUCUTUTÚ, s. m. Espécie de coruja, cujo nome é onom. *Pulsatrix perspicillata*.

MURUTUCÚ, s. m. E. G. diz que êste nome é genérico no Amazonas para qualquer coruja *Strigides*. Na nossa opinião o quadrisílabo *murutucú* é onomatopaico e sin. de *jacurutú*. *Bubo crassirostris*.

MUSSUAN, s. m. *Cinosternon scorpioides*. Pequeno quelônio dos mondongos.

MUSSUM, s. m. *Engystomo marmoratus*. Peixe anguiforme que vive nos lagos e rêgos atolentos.

MUTUCA, s. f. No Sul *botuca*, guar. *mbutú*. Tavão, moscardo, c. d. "*mo-tuca*, a que perfura ou aguilhôa, a perfurante ou picante", T. S.; *cutuc*, aguilhoar, ferretear, picar, com o pref. *mú* reforça a expressão; pela queda da primeira sílaba do segundo componente : *mutuc*.

MUTUCA-ASSÚ. *Mutuca* de cavalo. De tôdas a maior.

MUTUCA-MIRY. *Mutuca* em tudo semelhante à supra, menos no tamanho.

MUTUCA-CAN-MYTANG. Cinzenta de cabeça vermelha, *acanga-pytanga*.

MUTUCA-PICHUNA. Bijogó. Pequena preta com as pontas das azas brancas. O têrmo "bijocó", pelo qual é conhecido no baixo-Capim, parece africano pela fonação.

MUTUCA-PARÂUA. Cinzenta com listas brancas no abdomen.

MUTUCA-PIRÚ. Pequena, avermelhada. Dão-lhe êste nome, porque seus tegumentos moles, sem consistência, a fazem fàcilmente esborrachar-se com qualquer leve pressão: *pirú*, moderno; *pirung* antigo, pisar.

MUTUM-ASSÚ. *Crax carunculata.* No Sul *mutum* de assobio ou *mutum* de fava.

MUTUM-ÉTÉ, *Mitua mitû*, L.

MUTUM-PINIM. *Crax fasciolata*.

MUTUM-PIRÍ. Sin. *mutum-cuarapiranga*, sin. bras. *mutum* da várzea.

MUTUM-PURANGA. *Crax alector*.

MYACYPIRÁ. Peixe voador. Sin. *Pirauêuê*.

MYCURA, guar. *mbycú*. No Sul *sariguêia*. *Didelphis marsupialis*. Em aban., encontra-se a palavra *myquyra*, que o autor do Voc. do M. G. traduz por rabadilha, especificando: "rabadilha como de galinha." É possível que também significasse o saco marsupial.

MYCURA-CHICHI. *Didelphis cuica*, e *D. cinerea*. No Sul *cuica*. Vide *chichú* no Gloss. par.

MYRYQUY. *Eriodes hypoxanthus*, var. de *byryquy*.

MYRYQUYNAN. *Nyctipithecus trivirgatus*.

N

NAMBÍ. Orelha, *Nambieyma* ou *Nambicyca*, sem orelhas, troncho. Vide *nambi* no Gloss. par.

NARINARI, s. f. var. *arinari*. Arraia, desprovida de ferrão.

NEMA, adj. var. *neme, inema*. Fedorento, fétido. Em composição pode mudar o *n* em *r; ybarema,* alho *ybaremassú,* cebola, *apurema, ybyrarema,* etc.

NHANDÚ. Vide *iandú*.

NHANDÚ. Sin. ema, churi : *Rhea americana*. É têrmo sulista.

NHETINGA. "Mosquitos que acodem às feridas". Voc. do Museu Goeldi.

NHETINGA-RURÚ. "Mosquitos como de vinho". Voc. do Museu Goeldi.

NHUAPUPÉ. Perdiz. Voc. do M. G. *Rhynchotus rufescens*. Parece voc. muito alterado, c. d. *nhũ,* campo *âpú* corr. de *inambú, pé,* contr. de *peba*: *inambú* rasteiro do campo.

O

OAME, guar. *muã*. Vagalume, var. *uame*.

OBY. Vide *uý*.

OIQUY-RATÃ. Peixe-rei. Voc. do M. G. *Ratã* parece corr. de *rantan,* por *-tantan* aban., correspondente ao *antan* nhêeng.

P

PACA, guar. *pag. Coelogenis paca*. Os índios diferenciam a *pacatinga,* cinzenta da *pacapiranga,* avermelhada. T. S dá-lhe como origem: "pag, o que é vivo, ágil, corredor". Se o erúdito baiano tivesse aquinhoado à *cutia* êsses predicados não teria errado, mas à paca ! Êste roedor noturno não é nem vivo, nem ágil, nem corredor. Basta vê-lo para verificar que é pesado, pouco inteligente, e que correndo depressa cança. *Pac,* guar. *pag,* significa acordar, despertar, mas em tupi não tem a acepção de esperto, vivo, finório, que lhe damos em português. Não é em *pac,* acordar, que o tupi foi buscar essa acepção, mas sim em *quéra,* dormir: *quereyma,* sem dormir, significa esperto, vivo.

PACAMON. *Pacamão. Batrachus surinamensis*. Êste peixe tem a propriedade de delir-se fàcilmente quando cozido, *mong,* moderno *mongui,* por isso preparam-no frequentemente de *mugica*. Vide esta palavra no Gloss. par.

PACÚ, guar. *pacú*, "corr. de *pag-ú*, rápido, veloz no comer, é o peixe fluvial *Prochilodus argenteus*". T. S. O *pacú* paraense, *Myletes rhomboidalis*, é um peixe chato, arredondado, que se alimenta de vegetais, motivo de não precisar comer rápida e sofregamente. Habita águas tranquilas de pequena correnteza. Sin. *pacú-tinga, pacú-peua*.

PACÚ-ASSÚ. Sin. *pacú-pichiuna*. Assim denominam no alto-Capim um peixe escuro, com os lados vermelhos, que cresce até 40 centímetros.

PACÚ-TUÍ. *Myletes discoides*. Outra espécie de *pacú*.

PAIÉ-YRA. Abelha preta, c. d. *paié-pagé, yra*, abelha.

PANÃME. Borboleta, mariposa, var. *panãpanã, panãma*, guar. *panã, panambí*.

PANÃME-USSÚ. Grande borboleta da mata.

PARATI. Tainha, *Mugil incilis*. T. S. deriva-o de "*pirá-tí*", peixe branco". O erudito tupinista esqueceu que a nasalação da primeira sílada de *tinga* sempre perdura, e que o voc. composto *piratinga* se conserva sem contrair-se, tanto no Norte como no Sul. Vide *Piratinga*.

PARATIQUÊRA. *Pratiquêra*. Tainhas miudas que em enormes cardumes sobem, no verão, pelo rio Pará. Será contr. de *parati-piquy* ?

PARAUA, adj. Pintado, listado, versicolor, variegado. *Paráua* existe em aban. com a forma *parabo*, e em guar. *parab*. Mart., no seu Voc., dá o têrmo guar. mas esquece a s-t. No dic. anonymo de 1795 lemos esta palavra com à reduplicação: "Côres diversas, *jeparáparábo*.

PARAUÁ, guar. e s-t. *paraguá*. Em geral papagáio, mas no Capim os índios reservam êste nome ao *aiurú--assú* sòmente.

PARAUA-I. Papagainho. *Pionus fuscus*, Müller.

PARAUACÚ. *Pithecia hirsuta*.

PARAUAMBOIA. Cobra verde, arboricola, peçonhenta, c. d. *parauá-mboia*, sua côr fê-la assim denominar.

PARIRI. *Geotrygon montana*, L. Sin. *iuruti-piranga*.

PARÚ. *Peprilus parú*, L. O Voc. do M. G. verte êste voc. por "Peixe enxada".

PATATIUA. Patativa. Avezinha contora. *Spermophila plumbea.*

PATURI. *Anas viduata.* Corr. de *potiri.*

PAUCHI. *Crax tuberosa, Mutum pauchiz.* Espécie existente no Baixo Amazonas, no distrito de Obidos.

PAVÓ. *Pyroderus scutatus*: "Ave grande e negra de pescoço anterior e peito brilhantemente vermelho". E. G. Não podemos afirmar ser tupi esta palavra.

PECAY. Segundo Barb. Rod.: "palmipede do igapó do gênero *Podiceps*, que canta mui alto". Provàvelmente c. d. *ipeca-i.*

PEITICA. Maria é dia. *Empidonomus varius.*

PEMA, var. *pemba.* Sin. de *peua.*

PEPEUA. Sin. de *Caninana.*

PEQUI. *Anas dominica.* Espécie de pato, c. d. *ipeca-i.*

PEPÓ, var. *pepá.* guar. *pepó.* Aza.

PÉUA, aban. *peba,* guar. *peb,* adj. chato, plano. Em composição se o subst. que o precede acaba em vogal nasal, muda o *p* em *mb. Péua* tem ainda a significação de rasteiro, baixo; aos animais de pernas curtas e por isso de pequena altura também classificam os índios de *péua*: *potiri-péua, jagoapéba.* A algmas aves, como o *inambú-péua,* igualmente, porque quando vêem o caçador se agacham quietos e com a sua côr se confunde com a da folhagem seca, passam algumas vêzes desapercebidos. *Péua* significa ainda raso, como em *Puampé* e *Puampezinho,* pequenas ilhas na costa do Marajó, c. d. *apuam,* var. de *ypãu,* ilha, e *péua,* rasa; esta acepção é igualmente encontrada em *ygapeba,* c. d. *ygára-peba,* jangada.

PIABA. *Curimatus vittatus.* Peixe. É voc. aban.

PEYPYCÕIA. Espécie de bezouro. Talvez seja êste nome referente ao caturra, que prolonga por largo espaço a cópula, dai o *cõia* ou *conha,* gêmeos, juntos, pegados, unidos.

PIASSOCA, s-t. *aguapeassoca,* guar. *aguapeassog,* que Mart. traduz por "ave no *auapé* saltitante. Piassoca é corr. de *auapeassoca.* Os naturalistas dão a êste pássaro o nome de *Parra jassanã,* mas no Pará damos o nome de *jassanan* a uma ave diferente.

PIÁU, guar. *ypiau*. Sardinha. Peixe do Salgado, que deu o seu nome ao Piauí

PICAPÁRA. *Heliornis fulica*. Sin., segundo o Príncipe zu Wied, de *ipequi*. C. d. *ipeca-apára*.

PICASSU, var. *pecassú*, c. d. *picui-assú*, guar. *apycassú*. Pomba torquaz. *Columba speciosa*. O latim *torquatus*, colar, alterou-se, passando para o port. primeiramente em "torquaz", depois em "trocaz", e por fim em "trocal", que é como pronunciam no Pará. Tem a pomba torquaz êste nome pela espécie de colar de côr violeta no pescoço.

PICASSÚ-ROBA, guar. *apycassú-ró*. Pomba amargosa. E. G. diz ser no Sul aplicado êste nome à *Chloroenas infuscata*, mas que a verdadeira *picassú-roba* é a *Chloroenas rufina*, que na Bahia é designada pelo voc. corr. *pucassú*. O qualificativo provém de ter realmente a sua carne um leve sabor amargo. Nos tratados de história natural vê-se que no Sul o nome da pomba amargosa se acha estropiado em *cassaroba* e em *saroba*.

PICASSÚ-TINGA. Espécie de pomba.

PICHANA, guar. *pichan*. Gato de *pichana*, beliscar, arranhar.

PICHUNA, adj. Preto, negro, escuro, tenebroso.

PICUI, guar. *pycui*. Pomba em geral.

PICUI-I. Rola. *Chamaepelia passerina*, L.

PICUI-PÉUA. *Peristera cinerea*.

PINDAUNA. Ouriços do mar. Animal da classe dos *Echinodermas*, da ordem dos *Echinideos*, c. d. *pindá-una*.

PINTAUAN, s-t. *pintaguan*. Bemtevi. *Pitangus sulfuratus*. Onom. Vide *arirú-iú*. Os naturalistas do aban. *pintaguan*, estropiando-o, tiraram dois têrmos científicos para designar alguns bemtevis: *Pitangus bellicosus*, e *Megarhynchus pitangua*. O *pintauan*, segundo Mart., citado por E. G., tem ainda em tupi o nome de *tachuri*, também onomatopáico, mas que o botânico bávaro quer derivar de *tachi*, formiga, e *xuú*, morder, etim. cuja responsabilidade bem fez E. G. em declinar, citando o seu autor. Sin. No Sul *Triste-vida*.

PIPIRA, s. f. *Rhamphocoelus jacapa*, L. Avezinha frugívora. Onom.

PIPIRA-UNA. *Tachyphonus melalenans*, Sclater.

PITAUAN-ASSÚ. *Pintaguan-guassú* dos naturalistas. *Megarhynchus pitangua*, L.

PIQUYR, guar. *piquyr*. Piquira. Boana, peixinhos miúdos.

PIRABA. *Chalcinus auritus*. Sin. *arauiry?* Sardinha. Parece-nos que êste nome se refere a outra espécie de sardinha do mar, diferente da *arauiry*. Perto de Salinas na costa do Atlântico existe uma povoação com o nome de Pirabas, sendo êsse voc. desconhecido nos rios de água doce.

PIRABUTANGA. *Chalceus Orbignyanus*, c. d. *pirá-pytanga*, cuja var. é *butanga*.

PIRACAÁ. *Monocirrhus polyacanthus*. Peixe.

PIRACATINGA. *Pimelodus pati*, c. d. *pirá-catinga*. Peixe.

PIRACAMBEUA. Vide *cambeua*.

PIRACUTÁ. *Corvina grunicus*, c. d. *pirá*, *cutáca*, var. de *catáca*, ranger, coaxar.

PIRA-JAPÉ-AUA. Mais correto *Pirá-japeáua*. *Platystomatichthis stureo*. Êste peixe também é conhecido por *Peixe-lenha*. C. d. *iapeáua-iapeaba*, var. *iepeáua-iepeaba*, guar. *yepeab*, lenha que se origina de *iepêe*, têrmo que em guar., em aban. e em nhêeng. significa aquentar ao sol ou ao fogo. Em nhêeng. moderno o têrmo acha-se contraído em *iepeá*. A pronúncia popular atual é *pirapeuáua*.

PIRAHYBA ou *pirayua*, c. d. *pirá-ayua*. *Bagrus reticulatus*.

PIRAMUTABA, s. f. *Platystoma Vaillanti*, *Bagrus piramutá*. A pronúncia nhêeng. é *piramutaua*, c. d. *pirá*, *amutaua-amutaba*, bigode, barbatana. Deve o seu nome às longas barbatanas que tem.

PIRAMBUCÚ. *Platystoma tigrinum*, c. d. *pirá-pucú* e assim deveria ser pronunciado, porque a sílaba final de *pirá* não é nasal. Mart. pensa que *pirapucú* é sin. de *curimatá*.

PIRAMIUNA. Dourado. Peixe.

PIRANAMBÚ. *Piranampus typus*, Blecker. C. d. *pirá-inambú*.

PIRANHE, var. *ipiranhe*. Piranha, s. f. *Serrasalmo*, *piraya*. Sin. *piranhe-piranga*. O aban. diz *piranhe* e também *piráya*, sin. aproveitado no nome científico.

PIRANHE-MAPARÁ. *Serrasalmo denticulatus*.

PIRANHE-TINGA. Piranha branca. *Serrasalmo rhombeus*.

PIRACAUARA. Cetáceo do grupo dos Delphinidae, entre os quais o boto branco, *Inia amazônica* e o *tucuchy, Steno tucuchi*, c. d. *pirá-iauára*, peixe-jaguar.

PIRAMIUNA, Dourado. Peixe do Atlântico.

PIRANEMA. Marcgrav diz ser um peixe do mar; mas no rio Guajará, não longe do igarapé Iandiá, encontra-se outro pequeno riacho com o nome de *Piranema*, c. d. *pirá-nẹma*.

PIRANHUNA, c. d. *piranhe-una*. Piranha preta. É a mesma *piranhe-piranga* que envelhecendo atinge 26 cm. de comprimento e perdendo a côr rubra do ventrẹ adquire uma coloração escura sarapintada de prateado.

PIRANGA, adj. var. *pirang, piran, mirang*, encarnado, vermelho, rubro. Sin. *pitanga*.

PIRAPITINGA. *Chalceus opalinus*, c. d. *pirá-pitinga*, acinzentado.

PIRAPEMA, *Megalops thrissoides*. Peixe do mar e dos estuários. No inverno vagueiam pelos campos baixos do Marajó, ficando alguns pequenos nos lagos; c. d *pirá, pemapemba*.

PIRAPÔCO. *Xiphostoma ocellatum*. Corr. provável do *pira-pucú*.

PIRAPUCÚ. *Xiphostoma Cuvieri*.

PIRARÁRA. *Silurus pirarára*. Assim denominado por ter a carne amarelo-avermelhada.

PIRARUCÚ. *Sudis gigas*. Diz-se provir de *pirá-urucú*, por causa das pintas encarnadas que o ornam.

PIRATAPIOCA. Peixe fluvial, c. d. *pirá-typyoc*.

PIRARUPIÁ. Ovos, c. d. *pirá, supiá*, ovo.

PIRATINGA. Dourado, c. d. *pirá-tinga*. *Bagrus reticulatus* e *Piratinga Rousseani*.

PIRARUCUBOIA. Nome em alguns lugares da *Lepidosiren paradoxa*. Sin. *tariiramboia, caramurú*.

PIRAUÊUÊ, s-t. *pirabêbê*. Peixe voador. *Exocoetus volitans*, c. d. *pirá-uêuê*, voar.

PIRAUNA. Méro; c. d. *pirá-una*.

PIRAYSSÓCA. Lula do mar, siba. Voc. do M. G.

PIRÊRA. Pele, escama, casca, casco, couro.

PIRAGOAI. Buzio pequeno. Voc. do M. G.

PIRIQUITA. Periquito. Nome de diversos pequenos *Conuridae*.

PIRIQUITARUAIÚ. Periquito rei. *Conurus aureus;* c. d. *ruá-suá-tobá*, cara, *iú*, amarela.

PITANGA, adj. var. *pytanga, mytanga, putanga, mutanga, butanga*. A pronúncia atual é *pitanga*, com o *a* final muito breve. Em algumas regiões significa cinzento, pardo, fôsco, trigueiro, sendo essa a acepção dada pelo padre Marcos Antonio (Chrestomathia) e pelo Voc. do M. G.; em outras significa vermelho, encarnado, sin. neste caso de *piranga*, e naquêle de *tuyra* que o substitue no Pará. T. S. dá a êste adj. a acepção sòmente de *piranga*, o que não é exato. Em alguns pontos do território aban. *pytanga* cumulava ambas estas significações, como se verifica do Voc. do M. G., no qual pardo, moreno, côr que tira a vermelho, são traduzidos por *pytanga*.

PITINGA, adj. Turvo, barrento. Para certas tríbus o nome do Amazonas era *Paranapitynga*, segundo o dic. anônimo de 1795, nome que incriteriosamente Mart. decompõe em *paraná*, rio, *pé* caminho, *tinga*, claro, limpo. Parece-nos que *pitynga* era a primitiva pronúncia dêsse adj. Comparando *pitynga*, turvo, barrento, com *pitanga*, cinzento, vê-se que um é var, do outro. Um dos raros casos em que o *y* tupi se transformou em *a* na própria lingua.

PIUM, s. m. Inseto hematófago mui pequeno. Mart. deriva-o de *pim*, picar.

PÓ. Mão, garra. var. *pú*.

POACANG. Dedos de mão; c. d. *pó-acang*.

POACANGUSSÚ. Dedo polegar.

PORUTI. *Cypselus squamutus*. Espécie de andorinhão.

POTI, var. *potim, moti, motim*. Camarão.

POTIQUYQUYYA. Lagosta, Voc. do M. G.

POTIM-ASSÚ, guar. *potim-guassú*. Lagosta, lagostim.

POTIRI. Marreca comum, marreca do Marajó. *Dendrocygna antumnalis*.

POTIRI-GUASSÚ. No Sul nome do ganso.

POTIRI-PEUA. *Dendrocygna fulva*. Estamos em dúvida sôbre a ave à qual os índios davam êste nome; é possível que com êle designassem a pernicurta, marreca-toicinho.

PUCÚ, *adj*. Comprido, longo, extenso, alto. Em aban., pôsto que se diga *abá-pucú*, homem alto, quando se trata de seres inanimados emprega-se *ybaté* nheêng. *yuaté;* ex. *yba-ybaté*, árvore alta, o que não acontece em n-t., ex. *miritipuaí*, *genipapuaí*, *ananerapuaí*, etc. Sendo nasal a sílaba antecedente, em composição muda o *p* em *mb*.

É bem provável que *Taubaté*, cidade paulista cujo nome é derivado pelos etimologistas de "taba-été, vila, povoação considerável", T. S., provenha de *itá*, pedra e *ybaté*, alta; para poder afirmá-lo, porém, seria necessário conhecer a topografia dessa cidade, celebrizada pelo recente convênio, afim de saber se existe ou se existiu aí algum rochdo conspícuo. A permuta do *y* pelo *u* é vulgar, não só quando o têrmo passa para português, como também no tupi mesmo. A etim. proposta pelo tupinólogo baiano não explica o acréscimo do *u*. Em nhêeng. vila considerável ou cidade diz-se *mairy;* em aban. *tabeté*. Vide "cidade" na *Chrestomathia*, na qual essa palavra se acha vertida por *tabaussú*, por *tabetei*.

PURAGOACARÊ. Buzio pequeno. Voc. do M. G. Parece corr. de *pirogoá-carê*, afim do já citado *pirigoá-i*.

PURANGA, adj. var. *puran*, *moranga*, *moran*. Formoso, belo, lindo, saboroso, delicioso.

PARAQUÉ. *Gymnotus electricus*. Mart. fá-lo provir de *puruc*, bater, cutucar, o que não pode ser exato. A sensação de entorpecimento do choque elétrico dêste peixe é tão diferente da ação de *cutucar*, de bater que nos obriga a recusar a opinião do insigne companheiro de Spix. *Puraqué* significa cotovelo e também a sensação que se transmite ao longo do antebraço até ao pulso, quando se comprime, friccionando, um nervo ou tendão entre as apófises do cúbito e do húmero. A impressão recebida por essa fricção imita um pouco o choque do *puraquê*.

PURUAM. Umbigo, guar. idêntico.

PURUCHITÁ, s. m. Espécie de caracol. Outróra pronunciava-se *iapuruchitá*, que é a grafia encontrada no Dic. anônimo de 1795.

PY, guar. *py, mby;* aban. *by,* pé.

PYACANG. Dedo do pé.

PYÁ, guar. *pyá, mbyá,* coração.

PYÁ-BEBUIA, var. *pyá-bubuia, pyá-bubui.* Pulmões, bofes.

Q

QUERÊ-QUERÉ. *Chaetodon striatus.*

QUERO-QUERO. Vide *Téutéu.*

QUIRIRÚ. *Octopterix guira.* No Sul conhecem-no por anu-branco. Dizem os naturalistas que os tupís do norte o denominaram *guirá-acangatára,* provàvelmente pelo fato de eriçar as penas da cabeça em certas ocasiões. O nome é onom. Sin. no Sul *piririguá.*

QUIRIQUIRI, s. m. *Tinnunculus sparverius.* Gavião pequeno. Segundo E. G. onom. Sin. bras. Gavião de rapina.

QUYRANA. Lêndea, c. d. *quyua-rana.* Sin. do Voc. do M. G. *quy-bayra,* cor. de *quyba,* e *rayra-tayra,* filho.

QUYUA, aban. *quyba, queyba.* Piolho.

QUYUARANA. Chatos, piolhos ladros. Aban. *quyba-rana.*

QUIÚ, var. *oquiú* s-t., *oquigú.* Grilo, guar. *yquyyú.*

QUESSEQUISSI. *Conurus solstialis.* Espécie de periquito.

QUIJUBA. Sin. de *guarajuba, guaruba,* corr. de *guyrajuba.*

QUISSAUA, var. *quissaba.* Rêde de dormir, dormitório. Sin. *maquêra.* Neste, a terminação e naquele, o radical *quêra,* dormir : *quéra-saua.* O Voc. do M. G. traz *Pypoirãna* como significando rêde de dormir; supomos que por êrro de cópia *Pypoirãna* está por *Typoirana,* c. d. *typoi, rana.* Vide *tipoia* no Gloss. par.

R

RAHÚ. Larvas de insetos que se alimentam de madeira podre e que os índios comem. Voc. do M. G.

RANA ou *yrana*,, adj. Sempre empregado como suf. em nomes de animais ou plantas; singnifica semelhante, que se parece, e também equivale a agreste, bravo, silvestre, selvático, como se vê na *Chrestomathia* : Cousa brava — *yrana*. Esta acepção transparece em *ycuarana*, redemoinho, sorvedouro, caldeirão, c. d. *ycúára*, *yrana*. Mart. não sem razão também fá-lo significar bastardo, espúrio. No rio Capim os índios dão vulgarmente a êste adj. a significação de agreste, incomestível; ex.: *uá-yrana*, fruta que não se come.

RERIAPYNHA. Cráca, pronunciado *caráca* no Pará. Crustáceo vulgar em todo o litoral; c. d. *reri*, ostra e *apynha*, têrmo que se encontra ainda em *tatá-apynha*, carvão.

RERIPEBA. Lapas, ostras. Voc. do M. G. c. d. *reripeba*, ostra chata.

RIPINA. *Harpagus bidentatus*. Não podemos afirmar ser a sua origem tupí.

S

SABIÁ. Nome no Sul do *Carachué*, guar. *haabiá*.

SABAÁ-CICA. *Triclaria cyanogastra*. Espécie de *maitaca* do Sul. Nas *Aves do Brasil*, de E. G., vê-se que também conhecem esta ave pelo nome de *arassuá-i-ava*. É possível que êste voc. seja corr. de *uirá-suaia-oby*, ave de cauda azul. O trecho do mesmo E. G.: "côr geral verde, que só no meio do abdomen é interrompida por uma grande malha violeta, e aos remígios e a ponta da cauda azues", isso faz supor. A corr. de *oby* em *obá-avá* é possível.

SABIÁ-PIRANGA. *Turdus rufiventris*.

SABIÁ--POCA. *T. crotopezus*. *T. albicollis*.

SABIÁ-UNA. *T. flavipes*, guar. *haabiárũ*.

SABIÁ-PIRY. *Mimus lividus*.

SABURÁ. A provisão de polen que as abêlhas armazenam para sustento dos filhos; guar. *teborá*, *heborá*.

SABUSSÚ. O dic. do P. Marcos Antonio para "cão dágua, dá-nos dois têrmos : *jaguassú*, c. d. *iaguara assú*, cão grande, e *sabussú*, c. d. *saba* pêlo, *assú*, grande, subentendido *iauara-sabussú*. A lontra tem nomes diversos, dos quais a não ser *ariranha*, dado pelos naturalistas, os demais são palavras compostas, nas quais o voc. *iaguara*, é o principal com-

ponente ; *iaguassú*, cão grande, *iaguassabussú* ,cão de pêlo grande, peludo, felpudo; *iagoapopeba*, cão de mão espalmada, *iaguacáca*, cão que faz *cácáca*.

SACHICANGA. *Serrasalmo humeralis*. Peixe fluvial.

SACOARITÁ. Caramujo. Parece corr. de *sacuraritá*.

SACURAGUASSÚ. Molusco maior que o precedente.

SACURAUNA. Espécie de buzio.

SAIRA, *sahira*. Diversas espécies do gênero *Calliste* tem êste nome no Sul.

SAIRA-SAPUCAIA. *Caliste medanota*, E. G.

SAIRÁRA, s. m. *Cebus gracilis*, c. d. *sauim-arâra*.

SAIMIRIM, s. m. c. d. *sauim-miri*.

SAITAUÁ. *Cebus flavus*, c. d. *sauim-tauá*.

SAITY, guar. *haity* ninho.

SAMBAQUI, var. *tambaquy*. Espécie de molusco. Os montões de conchas que existem no litoral também são conhecidos por *serenambi*, c. d. *tambá, quy*. Bapt. Caet.

SAHUI-CARATINGA. *Hapale leucocephala*. Parece têrmo c. d. port. *cara* e do tupi *tinga*. Êste macaquinho tem a cabeça branca.

SAY. Sahy. Diversas avezinhas da família dos Coerebidae, de plumagem geralmente azul, entre as quais sobressáem a *C. cyanea*, e a *C. cyanocephala*. T. S. dá-lhe como origem *sa-i* (*cessá-i*) olhos pequenos, etim. que também pespega em *sauim* (*saguim*), dando-lhe olhos pequenos como equivalente a "o que é espérto, vivo, agil", exatamente a significação que aplica ao nome da paca: "*pag*, o que é vivo, esperto, agil". Em nhêeng, *say*, poderia decompor-se em *sáua-uy*, aban. *saba-oby*, plumagem azul.

SAY-ASSÚ. *Sahy-assú*. *Tanagra ornata*. Espécie maior.

SAY-ASSÚ-TUYRA. *Tanagra palmarum*.

SANHARAN. Espécie de abelha. *Trigona amalthea*, de *nharon*, bravo, feroz.

SAPIÁ. Testiculos, guar. *hapiá, tapiá*.

SAPUCAIA. Galo, galinha, acrescentando-se-lhe *apyaua* para denominar aquele, e *cunhan* para esta. Primitivamente

deram os índios a estas aves o nome de *uirá-sapucaia,* o pássaro que grita, ou o gritador, que subseqüentemente encurtaram, dizendo sòmente *sapucaia,* guar. *uruguassú.*

SAPUCAIA-MIRI. Pinto, franguinho.

SAPUCAIA-ROCA. Galinheiro, c. d. *sapucaia, oca,* casa.

SAPUPEMA. *Gasteropelecus sternicla.*

SAPECUÁRA, s. f. Nome vulgar de um molusco da família dos *Sepiadae,* do oceano e que entra pelo estuário do rio Pará até a Vigia.

SAQUI. *Pithecia leucocephala.*

SARACURA. *Aramide chiricota.* Ave vulgaríssima nos tesos do Marajó. T. S. fornece-nos para êste voc. uma etim. mais que duvidosa: "corr., diz êle, de *tara-cura, tara-sara,* espiga. milho, *cura* o que engole ou traga, o come milho". Não consta que esta aramidae mostre grande avidez pelo milho, ou que devaste os milharais, para que o autóctono se lembrasse de denominá-lo "o come milho". Em cativeiro é omnivora, tanto come o milho como arroz, o peixe como a carne, o verme como a farinha dágua. "Aprecia mesmo muito o alimento animal; come baratas, tôda sorte de vermes, pedaços de carne, cabeças e tripas de peixe", — como obsrva E. G. Em estado bravio não consta que procure as roças para nelas aproveitar o milho. *Sara-hara-tára,* têrmo tupi-guar. significa espiga em geral, em algumas tribus especifica a espiga de milho, mas o cereal, o grão, diz-se *auaty-abaty;* deveria, portanto, significar "o engole espigas", se em tupi *cura* fosse engulir.

SARANHA, s. f. *Cynodon vulpinus.* Peixe dágua doce, cujos dentes *tanha-ranha,* caninos são enormes. Sin. *andirá-pirá,* peixe morcego, por causa do ruido que faz a pequena profundidade, o qual imita o guincho mui rápido e repetido dos quiropteros, quando dentro dos seus dormitórios.

SARAPÓ. *Carapus fasciatus.* Peixe colubriforme dos rios e lagos, c. d. "*sará-pó,* desprende mão, ou que escapa ou escorrega da mão". T. S.

SARABIANA. *Cichla temensis.* Peixe do Rio Negro.

SARASARÁ. *Aelurichthys grenovii.* Peixe.

SARARÁ, s. m. Pequeno crustáceo decápode dos rios dágua salobra e dos mangais. Em aban. é conhecido por *sarará*

um inseto alado que, segundo T. S. é a "borboleta que vôa entorno da luz".

SARARÁ-PEUA. Pequeno caranguejo avermelhado, maior que o antecedente, que é alvacento. Abunda na Vigia.

SARIGUEIBEJÚ. No Voc. do M. G. diz-se ser o nome das "martas de que se forram os roupões, certo bicho dágua. Parece ser a *Mucura-chichi* aquática.

SASSOCA, guar. *hassog, tassog.* Sin. *yasoca.* Larvas da *Lucilia macellaria*, gorgulho, larvas de bezouros. Estas últimas têm ainda o nome de *iepeá-sassoca,* por se alimentarem da madeira sêca, sin. de *ybyrá-sassoca, iepeá,* lenha, *ybyrá,* madeira.

SAUÁ. *Tetragonopterus argenteus.* Peixe do Amazonas.

SÁUA, aban. *sába.* Penas, pêlo, cabelo, guar. *hab.*

SAUBA, cor. de *yssauba.*

SAUIM, var. *chauim.* Nome dado a diversos macaquinhos, T. S. ensina que *sauim* é corr. de *sâi,* olhos pequenos, o que é esperto, vivo, agil, a mesma origem por êle encontrada para *sahy.* A pronúncia mais usual nos sertões é *chauim,* que nos parece imitar o seu guincho.

SAUIM-ASSÚ. *Callithrix personatus.*

SAUIM-MIRI. *Hapale peniculata.*

SAUIM-PIRANGA. *Midas Rosalia.*

SAUIM-UNA. *Midas ursulus.*

SAUIÁ, s. m. aban. *sabujá, savijá, saviá,* ou ainda *seguyá.* O olvido da cedilha em *çaviá* deu lugar ao voc. científico *cavia,* pelo qual é conhecido êste rato comestível. *Cavia Spixi,* e *Cavia rupestris.* Os índios discriminam três espécies:

SAUIÁ-I. Pequeno, cinzento, côr de ferrugem.

SAUIÁ-PICHUNA. Escuro, caudado.

SAUIÁ-TINGA. Bragado, isto é, com o ventre branco.

SCHATO-ARANA. *Chalceus Hilarii,* Kner. Cor. de *jatuarana.* Kner era alemão: os desta raça não podem pronunciar o jota: "Ja pronunciatur germanice *scha*". Mart. *Glossaria linguarum brasiliensium,* pág. 454. À pág. 29 da mesma obra

êste autor ensina que o jota: "wird wie ein mildes *sch* im Deutschen gesprochen".

SENEMÚ, *sinimú, senemby, senembú, senemué* ou *sinimbú*. Camaleão. *Iguana tuberculata*.

SERENAMBI, *sernamby*. Com as válvulas dêste molusco prepara-se a cal conhecida por "cal sernamby". J. Mendes d'Almeida tira-o de *ciri-ambii* de *ciri*, apartar, separar e *umbié*, lado, costado". Não será antes c. d. *ciri-namby?*

SERIEMA. *Dicholaphus cristatus*.

SEVI, var. *sovi*. Gavião pomba. *Ictinea plumbea*.

SOCÓ, s. m. T. S. decompõe êste têrmo em "soô-có, bicho que se arrima, ave que se sustenta ou se apoia em um pé só", afirmando ser êle comum as pernaltas. Não sabemos se em São Paulo *socó* é voc. que abranja as parnaltas; aqui, no Pará, cabe êste nome a uma parte sòmente de uma das dezenove famílias de que se compõe a ordem dos pernaltas: a das Ardeidae. Desta as que ostentam uma plumagem bicôlor, sôbre um fundo avermelhado, pintas ou listas anegradas, recebem com exclusão de qualquer outra ave o nome de *socó*, compreendendo os gêneros Botaurus e Tigrisoma : *socó-boi, socó-pinima, socoby*. O têrmo *socó-boi* é voz híbrida composta do tupi *socó* e do port. *boi*; designa o *Tigrisoma brasiliense*, cujo grasno é comparável ao mugido bovino. *Soô* é voc. que só designa os quadrupedes. O índio não tem, como nós em port. na palavra "animal", uma expressão que possa ser aplicada a todos os seres viventes, desde a vigorosa e corpulenta *anta* até ao mais ínfimo e quase imperceptível mucuim: às aves chama *uirá*, aos peixes *pirá*, tem ainda *teiú, tapurú, boias, issoca*, e outros para nomear os lacertílios, as lagartas, as cobras, os vermes, etc. Pelo Voc. do M. G. pode-se ainda verificar que o tupi restringiu mais a acepção de *soô*, designando com êle apenas os quadrupedes com os quais se alimentava: "*Soô*, animal, quadrupede, que se come". A mesma restrição se depreende da diferença que faz o P. Marcos Antonio entre "animal: *soô*" e "animal que se não come: *soô-ayuą*". A *có* também deu o distinto tupinólogo acepção que êsse voc. não tem. Significa em guar.: sustentar, apoiar, arrimar, escorar, sem a esdrúxula restrição do *pé, só*. O seu equivalente nhêeng. é *iococ*. O nome dêste bicho provém do grasno que faz ouvir, quando vôa espantado, e esta origem onom. tem o consenso

geral aqui no Norte, como também no Sul, pois que, na *Poranduba maranhense* se lê: Canta o seu nome com voz baixa, grossa e vagarosa.

SÔCÔCÔI. Passarinho da telha. Afirmam os indígenas que o nome imita o seu canto. É uma avezinha insetívora, côr de ferrugem, com miudas pintinhas.

SOCOI. *Socohy*. Sin. *socó-miri*. *Butorides virescens*, L.

SOÔ, *var*. *soó*. Animal quadrupede, carne.

SOOGUAGRA. *Prochilodus vimboides*.

SORORÓCA. Peixe do Atlântico, que o Voc. do M. G. traduz por "cavalinhos ou sardas".

SOUÁ. No baixo Madeira, segundo Natterer, assim chamam ao *Mesomys spinosus*. É patente corr. de *sauiá*.

SUÁ, var. *tuá*, aban. *tobá*. Cara, face.

SUAIA, s-t. *sobaia* ou *soaia*, guar. *tuguay*. Cauda, rabo.

SUAIACYCA, c. d. *suaia-acyca*. Rabo cortado, derrabado, descaudado, que no Marajó dizemos *rabicho*.

SUASSÚ. Veado. A origem desta palavra tem dado que fazer aos etimologistas; não menos de quatro diferentes opiniões se encontram, sem que nenhuma delas seja satisfatória. Alex. Rod. Ferreira propôs primeiramente: "*suá-assú*, por ter o veado a cabeça comprida e grande testa". O mesmo naturalista achou depois outra que lhe pareceu mais provável e que G. Dias, patrocinando, publicou no seu dic.: "*suú*, mastigar, *suú-suú* vale tanto como ruminante". A forma guar. *guassú* e a aban. *suguassú* ou *cyguassú* demonstram que o segundo componente é o adj. *uassú-guassú*, prejudicando a hipótese do célebre naturalista brasileiro. Veio em seguida Barb. Rod., preconisando *cessá-assú*, olhos grandes". T. S. finalmente prefere *soô-assú*, animal grande". Como se vê nenhuma destas etims. explica a forma aban. *cyguassú*, que nos parece a menos corruta e que poderia talvez decompôr-se em *cy*, mãe e *guassú*. O Voc. do M. G. escreve *cyguassú*, como também o P. Barcos Antonio.

SUASSÚ-APÁRA. *Blastocerus paludosus*. Veado campeiro, guar. *guassu-i*.

SUASSÚ-ÉTÉ. *Coassus rufus*. Veado vermelho. Sin. *suassú-piranga*, *suassú-pitinga*, guar. *guassú-pytan*.

SUASSÚ-ANHANGA. Veado *anhanga* ou *aianga*. Deram-lhe êste nome por causa do seu grito lúgubre; sua carne esponjosa é tida por nociva.

SUASSURANA, guar. *guassúaran, sussuarana*. *Felis concolor*. Sin. da literatura zoologica "puma", "cuguar". C. d. *suassú-arana*. Comparando-se a forma tupi com a guar. verifica-se a identidade do último componente *aran-arana*. Há alguma improbabilidade que em o têrmo, sendo *rana*, como até hoje era admitido, o guar. tivesse lhe acrescentado um som a mais no começo, quando êsse dialeto já se achava em período mais adiantado de aglutinação, tendendo antes para contraír as palavras do que por alongá-las. Mart. traz a var. *suassuerana;* dêste *arana* ou *erana* o P. Marcos Antonio fornece-nos ainda uma outra var.: "*yrana*, cousa brava" e com acepção perdura em *ycuarana*, redemoinho, caldeirão, sorvedouro, c. d. *ycuara*, poço, cova dágua, e *yrana*, brava, indomita. O vero voc. tupi é *suassúarana*, como ainda agora dizem os índios, do qual nós luso-brasileiros sincopámos o primeiro *a* pronunciando *sussuarana*. Pensamos que a fórma primitiva dêste adj. *rana* tão usado em composição: *guaiabarana, piquiarana, narumarana, quyrana, iaquirana, jacarerana, uacapurana*, etc. é *arana-yrana*, já contr. *rana*, significando semelhante, que se parece, pseudo, bastardo, espúrio, bravo, agreste, selvático.

SUASSÚ-BIRÁ. Veado caatingueiro. *Cervus simplicicornis*. É possível que seja o *guassú-abará* dos guar.

SUASSÚ-TINGA. Veado branco; guar. *guassú-ti.*

SUASSUMÉ, guar. *cabará*. Cabra, *suassú* com a voz onom. do berro peculiar ao gado caprino. Aban. *suguassumé, cyçuassumé*. Para T. S. significa veado introduzido, importado: *assumé*.

SUASSÚPUCÚ. Veado galheiro.

SUCURÍ. No litoral, segundo o Voc. do M. G., significa tubarão. Nos rios dágua doce dão êste nome ao *Eunectes murinus*, vulgarmente conhecido por *sucuriú, sucurijú : sucuri* grande. T. S. origina-o de "*suú-curi*, o que morde ligeiro, o que atira o bote apressado". Para Rich. Burton provém de *suú* e *curi* ou *curú* roncar: alusão ao seu sibilo. Temos matado

muitas cobras desta espécie nesta fazenda Dunas, onde abundam algumas na extensa praia, a cacete depois de embravecidas e perseguidas por longo trecho, quando procuravam a beira dágua, mas ainda não as ouvimos sibilar. Se sibilar e roncar fossem sin., restaria a dificuldade de fazer aceitar *curi-curú* com a acepção de *carang*, de *amby* ou de *cururú*, que são os equivalentes de roncar em tupí.

SUYNARA. *Solinaria*. s-t. *suindára*. Espécie de coruja. *Strix perlata*. No Sul coruja de igreja, coruja branca das tôrres.

SUHI, var. *tuhi*, s-t. *tuguy*. Sangue.

SUIRIRI, var. *uiriri*. Ciriry. *Muscicapa suiriri*. Onom.

SUIRIRI. O nome científico é de acôrdo com E. G., *Tyrannus melancholicus*. Vieill., sendo sin. em Minas *Tiriri*, no Paraguai *chururi-acapitá;* êste *chururú* parece var. de *suiriri* e *acapitá* corr. de *acãpitã*, *acanga-pytanga*.

SUPIÁ, guar. *hupiá*. Ovo.

SUPIÁ-TACACÁ, aban. *supiá-tinga*, guar. *supiá-ayguê*. Clara de ovo.

SURUBI. *Surubim*. *Platystoma fasciatum*, guar. *suru-bi*. Peixe de pele, dos rios límpidos, da família dos *Siluridae*. Bapt. Caet. propõe: "*surú-bi*, pele lisa ou de escorregar: nome genérico dos peixes bagres". No Pará só três peixes são conhecidos por êste nome: o *Platystoma fasciatum* dos naturalistas e mais dois. Não pode passar desapercebido quanto ao valor das palavras que em *sarapó* T. S. traduz *sará* por escorregar, e neste Bapt. Caet. dá essa acepção a *surú*. Em tupi moderno escorregar diz-se *cyryc* ou *cirica*, *cyryryc* ou *ciriric*, quando se escorrega com o pé *pycyryc*. A objeção, porém, a mais grave, contra esta etim. é que se *surú* significasse liso ou escorregar, se *bí* é corr. de *pi*, pele; pele escorregadia seria *bi-surú*, por ser contrário à índole tupi a colocação do subst. em seguida ao adj. Mart. tira-o de *soryb*, alegre, contente. T. S. opina por "*jurú-bi*, bôca fechada".

SURUBI-CAPARARI. *Platystoma corruscans*.

SURUBÍ-MENA. *Platystoma sturco*, *mena*-marido.

SURUANAN. *Chelone Midas*. Tartaruga do Atlântico, que desova nas praias do litoral.

SURUCUÁ, guar. *surucuá*. *Pharomacrus pavoninus*. Pássaro da mata.

SURUCUÁ-TATÁ, *Trogon melanurus*.

SURUCUÁ-MARICATAUÁ. *Trogon viridis*, c. d. *marica-tauá*.

SURUCUCÚ. *Bathrops surucucú*. Cobra das mais peçonhentas. Sin. *Surucucú-assú*. Para Mart., c. d. "*sururú-coco*, ou *cotyg*, virando-se de um para outro lado".

SURUCUCURANA, s. f. Ofídio tão perigoso como o antecedente. Sin. *surucucú-pytanga, surucucú-piranga*.

SURURÚ. Marisco conhecido pelo nome de mexilhão, escrito *serurú* no Voc. do M. G.

SURORINA, s. f. *Crypturus pileatus*. Sin. *Tururi, turiri*.

SUPI. *Mionectes oleaginus*. Passarinho da mata.

T

TABURAÁ. "Larvas que se criam nos caroços das frutas das palmeiras e que os índios comem". Voc. do M. G.

TACYUA, s-t. *tacyba*, guar. *tahy* ou *tacy*. Formiga.

TACYUA-RETAMA. Formigueiro.

TACYUA-TATÁ. Formiga de fogo.

TACUÁRA. Galo do mato. *Prionites ruficapillus*. Ave do alto Amazonas.

TAIASSÚ. *Dicotyles labiatus*, guar. *tayassú*. Porco do mato. No sul *queixada*. À êste voc. queixada Bapt. Caet. dá uma etim. "corr. de *qiychar*, o que corta ou talha, porco do mato", como se *queixada* não fosse palavra portuguesa, oriunda de queixo, cûja estirpe latina, *capus*, é conhecida. Mart. decompõe *tiassú* em "*tayá-ú*, roedor, quebrador de tajá, *Colocasia esculenta*, por ser afeiçoado aos bulbos dessa planta". T. S. aproxima-se mais da verdade, dando-o como "corr. de *tanha-assú*, o dente grande", pois que *taiassú* pode ter como origem: ou *tai-tanha-sanha*, e *assú*, dentes grandes, fortes, ou então *tiiy*, moderno *sañua-sajuba-tañua*, aban. *tajyba*, mandíbula, queixada e o mesmo adj. *assú*. Pendemos para esta última e pensamos que os primeiros colonizadores traduziram literalmente o têrmo tupi *taiassú*, para o port. *queixada grande*, que depois ficou simplificado em *queixada*.

TAIASSÚ-AIA, aban. *taiassú-goiaia,* contr. de *taiassú-uaia, uaia* por *suaia,* s-t. *soaia* ou *sobaia,* cauda, rabo. Nome dado ao porco doméstico, significando *taiassú* provido de cauda, *taiassú* caudado. Vide *aia*.

TAIASSÚ-RAYRA. Leitão. *Tayra,* filho.

TAIASSÚ-UIRÁ. Ave semelhante ao *jacú-peua,* cujo nome é devido a bater o bico, imitando o ruído que produz o *taiassú* batendo os dentes. É encontrado no alto-Capim. No Rio-Branco assim chamam ao *Neomorphus geoffroyi,* que nos parece ser diferente. Sin. *acãnatic?*

TAHÃ. Sin. *Anhúpoca* em Cuyabá. *Cheuna chavaria.* Espécie de *camitaú. Tahã* é voz onom.

TAITITÚ. *Dicotyles torquatus.* Sin. *taiassú-caapóra,* c. d. *caá-póra,* silvestre, nemoricola. Erradamente dizem *caetetú* no Sul. Em guar. *taytetú,* neste dialeto *tay,* dentes, *tãyti,* dentes fortes, Rich. Burton aceitou a paternidade da seguinte etim.: "*caethé,* mato e *suú,* por *soô,* mudado, por eufonia o *s* em *t;* literalmente animal, caça do mato?. Bapt. Caet. decompõe-no em *tãi* e *tú,* o que bate os dentes.

TAMACUARÉ, s. m. *Enyalius* spec. Pequeno lagarto cinzento, que muda de côr quando quer. Bap. Caet. tira-o de "*tambacuaré,* almíscar, feitiço, amavio, filtro".

TAMACUARICAUA, s. f. corr. de *tamacuaré-caua*. *Caua,* cujo ninho comprido é colado ao tronco das arvores.

TAMANDUÁ-ASSÚ. Tamanduá bandeira. *Myrmecophaga jubata,* guar. *tamanduá,* "corr. de *tã-menduá,* o caçador de formiga". T. S.

TAMANDUÁ-ARICHY. Tamanduá-colete, guar. *cuguaré, T. tetradactila*.

TAMANDUÁ-I, guar. idêntico. *Cyclotorus didactylus.*

TAMARÚ. Espécie de camarão escuro, trivial na Vigia.

TAMATIÁ. *Cancroma cochlearia* no Brasil central, portanto sin. de *arapapá*. *Capito maculatus* na Amazônia; "alterado de *tamatiãi,* o que tem tem bico de gancho". Bapt. Caet. Vide *Tabaco* no Gloss. par.

TAMBÁ, guar. *tambá,* Molusco bivalve, mexilhão. Tem outra significação, que foi dada no Gloss. par.

TAMBAQUI. *Myletes* spec., *aff. bidens*. Peixe amazônico, do qual diferenciam duas qualidades: o *tambaqui-suaia-piranga*, e o *tambaqui-suaia pichuna*, esta escura, aquela com a parte caudal encarnada; ambas abundantes na contra costa do Marajó. É possível que essa diferença na coloração seja devida ao sexo.

TAMUATÁ, s. m. *Callichthys littoralis*, var. *tamboatá*. Na *Poranduba maranhense* firma-se que "quando lhe falta água no lago, vai rolando por terra até a achar". Esta crença não provém só do branco; o indígena ainda hoje afirma essa fantástica locomoção do *tamuatá*, que tem dado origem a etims. inaceitáveis. Para T. S. é corr. de "*caá-mboatá*, o que anda ou caminha no mato". Mac. Soares prefere "*ca-car*, escama, *mbô*, que faz, *atá*, andar". *Andar* não é *mboatá*, mas sim *guatá*, no Sul, e *uatá*, no Norte. O nome dêste peixe pronuncia-se *tamuatá* no Pará, e *tamboatá* em alguns lugares do Amazonas. *Camboatá* é corr. sulista, como o é *caetetú*, *Cacar*, não é tupi; *car*, têrmo guar., segundo Bap. Caet., entra em diversas palavras compostas, podendo significar codea, escama; mas Mont., aliás tão completo, não o dá.

É completamente falsa a crença de caminhar em seco êste peixe. O *tamuatá* abunda no Marajó; aí nos lagos e regos atolentos, seu elemento favorito, cresce, engorda, sendo considerado, com razão, como um dos melhores peixes do mato, pelo delicado sabor da sua carne amarelada, sem *pitiú*. É o único peixe amazônico que faz um verdadeiro ninho de fôlhas de capim sêco de fórma mais ou menos de um ninho de pássaro, convexo exteriormente e côncavo na parte interna; êstes ninhos flutuam com a parte côncava para baio e aí se acham grudados os ovos. É fácil encontrá-los nos campos baixos e nos mondongos da Ilha criadora, logo no comêço da estação pluviosa, porque perto dêle se encontra uma escuma branca persistente, talvez o esperma fecundante do macho. Sob o ninho encontra-se sempre um *tamuatá* vigiando a postura, afirmando o pessoal das fezendas ser o *tamuatá-apyáua*. O *Callichthys littoralis* é um dos raros peixes que emite sons quando fóra dágua.

Para demonstrar o êrro de observação relativo à progressão em terra do *tamuatá*, citaremos o seguinte fáto : Em 1902, na nossa fazenda Boavsta, a trinta metros da casa na parte oriental do têso, onde o solo já é baixo e atolento, fi-

zemos excavar uma rampa, destinada a proporcionar ao gado manso um bebedouro perto, durante o longo verão marajoára. Essa excavação poderia ter quarenta e oito metros quadrados de superfície e um metro e vinte centímetros de profundidade média. No ano seguinte, em setembro, o pessoal começou a retirar daí peixe para a sua alimentação, mas já em outubro o gado recusava beber dessa água por estar grossa de tijuco e fétida. Os peixes em quantidade demasiada, revolvendo a lama do fundo, tornavam-na impotável. Depois de por alguns dias ter-se retirado muito peixe com um grande *pussá* sem resultado sensível, reunimos o pessoal das três fazendas e durante um dia, a balde, esgotou-se a rampa da água mui lodosa primeiramente, e no fim de enorme quantidade de lodo. Com êste retirou-se ao mesmo tempo cêrca de vinte alqueires de peixe: *tariiras, jejús, tamuatás,* sobretudo dêstes últimos. De todo êsse peixe sòmente poude-se aproveitar cêrca da décima parte, o resto foi atirado em tôrno da rampa entre dois círculos concêntricos, o menor a três e o maior a nove metros de distância dela e aí ficou até o dia seguinte, quando serviu para aterrar um pôço velho. Essas centenas de *tamuatás* atirados ao redor da rampa à pequena distância pulavam *sur place,* como o fazem os outros peixes quando fóra do seu elemento, mas não andavam, nem lograram voltar à rampa tão próxima. Como podem viver fóra dágua, se conservados ao abrigo do sol por longo tempo, pela manhã do dia seguinte eram encontrados ainda vivos ?

Deu lugar a crer-se que êste curioso peixe anda em terra, o fáto de no comêço das chuvas ser êle encontrado lá onde dias antes o solo se achava resequido e deserto; mas isto explica-se pela facilidade com que êles nadam em lugar onde existe um pequeno fio dágua; basta ter êle uma ou duas polegadas de profundidade para que de noite ou mesmo de dia durante a chuva, os *tamuatás* meio nadando, meio se arrastando, se mudam para novas moradas. Se pára a chuva, séca o reguinho minúsculo não havendo mais comunicação entre o lugar onde estavam e o ponto onde se acham, acreditam os observadores superficiais que os *tamuatás* andaram por êsse trecho já enxuto. Quem vê o tamanho compreende que suas escamas não lhes podem permitir a progressão sôbre o solo. Os *tamuatás,* quando cozidos ou muquiados gosam de uma particularidade curiosa: suas escamas, solidamente imbricadas, despregam-se

fàcilmente do corpo sem desagregar-se, como o faria uma couraça inteiriça, cuja aparência tem.

Em Bapt. Caet. encontra-se *tambatá* com a siginficação de pêlo duro, penugem áspera, felpas, que talvez tivesse sido aplicada às escamas duras dêste peixe. A terminação *matambatá* aparece em *curimatá*, guar. *quyrimbatá*.

TAMATÁ-CAMBEUA. V. *Cambéua*.

TAMUACO. Nome da Saranha em Mato Grosso.

TANAJURA. Espécie de formiga do rio Japurá.

TANÃNÃ, s. m. Cigarra que habita a margem direita do rio Trombetas, e que é desconhecida na margem oposta. Onom.

TANGARÁ. *Paroaria gularis*. Cardeal.

TANGURÚPARÁ, s. m. *Monasa nigra*. Avezinha da mata, de plumagem negra e bico encarnado. Onom.

TANHA, var. *sanha*. guar. *tãy*. Dente.

TAOCA, guar. *taó*. Espécie de formiga.

TAPÊRÂ. Andorinha maior que a *meiui*, azul ferrete com o ventre arruivado; nidifica nos barrancos ou nas margens abarrancadas.

TAPERUSSÚ. Segundo E. G. assim chamaram no Sul à *Chaetura zonaria*, também conhecida por andorinhão, c. d *tapêrâ-ussú*.

TAPAYUNA, var. *tapiyuna*, c. d. *tapiya* e *una*. Negro, guar. *tapanhun*.

TAPIAI. Tapiahy. A maior formiga da Amazônia, preta, solitária, insetívora, de contextura externa chitinosa, muito dura.

TAPITI. Coelho. *Lepus brasiliensis*, guar. *tapyyti*.

TAPITI-GUASSÚ. Nome dado pelos Tupis do Sul ao burro. guar. *tapyiti-guassú*, *e mboricá*, êste último provável corr. de burrico.

TAPIYRA. Nome anteriormente à conquista da anta, *Tapirus americanus*, e do XVI século em diante ao bovino. Para os diferençar dizem *tapiyrété*, anta verdadeira, ou *tapiyra caáuára*, anta nemorícola ao animal indígena, em guar. *mborepi*, e *tapié* e ao ruminante importado, *tapiyra* e *tapiyrussú*.

Os guars. amoldaram à sua pronúncia *mbáca* o voc. castelhano *vaca*.

TAPIYRAPYAUA. Touro, garrote.

TAPIYRACUNHAN. Vaca.

TAPIYRARAPIAEYMA. Boi, c. d. *tapiyra-sapiá-eyma*.

TAPIUCAUA-PIRANGA. Espécie de *tapiucaua* arruivada.

TAPIACANGA. Formiga de cabeça volumosa, ruiva, corpo pardacento, mandíbulas fortes e aceradas, morde a cortar a pele. Parece ser a mesma a que os brasileiros chamam *Dente-de-cão*.

TAPICOIN, var. *typycoin*. Ninho de termitos feito de terra endurecida, guar. *typycõe*. Vide *Gloss. par*.

TAPICURÚ, var. *tapecurú*. *Geranticus cayanensis*. Sin. *Carauna*. Segundo Mart. é palavra usada no Brasil oriental, guar. *tapecurú*. Desta ave provém o nome do rio Maranhense Itapicurú, que outróra era conhecido por *Tapicurú-guassú*, como se pode ler no Voc. do M. G. Os etimologistas querem que seja c. d. "*itá-pecurú*, lage fragmentada, pedra meuda, seixos, calhaus, ou de *itá-pecú--r-ú*, rio da pedra comprida, ou da penha longa ou rio dos lageados extensos". T. S.

TAPURÚ, var. *taperú*, lagarta, a larva de certas borboletas e bezouros. Sin. aban. *yssoca*.

TAQUIRY. Ave ribeirinha, pequena, cinzenta sarapintada. *Nycticorax tayazu-guirá*. Êste pássaro tão abundante nos igarapés da Contra-costa do Marajó, enquanto novo é conhecido por *taquiry*, adulto toma o nome de *taiassú*, como informa E.G.

TARÃ. *Geronticus oxycercus*. Onom. No Guaporé denominado Trombeteiro.

TARACAIÁ. Tracajá. *Podocnemis unifilis*. Pequena tartaruga fluvial. Em guar. *tarecayeá* é o nome de um cágado ou quelônio terrestre.

TARACANGA, s. f. Lagartixa que frequentemente meneia a cabeça de cima para baixo: var. *tiricanga*, que nos parece mais correto: *tyric*, desviar-se, mesmo rad. que o guar. *tyr*, "cousa levantada" e que o s-t. *ityc*, mover-se.

TARACUÁ. *Tracuá*. Formiga.

TARAUYRA, var. *tarayra*, s-t. *taraguyra*, guar. *taragui*.

Tralhoto Tetraphtalmus. É também o nome de uma lagartixa com a var. *terayra* do dic. anônimo de 1795.

TARACUTINGA. Outra formiga também de ferrão. Voc. do Museu Goeldi.

TARAPOPÉUA, var. *tarapopé*. Osga.

TARAÚ. *Ibys oxycercus*, Spix. Provável corr. de *Taran*. nome onomatopáico dos *Ibis* ou *Geronticus oxycercus*.

TAIIRA. *Tarira*, guar. *tarẽy*. *Macrodon trahira*, *M. intermedius*. Peixe vorás dágua doce.

TARIÍRAMBOIA. Um dos nomes pelos quais é conhecida a *Lepodosiren paradoxa*. Em guar. *tarẽmboia*, parece designar êste peixe, ao qual Mont. alcunha de "vivara que no mata".

TARIIRA-PICHUNA. Tarira preta. *Erythrinus unitaeniatus*.

TARIAQUÊRA. *Carcharis porosus*. Êste voc. parece ter formação idêntica à de *paratiquêra;* talvez, c. d. *tarura-pyquyr*.

TARASSANGA. Espécie de formiga de ferrão. Voc. do M.G.

TASSOCA, var. *sassoca*, sin. *merú-rayra*. guar. *tassog*. Bichos da varejeira.

TATAEYRA. Espécie de abelha, c. d. *tatá*, fogo e *yra*, abelha. Sua picada é bastante dolorosa.

TATÊRA. Andorinha do mato, *Chelidoptera tenebrosa*. "Negro ardósia de castasol azulada, barriga amarelo-ferrugem, rabadilha e uropígio brancos" E. G. *Tatêra* parece-nos corr. de *tapêra*.

TATÚ. Guar. *tatú*. Nome dos *Dasypodides*. C. d. "*ta-tú*. o casco encorpado ou denso". Bap. Caet.; ou *ta-tú*, o que come formiga". E. G.

TATÚ-AYUA, ou *ayba*. Tatú-china. Tatú de rabo mole. *Xenurus gymnurus; ayua*, ruim.

TATÚ-PÉUA. *Dasypus setosus*.

TATÚ-ÉTÉ. Tatú verdadeiro. *Tatusia novemvinctus*.

TATÚ-APÁRA. Tatú bola. *Dasypus conurus*, ou *tricinctus*.

TATÚ-CÁUA, s. f. Espécie de caua, das maiores e das mais peçonhentas; seu ninho que imita pelo abaulado o casco dorsal do tatú é construído sôbre os troncos das árvores à pequena altura do solo.

TATUÍ. Paquinha. Em port. ultramarino Ralo. Inseto ortóptero que vive sob a terra, c. d. *tatú-i*.

TATACA, var. de *catáca*.

TATURANA, guar. *taturã*. Espécie de *caua*.

TAUATÓ, s-t. e guar. *taguató*. Espécie de gavião. *Urubútinga-brasiliensis*.

TAUATÓ-I. Espécie menor.

TAUATÓ-PINIMA. *Astur pectoralis*.

TAUÁ, subs. Barro amarelo. Parece que por engano o P. Figueira dá a êste voc. a acepção de barro vermelho, que em nhêeng. moderno dizemos *curí*.

TAUÁ, adj. aban. *tagoá*. Amarelo. Sin. *iú-*, s-t. *juba*.

TAVÚA. Papacacáu. *Amazona aestiva*. A consonância dêste têrmo não nos parece tupí. E. G. dá-lo nas *Aves do Brasil*.

TEIÚ, s-t. *tejú*, guar. *teyú*. Lagarto.

TEIÚNHAN. Espécie de lagartixa. Voc. do M. G., c. d. *teiú-nhana*, lagarto corredor?

TEIÚRYQUIRA. Lagarto verde, c. d. *teiú-iaquira*.

TEMBÉ. Beiço inferior. Existe presentemente uma tribu da grande família tupi no Gurupi e,no rio Capim, já bastante reduzida, mas pujante outróra com êste nome, a qual ainda na segunda metade do século passado, usava do botoque. Provém-lhe o nome dêsse repugnante e horrendo enfeite: *tembé-assú*, beiçudo, encurtado com o tempo em *tembé*.

TEMBETÁRA, var. *temetára*, *tembetá*, *mbetára*, *metára*. Pedra, osso, madeira, resina translucida, que os botucudos usavam no beiço inferior. T. S. dá *tembetá* e *metára* como vocs. diferentes na significação e na etim.; dessa opinião divergimos: encontra-se a origem destas palavras em *tembé*, beiço inferior e *atára*, infeite, adôrno, significando ornato do beiço. O segundo componente também se acha em *acangatára*,, c. d. *acanga*, *atára*, enfeite da cabeça. As etims. de T. S. são: "*Tembetá*, corr. de *tembé-itá*, pedra do beixo". "*Metára*, corr. *mbetára*, o que orna, aformosêa, ou faz bonito, objeto de ornato para o selvagem". Aformosear, fazer bonito diz-se *mupuranga*.

TEICÓAREYMA. Espécie de caranguejo. Voc. do M.G.

TÉUTÉU, s. m. *Vanellus cayannensis*. O seu nome imita o seu grito de alarma. Sin. no Sul *Quéro-quéro;* segundo Azara, *Terú-terú*.

TEÛ. Sin. *Tequi, Toin-toin*. É o nome, em São Paulo, segundo Mart. citado por E. G., do *Chamaezosa ochroleuca. Formicaride*.

TESSÁ, var. *cessá*. Ôlho.

TEPOTI, var. *tiputi* Escremento, bosta, fezes.

TICO-TICO. Maria-é-dia. *Zonotrichia pileata*.

TEMTEM. *Tachyphonus surinamus*.

TEMTEM-CURICÁCA. *Euphonia cayana*.

TEMTEM-COROADO. Temtem do Espírito Santo. *Coereba caerulea*. Sin. *Guaratã, Aves do Brasil* de E. G.

TEMTEM-ÉTÉ. *Euphonia violacea*.

TIÉ-GUASSÛ-PAROÁRA. *Paroaria cucullata*.

TIÉ-IÚ. *Canário*, c. d. *tié-iú-juba*.

TIÉ-PIRANGA. Algumas avezinhas dos gêneros *Pyranga* e *Rhamphocoelus*, diz-nos E. G., tinham êste nome entre os tupís. No Rio *Tié-sangue*, em Pernambuco *Tié-sangue de boi*.

TIÉ-TINGA. *Cissopis leveriana*. Sin. dado por E. G. *Prebichim, Coemin-cabarú*, talvez corr. de *guaymin-cabarú*, cavalo de velha.

TIÉTÉ. *Euphonia violacea*. Sin. de *Temtem-été*, Gaturama, *Teitú*, c. d. *tié-été*.

TIM. Nariz, bico, focinho, guar. *tym*.

TIMBYRA. Vide *tumbyra*.

TIMBURÉ. *Leporinus fasciatis*. Peixe dágua doce.

TINGA, adj. Branco, claro, alvo. Sin. *murutinga*. Vulgar em palavras compostas, algumas das quais indicam animais que nada têm de branco, como *pacatinga, iauti-tinga*. No Sul o aban. contráe-o em *tin* algumas vêzes.

TIRIBA. *Pyrrhura perlata*, Spix. Espécie de periquito.

TIRIRICA. *Leporinus striatus*.

TIÚBA. Espécie de abelha.

TIUBÚ. "Espécie de cameleão verde". Barb. Rod. Provàvelmente corr. de *teiú-oby*, lagarto verde.

TOBARANA. *Salminus Cuvierii*. Peixe.

TON, ou *tona*. A maior espécie de inambú. O *inambú-ton* tem ainda o nome de *inambú-assú* em algumas tribus.

TORÓ, ou *toron*, var. *tórra* na Mechiana. Pequeno roedor noturno, arborícola, cujo nome é onom. Segundo informa E. G., algumas tribus do Amazonas costumam preparar suas trombetas de alarma, chamadas *toró*, com a pele da cauda do *Loncheres armatus*, grande rato espinhento de cauda comprida.

TRINTA-RÉIS. *Sterna antillarum*. Será corr. de *tirintarê?*

TUBI, *Tubuna*, *Tujuba*, *Tubiba*. Como ensina Von Iher., c. d. *tuba*, abrev. de *ei-ruba*, pela queda do primeiro componente, *ei-yra;* ficando o segundo isolado reassume o seu legítimo som inicial de *t*. Os segundos componentes são respectivamente: *i*, *una*, *iú-juba*,*ayua-ayba*. Vide êstes adjs. Em guar. *tub*, é o nome "de la abeja maestra". Mont.

TUCANA, guar. *tucan*. Tucano. *Rhamphastidae*. O *Rhamphastus toco* tem o nome de *Tucanassú*, c. d. *tu-cana-assú*, o tucano de papo amarelo *tucan-iú*. Dão ainda aos diferentes tucanos as designações de *tucan-potiá-ui*, *tucan-potiá-piranga*, *tucan-potiá-tinga*, mas parece-nos que êsses nomes já são traduções dos equivalentes portugueses. Bap. Caet. tira êste voc. de "*ti-cang*, bico ósseo". Não é provável que o indígena confundisse o lindo córneo envólucro, tão leve, tão delicado, semitranslucido do bico dêste pássaro com o osso, substância com a qual nada se parece; a nasalação de *tim*, também teria pouca probabilidade de desaparecer. T. S. deriva-a de *tu-quan*, bico que sobrepuja, exagerado. Em tupi bico *tim*, é francamente nasal como já ponderamos, e se o índio o considerasse sob êsse ponto de vista diria, provàvelmente, *Timbucú*, bico comprido. Não obstante a competência dos seus autores, nenhuma destas duas etims. deve ser aceita.

TUCANGHÊRA, var. *tucandêra*, *tucandyra*. Tocandêra. Duas espécies são comuns nas matas e nas capoeiras, na terra firme e na várzea: a *tucanghêra-assú*, preta, e a *tucanghêra-piranga*, ruiva.

TUCANDÊRA-CÁUA. *Caua* ruiva, de picada dolorosíssima.

TUCUCHI. *Tucuchy*. *Steno tucuchy*. Espécie de boto.

TUCURA. *Gafanhoto*. *Pay-tucura*, frade.

TUCUNARÉ. *Cichla ocellaris*. Peixe amazônco.

TUCUNARÉ-TINGA. *Cichla temensis*. Id.

TUI. Em tupi nome de um periquito. *Brotogerys tui*, em guar. de um papagáio.

TUI-APUTIJUBÁ. *Conurus aureus*. E. G., *Aves do Brasil*. Deve ser *tui-iaputi-juba*, com o acento na penúltima, c. d. *tuí-iapoti-juba*, "tui de vínculo amarelo", *iapoti*, vinculo. "O que o torna imediatamente conhecido é a fronte laranja-carregada e o largo anel da mesma côr que lhe rodeia os olhos". E. G.

TUI-ÉTÉ. *Sin. Tui-tirica*. No Sul Cutapado, *Psittacula passerina*.

TUI-JUBA-BERABA. Sin. *Iuparaba*. *Brotoerys-xanthoptera*, c. d. *tui-juba*, amarelo, *beraba*, resplandecente.

TUI-APÁRA. *Brotogerys apára*.

TUI-MAITACA. *Pionopsittacus pileatus*.

TIMBYRA, var, *tymbyra, tumbura*. Bicho do pé. *Tunga penetrans*. Sin: *tunga*, guar. *tung*.

TUNGA. Pulga, bicho do pé. Sin. Tumbyra.

TURÚ. *Teredo navalis*. Crustáceo xylófago que danifica a madeira dentro dágua salgada ou salobra. Sin. *Turuyguêra*.

TURUCUÉ, var. *tururué*. *Synallaxis ruficapilla* e *S. inornata*.

TURUNUMBÚ. Grandes mexilhões sarapintados. Voc. do M. G.

TUIUIÚ, guar. *tuyuyú*. *Mycteria americana*. A maior pernalta da Amazônia: azas pretas, corpo branco, pescoço na parte superior inplume, mostrando a negra péle, no meio desta, péle vermelha, fazendo espécie de volumosa gravata, formidável bico preto. Etim. Azara, citado por T. S., diz que "dão êste nome a êsse pássaro por habitar os brejais, *tuyu*, tujuco, *yú*, amarelo". Denominaram, pois, segundo êsse autor, os indígenas "tujuco-amarelo" a êsse agigantado pássaro por viver nos lamaçais, como se isso pudesse despertar a atenção dêsses selvagens, que viam o que diàriamente vemos nós: serem os lagos e rêgos atolentos, onde abundam o peixe, os procurados por todos os pernaltas e aves ictiófagos: *jaburús, maguaris, colhereiros, guarás, socós, garças*. Tujuco amarelo

é exquisitice; o *tujuco* é sempre escuro, pois é o barro meio diluído misturado com certa quantidade de humus que o enegrece. Bapt. Caet. deriva-o de "*tu-ti*, bico, e *yú-yú* muito amarelo". *Tuiuiú* de bico amarelo deve ser genuina ave de gabinete; nos nossos campos marajoâras é variedade que não existe.

O Príncipe Max. de Neuwied informa que em algumas partes do Brasil, *tuiú* é o nome da *Rhea americana*. Sin. E. G. refere que nos grandes rios do interior o chamam *jaburú, jabirú*, e *juburú-moleque*, que no Mato Grosso é conhecido por *Tuiuiú* de cabeça vermelha. No Marajó reservamos o nome de *jaburú* ao *Tantalus loculator*.

TUYRA, adj. Pardo, cinzento, bruno. O Dic. anônimo de 1795 para "pó" dá *tibuyra*, corr. já de *tubyra*, "pó de alguma cousa"; em guar. *tubyr* pó, cinza. O padre Figueira o e Voc. do M. G. trazem *tubyra*, o qual pela queda do *b*, peculiar ao nhêeng. fica com o som atual desta palavra correntemente empregada na linguagem popular amazônica. V. *Gloss. par.*

U

U, var. de *ussú*. Em composição sòmente como post- aumentativo.

UACARÁ. Sin. *uiratinga*. Garça. *Ardea leuce*, e *A. candidissima;* guar. *guacará*.

UACARÁ. Diversos peixes dágua doce e límpida têm êste nome. Entre os brasileiros perdeu o *u* inicial. *Chactobranchus robustus*.

UACARÁ-UASSÚ. *Lobatus somnolentus*.

UATARÁ-ACAUPICHUNA Garça branca: de cabeça, *acanga*, preta, *pichuna, Pterodius pileatus.*

UACARÁ-PEUA. *Mesonauta insignis*. Sin. *uacarápinachama, pina*, anzol, *chama*, linha. Peixe.

UACARÁ-PICHUNA. *Tetragonopterus abramus*.

UACARÁ-TINGA. *Heros coryphaenoides*. Peixe.

UACARÁ-BARARÁO. *Heros amphiacanthoides*.

UACARÁ-PARÁUA. Sin. *uacará-bereré*. *Heros festivus*. Peixe do alto-Amazonas. Alguns naturalistas escrevem *parágua*, enquanto que outros escrevem *paraguá*. Não conhe-

cendo êste peixe não podemos formar uma opinião motivada. E. G., colocando-se ao lado de Heckel, que viu o *Heros festivus* no Rio Negro, ortográfa *parágua* (paráua) pintado, e não *paraguá*, papagáio.

UACARI. Acari. *Plecostoma bicirrhosus*. Siluride de águas lodosas.

UACARI-CACIMBA, *Loricaria cataphacta*. Iem.

UACARI, s. m. *Brachiurus auacary*. Macaco.

UAINUMBI, aban. *guainumby*, guar. *mainumby*. Beija-flôr. As duas sílabas finais parecem ser a imitação do zumbido que faz voando. As palavras onom. da nossa língua materna zum-zum, zunir, zumbido, zumbir, zumbar, também procuram, como o *numby* tupi, imitar o ruído que com as azas fazem certos insetos e esta avícula. T. S. pensa poder extraí-la de "*guay-u-omby*, indivíduo verde, aquele que é de côr verde ou azul"; mas verde em nhêeng., diz-se *iaquyra* ou *aquyra*, em s-t. *oby* e em guar. *hoby*, sem o *mb* nasal em nenhum dêstes dialetos. Os índios confundem, é verdade, o azul com o verde; difìcilmente se pode fazê-los diferençar essas duas côras; o nhêeng., contudo, determina o verde pela palavra *iaquyra*, reservando *uy-ui*, s-t. *oby* para o azul, que em algumas tribus se diz ainda *suiquyra*, voc. c. d. (s) *ui*, azul, e *aquyra*, verde.

UAI. Peixinho das cabeceiras dos igarapés do alto-Capim, esguio e pintado, c. d. *uá-i*.

UAME. Vagalume, pirilampo, guar. *muã*.

UANTÎ, var. de *tim*. Bico.

UANAPÚ, s-t. *goanapú*. Espécie de pato. Uma tribu indígena conhecida por êste nome habitava o rio Anapú, ao qual Mart. deu uma das etims. mais extravagantes que conhecemos.

UAMANGÁ-I. Espécie de *mamangaua* pequena.

UANÃNÃ. Marrecão. *Chenalupex jubatus*, Spix.

UANÃNÃ-I. *Nettium brasiliense*. Ananahy.

UANAQUIÁ. Sin. *Hiá*, e no Rio Negro *Anacan*, *Deropylus accipitrinus*. Onom. "Gosta principalmente das matas ralas e baixas, nas quais o seu grito prolongado, melancólico, sôa *hiá-hia*", E. G.

UAPUSSÁ. *Pithecia monachus*. Macaco.

UÁRA, s-t. *goára, ygoára*. Morador, habitante.

UARACÚ. Vide *aracú*.

UARACAPEMA, s-t. *goaracapema*. Dourado.

UARACHI, s-t. *goarachi*. Dourado.

UARAUÁ, s-t. *goarabá*, var. *iarauá*, s-t. *igaragoá, goaragoá*. Peixe-boi. *Manutus americanus, M. inunguis*.

UARIUA. *Guariba, Barbado*. Bapt. Caet. propõe *"guahurib*, o chefe, o principal dos berradores, ou cantores, sem lembrar-se que o voc. é tupi e não guar.

UARIUA-IÚ, ou *uariiú*, Guariba vermelha. *Alouata seniculus*.

UARIUA-PICHUNA. Guariba preta. *Alouata Belzebut*. Sin. *aquiqui*.

UARAPUCÚ, s-t. *goarapucú, guarapecú*. *Cavala*. *Cybium cavala*, var. nhêeng. *uarapecú*.

UATAPÚ, var. *uatapy*, s-t. *oatapycy, guatapy*, guar. *guatapy*. Buzio grande que serve de buzina. T. S., servindo-se da corr. *atapú*, diz ser c. d. *"atã-pú*, forte soar, resonante; é o nome de uma buzina dos jangadeiros do Norte, feitas de um buzio grande ou caramujo. Etim. inexata, por mais de um motivo.

UATUCUPÁ, s-t. *goatucupá*, var. *guatucupaba*. Corvina.

UATUCUPÁ-PICHUNA. Espécie de pescado.

UATUCUPÁ-PUCÚ. Pescado do mar.

UATURÁ-CÁUA. Grande cáua, cujo ninho, colado ao tronco das árvores, tem certa semelhança com um *uaturá*. Vide *aturá* no Gloss. par.

UAUIRÚ, var. *uairú*. *Mus decumanus*. *Yá*, corr. em *airú*, *guar*. *arurú*, s-t. *goabirú*. Suas espécies são :

UAIURÚ-ASSÚ. Rato grande.

UAUIRÚ-Í. Rato pequeno.

UAUIRÚ-CYCA. Rato descaudado, c. d. *uauirú-acyca*.

UBARI. Bary. *Hemiodus notatus*. Peixe.

UÉUA. *Xiphoshamphus falcatus.* Peixe.

UIRÁ, s-t. *guyrá,* guar. *idem.* Ave, pássaro.

UIRÁ-IÚ. *Guarajuba,* dos zoologos. Periquito amarelo *Conurus guarouba,* c. d. *uirá-iú,* ave amarela.

UIRAPURÚ. Passarinho da mata. *Pipra rubricapilla, P. opalizans, P. natterii.* Sin. *uirá-miry. Cirrhopipra delicaudi.* Spix.

UIRÁ-MOMBUCÚ. *Cephalopterus ornatus* ."De alta escova que pende da fronte e longas pregas na garganta". E. G.

UIRÁ-ASSÚ. Gavião, s-t. *guyrá-guassú.*

UIRÁ-ASSÚ. *Thrasaëtus harpygia.* No sul corr. em *urassú.* Gavião real, aguia. Sin. *uirá-uassú-été.*

UIRA-HU-COTIN. E. G. traz êste voc. como o nome tembé do "Gavião-péga-macaco". Sendo o tembé um dialéeto afim do nhêeng, neste deveria êle pronunciar-se *uirá-assú-cotinga, Spizaëtus tyrannus.*

UIRÁ-HU-NHEENGETÁ. *Taenioptera nengetá.* Neste voc. bastante alterado, *nhêengaetá* por *nheng-tára,* cantar.

UIRÁ-TINGA. Garça real. *Ardea egretta.*

UIRÁ-TINGA-MIRI. Garça pequena. *Ardea candidissima.*

UIRAUNA. *Irauna,* no Sul *graúna. Cassidix oryzivora.*

UIRIRI, var. *suiriri,* guar. *suiriri.* Ciriry.

UIRAUNA-TINTINGA. *Irauna* de bico branco. *Amblycerus solitarius.*

UIRÁ-PIANA. *Galbula viridis, Urogalba paradisea.*

UIRÁ-ASSÚ-URUAUÁRA. Gavião de uruá, *Rosthranus socialis.*

UNA, adj. Sin. *pichuna.* Preto, negro, escuro.

URA, s-t. *ura,* guar. *ur.* No Sul berne. *Dermatobia* spec. var.

URACASSÚ. Caracará preto. *Ibycter formosus;* provável corr.

URÚ, s. m. s-t. e guar. *urú*. *Odontophorus guyanensis*. Onomatopaico. No Sul Corcovado. Uma espécie pouco maior *Odontophorus dentatus*, habita o Sul, onde o chamam "Capoeira".

URUÁ, guar. *uruguá*. Caracol.

URUBÚ, s. m. Nome dado a quatro abutres; guar *urubú*. Pelo Voc. do M. G. vê-se que no Rio de Janeiro, nos primeiros tempos da colonização, deram ao urubú o nome de "minhoto". A etim. proposta por T. S. não condiz com o seu profundo conhecimento da língua geral. O provecto *tupí-iára* baiano pensa provir de "*Uru-bú*, a galinha preta, a ave negra. Como o nome dêste vulturide já existia antes que a galinha, animal exótico, tivesse sido introduzida na América, poremos à parte essa tradução arriscada de "galinha preta", mesmo porque em guar. *urúguassú* e não *urú* significava galinha. O *urú*, *Odontophorus guyanensis* dos naturalistas, é um pássaro gregário, vulgaríssimo nas nossas matas e capoeiras paraenses, cujo nome é onom., canta ao romper de aurora e à tardinha. Mont. descreve-o nestes têrmos: "Paxarillo de hechura de gallina". *Uruguassú*, têrmo desconhecido no Pará, é guar. O autor supracitado, dêle diz: "Un paxaro y por su semejança lo han trasladado à las gallinas". Traduzir *uru-bú* oor "ave negra", não é menos disparatado; ave *uirá-guyrá* não se transforma em *urú;* passando pelos lábios dos portuguêses ou pelos beiços dos mestiços, pode alterar em *ará, irá, urá;* no Sul corrompem-no pronunciando *guará* algumas vêzes, mas nunca adquire a pronúncia de *urú*. *Una-un*, preto é adj., francamente nasal, e essa nasalação sempre a conserva; para prová-lo basta citar os equivalentes de ave negra em tupi : *uirá-una*, pronunciando atualmente *irauna*, no Norte e *grauna* no Sul, *Cassidix oryzivora*, e o guar. "*guyra undussú*, pajaroto negro", na frase de Mont., corr. de *guyrá-un-guassú* contr. em *ussú*.

Mart., caindo no mesmo êrro que T. S., pretende derivá-lo de *urú* ave, *uú*, comer, significando ave voraz, *uirá*, *tiára*. Como no Paraguai pronnunciam *yrybú*, Bapt Caet. supõe ter a sua origem em "*yi-robú*", exalar sujo ou podre". Para nós a etim. desta palavra deve ser procurada em *ú-tybú*, *ú* comer, devorar, *tybú*, em composição *ribú*, cadáver, a mudança do *y* gutural em *ú* não é nada rara entre os indígenas: *tymbyra-tumbura*, *petyma-petum*, *pytanga-putanga*, *potyra-potura*, etc. *Tybú*, significando cadáver, corpo morto, caíu em

desuso, substituído como foi *teonguéra-teonbuéra*, e por *ambyra, amyra, ambura,* ficando já alterado em *tuby*, na língua geral, e em *tuby* no dialeto guar. com a acepção de sepulcro: "sepulcro del que já está enterrado", como se exprime Mont., mas conservou a significação de cadáver na frase *tuby-coára, tuby*, cadáver, *cuára*, cova, que o padre Marcos Antonio verte por "Cova de morto". O guar. guardou um derivado de *tyby-tuby-tybú* no têrmo *tubi*, nojo, asco, náusea, vontade de vomitar, cuja relação com o cheiro nauseoso do cadáver ou o sabor da carne em decomposição não escapará aos filólogos. O Voc. do M. G. fornece-nos também dois vocs. compostos, nos quais transparece a acepção de cadáver; Sepulcro: *Tybyguapaba, Tybyurú, guapaba*, corr. de *upaba*, V. *urú*, vasilha, receptáculo.

URUBÚ-CHÊCHÊ. *Urubú-chenchem. Cathartes foetens.* Tem na onom. a sua razão de ser: é o grasno dêstes abutres, sobretudo quando em tôrno de um cadáver, disputando uns com os outros pedaços que lhe arrancam. Ainda no século passado, na cidade do Pará, quando se cortava à escovinha os cabelos de um menino, os outros caçoando, cantavam-lhe: "*Urubú-chêchê* — Quem te pelou — Orelhas te deixou".

URUBÚ-IEREUA. *Urubú-jereua.* No Sul, *jereba*. *Uereua*, virar-se, esponjar-se, pairar, virar. Êste *urubú*, é grande voador, leva horas pairando, voluteando à grande altura com uma perícia incomparável. Sin. *urubú-apitaua, Cathartes aura*.

URUBÚ-REI. *Gypagus papa*. Em guar., segundo Azara, *urubú-rubichá*, corr. pelos naturalistas em *yriburú-ixá*, c. d. *urubú, tubichab*, principal, chefe, correspondente ao nosso *tuibichab*, principal, chefe correspondente ao nosso *tuichaua*, nhêeng., e ao aban. *tubichaba*. É provável que em s-t. fosse *urubú-rubichaba* que os portugueses traduziram por *urubú-rei*? "Seu aspecto sobranceiro e a maneira imperiosa com que se sabe impôr ao respeito dos outros Urubús, fazem-no verdadeiro *Rex vulturum*" E. G.

URUBÚ-TINGA, s. m. *Cathartes urubutinga*.

URUBÚ-TINGA-CAUPI. *Leucopternis caupi*. Gavião vaqueiro.

URUBÚ-PARAUÁ, s. m. s-t. *urubú-paraguá. Gypopsittacus vulturinus*. Pionide do Amazonas "de cabeça calva e preta, com fita amarela no pescoço" E. G. Sin. *Piri-piri, Periquito d'anta*.

URUCURIÁ, guar. *urucureá* que nas *Aves do Brasil* se acha escrito *urucuréa*. No Sul designa a *Noctua cunicularia*, à qual também conhecem por "Caburé do Campo". E. G. No Norte especifica uma coruja, cujo nome científico ignoramos.

URUGUASSÚ. Em guar. galinha.

URUIURÁRA. Algumas tribus conhecem por êste nome a onça pintada, por ter pintas como as do *urú*.

URUMUTUM, s. m. *Nothocrax urumutu*.

URUSSÚ. Espécie de abelha grande, corr. de *yrussú*, c. d. *yra-uassú*.

URUTAURANA. Sin. Gavião de penacho, *Spizaëtus tyrannus*. Será *urutáu-rana?*

URUTAI. Sin. *urutaú, urutauí*, guar. *urutaú*. *Nyctibius grandis*. Para Barb. Rod., c. d. "*iurú*, bôca, *tahy* grande". A grafía atual é *urutahy*. Seu nome traduz-se por coruja agoureira, c. d. *iyry*, guar. que Mont. verte por "Mochuelo" e *taú*, duende, fantasma. O seu canto extraordinário valeu-lhe essa denominação. O primeiro componente *urú* é ainda encontrado na palavra *urucuriá*, espécie de coruja, que Mart., sempre infeliz, decompõe em *guirá*, ave e *guirbo*, infra, abaixo! Verissimo traz *uirá-taú-i*, pequeno pássaro fantasma. Esta palavra *taú* vem em Figueira, mas composta: *tagoaiba*, fantasma c. d. *tagô-taú*, fantasma, *ayba*, ruim, maligno. É provável que *taú* tivesse por algumas tribus a pronúncia *tay*.

URUTAUI. Outra espécie. *Nyctibius jamaicencis*.

URUTAUI-YRA. Espécie de abelha.

URUTÚ. Segundo Von Iher., cobra venenosa. O Vov. do M. G. assim designa um bagre amarelo do mar.

URUTÚ-EIRA. "Espécie de abelha", Von Iher.

USSÁ, var. *Yssá*, Caranguejo. No litoral designa o vulgar caranguejo do mangal, no sertão um crustáceo também decapode pequeno das cabeceiras dos igarapés.

UTÚ. *Udú*. *Momotus brasiliensis*. Onom. "O seu brado, um dos mais notáveis gritos animais do Brasil". E. G. Êste autor dá com sin. *Yeruva*.

UY, adj. aban., *oby*, guar. *toby, hoby*. Em nhêeng. significa azul, em s-t. e em guar. indiferentemente verde ou azul.

Algumas tribus usam do voc. *suiquyra*, c. d. (s) *uy-aquyra*. azul-verde. Parece-nos que *Putribú*, povoação antiga perto de Sorocaba, que T. S. diz provir de *potyra*, e *ybú*, fonte, a fonte das flôres, origina-se antes de *potyra* e *oby*, verde ou azul; a grafia *Apoteroby* usada em documentos anticos isso fez supôr.

Y

YBYRA. Peixe serra. Voc. do M. G.

YGHIGIAU. Voc. do M. G. *Noitevó*, var. *ybyau*. Ave noturna.

YPERÚ, var. *iperú*. Tubarão. Sin. *Sucuri*.

YPYUA, adj, var. *pyú*, *piú*, aban. *puba*, var. *pub*. Mole. Sin. *membeca*. Das frutas que amadurecendo não mudam de côr, mas amarelecem, diz-se *ypyua*, significando então maduro. T. S. não tem razão em traduzir *mandiópuba*, a nossa *maniocaypyua*, por apodrecida, confundindo *puba* com *iuca-iuuca* ou com o seu composto *tuyuc*. A mandioca posta de môlho, fermenta, mas não apodrece; fica mole, facilitando a mão de obra na fabricação da "farinha dágua". Vide esta palavra no Gloss. par. pág. 115. Mesmo em guar. *pyú* significa mole e não podre. Barb. Rod. também deu essa má tradução a *puba*.

YRA, var. *ira* Mel, abelha.

YRA-MYA. Abelha. Segundo Von Iher., c. d. *mel*, e *maya*, vigiar, espiar, mas não nos parece esta etim. exata. A língua tupi designa as abelhas em algumas regiões por *yramaya*; o dic. anônimo de 1795 e a *Poranduba maranhense* dão *yra-maya*; em outros, dizem *yra-ruba* (*tuba*), o Voc. do M.G. e a Chrestomathia do Dr. França assim traduzem o nome dêste inseto. No primeiro caso significa "mãe do mel", no segundo, o "pai do mel".

YRAPUAM. Espécie de abelha. Seu nome, segundo Von Iher. significa "ninho de abelha redondo". Nogueira traduz por "abelha levantada", etim. rejeitada por von Iher.

YRARETAMA. Colmeia, guar. *eirêtama*, c. d. *yra-retama-tetama*.

YRA-RUBA. Vide *yra-maya*.

YRAPICHUNA. Abelha preta.

YRATINGA. Abelha cinzenta grande.

YRUSSÚ, c. d. "*yrá-ussú*, mel grande" von Iher. Não será antes abelha grande?

YSSAUBA, var. *issauba*. *Sauba*. O guar. chama *sauba yssá* e ao seu abdomem comestível *yssaú*, c. d. *yssá-ú*.

YSSAUBÉ. "Elevação de terra entorno dos buracos das saúbas, produzida pela terra que excavam e deitam entorno dessas saídas". Voc. do M. G.

RODOLFO GARCIA

EXOTISMOS FRANCESES ORIGINÁRIOS DA LÍNGUA TUPI

EXPLICAÇÃO

> Que de mots des langues celtique et germanique nous auroient conservé Jules-César et Tacite, si les productions des pays septentrionaux visités par les Romains, avoient differé autant des productions de l'Italie et de l'Espagne que de celles de l'Amérique équinoxiale.
>
> Alexandre de Humboldt — *Voyage aux Régions Équinoxiales*, III, 340, Poris, 1817.

É fato sabido que as línguas americanas em alta escala contribuíram para o desenvolvimento do idioma dos descobridores ou conquistadores do Novo Mundo.

As narrativas de viagens do século XVI e parte do seguinte, encerrando as *singularidades* (para empregar a apropriada expressão da época) notadas na Fauna e na Flora das terras novamente achadas, estão inçadas dos têrmos designativos dos animais, plantas e mais objetos até então desconhecidos, que os autores viam e descreviam pela primeira vez.

O Tupi foi dos maiores contribuintes nesse saqueio operado pela civilização ocidental, o que se explica pela circunstância de que os povos, que falavam a língua depois assim chamada, eram os ocupantes da extensão mais considerável do litoral sul-americano e foram os primeiros a entrar em contacto ou em choque com os navegantes e traficantes europeus, os franceses em magna parte.

Dos livros de viagens passaram aqueles têrmos, mais ou menos alterados, para a literatura científica, para a linguagem corrente, e daí para os dicionários, incorporados ao patrimônio idiomático de cada povo. Sofreram naturalmente modificação gráfica, de acôrdo com a organização glótica dos indivíduos que os receberam; mas essa alteração não é tanta que a um exame mais atento se não denuncie a origem da palavra e lhe não permita a identificação quanto possível perfeita.

Não é de estranhar que de Hans Staden para Anthony Knivet, um alemão, outro inglês, as diferenças de grafia para

as mesmas palavras brasílicas que registraram sejam mais sensíveis, ao passo que, entre franceses, como André Thevet, Jean de Léry, Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux, há de notar-se relativa homogeneidade de escrita. Mesmo assim, existe nesse particular alguma discordância em seus livros respectivos. Para exemplo, considerados aqui apenas os autores franceses, tome-se de seus escritos o conhcido vocábulo *ibirapitanga*, nome tupi da *Caesalpinia echinata*, e ver-se-á que para Thevet é *oraboutan*, para Léry *araboutan*, para d'Abbeville *ouyrapouitan*, e para d'Evreux *ybouyra-pouïtan*. Observar-se-á que a diferença de grafia entre os dois primeiros não é mais pronunciada do que a que ocorre entre os dois últimos; mas há que levar-se em conta que êstes foram compartes na missão maranhense, sendo o livro de um complemento do livro do outro, além de que ambos tiveram uma fonte comum de informações, provadamente em Des Vaux e em David Migan, com os quais se acharam na sua chamada França Equinoxial. E considere-se que Thevet e Léry se referem a tribus do Sul, enquanto d'Abbeville e d'Evreux se reportam às do Norte; em seus escritos, por isso mesmo, é natural que prevaleçam certas influências dialetais, que aparecem não só no vocábulo proposto, como em muitíssimos outros.

Nos autores franceses, que são os que interessam ao caso presente, os vocábulos tupis vêem transcritos em fórma puramente francesa ou afrancesada, algumas vêzes arbitrária e caprichosa. A tarefa de sua restauração gráfica é fácil, relativamente, atendida à equivalência de som entre êles e seus correspondentes no Tupi dos catequistas ibéricos.

Tem-se assim, grosso modo: *eu, ei, u, ouyh*, nos autores franceses, valendo por *i* ou *y* nos autores portugueses ou brasileiros; *au, oi* ou *oy* e *ou*, correspondendo da mesma forma e respectivamente a *ou, oa* e *u*. Os demais sons não apresentam diferenças maiores. Conhecida a correspondência fonética, também é fácil estabelecer a equivalência entre os respectivos temas. Assim, tem-se nos primeiros *ouä*, por *guá* ou *uá*, prefixo; nos segundos; *oui* ou *ouy*, por *gui*, prefixo; *ap* ou *aue* ($u = v$), por *aba*, sufixo nominal; *ouassou* ou *oussou*, por *guaçú, açú* ou *uçú*, sufixo aumentativo; *miri, miry, i* ou *y*, por *mirim, î* ou *im*, sufixo diminutivo; *été* por *etê*, sufivo de

superioridade; *ran* por *rana*, sufixo de semelhança; *eum* por *eima*, sufixo de negação; *peuue* (o segundo *u* = *v*) e *pem*, por *péba* e *pema*, chato, plano; *catou* por *catú*, bom; *éen* por *eêm*, doce; *rup* por *róba*, amargo, amargoso; *teuue* (o segundo *u* = *v*), por *tiba*, sufixo que indica abundância ou freqüência de alguma cousa, correspondente ao latim *etum* e ao português *al*, e que aparece comumente nos topônimos, exprimindo o *ubi; endaue* (*u* = *v*) por *endaba*, lugar, sítio, pouso, etc. Os qualificativos de côr, como vêm transcritos nos autores franceses, pouca alteração oferecem; tem-se aí: *piran*, *pouytan* ou *poytan*, por *piranga* ou *pitanga*, vermelho; *tin* por *tinga*, branco; *iou*, *youp* ou *iouue* (o segundo *u* = *v*), por *yú*, *jú* ou *júba*, amarelo; *aubouyh* ou *aubouih*, por *obí*, azul ou verde; *on* por *un* ou *una*, negro; *pinim* ou *pynim*, por *pinîma*, pintado, pontuado, salpicado de pontos. O metaplasma *mb* é pouco frequente nos escritos franceses: os vocábulos que o deveriam conter, ora se apresentam com *b*, ou com *m*. O mesmo se nota com relação a *nd*, que ora leva uma, ora outra letra. A articulação *b* vem quase sempre mudada em *v* (*u*) e às vêzes em *p;* o *l* vale por *r* muito branco; o *c* chiante vem com *ch;* o grupo *nh* é geralmente substituído por *gn;* o *p* inicial, quando vem precedido de gama nasal, muda-se em *m*, etc.

Passando dessas partículas, vistas sumàriamente, aos vocábulos por elas formados, tem-se, conforme suas categorias:

a) para as denominações vegetais, que mais abundam nos autores citados: *ouyra* ou *ouira* e *oua*, por *ibirá* e suas corrutelas, árvore, pau; *caa* e *ca*, por *caá*, planta, erva, mato; *vue* por *yba*, árvore em geral; *vua* por *ybá*, fruto; *ove* ou *oue* por *óba*, fôlha.

b) para os nomes de animais: *só por çoó*, animal em geral, o bicho, a caça; *boy* por *mbói*, cobra, *pira* e *acara* ou *cara*, peixe de péle ou couro, na primeira fórma, ou de escama, na segunda, por *pirá e acará* ou *cará; ouyra*, ave, pássaro, por *guirá; ara*, dos Psittacídeos, por *ará; ourou*, dos Galináceos, por *urú; arou* por *arú* ou *guarú*, sapo; *berou* ou *merou*, por *mberú*, mosca; *eyre*, por *eira* ou *ira*, abelha, mel; *oussa*, por *uçá*, caranguejo; *ussa* por *içá*, formiga, etc.

Em relação aos nomes de instrumentos, utensílios e outros, bastante variados em razão da complexidade dos objetos que designavam ou ainda designam, nem por isso se torna mais difícil sua identificação, de acôrdo com os radicais acima expostos. Para exemplos dessa classe de nomes podem ser citados nas duas formas em que aparecem: *boucan* (*mockaein*, Hans Staden) por *moquem*, grelha para assar carne ou peixe, por extensão a própria carne ou peixe; *couy*, por *cúia*, vasilha; *ourou* por *urú*, cesto; *panacon*, por *panacum* ou *panacú*, cesto grande, oblongo; *patoua*, por *patuá*, saco de couro, ou pano; *pinda* por *pindá*, anzol; *pouyssa* por *puçá*, aparêlho de pescar; *tabacoura*, por *tapacurá*, jarreteiras, ligas, ou axorcas feitas de fios de algodão, que usavam as donzelas núbeis, etc., sem contar muitos outros que permaneceram com a mesma grafia no francês e no português. Aliás, em grande parte, êsses têrmos se acham incorporados ao léxico luso-brasileiro, ou recolhido aos glossários tupis.

Não é demais observar que numerosas palavras americanas de procedência outra que não o Tupi, aparecem nas relações de viagens referentes ao Brasil e chegaram mesmo a penetrar no dicionário brasileiro. Nesse sentido o contingente das línguas das Grandes Antilhas, onde primeiro aportaram os descobridores, é dos mais copiosos. Segundo Humboldt, *Voyage aux Régions Équinoxiales*, III, ps. 338/339, Paris, 1817, podem ser apontados, como de interêsse para a Botânica descritiva, os vocábulos seguintes: *ahi* (Capsicum baccatum); *batata* (Convolvulus batatas); *bihao* (Heliconia bihai); *caimito* (Chrysophyllum caimito); *cahoba* (Swietenia Mahagoni); a palavra *casabi* ou *cassave* não se usa senão para o pão feito das raízes da Manihot; o nome da planta *juca* foi assim ouvido por Américo Vespucci na costa de Paria, *Lettera a Saderini; age* ou *ajes* (Dioscorea alata); *copei* (Clusia alba); *guyacan* (Guajacum officinale); *guajaba;* (Psidium Pyreferum); *guanavano* (Anona muricata); *mani* (Arachis hypogoea); *guama* (Inga laurina); *henequen* (Agave antillarum, A. americana), originàriamente uma erva, com a qual, segundo as narrativas dos primitivos viajantes, os haitianos cortavam os metais, hoje todo fio resistente; *hicaco* (Chrysobolanus iaco); *maghei* ou *maguei* (Agave americana, e Lucuma mammosa); *mahiz* ou *maiz* (Zea mays); *mangle* (Rhizophora man-

gle); *pitahaja* (Cereus pitahaya); *ceiba* (Bombax ceiba); *tuna* (Opuntia tuna); ainda nomes relativos à Fauna, como *hicotea* (Chelonio); *iguana* (Lacerta iguana); *manati* (Manatus americanus ou australis); *nigua* (Pulex, hoje Tunga, penetrans); *cocujo* (espécie de vagalume (Eclater noctilucus); nomes de utensílios, instrumentos e outros, como *hamaca* (leito pensil, rêde); *barbacoa* (girau formado de paus sôbre forquêtas, para secar carnes e tassalhos de animais, as folhas do mate, etc.); *canei* ou *buhio* (casa redonda, cabana); *chicha* ou *tschischa* (bebida fermentada); *macana* (porrête ou maça de madeira pesada, geralmente da palmeira Guilielma macana); *tabaco* (não a erva, mas o canudo de que se serviam para aspirar a fumaça do tabaco); *cacique* (chefe), etc. Outras palavras americanas, não originárias da língua do Haiti, mas vozes árabes assimiladas ao castelhano, ainda hoje se usam na América espanhola, por exemplo: *caiman* (crocodilo) *piragua* (embarcação); *papaja* (Carica); *aguacate* (Persea); *tarabita* (aparêlho de transporte entre as margens de um rio); *páramo* (campo deserto, raso, aberto a todos os ventos, nos planaltos das montanhas); e mais *banana* (Musas), da língua Mbaiá, do Grande Chaco; *arepa* (espécie de torta ou pão feito de milho); *curiava* (canôa alongada); *guayuco* (peça da vestimenta); *tutuma* (fruto da Crescentia cujete, ou vaso para líquido); e *inúmeras outras palavras*.

*

* *

Arrolando neste ensáio os principais exotismos franceses que têm origem no tupi, procurou-se estabelecer, de conformidade com a lição dos antigos autores, a época de sua incorporação ao léxico francês, e, quando possível, a da sua admissão pela Academia Francesa. Para isso foram utilizadas as oito edições do Dicionário da Academia, o de Boiste, que é o verdadeiro pan-lexicon francês, como o qualificou Charles Nodier, e mais os de Bescherelle, de Littré e de Hatzfeld e Darmestetter. Algumas dessas palavras não foram registradas nos dicionários; figuram, no entanto, nos tratados de Laet,

Piso, Marcgrav e outros, com fóros na ciência, e por essa razão foram incluídas aqui.

O glossário a seguir não pretende ser completo; encerra, em todo caso, a maioria dos têrmos mais importantes do gênero, numa tentativa que não tem precedentes.

BIBLIOGRAFIA

André Thevet — *Les / / Singulari - / / tez de la Franc - / / ce Antarctique, av - / / trement nommée Amerique: & de / / plusieurs Terres & Isles de - / / couvertes de nostre / / temps.* / / Par F. André Thevet, natif d'Angoulesme / /. A Paris, / / chez les heritiers de Maurice de la Poste, au Closs / / Bruneau, à l'enseigne S. Claude / / 1557. / /Avec privilège du Roy |"Primeira e raríssima edição quase desconhecida dos bibliógrafos", — J. Carlos Rodrigues, *Bibliotheca Brasiliense*, n.° 2.358. Dos livros de Thevet, aproveita-se aqui apenas êste, porque a *Cosmographie Universelle* (Paris, 1575), na parte americana, repete com pouca diferença as *Singularitez*. Do Ms. desse autor, na Biblioteca Nacional de Paris, inédito, possue a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a cópia que pertenceu a Eduardo Prado, autenticada pelo Barão do Rio-Branco). — Citação: Thevet, fls.

Jean de Léry — *Histoire / / d'un Voyage / / fait en la Terre / / dv Bresil, avtre / / ment dite Amerique*, etc. A la Rochelle. Pour Antoine Chuppin. M. D. LXXVII (1578). Primeira edição raríssima. Cit.: Lery. ps.

Claude d'Abbeville — *Histoire / / de la Mission / / des Peres Capucins / / en l'Isle de Maragnan et / / terres circonuoisines*, etc. A Paris. De l'Imprimerie de François Huby, rue St. Jacques, à la Bible d'Or, 1614. Cit., Abbeville, fs.

Yves d'Evreux — *Suitte de l'Histoire des Choses plus mémerables advenues en Maragnan ès années de* 1613 & 1614. — Leipig & Paris, 1864. Cit.: Evreux, ps.

Jean de Laet — *Histoire du Nouveau Monde, ou Description des Indes*. Leyde, 1640. Cit.: Laet, ps.

Guilielmo Piso — *De Medicina Brasiliensi* (Amsterdam, 1648. Cit.:Piso, ps.

Georgio Marcgrav — *Historia Rerum Naturalium Brasiliae* (Amsterdam, 1648). Cit.: Marcgrav, ps.

Buffon — *Histoire Naturelle des Oiseaux*. À Paris. De l'Imprimerie Royale, 10 volumes, 1771-1786. Cit.: Buffon, *Oiseaux*, vols. e ps.

Buffon — *Oeuvres complètes suivies de la Classification comparée de Cuvier, Lesson*, etc. Nouvelle édition revue par M. Richard. — 6 vulumes. — Paris, 1838. — Cit.: Buffon, *Oeuvres*, vols., ps.

Carl Friedrich Phil. von Martius — *Beiträge zur Ethnographie Amerika's zumal Brasilien*. Leipzig, 1867. Cit. Martius, *Ethnographie, ps.*

Carl Friedrich Phil. von Martius — *Beiträge zur Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*. Leipzig, 1867. Cit.: Martius, *Sprachenkunde*, ps.

George Friederici — *Die Schiffahrt der Indianer*. Stuttgart, 1907. Cit. : Friederici, *Schiffahrt*, ps.

George Friederici — *Hilfswörterbuch für den Amerikanisten*. Halle (Saale), 1926. Cit.: Friederici, *Hilfswörterbuch*, ps.

George Friederici — *Lehnwörter exotischer Herkunft in europäischen Sprachen*, in *Zeitschift für französische Sprache und Literatur*, Bd. LVIII, Hest 3.4 (ps. 135-155) Jena und Leipzig, 1934. Cit.: Friederici, *Lehnwörter*, ps.

Boiste — *Dictionnaire Universel de la Langue Française*. — 15.ª ed., Paris, 1866.

Bescherelle — *Dictionnaire National*, ou *Dictionnaire Universel de la Langue Française*. — 12.ª ed., Paris, 1867.

Littré — *Dictionnaire de la Langue Française*. — Paris, 1878.

Hatzfeld & Darmesteter. — *Dictionnaire Général de la Langue Française du commecement du XVIII siècle jusqu'à nos jours.* — Paris, 1895-1900.

Dictionnaire de l'Académie Française — Edições de 1694, 1718, 1740, 1762, 1798, 1835, 1878, 1932-35, — oito ao todo, que são quantas apareceram até agora.

Outros autores e obras, ocasionalmente citados, sê-lo-ão *in-extenso*.

GLOSSARIO

A

a b a t i , milho (*Zea mays*, L.).
Thevet, 46, *auaty;* Léry, 142, *auati;* Abbeville, 207, *auatty;* Marcgrav, 19, *abati* Brasiliensibus. Note-se que o *u* vale por *v*, que é *b*. — Diz-se ainda *ubati*, *ubatim*.

a c a j o u , acajú, cajú, fruto do cajueiro (*Anacardium occidentale*, L.).
Thevet, 120 e Léry, 205, *acaiou;* Abbeville, 217; Evreux, 162; Laet, 492, *acaiou* e *caiou;* Piso, 57, *acaju*; Marcgrav, 94, *acaiû*, vulgo *cajú*.
Boiste confunde a anacardeácea com a cedrelácea, cuja madeira se emprega na marcenaria. Bescherelle diz: "Les Brésiliens comptent leur âge par les noix d'*acajou*, et n'oublient pas d'en serrer une chaque année". Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1835. Para Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, s. v., o vocábulo é brasileiro, *acajú* no tupi.
Derivado:
acaiouyer.

a c a i o u y e r , veja *acajou*.

a c a r a , acará, cará, peixe fluvial (*Cichlidas*).
Léry, 186, 188; Abbeville, 247; Marcgrav, 168.
Boiste, poisson du Brésil, peu connu.
Derivados:
acara-bouten.
acara-miri.
acara-oussou.
acara-pep.

a c a r a, Veja *cara* (*Dioscorea*).

a c a r i ç o b e, acariçoba, planta umbelifera (*Hydrocotyle barbarossa*, Cham.).
Piso, 90, *acariçoba*, à Lusitanis *erva do capitaon* appellatur. Martius, *Sprachenkunde*, 384, *acariçoba*. Boiste, *acaricoba*.
No Brasil é mais conhecido o nome de *erva de capitão*.

a c o u c h i, veja *agoutin*.

a c o u t i, veja *agoutin*.

a g a m i, jacami, jacamim, ave (*Psophia crepitans*, L.).
Boiste, Bescherelle, Littré, Darmesteter e Dicionário da Academia; Webster, *Dictionary* : *agami*, tupi *jacami*. Foi Buffon, *Oiseaux*, V, 204, quem introduziu o nome *agami* na literatura científica.
Sinônimos :
jacami.
jacamim.

a g o u t i, veja *agoutin*.

a g o u t i n, agouti, acouchi, acouti, cutia, roedor (*Dasyprocta aguti*, L.).
Thevet, 62 v., *agoutin*; Lery, 155, *agouti*; Abbeville, 96, v., e Evreux, 44, *agouti*; Laet, 484, *acuti* ou *agouti*; Marcgrav, 224: *Aguti*, vel *Acuti* Brasiliensibus, vulgo corructe *cotia* vocatur. Buffon, *Œuvres*, III, 258, *agouti*.
Boiste, Bescherelle, Littré e Dicionário da Academia.
No Brasil prevaleceu a fórma *cutia* e nas repúblicas platinas *acuti* e *aguti*.
Sinônimos :
acouchi.
acouti.
agouti.

a i, preguiça, desdentado da família dos Bradypodídeos (*Bradypus tridactylus*, L.).
Thevet, 99 v., *haüt* ou *haüthi*; Léry, 156, *hay*; Laet, 487, *hay*; Marcgrav, 221 : *Ai* Brasiliensibus, Lusitanis *Priguiza*...
Boiste consigna *ai* ou *hai*, que diferencia, sem razão, de *unau* (*Choloepus didactylus*, L.), porque o pri-

meiro tem rabo, do que o último é privado: certo é que ambas as espécies são descaudadas. No Brasil o nome prevalece apenas na sinonímia amazônica, para designar o macho que tem na nuca uma malha vermelho-alaranjada, atravessada por uma listra, semelhante a um escapulário ou bentinho, de onde o apelido *aí de bentinho*. Littré, *aï*.

a i o u r o u, ajurú, jurú, ajerú jerú, ave (*Amazona aestiva*, L., e espécies afins).
Thevet, 93, *aiuroub;* Léry, 172, *aiourou;* Abbeville, 234 v., *iuruue;* Laet, 490.

a i p i, aipim (*Manihot aypi*, Pohl).
Léry, 132, *aypi*; Laet, 499; Piso, 52; Marcgrav, 274, *aypi*.

a i r i, palmeira (*Astrocaryum ayri*, Mart.).
Thevet, 72, *haïri;* Léry, 201, *aïri;* Laet, 496, *ayri*. Boiste.

a j o u p a, cabana, rancho, pouso.
Abbeville, 63, v., e Evreux, 19, *aioupaue*.
Rochefort, *Histoire Naturelle et Morale des Isles Antilles*, II, 668, Lyon, 1667, atribue a *ajoupa* origem caraiba, significando "un appenty, un couvert ou un auvent". No Tupi existe o equivalente *teyupab*, que deu *tejupaba* ou *tejupá*. No contacto das duas línguas, qual seria a primeira possuidora do têrmo, não é facil de decidir.
Bernardin de Saint-Pierre, *Paul et Virginie*, 85, Paris, 1843: "Oh ! non, dit Paul; je ne te quitterai pas. Si la nuit nous surprend dans ces bois, j'allumerai du feu, j'abattrai un palmiste; tu en mangeras le chou, et je farai avec ses feuilles un *ajoupa* pour te mettre à l'abri".
Bescherelle, Littré e Darmesteter.
Sinônimos :
tejupá.
tejupaba.

a m o c o, mocó, roedor (*Kerodon rupestris*, Wied).
Abbeville, 251 v., Laet, 556. *Mocó*, mais usado.

a n a n a s , bromeliácea (*Ananassa sativa*, Lindl.).
Thevet, 89, *nana;* Léry, 120, *ananas;* Abbeville, 227 v., *ananas;* Laet, 499, *anana;* Piso, 87 : *Anana*, aliis nana.
Boiste, Bescherelle e Littré dão à palavra origem peruana; mas o último, no Suplemento ao Dicionário, corrige para brasileira a procedência do nome, o que Darmesteter confirma, apoiando-se em Thevet, *op. et loc. cit.*

a n d a , andá, árvore euforbiácea (*Joannesia Princeps*, Vell.), hoje mais conhecida com o aumentativo *açú*.
Laet, 495; Piso, 72; Marcgrav, 110.
Boiste.

a n d i r a , andirá, morcego (*Chiropteros*).
Abbeville, 240, *andheura;* Evreux, 249, *endura;* Laet, 554, *andheura;* Martius, *Ethnographie*, 415.

a n d i r a , árvore leguminosa, o mesmo que angelim (*Machaerium heteroptenim*, Fr. All.).
Marcgrav, 100.
Boiste.

a n o n , anum, anú, pássaro (*Crotophaga ani*, L.).
Thevet, 94, *annon;* Léry, 175, *panou;* Marcgrav, 193, *ani* Brasiliensibus. Buffon, *Oiseaux*, VI, 478.

a p e r e a , apereá, preá, roedor (*Cavia aperea*, L.).
Marcgrav, 223, *aperea* Brasiliensibus.
Boiste.
Preá, mais usado.

a p u t é - j u b a , psitac'deo (*Conorus aureus*, Gm.).
Marcgrav, 206.
Boiste.
Também se chama *tui-aputejuba*.

a q u i q u i , nome de ave desconhecida.
Laet, 486.
Boiste, oiseau criard du Brésil.

a r a , nome genérico dos psitac'deos grandes, de longa cauda e bela plumagem.
Foi primeiro assinalado por Américo Vespucci, na *Lettera a Soderini* (Reprinted in facsimile from the rare original of Florence, 1505-6, London, Bernard

Quaritch, 1893).
Thevet, 47, v., e Léry, 170, *arat*.
Boiste, *ara* ou *aras*, e *hara;* Bescherelle e Littré, para quem a palavra é abreviação de *araraca*, nome tupi do papagáio; para Darmesteter entrou na língua francesa no século XVIII, quando Buffon lhe deu fóros científicos. Admitido no Dicionário da Academia em 1835.

a r a b o u t a n , veja *ibirapitanga*.
Boiste.

a r a ç a r i , nome comum às aves da família dos Rhamphastideos, menores que os tucanos.
Abbeville, 238, *arasary*.
Boiste, *aracari*.

a r a i g n a n , jaçanã, ave (*Parra spinosa jacana*, L.).
Léry, 168, *arignan;* Abbeville, *araignan*.
Boiste, *jacana;* Bescherelle *jacane*.

a r a t o u , aratú, crustáceo braquiuro (*Aratus pisoni*, M. Edw.).
Abbeville, 248; Laet, 510.

a t i , ave (*Larus cirrhocephalus*, Vieill.).
Abbeville, 214, *aty*.

a t i n g a c u , atingaçú, ave (*Piaya cayana*, L.).
Marcgrav, 216, *atingacu camucu*. Buffon, *Oiseaux*, VI, 371.

B

b a c o b a , bacova, veja *pacoba*.
Piso, 75.

b a c o v a , veja *pacoba*.

b e j u , bejú, espécie de filhó de tapioca ou massa de mandioca, cozido em fôrno.
Piso, 53; Marcgrav, 274; Martius, *Ethnographie*, 499.

b o i c i n i n g a , serpente da família dos Viperídeos (*Crotalus terrificus*, Daud.).
Laet, 488, *boycininga;* Piso, 41, *boicininga*, quem

Cascavel & Tangedor Hispani nominant.
O mesmo que *boiquira*.

b o i q u i r a , veja *boicininga*.
Boiste, espèce de serpent à sonnettes.

b o u c a n , moquem, grelha de pau para assar na labareda, ou tostar a carne ou peixe, que passava por essa operação.
Léry, 153; Hans Staden, *Véritable Histoire* (tradução francesa de 1837), 196, *mokaen* e *mockaein;* Abbeville, 249; Evreux, 168; Laet, 508, *boucan* ou *mocae;* Marcgrav, 273, *mocae*.
Littré dá à palavra procedência caraiba; mas Rochefort, *Histoire Naturelle et Morale des Isles Antilles*, II, 669, Lyon, 1667, consigna *youla*, "gril de bois, que d'autres sauvages appellent *boucan*".
Boiste, Bescherelle; admitido no Dicionário da Academia em 1835.
Derivados :
boucanage.
boucané.
boucaner.
boucanerie.
boucanier.
boucanière (mulher de vida desordenada).

b o u c a n a g e , veja *boucan*.

b o u c a n é , veja *baucan*.

b o u c a n e r , veja *boucan*.

b o u c a n e r i e , veja *boucan*.

b o u c a n i e r , veja *boucan*.

b o u c a n i è r e , veja *boucan*.

b u r i t i , veja *muriti*.

b u t u c a , veja *mutuca*.

b u t u n , veja *petun*.
Littré.

C

c a b i o u , cabiú, condimento que serve para adubar a comida, assado ou guizado, e que é feito com o suco espêsso

da mandioca.
Boiste e Littré.
Variante :
capiou.

c a b o r é , veja *cabure*.

c a b u r e , caburé, ave (*Glaucidium brasilianum*, Gm.).
Abbeville, 233, *kauouré;* Marcgrav, 212, *cabure* Brasiliensibus.
Boiste.
Variante :
caboré.

c a i , caí, nome genérico dos pequenos Cébidas.
Léry, 163, *cay;* Abbeville, 252 v., e Laet, 486, *idem*.

c a m u r u p i , camurupim, peixe de mar (*Megalops thrissoides*, Bl. et Sch.).
Léry, 186, *kamouroupouy;* Abbeville, 244, *cammouroupouy;* Laet, 506, *camurupi*.

c a n i b a , veja *canibale*.

c a n i b a le , caniba, cariba, caribe ou caraiba, nomes por que se designavam os selvagens antropófagos, habitantes das ilhas Antilhas, de quem Colombo, em sua primeira viagem, recebeu graves queixas de parte dos inermes Aruaques, cujas mulheres roubavam em assaltos à terra firme, prometendo providências dos reis de Castela, — Navarrete, *Coleccion de los Viajes*, I, 263, (Madrid, 1858). — Petrus Martyr, *Opus Epistolarum*, 80/81 (Amsterdam, 1670, Elzevir), escreve : "Canibales sive Caribes et Canibalicum Reginam". — Leonardo de Argensola, *Primera Parte de los Anales de Aragon*, 567, (Zaragosa, 1891) : "... los Caribes ... ainsi se llaman en las Indias los Selvajes, que comen carne humana, como en Grecia Antropophagos". — Rabelais, *Pantagruel*, 89, Paris, ed. Flammarion, refere-se a "les enraigez Putherbes, Briffaulx, Caphars, Chattemiltes, *Canibales*, et aultres monstres difformes et contrafaicts en despit de la Nature." — Montaigne, *Essais*, I, 253/271, Paris, 1872, descreve longamente os costumes dos *Canibales* — Karl von den

Steinen, *Die Bakaïri Sprache*, ps. IX, Leipzig, 1892, opina que a fórma legítima do nome seria *caraiba*, e não *caribe*, e seu significado parece ser o "estrangeiro". — Rodolfo Lenz, *Dicionário Etimolójico de las voces chilenas derivadas de lenguas indijenas americanas*, n. 146 (Santiago de Chile, 1904), é de parecer que a denominação viria de êrro dos descobridores, que ouvindo aos índios o nome *caraiba*, acreditavam que êles assim se chamassem, quando aos recem-chegados, aos forasteiros, era que daquele modo denominavam.

Boiste, Bescherelle e Littré; admitido no Dicionário da Academia em 1762.

Derivado :

canibalisme, antropofagia.

Sinônimos :

caniba.

caraiba.

cariba.

caribe.

c a n i b a l i s m e , veja *canibale*.

c a n i d é , canindé, ave (*Ara ararauna*, L.).

Thevet, 81 v., *carinde;* Léry, 171, *canidé;* Abbeville, 234, *idem*.

Boiste, perroquet bleu d'Amérique.

c a o u i n , cauim, sorda fermentada de cajú, que os índios preparavam e bebiam por ocasião de suas festas; por extensão, a beberagem fermentada de milho. O vocábulo, significando vinho ou a festa que determinava, tem larga distribuição na América do Sul: mas é incontestàvelmente de origem tupi, de *acajú* ou *cajú*.

Thevet, 46, *cahouin;* Léry, *caouin;* Abbeville, 261, e Evreux, 42, *idem*.

Littré, *caoi*.

Derivados :

caouinage.

caouiné.

caouiner.

c a o u i n a g e , veja *caouin*.

c a o u i n é , veja *caouin*.

c a o u i n e r , veja *caouin*.

c a p i b a r a , capivara, roedor (*Hydrochoerus capybara*, Erxl.).
Abbeville, 248 v., *capyyuare;* Laet, 212, *capyguara;* Marcgrav, 230, *capybara* Brasiliensibus, *Porcus* est fluviatilis.
Littré, *capivard*, dado como um dos nomes da *cabiai*, que é a *cobáia*, ou porquinho da Índia (*Cavia cobaia*, L.).

c a p i o u , veja *cabiou*.
Para Boiste é a própria mandioca.

c a r a , cará, planta, nome comum a diversas espécies de Dioscoreas.
Abbeville, 229; Laet, 553; Piso, 93; Marcgrav, 29.
O mesmo que *acara*.

c a r a c a r a , caracará, ave de rapina (*Milgavo chimachima*, Vieill.).
Abbeville, 233, *karakara;* Marcgrav, 211, *caracara* Brasiliensibus, *Gaviaon* Lusitanis. Buffon, *Oiseaux*, II, 407.
Boiste, Littré, Darmesteter.

c a r a g u a t a , caraguatá, gravatá, bromeliácea (*Bromelia karatas*, L.).
Abbeville, 228, *karaouäta;* Laet, 502, *caraguata*, 552, *karouta;* Piso, 111, e Marcgrav, 37, *idem*.
Boiste, *carata;* Littré e Darmesteter, *karata*.

c a r a i b a , veja *canibale*.

c a r a m e m o a , cariminguá, espécie de paneiro feito de folhas de palmeira.
Léry, 157, *carameno;* Abbeville, 283, *idem*.

c a r a m o u r o u , caramurú, moréia, peixe de mar da família dos Muraenídeos. Foi apelido de Diogo Álvares, entre os tupinambás da Bahia.
Abbeville, 246.

c a r a p i r a , carapirá, garapirá, ave (*Fregata aquila*, L.).
Abbeville, 241 v., *kary-pyra;* Laet, 511, *caripira*.

c a r b e t, casa pública, lugar de reuniões, o parlamento dos índios.
Abbeville, 57 v.; Evreux, 55. Rochefort, *Histoire Naturelle et Morale des Isles Antilles*, II, 668, Lyon, 1667, *karbet*.
Boiste, Bescherelle, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1835.
Por analogia, espécie de *hangar* para abrigar embarcações. Nos *Diálogos das Grandezas do Brasil* (Diálogo 6.°) ocorre *carpe* com idêntica acepção de *carbet*.

c a r i a m, sariam, seriema, ave (*Microdactylus cristatus*, L.).
Abbeville, 242, *saliam;* Laet, 554, *salian;* Marcgrav, 203, *cariama*, em vez de *çariama*.
Boiste e Bescherelle, *cariame*.

c a r i b a, veja *canibale*.

c a r i b e, veja *canibale*.

c a r i m a n, massa de mandioca puba.
Abbeville, 305, *cayman;* Evreux, 22; Piso, *carima*.

c h e r e m b a b e, carimbabo.
Léry, 173, *cherimbaué;* Abbeville, 293, *kerembaue*.

c i p o, cipó, liana, planta sarmentosa e trepadeira.
Piso, 113; Marcgrav, 14, *icipo* Brasiliensibus, cujus multae sunt species. Martius, *Sprachenkunde*, 406, *sipó, sepó, çepó, çipú*. Friederici, *Hilfswörterbuch*, 31. O têrmo já era corrente em 1549, como se vê no mandado de 21 de dezembro daquele ano, para que se pagasse em resgate certa quantia, que se dispendeu em agulhas, *cipós* e varas, e em outras cousas para a cêrca da cidade do Salvador, *Documentos Históricos*, vol. XXXVII, ps. 57, Rio, 1937.

c i p o r e m e, ciporema, árvore (*Seguieria americana*, L.).
Boiste, *ciporème*, arbre du Brésil, *ème*, espèce d'ail.

c o a t i, cuati, roedor (*Nasua socialis*, Wied.).
Thevet, 95 v., *coaty;* Lery 166, *coaty;* Laet, 486, *cuati*. Buffon, *Œuvres*, III, 257.
Boiste, Littré.

c o e n d o u, coandú, cuandú ou quandú, roedor (*Coendu villosus*, L.).

Abbeville, 249 v.; Laet, 556; Marcgrav, 233, *cuandu* Brasiliensibus, *Ourico Cachiero* Lusitanis. Buffon, *Œuvres*, III 520.

c o p a h y , copaíba, árvore leguminosa (*Copaifera officinalis*, Jacq., e outras espécies), de cujo caule, por incisão, se extrai o óleo bem conhecido em medicina.
Léry 201, *copa-ü;* Laet, 494, *cupayba;* Piso, 56, *copaiba*.
Bescherelle, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1762.
Derivado :
copayer.

c o p a y e r , veja *copahy*.

c o u i , cuia, vasilha feita de metade do pericarpo do fruto da cueira (*Crescentia cujete*, L.).
Léry, 308 *couï;* Abbeville, 272, *couy;* Evreux, 142, *cuï;* Martius, *Ethnographie*, 715, *cuia*.
Boiste, *coui*, enveloppe du fruit de calebassier, vidée; Littré.

c o u m a r o u , cumarú, árvore (*Dipterix odorata* (Aubl.) Willd.).
Abbeville, 226, *coumarou*.
Boiste, Littré, Darmesteter.

c o u r e m a n , curimã, peixe (*Mugil curema*, Cuv. et Val.).
Léry, 185, *kourema ;* Abbeville, 244 v., *coureman ;* Marcgrav, 181, *curema* Brasiliensibus, species Tainha grandis & crassa.

c o u r i c a c a , curicaca, ave (*Thimosus nudifrons*, Spix).
Marcgrav, 191, *curicaca* Brasiliensibus. Buffon, *Oiseaux*, IV, 134.
Boiste.

c o u r o u r o u , cururú, nome por que se conhecem duas espécies de batráquios: *Ceratophrys dorsatus*, Neuw. (Brasil oriental) e *Pipa cururu*, Spix (Amazonas).
Abbeville, 253 v.; Piso, 46.
Boiste, *curucu*.

c u r u c u i , ave desconhecida.
Marcgrav, 211, *curucui* Brasiliensibus.
Boiste; Littré, *couroucou*.

F

f e r n a m b o u c , pernambuco, brasil, ou pau-brasil (*Caesalpinia echinata*, Lamk.).
Abbeville, 76 v., passim, *fernamboury*, nom de lieu; Evreux, 65, passim, *idem*.
A grafia dêsses autores induz à hipóse de que o vocábulo se derive de *Fernam* (Fernando), e *bourg*, cidade, povoação, castelo; entretanto, é nome genuinamente tupi, e desde cêdo aparece, mais ou menos alterado, nas cartas geográficas e nas relações dos viajantes, para designar não só a terra, como a essência vegetal que ali abundava, e de onde era exportada: *bois de Fernambouc*, por metonímia, *Fernambouc*, o lugar pelo produto.
Boiste; Bescherelle: *fernambouc*, bois de Brésil, propre à la teinture, et qui vient de la province de Fernambouc.

G

g e n i p a , genipapo, árvore (*Genipa americana*, L.).
Thevet, 59, *genipat;* Léry, 113, *idem;* Abbeville, 219, *iunipap;* Evreux, 212, *iunipape;* Piso, *ianipapa*.
Boiste, *janipa*, *janipaba;* Littré, *genipa*.
Derivado :
génipayer.

g é n i p a y e r , veja *genipa*.

g i b o i a , serpente (*Boa constrictor*, L.).
Abbeville, 253 v., *iouboy;* Laet, 488, *giboya* ou *iaboia;* Piso, 41, *jiboya*.
Boiste, *giboya;* Littré.

g i r a u m o n , girimú, giramum, abóbora (*Cucurbitáceas*).
Abbeville, 52, v., *gyromon;* Laet, 552, *idem*.
Bernardin de Saint-Pierre, *Paul et Virginie*, 58, Paris, 1843: "Il semait du petit mil et du maïs dans les endroits médiocres, un peu de froment dans les bonnes terres, du riz dans les fonds marécageux; et, au pied des roches, des *giraumons*, des courges et des concombres, qui se plaisent à y grimper."

Bescherelle, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1762.

g o a r i b a , guariba, nome de uma casta de símios (*Micetes*).
Abbeville, 252, *ouärine;* Laet, 486, *goariba*.
Boiste, *ouarine*, espèce de sapajou.

g o u a i a m o n , guiamú, guoiamum, crustáceo braquiuro (*Cardisoma guhumi*, Latr.).
Abbeville, 248, *ouégnomoin*, que é também o nome de uma constelação de várias estrelas na astronomia dos tupis do Maranhão. Laet, 510, *guainumu;* Marcgrav, 185, *guanhumi* Brasiliensibus : cancer terrestris. Martius, *Sprachenkunde*, 450, *guanhumi*.

g o u a m b u c h , guainumbi, nome comum aos Troquilídeos (*Beija-flores*).
Thevet, 94; Léry, 176; Abbeville, 239 v., *ouénombouyh;* Laet, 490, *guaynomby;* Marcgrav, 107, não distinguiu os colibrís dos pássaros-moscas, e a todos chamou indiferentemente *guainumbi* Brasiliensibus. Buffon, *Oiseaux*, VII, 33.
Boiste.

g u i r a - a p e r e a , guirapereá, ave (*Tanagra flava*, L.).
Marcgrav, 202.

g u i r a - b e r a b a , guira-berába, ave (*Nemosia guira*, L.).
Marcgrav, 212, *guira guacu beraba* Brasiliensibus; Buffon, *Oiseaux*, VI, 570, *guira-beraba*.

g u i r a - c a n t a r a , guira-acangatára, ave (*Guira guira*, Gm.).
Marcgrav, 202, *guira acangatara*. Buffon, *Oiseaux*, VI, 371.

g u i r a - n h e e g e t a , guira-nheengetá, ave (*Taenioptera negeta*, L.).
Laet, 40, *guiranheangeta;* Marcgrac, 209. Buffon, *Oiseaux*, V. 181.

g u i r a - p a n g a , guira-ponga, araponga (*Chasmorhynchus nudicollis*, Vieill.).
Laet, 491, *guira punga* ou *girapoiga;* Marcgrav, 201, *guira punga* Brasiliensibus. Buffon, *Oiseaux*, V, 177.
Boiste, cotinga du Brésil.

guaira-querea, guiraquereá, ave (*Caprimulgus torquatus*, L.).
Marcgrav, 202; Buffon, *Oiseaux*, VI, 570.

guirarou, guiraró, ave (*Flavicola climazura*, Vieill.).
Marcgrav, 209. Buffon, *Oiseaux*, V, 181.

gurupema, veja *urupema*.

gurupemba, veja *urupema*.

H

hetich, jetica, batata (*Batatas edulis*, De-Cand.).
Thevet, 52 v.; Léry, 224; Abbeville, 228, *yeteuch;* Laet, 553, *hetich* ou *yeteuch;* Marcgrav, 16, *ietica* Brasiliensibus, Lusitanis *Batata*. Martius, *Sprachenkunde*, 418.
Baiste.

I

iaconda, jaconda, nhacundá, peixe de água doce (*Cichildas*).
Abbeville, 247, *yaconda;* Laet, 555, *idem*.

iacou, jacú, ave (*Penelopidas*).
Léry, 169; Abbeville, 236 v.; Buffon, *Oiseaux*, II, 403.
Boiste, *yacon*.
Derivados :
iacou-ouassou.
iacoupen.
iacoutin.

iacou-ouassou, veja *iacou*.

iacoupen, veja *iacou*.

iacoutin, veja *iacou*.

iapi, japí, japim, ave (*Cassicus cela*, L.).
Abbeville, 69 v., *iapy*.
Boiste, *yapu* (japi), confundindo-o com *yapon* (japú), que é outra ave.

iapon, japú, ave (*Ostinops decumanus*, Pall.).
Abbeville, 237 v.; Laet, 490, *yapu;* Buffon, *Oiseaux*,

III, 255, *yapon*.
Boiste, *yapon*.

i b i a r a , ibiára, cobra de duas cabeças (*Amphisbaena*).
Piso, 42; Marcgrav, 239, *ibyara* Brasiliensibus.
Boiste, ibare ou *ibijare*.

i b i b o c a , cobra coral (*Elaps*).
Marcgrav, 240.
Boiste, Bescherelle, Littré; admitido no Dicionário da Academia em 1835.

i b i j a u , ibijaú, ave (*Nyctidromus albicollis*, Gm.).
Marcgrav, 195, *ibijau* Brasiliensibus, *Noitibo* Lusitanis. Buffon, *Oiseaux*, VI, 572.
Segundo a lenda, o que come terra, com outros nomes, como engoulevent, tette-chèvre, crapaud-volant.
Boiste, Bescherelle; admitido no Dicionário da Academia em 1835.

i b i r a c o a , ibiracoá, espécie de cobra.
Piso, 43, *ibiracoa* Brasiliensibus.
Boiste.

i b i r a p i t a n g a , pau-brasil, brasil (*Caesalpinia echinata*, Lamk.).
Thevet, 116, *oraboutan;* Léry, 194, *araboutan;* Abbville, 183, *ouyrapouitan;* Evreux, 54, *ybouyrapouïtan*.
Bescherelle e Littré, *ibirapitanga*.

i c i c a , resina, goma vegetal.
Thevet, 59 v., *usub;* Marcgrav, 98, *icica*.

i e r o p a r y , jurupari, o demônio incubo, um gênio da mitologia tupi.
Abbeville, 70, et passim; Evreux, 37 et passim, *giropary;* Laet, 475, *inrupari* (quiçá *iurupary*); Martius, *Ethnographie*, 468, *jurupari*.

i e t i n g a , nhitinga, mosquito (*Culex*).
Abbeville, 255 v., *yetingue;* Laet, 489, *yetin* ou *getinga;* Marcgrav, 257, *ietinga*.

i g a r a , canoa ligeira.
Léry, 229; *ygat;* Abbeville, 187, *augare*.

i n u b i a , buzina, flauta dos índios.
Léry, 227.

O nome decorre, segundo Batista Caetano (*Apontamentos sôbre o Abañeênga*, in *Ensáios de Sciencia*, I, 38, Rio, 1876), de êrro de grafia do tupi *mimby*, que escrito *mybu* e também *mubu*, se tornou *inubie* e *inubia*, que os poetas adotaram e celebraram.

i p e c a c u a n a , ipecacuanha, planta da família das Rubiáceas (*Psychotria ipecacuana*, Mull. Arg.).
Laet, 501, *igpecaya* ou *piguaya;* Piso, 95, *ipecacuanha;* Marcgrav, 17, *ipecacoanha*.
Boiste, Littré, Darmesteter, *ipecacuana*.

i p e c u , ipecú, nome comum às aves da família dos Picídeos (*Pica-paus*).
Marcgrav, 207, *ipecu* Brasiliensibus, corta pao Lusitanis.

i p e r u , iperú, nome tupi do tubarão (*Seláquios Pleurotremados*).
Thevet, 133, *houperou;* Marcgrav, 172, *iperu* Brasilienibus, *tiberon* vel *tubaron* Lusitanis.

i r a r a , papa-mal, mamífero (*Tayra barbara*, L.).
Thevet, 98 v., *heirat;* Laet, 486, *hirara*.
Boiste.

i r i , palmeira (*Astrocaryum ayri*, Mart.).
Thevet, 115 v., *yri;* Léry, 200, *idem*.
O mesmo que *airi*.

J

j a b e b i r è t e , jabebiretê, jabiretê, ou ráia-licha, peixe de mar (*Dasyatis*).
Marcgrav, 175.
Boiste.

j a b i r o u , jabirú, jaburú, ave (*Mycteria mycteria*, Licht.).
Abbeville, 242, *iauourou;* Marcgrav, 201. A descrição feita por êsse autor, do *jabirú* e do *tuiuiú*, ou *nhanduapoa* (ps. 200 e 201), não concorda com as figuras respectivas, que foram trocadas na tipografia. O fato induziu em êrro a Linneu, cujas descrições específicas se basearam, para as aves brasileiras, na obra de Marcgrav. Buffon, *Oiseaux*, VIII, 136.
Boiste, Littré.

j a c a m i , ave, veja *agami*.

j a c a m i m , ave, veja *agami*.

j a c a n a , jaçanã, veja *araignan*.
Marcgrav, 190, *jacana*.
Bescherelle, *jacane*.
O nome ficou alterado nesse, como em muitos outros nomes brasileiros, pela ausência do ç no latim.

j a c a r a n d a , jacarandá, árvore de madeira negra preciosa (*Machaerium* spc.).
Abbeville, 223, *yacaranda;* Laet, 496, *iacaranda*.
Boiste, bois de Indes.

j a c a r e , jacaré, crocodilo (*Emydosáurios*).
Thevet, 62/62 v.; "Ils [os selvagens do Cabo-Frio] le nomment en leur langue *acareabsou, &* sont plus grandes que ceux du Nil." Léry, 157, *iacaré;* Laet, 512, *iacare;* Piso, 43, *jacaré;* Marcgrav, 242, *iacare*.
Boiste e Bescherelle, *jacaret;* Littré, *jacara*.

j a c a r i n i , jacarina, ave (*Volatinia jacarina,* L.). *Serra-serra, saltador*.
Marcgrav, 210, *iacarini;* Buffon, *Oiseaux,* V, 42.
Bescherelle e Littré.

j a c u r u t u , *jurucutú,* ave (*Bubo magellanicus,* Gm.).
Abbeville, 240, *ioucouroutou;* Marcgrav, 199, *iacu-rutu* Brasiliensibus, *Bufo* Lusitanis.
Littré, *jucurutu*.

j a g u a r , nome genérico dos Felídeos americanos, o *Felis onca,* L.).
Léry, 162, *ianou-are;* Abbeville, 251 v., *ianouäre,* e 317, *iaouäre,* "estoille... c'est à dire chien", a estrêla da tarde, ou Vesper. Laet 556, *ianouare ;* Marcgrav, 235: *iaguara* Brasiliensibus, nobis *Tigris,* Lusitanis *Onca*. Buffon, *Œuvres,* III, 293, tratando dêsse animal, escreve: "Les premiers qui en aient donné une description détaillée, sont Pison et Marcgrave; ils l'ont appellé *jaguara,* au lieu de *janouara,* qui étoit son nom en langue brasilienne..." — o que é para retificar-se. Friederici, *Lehnwörter,* 138/139.
Boiste, Bescherelle, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia de 1835.

j a n d a i a , nhandaia, psitacideo (*Conurus*).
Abbeville, 318, *yanday, yenday,* "certaine estoille laquelle paroist tout rouge... lors que le Soleil se couche". Marcgrav, 206, *iendaya;* Buffon, *Oiseaux,* VII, 210, *jendaya*.

j a n d i r o b a , veja *nandirobe*.

j a p a c a n i , japacanim, ave (*Donacobius atricapillus,* L.). Marcgrav, 212, *japacani* Brasiliensibus. Buffon, *Oiseaux,* III 230.

j a r a r a c a , serpente da família dos Viperídeos (*Bothrops*), Thevet, 132 v., *gerará;* Laet, 488, *iararaca;* Piso, 42.

K

k a r a t a , veja *caraguata*.
Darmesteter.

M

m a g u a r i , ave (*Euxenura maguari,* Gm.).
Abbeville, 241, *maouärip;* Marcgrav, 204, *maguari* Brasiliensibus; Buffon, *Oiseaux,* VIII, 133.

m a m a n - p i a n , veja *pian*.

m a n d u b i , mendubim, amendoim. (*Arachis hypogoea,* L.).
Léry, 216, *manobi;* Abbeville, 229 v., *mandouy;* Laet, 503, *manobi* ou *mandubi;* Marcgrav, 41, *mandubi*.

m a n i o c , mandioca (*Manihot utilissima,* Pohl).
Thevet, 49, *manihot;* Léry, 132; Laet, 494, *mandioca;* Piso, 52/55, a história da planta; Marcgrav, 55.
Boiste, *manioc;* Littré, *manihot* e *manioc;* Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1762.
Variante :
manioca.

m a n i o c a , veja *manioc*.

m a n g a b a , mangaiba, fruto e àrvore (*Hancornia speciosa,* Gomez).
Abbeville, 218 v.; Laet, 492; Piso, 67; Marcgrav, 121.

m a r a c a , maracá, instrumento músico indígena.
Pigafetta, in Ramusio, *Delle navigationi et viaggi,* I,

408 v. (Venetia, 1554), *itanimaraca*. Léry, 118, *maraca;* Abbeville, 300; Evreux, 44.

m a r g a i a , maracajá, carniceiro (*Felis pardalis*, L.).
Abbeville, 251 v.
Boiste, Littré, Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1835, *margay*.

m a r g a n a , maracanã, psitacídeo, (*Ara maracana*, Vieill.).
Léry, 174; Abbeville, 234 v.; Marcgrav, 207, *maracana*.

m a r i k i n a , veja *mirikina*.

m a r i n g o u i n , marigoui,, marui ou marium. diptero hematófago (*Culicoides maruim*, Lutz).
Abbeville, 255, *marigouy* e *maringouin;* Evreux, 185, *maringoin;* Laet, 489, *mariguy;* Piso, *marigui*.
Bescherelle e Littré consignaram a fórma *maringouin*, que os entomologistas franceses vinham adotando desde Macquart, *Histoire Naturelle des insects* (Suite à Buffon), I, 13, Paris, 1834; Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1718.

m a r i p a , maripá, palmeira (*Attalea maripa*, Mart.).
Boiste.

m è r e - p i a n , veja *pian*.

m e t a r a , veja *tembetá*.
Abbeville, 182.

m i á , veja *pian*.

m i n g a u , papa feita de qualquer espécie de farinha, de amido, fécula, etc.
Léry, 134, *mingant;* Hans Staden, *Véritable Histoire*, 256 (tradução francesa de 1837), ouviu e *escreveu* mingau; Abbeville, 67 v., e Evreux, 12, *migan;* Laet, 499, *mingaou*, ou *mingaü;* Piso, 54, *mingau* Brasiliensibus.

m i r i k i n a , miriquina, espécie de símio (*Nyctipithecus trivirgatus*, Spix).
Abbeville, 252 v.
Boiste, *marikina*.

m i t ú , veja *muton*.

m o c a c o u a, macucagoá, macucáu, ave (*Crypturus adspersus*, Spix).
Léry, 169, *mocacoua;* Abbeville, 237, *macoucaouã;* Marcgrav, 213, *macucagua* Brasiliensibus.

m o c oi, mocó, veja *amoco*.

m o u t o u c, mutuca, diptero braquícero (*Tabanus*).
Abbeville, 253.
Variante:
butuca.

m u c u r a, marsúpio (*Didelphis*).
Abbeville, 55 v.

m u r i t i, palmeira (*Mauritia vinifera*, Mart.).
Abbeville, 185 v., *meurouty*.
Littré, *murity*.
Variante :
buriti.

m u r u c u j a, maracujá, nome genérico das Passifloras.
Abbeville, 183, *margouyäue*, e 220, *margoyä; Marcgrav*, 70, 71, *murucuya*.
Boiste, *murucuca*, espèce de Fleur de la Passion, en Amérique, à fruit delicieux.

m u t o n, mutú, mutum, mitu, nome genérico das aves da família dos Cracídeos.
Léry, 169, *mouton;* Laet, 491, *mutu*, 553, *moyton* ou *mouton*.
Variantes :
mitú:
mutú.
mutum.

m u t ú, veja *muton*.

m u t u m, veja *muton*.

N

n a m b o u, nambú, nhambú, inhambú, ave da família dos Tinamídeos (*Crypturus*).
Léry, 169, 170, *ynambou;* Abbeville, 273, *nambou*.
Derivados :

nambou-miri.
nambou-ouassou.

n a m b o u - m i r i m , veja *nambou.*

n a m b o u - o u s s o u , veja *nambou.*

n a n a , veja *ananas.*
Boiste.

n a n d i r o b e , nhandiroba, jandiroba, planta cucurbitácea (*Feuillea trilobata,* L.).
Laet, 502, *iandiroba;* Martius, *Sprachenkunde,* 402.
Boiste.

n h a n d i r o b a , veja *nandirobe.*

n h a n d o u , nhandú, nandú, a ema (*Rhea americana,* L.).
Abbeville, 242, *yandou;* Laet, 557, *idem;* Marcgrav, 190, *nhanduguacu* Brasiliensibus, ema Lusitanis.
Littré, *nandu* ou *nandou.*

n h a t i u n , mosquito (*Culex*).
Marcgrav, 257, *nhatiu, yatiun.*

O

o c a , planta da família das Oxalidáceas (*Oxalis tuberosa,* Molina), cujos tubérculos são comestíveis no Brasil.
Laet, 322; Friederici, *Hilfswöterbuch,* 71, atribue étimo quéchua a essa palavra, o que não é improvável.
Boiste, Littré.

o r a b o u t a n , veja *ibirapitanga.*

o r o p e m a , veja *urupema.*

o u a n g o u , angú, farinha de mandioca, milho ou arroz, cozida em água fervente.
Piso, 54, *angu.*
Não é certa a origem dessa palavra, se é brasileira ou africana, tupi ou angolense.
Boiste.

o u a r a , guará, ave (*Eudocimus ruber,* L.).
Léry, 186, *ouara;* Abbeville, 240 v., *ouära;* Laet, 511, *guara;* Marcgrav, 203, *guara* Brasiliensibus.

o u a r a , guará, peixe de mar (*Carangideos*).
Léry, 186, *ouara;* Abbeville, 245, *ouara;* Laet, 553, *ouara*.

o u a r a , guará, carniceiro (*Canis jubatus*, Dems.).
Abbeville, 183 v., *ouära*.

o u i c o u , uîqui, tiqui, tiquira, aguardente de mandioca.
Varnhagen, *História Geral do Brasil*, III, 205, 3.ª ed.
Boiste, Littré.

o u r o u , urú, cesto ou bolsa com tampa, cofo.
Abbeville, 283, ouru, Martius, *Sprachenkunde*, 95.

o u r o u , urú nome comum a várias perdizes do gênero Odontophorus.
Abbeville, 238; Laet, 491, *uru*.

o u r o u b o u , urubú, o corvo (*Cathártidas*).
Abbeville, 316 v.; Marcgrav, 207, *urubu* Brasiliensibus. Para os índios do Maranhão era também uma constelação em fórma de coração.

o u y r a - o u a s s o u, guirá-açú, uiraçú, nome comum a duas espécies de Falconídeos : *Thrasaëtus harpya*, L., e *Morphus guianensis*, Daud. Na Amazonia, *uraçú*.
Abbeville, 232 v.; Evreux, 203, *ouira-ouassou*.
Boiste.

o u y r a p o u i t a n , veja *ibirapitanga*.

P

p a c a , roedor (*Coelogenys paca*, L.).
Léry, 156, *pag* ou *pague;* Abbeville, 96 v., *pac;* Evreux, 61, *pac*, 136, *paque;* Laet, 484, *paca*.
Boiste, *paca;* Littré e Darmesteter.

p a c o b a , pacova, banana (*Musa paradisiaca*, L., *Musa sapientium*, L., e *Musa rosacea*, Jacq.).
Thevet, 61, *pacona*, quiçá por êrro de imprensa, reproduzido na edição de 1558, ps. 60; Léry, 205; *paco;* Laet, 497, *pacoba ;* Marcgrav, 137, *idem;* Martius, *Sprachenkunde*, 423.
Derivados :
pacoaire.
paquoere.

p a c o a i r e , bananeira, veja *pacoba*.
Thevet, 61, *paquouere;* Léry, 225, *pacoaire;* Marcgrav, 137, *pacoeira*.

p a c o s e r o c a , pacoba-sororóca, planta musácea (*Alpinia paco-seroca*, Jacq.).
Marcgrav, 48, *Paco-Seroca* Brasiliensibus. Martius, *Sprachenkunde*, 402.
Boiste, *pacoseroca*.

p a c o v a , banana, veja *pacoba*.

p a c u , pacú, peixe (*Myletes* spec.).
Martius, *Sprachenkunde*, 78, 466.

p a g é , pajé, payé, o médico, o curandeiro, o feiticeiro, o mestre artífice, magister artium, o profeta.
Thevet, 65, Léry, 332, e Abbeville, 132, *pagé;* Evreux, 31, *pagi*, e 104, *pagy;* Martius, *Ethnographie*, 76, *pajé*, *piaché*, *piacche*.
O nome aparece escrito *paye*, *piaye* e até *piache*, como se vê acima, e de outros modos ainda; na segunda maneira de escrever — *piaye*, bastou que por êrro de impressão se mudasse o *y* em *g* para tornar-se *piage*, de onde o *piaga*, cujos cantos tanto que fazer deram aos literatos e romancistas. — Conf. Batisca Caetano, *Apontamentos sobre o Abañeênga*, in *Ensáios de Sciencia*, I, 38, Rio, 1876.

p a n a c o n , panacú, panacum, cesto oblongo, de fundo oval, espécie de canastra.
Abbeville, 319. Na astronomia dos índios do Maranhão era uma constelação em fórma de um longo paneiro. Marcgrav, 272, *panacu*.
O têrmo ocorre na provisão real de 12 de fevereiro de 1557, para que os padres e irmãos da Companhia de Jesus, estantes nas partes do Brasil, tivessem para seu mantimento, cada um e em cada mês, quatro *panacus* de mandioca, e um alqueire de arroz ... — *Documentos Históricos*, vol. XXXV, ps. 429, Rio de Janeiro, 1937.

p a q u o e r e , bananeira, veja *pacoba*.

p a r a t í , peixe (*Mugil albula*, L.).
Léry, 185; Abbeville, 244 v.; Laet, 555, *paraty* ou

parati; Marcgrav, 181, *parati* Brasiliensibus, Lusitanis *Tainha*.

p a r i r i , bairiri, ave (*Zenaida auriculata,* Des Murs).
Boiste, *piriri*.

p a r o à r a, tié-guaçú-paroara, ave (*Paroaria cuculata,* Lath.).
Marcgrav, 214, *tije-guacu paroara* Brasiliensibus; Buffon, *Oiseaux,* IV, 203, fundado na denominação de Marcgrav, segundo a qual *tije* ou *tié* não passa de nome genérico, *guacu* ou *guaçú* é adjetivo, que significa grande, adotou *paroare* ou *paroara* como denominação específica. *Tié é nome genérico do canário na língua tupi.*

p a r o u , parú, peixe marítimo (*Petrilus paru,* Cuv.).
Abbeville, 245 v., *parou;* Marcgrav, 144, *paru* Brasiliensibus.
Boiste.

p a t o u a , patuá, bolsa de couro, caixa, baláio, cesto, etc.
Abbeville, 283 v., *patouä;* Marcgrav, 272, *patigua*.

p e c a r i, veja *taissou*.
Boiste, Littré, Darmesteter.

p e g a s s o u , *picaçú,* ave (*Columba plumbea,* Vieill.).
Léry, 170, *pegassou;* Abbeville, 242, v., *picassou*.

p e t u n , tabaco, planta solanácea (*Nicotiana tabacum,* L.).
Thevet, 60; Léry, 212; Abbeville, 304; Evreux, 110; Marcgrav, 274. — "J'ay veu une herbe, qu'ils [os selvagens] appellent *petun,* de la hauteur de *consolida major,* dont ils succent le jus et tirent la fumee, et avec celle herbe peuvent sustenir la faim huict ou neuf iours". — Primeira carta de Nicolas Barré, de 23 de julho de 1556, sôbre a navegação do cavaleiro de Villegaignon — Paul Gaffarel, *Histoire du Brésil Français,* 379, Paris, 1878. — Martius, *Sprachenkunde,* 424.
Boiste e Bescherelle; Littré e Darmesteter dão o têrmo como caído em desuso; admitido no Dicionário da Academia em 1878; na 8.ª edição (1832-35), figura como antigo nome do *tabaco;* mas no Baixo-bretão ainda vigora sob a fórma de *butun* (Littré).
No Tupi-guarani dos catequistas ibéricos o equivalete de *petun* é *pety* ou *petim,* nome genérico da

Nicotiana e de outras plantas empregadas em fumar; *petyar* é tomar tabaco, vulgo *pitar*, corrente no vocabulário brasileiro.
Derivados :
petuner.
petunia.

p e t u n e r , fumar *petun* ou *tabaco;* veja *petun*.
Boiste, Bescherelle, Littré, Darmesteter e Dicionário da Academia.

p e t u n i a , planta comum nos jardins franceses, pertencente a um gênero da América do Sul (*Petunia cumingiana*), da família das Solanáceas; veja *petun*.
Boiste, Bescherelle, Littré, Darmesteter e Dicionário da Academia.

p i a n , a doença da bouba.
Thevet, 86 v./87, *pians*, foi o primeiro a descrevê-la : "... elle prouienne de quelque maleuersation, comme de trop frequenter charnellemẽt l'hôme avec la femme, attendu que ce peuple est fort luxurieux, charnel, & plus que brutal, les femmes specialement, car elles cherchent & prattiquent tous moyens à emouuoir les hommes au deduit. Qui me fait penser & dire estre plus que vraysemblabe telle maladie n'estre autre chose que ceste belle verolle auiourdhuy tant commune en nostre Europe, laquelle fausement on attribue aux François, comme siles autres n'y estoient aucunemẽt subiets: de maniere que maintenant les estrangers l'appelent mal Frãçois. Chacun sçait cõbien veritablemẽt elle luxurie en la France, mais nõ moins autrepart; & l'ont prise premierement à vn voyage à Naples, ou l'auoyent portée quelques Espagnols de ces isles occidentales; car parauãt qu'elles fussent decouvertes & subiettes a l'Espagnol, n'ẽ fut onc mentinon, non seulemẽt par deça, mais aussi ne en Grece, ne autre de l'Asie, & Afrique. Et me souvient avoir ouy reciter ce propos quelquefois à defunct mõsieur Sylvius, medicin des plus doctes de nostre tẽps. Pourtant seroit à mon iugement mieux seant & plus raisonnable l'appeler mal Espagnol, ayant de la son origine pour l'egard du païs de deça, qu'autrement: car en François est

appellée verole, pource que le plus souvent, selon le temps & les cõplexions elle se manifeste au dehors à la peau par pustules, que lon appelle veroles." — Léry, 203, 232, *pians;* Evreux, 119/120, *pian*, observando que a doença excedia em dor e nojo, sem nenhuma comparação, ao mal de Nápoles, e era bem feito que assim fosse, porque o pecado que cometiam os Franceses com as índias merecia essa viva punição; Laet, 497, *pians;* Piso, 43: "Quae quidam lues huic regioni est Endemia, et Bubas ab Hispanis, atque *Miá* Brasilianis appellatur."

Boiste, *epian* e *pian;* Bescherelle, *ibidem;* Littré registra como nome dado na América a uma doença caracterizada por erupção cutânea seguida de tubérculos esponjosos de superfície granulosa; *mère-pian* ou *maman-pian* é o tubérculo maior do que os outros, que toma a fórma de úlcera profunda, sem fungosidades, de onde escorre matéria purulenta. Quanto ao étimo, Littré aponta o inglês *pian*, o espanhol *pian* e *epian*. Mas o vocábulo é legítimamente tupi, de *pi* péle, *á*, excrescer, segundo Baptista Caetano, *Vocabulário da Conquista*, 374. Foi admitido no Dicionário da Academia em 1762, e penetrou no léxico científico como têrmo de medicina.

Derivados :

mère-pian.
maman-pian.

p i a s s a v a , piassaba, piassava, palmeira (*Attalea funifera*, Mart.).

Littré define como uma espécie de palmeira do Brasil e da Venezuela, cujas fibras servem na Inglaterra para a fabricação de cestos.

p i n d a , pindá, anzol.

Abbeville, 307 v.

p i n d o , pindoba, palmeira (*Attalea compta*. Mart.).

Léry, 229, *pindo;* Abbeville, 66; Evreux, 53.

p i n d o b a , veja *pindo*.

p i n d o v a , veja *pindo*.

p i p e r i , periperi, espécie de junco que cresce nos alagadiços (*Malacochaete riparia*, Ness.).
Léry, 192, *piperis*; Martius, *Sprachenkunder*, 82; Friederici, *Hilfswörterbuch*, 80.

p i r a n , piranha, peixe (*Pygocentrus*).
Abbeville, 247, *pyrain*; Laet, 555, *idem*; Marcgrav, 164, *piraya & piranha* Brasiliensibus.

p i r a o n , piraúna, peixe de mar (*Epinephelus morio*, Licht.).
Thevet, 136 v., *pirauene*; Abbeville, 246 v., *pyra-on*.

p i r a p e m e , pirapema, peixe de mar (*Megalops thrissoides*, Bl. et Sch.).
E' o próprio *camurupi*, do Maranhão para o Sul.
Boiste, *pirapède*, evidente êrro de tipografia, *d* por *m*, na última sílaba..

p i r o g u e , piroga, barco de selvagens, feito geralmente de um tronco de árvore excavado; embarcação monóxila.
Friederici, *Schiffahrt*, 28/30, 46, 63/69.
Boiste, Bescherelle, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1762. Para Littré é vocábulo caraiba; mas Batista Caetano, *Vocabulário da Conquista Espiritual*, 382, opina pela sua origem tupi.

p o r o r o c a , macaréu, fenômeno de maré, que se faz sentir na época das sizigias, em alguns rios do Pará e do Maranhão.
Boiste, Littré.

p o u i s s a, *puçá* ou *pussá*, rêde para pescar.
Abbeville, 37 v.

p r e a, preá, veja *aperea*.

Q

q u a c h i , guaxinim, carnívoro (*Procyon cancrivorus*, L.).
Boiste.

q u e r e i v a , quirurá, ave (*Cotinga cineta*, Kuhl.).
Laet, 491, *quereiua*; Buffon, *Oiseaux*, V, 168.

q u o u i y a , talvez *cutiaiá*, espécie menor de cutia (*Dasyprocta*.)
Boiste, agouti d'Amérique S.

R

r a v e t , barata (*Blattideos*).
De *arabê*, que é o próprio nome tupi da barata. Para Boiste é inseto das Antilhas, naturalizado em França; Bescherelle, — nome vulgar da barata (*blatte*) da América; Littré, — nome vulgar da barata (*cancrelas*).

r o c o u , veja *roucou*.

r o u c o u , rocou, urucú, árvore (*Bixa orellana*, L.).
Abbeville, 208 v., *roucou;* Evreux, 112, *rocou*. Boiste, *urucu;* Bescherelle, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1762. Na língua caraiba *anoto*, e *àchiote* no México.
Derivado :
roucouyer.

r o u c o u y e r , veja *roucou*.

S

s a g o u i n , saguim ou sagui, nome genérico dos pequenos símios de família dos Hapalídeos.
O animal foi conhecido na Europa desde os primeiros anos do descobrimento. Da carga da nau *Bretôa*, que esteve no Brasil em 1511, participavam vários *çagoys* ou *çagoyns;* veja *Revista do Instituto Histórico*, tomo XXIV, 108/109 (1861). Uma carta datada de 19 de novembro de 1533, do capitão Johan de Moncheau a Madame de Lisle, de Calais, refere que seu almirante, de regresso do Brasil, o encarregára de presenteá-la com "deux *Sagouins*... que ne mangent que pommes & petites nois ou amandes..." — Calendar State Papers: Henry VIII, vol. VIII, n. 1439 — The Lisle Papers (Cópia fotográfica no Arquivo do Itamaratí). — Clément Marot, cirado de câmara de Francisco I, rei de França, na epístola de Fripelipes a Sagon (1537), *Œuvres*, I, 557, Haya, 1731, faz menção do animal:
"Zon dessus l'œil, zon sur le groin,

Zon sur le dos du *Sagouin,*
Zon sur l'Asne de Balaan..."
Thevet, 103 v., *sagouin;* Lêry, 164, *idem;* Abbeville, 252 v., *sagouy*.
Boiste, Bescherelle, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Acadamia em 1835.

s a i , espécie de símio pequeno (*Cebus gracilis*).
Martius, *Sprachenkunde*, 473.
Boiste, *saï*.

s a i m i n i , espécie de símio pequeno (*Hapale aurita*, L.).
Boiste.

s a m b a q u i , têrmo da linguagem antropológica americana, para designar os montes de conchas de ostras e de outros moluscos no litoral brasileiro, os quais em parte são depósitos naturais e em parte feitos pelos aborígenes dos restos de cozinha.
Friederici, *Hilfswörterbuch*, 87.

s a p a j o u , sapajú, pequeno símio (*Cebus flavus*, L.).
Abbeville, 252 v., *sapajou;* Evreux, 212, *idem*.
Boiste, Littré e Darmesteter, *sapajou;* admitido no Dicionário da Academia em 1762.
Na literatura francesa o nome apareceu em uma peça teatral — *Sapajou, ou le Naufrage des Singes*, de um certo Frédéric du Petit-Mèré (1785-1827), representada no teatro da Gaité, em 3 de agosto de 1825 (Paris, Bezou, 1826), escrita naturalmente por encomenda bem paga para satirizar o Brasil e os brasileiros, então mal vistos pelos portugueses. Petit-Mèré, nesse peça, usou o pseudônimo de *Monckey*. — Conf. J. M. Quérard, *Les Supercheries littéraires devoilées*, II, 1182, Paris, 1870.

s a p é , espécie de gramínea (*Saccharum sapé*, St. Hil.).
Marcgrav, 2, *iacape* Brasilianis.

s a r a c u r a , nome comum a diversas aves da família dos Ralídeos.
Laet, 511, *caracura* (leia *çaracura*).

s a r i g o y , veja *sarigue*.

s a r i g u e, sariguê, marsúpio (*Didelphis*).
O animal foi conhecido na Europa desde 1500. Vicente Yañez Pinzon apanhou na costa de Paria e levou para a Espanha, onde foi mostrada a Fernando e Isabel, uma sariguê fêmea, com seus filhotes na bolsa, que lhes serve de berço. — Grinaeus, *Novus Orbis*, cap. CXIII, Milão, 1519, assim relata o fato: "... Uno de questi tali animali insienme con son figlioli fo portato de Sibilia a Granata a li Serenissime Re. Tamen in nave morite i figlioli, et el grande in Spagna: li quali si morti forono visti de molte et diverse persone." — Florian, *Fables*, ps. 60, Paris, 1811, exaltou o instinto maternal da *sariguê* na moralidade de uma de suas fábulas:
"Souviens toi du sarigue, imite-le, mon fils,
"L'asile le plus sûr est le sein d'une mère."
Lèry, 156, *sarigoy;* Laet, 485, *carague* (leia *çarague*); Marcgrav, 22, *sariguê, sarigueia*.
Boiste , Bescherelle, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1835.
Sinônimos :
sarigueia.
saruê.
sarigoy.

s a r i g u e i a, veja *sarigue*.

s a r u ê, veja *sarigue*.

s a u i a, sauiá, pequeno roedor (*Proechimys*). Rato de espinho.
Abbeville, 251 v.; Laet, 556.

s e n e m b i, lagarto (*Iguana tuberculata*, Laur.). Também chamado *sinimbú*.
Abbeville, 248 v., *senemboy;* Marcgrav, 23, *senembi* Brasiliensibus, nobis *Iguana*, *cameliaon* Lusitanis falso.

s i m a r o u b a, simaruba, árvore (*Simaruba versicolor*, St. Hil.).
Boiste, Darmesteter.

s o u a s s o u, *suaçú, guazú*, denominação geral do veado em Tupi.

Léry, 155, *seouassou;* Abbeville, 249, *souassou;* Laet, 484, citando Lery, diz que em vez de *seoussou,* deve ser *cuacu* (leia *çuaçu*).

T

t a b a c o u r a , tapacurá, ligas, jarreteiras, como postas nas donzelas núbeis entre os tupis.
Abbeville, 274; Marcgrav, 269, *tapa cura*.

t a c a p é , tacape, espada ou massa de madeira pesada.
Léry, 222.

t a c o u a r e , taquara, nome genérico das Bambusáceas e Arundináceas.
Abbeville, 106, *tecouäre,* e 289, *tacouärt;* Laet, 503, *tucuara*.

t a i a s s o u , taiaçú, ungulado (*Dicotyles torquatus,* Cuv.). *Caitetú*.
Léry, 155; Abbeville, 249, *tayassou;* Marcgrav, 229, *tajucu* Brasiliensibus, Porcus est silvestris.
Boiste, *tajucu*.
Também chamado *pecari* na literatura científica.

t a j o b e , tajoba, taioba, planta aroideácea de folhas comestiveis (*Xanthosoma violaceum,* Schott.).
Piso, 95, *tajaoba;* Marcgrav, 35, *idem*.
Boiste, *tayove, tajoba,* chou caraïbe.

t a m a n d u a , tamanduá, veja *tamanoir*.
Boiste.

t a m a n o i r , tamanduá, nome comum a três espécies de desdentados da família dos Mirmecofagídeos.
Abbeville, 249 v., *tamandouä;* Laet, 556, *tamandoua.*
Boiste, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1878.

t a m a t i a , tamatiá, ave (*Cancroma cochlearia,* L.).
Abbeville, 241, *tamantian;* Marcgrav, 208. Buffon, *Oiseaux,* VII, 424.
Boiste.

t a m o a t a , tamboata, tamuatá, nome dos peixes cascudos de água doce da família dos Callichthyídeos.

Thevet, 48, *tamouhata;* Léry, 188, *tamoua-ata;* Abbeville, 247, *tamoata;* Laet, 511, *tamouata* ou *tamoutiata;* Marcgrav, 151, *tamoata* Brasiliensibus, Lusitanis *soldido* [por soldado) quia armatus.
Soldado é ainda hoje o nome vulgar dêsse peixe no Ceará.

t a n g a r a , tangará, ave, nome de diversos Piprídeos, (especialmente aplicado à *Chiroxiphia caudata,* Sw,). Laet, 491, *tangara;* Marcgrav, 214. Para Buffon, *Oiseaux,* V, 3, o vocábulo é brasileiro, e os nomenclatores o adotaram para tôdas as espécies que compõem o gênero. Ao Dr. Emilio A. Goeldi, *As Aves do Brasil,* 622, Rio de Janeiro, 1894, parece que Linneu se serviu da palavra indígena *tangará* para formar o nome do gênero Tanagra, com ligeira inversão de letras.
Boiste, Bescherelle, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1835.

t a p e r a , taperá, andorinha (*Progne*).
Marcgrav, 205, *tapera* Brasiliensibus, *Andorinha* Lusitanis. Buffon, *Oiseaux,* VII, 330.

t a p e t i , tapiti, roedor (*Lepus Brasiliensis,* Briss.).
Léry, 156, *tapiti;* Abbeville, 251, *tapity,* que é também o nome de uma constelação do hemisfério austral; talvez a da Lebre. Laet, 487, *tapati.*
Boiste, *tapeti, tapiti.*

t a p i o c a , sedimento da farinha de mandioca.
Piso, 54, *tipioca;* Marcgrav, 67, *tipioja, tipiaca;* Martius, *Ethnographie,* 493, *tapioca, typyocca.*
Boiste; Littré, *tapioca* ou *tapioka* Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1835.

t a p i r , a anta, ungulado (*Tapirus americanus,* Briss.).
As primeiras informações sôbre êsse animal chegaram a Europa pelos fins de 1510, e desde o ano seguinte Petrus Martyr, *Decadas,* II, liv. 9, fez dêle uma descrição mais ou menos exata.
Thevet, 96, *tapihire;* Léry, 151, *tapiroussou;* Marcgrav, 229.
Do naturalista Roulin é a *Memoire pour servir à l'histoire du Tapir,* Paris, 1835, com três estam-

pas : para êsse autor (*op. cit.*, ps. 71), "le mot de *Tapir* est devenu en français le nom du genre, et il faut aux espèces des noms qui les distinguent." — Friderici *Lehnwörter*, 139/140.
Boiste, Bescherelle, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia desde 1798.

t a p i t i , veja *tapeti*.

t a p o u i , tapuia, o índio que não era tupí.
Abbeville, 131; Evreux, 30; Martius, *Ethnographie*, 50, 150, 170; Friderici, *Hilswörterbuch*, 92.

t a r a b é , ave da família dos Psittacídeos (*Amazona vinacea*, Kuhl.).
Marcgrav, 207, *tarabe* Brasiliensibus.
Boiste, Littré.

t a t o u , tatú, nome genérico dos desdentados da família dos Dasypodídeos.
Thevet, 103 v., *tattou;* Léry, 156, *tatou*; Abbeville, 96 v.; Laet, 485, *tatu;* Marcgrav, 231.
Boiste, Bescherelle, Littré e Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia em 1798.

t e i o u, tejú, lacertilio (*Tupinambis*).
Léry, 158, *touou;* Evreux, 177, *tojou;* Marcgrav, *tejuguacu*.

t e j u p á , veja *ajoupa*.

t e m b e t a , tembetá, botoque do lábio inferior, pedra ou adôrno de outro material que os índios usavam no lábio inferior; metára.
Evreux, 115; Friederici, *Hilfswörterbuch*, 93.

t i c u m , veja *tucum*.

t i é , nome genérico do canário na língua tupi.
Buffon, *Oiseaux*, V, 141, *tijé*.
Conf. *paroara*.

t i e t é , ave (*Euphonia pectoralis*, Lath.).
Marcgrav, 212, *teitei* Brasiliensibus, quam etiam vocant Guiranhegeta & Gurandi. Buffon, *Oiseaux*, V. 44, *téité*.

t i m b o , timbó, vegetal ictiotóxico (*Paullinia cupana*, H. B. et K., *Paullinia pinnata*, L.).

Abbeville, 120 v.; Laet, 502; Piso, 115, Friederici, *Hilfswörterbuch*, 94.
Boiste, tue-poisson, liane du Brésil.

t i n a m u s , nome genérico latinizado do tupi *inhambú* para os galináceos que constituem a família dos Tinamídeos, essencialmente brasileira.
Boiste, *tinanmous*, oiseaux gallinacés.

t i p i o c a , veja *tapioca*.

t i p o i , tipóia, espécie de charpa em que as mulheres índias traziam os filhos ao colo; aparêlho para sustentar um braço doente; vestido de mulher, camisa sem mangas, etc.
Abbeville, 184 v., *tupoy;* Laet, 477, *tupoïa;* Martius, *Ethnographie*, 438, *tipoya;* Friederici, *Hilfswörterbuch*, 94/95.

t i r i c a , tui-tirica, ave psitacídea (*Psittacula passerina*, L.).
Marcgrav, 206.
Boiste e Littré, *tirica*.

t o c u m , veja *tucum*.

t o p i n a m b o u , tupinambá, tribu indígena do Brasil, aliada aos franceses contra os portugueses.
O vocábulo penetrou no léxico francês por via das relações dos antigos viajantes, como sinônimo de indivíduo ignorante, grosseiro.
Boiste, Littré, *topinamboux*, e Darmesteter com a anotação de *vieilli*.

t o p i n a m b o u r , (veja o antecedente), planta da família das Compostas (*Helianthus tuberosus*, L.), e também o tubérculo alimentar que produz essa planta.
Boiste, Littré, Darmesteter.

t o u c a n , tucano, nome comum a diversas aves da família dos Rhamphastídeos.
Thevet, 91; Léry, 175; Abbeville, 237 v.; Laet, 491, *tucana;* Marcgrav, 217: *Tucana*, sive *toucan* Brasiliensibus. E' também o nome de uma constelação do hemistério austral, adotado pelo astrônomo Bayer, em seu mapa celeste (circa 1603).
Boiste, Bescherelle, Littré, Darmesteter; admitido no Dicionário da Academia desde 1762.

t o u i n , tui, tuim, nome genérico dos Psittacídeos pequenos (Brotogerys).
A nau *Bretôa*, 1511, carregou do Brasil vários *toys* ou *toyns*. — Conf. *Revista do Instituto Histórico*, tomo XXIV, ps. 108/109 (1861).
Abbeville, 235, *touin;* Evreux, 136, *idem;* Marcgrav, 206, *tui;* Buffon, Oiseaux VII, 224, *toui*.
Boiste.

t o u y o u , tuiuiú, ave (*Tantalus americanus*, L.).
Abbeville, 241 v.°, *touiouiouch;* Marcgrav, 200, dá a figura dessa ave trocada pela do *jabirú*. Buffon, *Oiseaux*, II, 49.
Boiste, Bescherelle e Littré, reportando-se a *jabirou*.

t u c u m , palmeira (*Astrocaryum tucuma*, Mart.).
Abbeville, 222, e Evreux, 137, *toucon*.
Sinônimos :
ticum.
tocum.
tucumá.
tucuman.

t u c u m á , veja *tucum*.

t u c u m a n , veja *tucum*.

t u i - a p u t e j u b a , veja *aputé-juba*.

t u n g a , nígua, bicho de pé. Na sistemática zoológica é nome de um gênero, que substituiu o Sarcopsylla : *Tunga penetrans*.
Thevet, 90, *tom*; Léry, 181, *ton;* Hans Staden, *Histoire véritable* (tradução francesa de 1837), ps. 311, *attun;* Abbeville, 256, *ton;* Evreux, 113, *thon;* Laet, 489, *tonga;* Piso, 38: Minutissimos vermiculos Lusitanis *Bicho*, Brasiliensibus *Tunga*, haec terra nutrit. Marcgrav, 249.
Boiste e Bescherelle, *tunga*.

t u p i n a m b i s , nome genérico que abrange os grandes lagartos, outrora enquadrados no gênero *Salvator*.
Boiste, *tupinambis*, lézard d'Amérique.

t y r o q u i , tareroqui, planta leguminosa (*Cassia occidentalis*, L.).
Laet, 502, *tyroqui* ou *tareroqui*.
Boiste, *tyroqui*, plante du Brésil.

U

u b a , ubá, espécie de canôa feita da casca inteiriça de árvore.
Friederici, *Schiffahrt*, 40.

u b a t i , veja *abati*.

u b a t i m , veja *abati*.

u n a u , nome da preguiça grande (*Choloepus didactylus*, L.).
Abbeville, 252; Laet, 556, Marcgrav, 222.
Caiu em desuso na nomenclatura zoológica brasileira, mas conservou-se na francesa.
Boiste, Bescherelle, Darmesteter e Littré, que diz ser "nom indigène se trouvant dans une Relation [a *Histoire*, de Claude d'Abbeville, citada] de la mission des pères capucins à l'île de Maranhão, voisine de Rio de Janeiro..." — Admitido no Dicioário da Academia em 1835.

u p e c , ipeca, pato selvagem (*Anas vituata*, L.).
Léry, 169, *upec;* Abbeville, 139, *vpec;* Laet, 554, *upec*.

u r a p e m a , veja *urupema*.

u r u c u , urucú, veja *roucou*.
Piso, 63; Martius, *Ethnographie*, 716/717; Friederici, *Hilfswörterbuch*, 100.
Boiste.

u r u p e m a , peneira feita de taquara ou de cana brava.
Marcgrav, 67, 272; Friederici, *Hilfswörterbuch*, 100.
Sinônimos :
urupema.
oropema.
gurupema.
gurupemba.

Y

y a c o n , veja *iacou*.
Boiste.

y a n d o u , veja *nhandou*.

y a p o c , nome de uma espécie de marsúpio (*Chironectes variegatus*), abundante na região das Guianas brasileira e francesa.

y a p o n , veja *iapou*.
Boiste.

y b o u y r a - p o u ï t a n , veja *ibirapitanga*.

RODOLFO GARCIA

NOMES DE PARENTESCO EM LÍNGUA TUPÍ

EXPLICAÇÃO

Frei Vicente do Salvador, louvando a língua dos indígenas em sua *História do Brasil*, foi quem primeiro observou a copiosidade de seus têrmos para distinguir os diversos graus de parentesco:

"É linguage mui compendioso, e de alguns vocábulos mais abundante que o nosso portuguez, porque nós a todos os irmãos chamamos irmãos, e a todos os tios, tios, mas elles ao irmão mais velho chamam de uma maneira, aos mais de outra; o tio irmão do pai tem um nome, e o tio irmão da mãe outro, e alguns vocábulos têm de que não usam senão as fêmeas, e outros que não servem senão aos machos". (1)

A observação peca por demais restrita. Para exprimir tôda a verdade do fato, deveria referir-se não só ao português, mas à generalidade dos idiomas cultos; teria de estender-se não apenas à linguagem dos índios com quem o autor tratou, mas à maior parte das línguas conhecidas da América.

Existe realmente, nesse particular, nas chamadas línguas de flexão, maior pobreza vocabular do que nas línguas americanas, cuja evolução morfológica estacionou na fase da aglutinação. Naquelas a simples desinência basta, na maioria dos casos, para mostrar as várias gradações de parentesco ou aliança; nestas há de recorrer-se a radicais diferentes, quando se tem de determinar a posição exata do indivíduo sôbre as coordenadas familiares. A indicação de sexo, a diferença de idade, o grau de consangüinidade ou de aliança, a circunstância serem vivos ou mortos os parentes, todas essas modalidades se expressam por têrmos próprios, e não por variações flexionais, ou por perifrases complicadas, como acontece nos idiomas cultos. É de ver que não se pretende, no estado atual dos conhecimentos linguísticos do continente, generalizar o conceito a todas as linguas americanas. O sábio Raoul de La

---

(1) Frei Vicente do Salvador — *História do Brasil*, págs. 53, 3.ª edição.

Grasserie, em comunicação à Sociedade dos Americanistas de Paris, chamou há tempos a atenção dos etnólogos para êsse caso curioso, tratando das línguas da família Salish, da Columbia britânica, em cinco dialetos distintos (2). Nessa interessante nota oferece o autor excelente modêlo para o exame da questão, o qual pode servir para o estudo dos nomes de parentesco no grupo tupí-guaraní, que é históricamente o mais importante da etnografia brasileira. Não é tarefa difícil, porque os primeiros jesuitas, levados pela necessidade da catequése, os casos de confissionário, os impedimentos do matrimônio, principalmente, tiveram de esmiuçar o assunto, e chegaram a formar catálogos dequeles nomes, que juntaram aos catecismos de doutrina cristã, entre os quais ocupa o primeiro lugar o *Catecismo Brasilico* do Padre Antônio de Araujo, emendado em segunda impressão pelo Padre Bartolomeu de Leam.

Do Padre Joseph de Anchieta é a *Informação dos casamentos dos indios do Brasil*, que Varnhagen descobriu na Biblioteca Eborense e publicou em 1846 na *Revista do Instituto Histórico*, na qual as relações de sexo, de consangüinidade e de afinidade aparecem perfeitamente explicadas.

As gramáticas de Anchieta e de Luiz Figueira, o *Diccionario Brasiliano e Portuguez* e o *Vocbulario da Conquista Espiritual*, de Baptista Caetano de Almeida Nogueira, fornecem igualmente sobre o tema indicações valiosas, que são aproveitadas no glossário a seguir. Sobretudo vai ser o *Catálogo dos nomes de parentesco que há entre os Brasis* do Padre Araujo — o mais completo que existe no gênero — o roteiro principal dêste estudo.

A forma grafica dos nomes é a desse *Catalogo* que se aproxima da de Figueira e se afasta da de Anchieta, como se faz notar nos respectivos lugares. Isso, aliás, não altera essencialmente a feição das palavras, que são reconhecíveis sem maior dificuldade.

OBRAS CITADAS

Catecismo Brasilico de Doutrina Christã, com o Ceremonial dos Sacramentos, dos mais actos Parochiaes. Composto

---

(2) Raoul de La Grasserie — *Renseignements sur les noms de parenté dans plusières langues américaines*, in *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, N. S., t. II, n. 2, págs. 322 e 338, Paris, 1905.

por Padres Doutos da Companhia de Jesus, aperfeiçoado, & dado a luz pelo Padre Antonio de Araujo, da mesma Companhia. Emendado nesta segunda impressão pelo Padre Bertholameu de Leam, da mesma Companhia, Lisboa. Na Officina de Miguel Deslandes. M. DC. LXXXVI. Com tôdas as licenças necessarias. — Edição fascimilar por Julio Platzmann. Leipzig, B.G. Teubner. 1898. — Ás ps. 267/274 trás o *Catalogo dos nomes de parentesco que há entre os Brasis.*

Arte de Grammatica da Lingua mais usada na costa do Brasil. Feita pelo padre Joseph de Anchieta, da Companhia de Iesv. — Com licença do Ordinário & do Prepósito Geral de Companhia de Iesv. — Em Coimbra por Antonio de Mariz. 1595.

Arte de Grammatica da Lingua Brasilica do p. Luiz Figueira, Theologo da Companhia de Jesus. Lisboa. Na Officina de Miguel Deslandes. Na Rua da Figueira. Anno 1687. Com tôdas as licenças necessárias .

Informação dos casamentos dos índios do Brasil, pelo padre José d'Anchieta. — *Revista trimestral de Historia e Geographia, ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro,* tomo VII, ps. 254/262. Rio de Janeiro, 1846.

Diccionario Portuguez e Brasiliano. Lisboa, na Officina Patriarcal. Anno M.DCC.XCV. Com licença. Segunda parte por Julio Platzmann, Leipzig, B.G. Teubner, 1896.

Batista Caetano de Almeida Nogueira. *Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo traductor da "Conquista Espiritual",* do Padre A. Ruiz de Montoya. — *Anais de Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro,* vol. VII, Rio de Janeiro, Tipographia Nacional, 1879.

GLOSSÁRIO

a b á , homem, gente, pessoa; o homem, o ser humano; homem, macho. — Batista Caetano, *Vocabulário*, 15.

a b a í b a , namorado, mas não em má parte. *Nde raiyra abaiba*, o namorado de vossa (aliás tua) filha. — Araujo, *Catecismo*, 267.

a c y , pedaço, porção, cortado, separado; irmão: *xe a cy*, me nasce pegado, me nasceu junto. Usa-se vulgarmente pelo irmão e irmã carnal uterinos,

a c y c o ê r a (mais usado que *acy*, com o sufixo de pretérito *coêra*), que foi cortado, separado: irmão e irmã *ut supra*.

a i , minha mãe: usa-se nêsse sentido, sem necessidade do possessivo *xe*, assim *ai eiori*, vinde cá minha mãe. Araújo. *Catecismo*, 268.

a i x é , tia, irmã ou prima do pai; *xe aixé*: assim chamava o varão e a femea á irmã ou prima do seu pai. Araujo, *Catecismo*, 268.

a i x ô , veja *tayxô*, que é sogra do homem. — *Diccionario Brasiliano*, 89.

a m u , prima da mulher, irmã da fêmea. *Diccionario Brasiliano*, 90.

a n â m a , parente, parentela. De *ar* pegar, vê-se *yar* ser pegado, com o prefixo: assim como ha *no* = *ro* pref., não será extranho *n* = *r* em *rar*. Batista Caetano, *Vocabulário*, 33.

a n â m a ç á b a , parentesco. *Diccionario Brasiliano*, 90.

a n â ç a m a - e t á , parentela. *Diccionario Brasiliano*, 90.

a p y á b a , homem, varão, macho de qualquer animal. De *apy* prepúcio, *ab* cortar: circunciso, aquele que tem testículos. Batista Caetano, *Vocabulário*, 40.

a r y i a , avó, mãe do pai ou da mãe.

c a m b y ç á r a , ama que cria, ama de leite.
c e m e r i c ô - p o t a ç á b a , esposado. *Diccionario Brasiliano*. 99.
c e m û , o mesmo que *mû*.
c e n o n d ê - g o á r a , antecessor, primogênito. *Diccionario Brasiliano*, 100.
c e n o n d ê - g o á r a - e t á , antepassados. *Diccionario Brasiliano*, 101.
c o a r a c y , sogro da mulher. *Diccionario Brasiliano*, 101.
c ô i a , gêmeos *utriusque sexus*. De *côi* irmanar, igualar, emparelhar, ser par. Batista Caetano, *Vocabulario*, 74 O mesmo que *côigoêra*, levando êste o sufixo de pretérito.
c ô i g o ê r a , veja *côia*.
ç u g u a r a i y , namorado; o mesmo que *ixugoâraiy*. Figueira, *Arte*, 73.
c u n h ã , mulher, fêmea.
c u n h ã - c o á r a - e y m a , veja *cunhã-tem*.
c u n h ã i b a , namorada, mas não em má parte.
c u n h ã - i m ê n a - m o m o x i c á r a , mulher adúltera. *Diccionario Brasiliano*, 104.
c u n h ã - m e m b y r a , sobrinha do homem.
c u n h ã - m ê n a , parenta por afinidade.
c u n h ã - m e n d a ç á r a , mulher casada. *Diccionario Brasisiliano*, 105.
c u n h ã - m e n d a ç á r a - e y m a , mulher solteira. *Diccionário Brasiliano*, 105.
c u n h ã - m u c ú , moça donzela. *Diccionario Brasiliano*, 105. — Veja *cunhã-tem*.
c u n h ã - t é m , mulher tenra, moça donzela. O mesmo que *cunhã-mucú* e *cunhã-coaára-eyma*.
c y , mãe natural do varão e da fêmea; mãe, fonte, origem manancial. *xe-cy*, tenho mãe. Figueira, *Arte*, 67.
c y m ê n a , padrasto do varão e da fêmea, marido da mãe. De *cy* mãe, *mêna* marido.
c y y q u i r a , tia, irmã menor da mãe do homem. De *cyy* tia, *quira* tenra. Batista Caetano, *Vocabulario*, 93.
c y y r a , tia, irmã de mãe da femea e do varão, e também madrasta
i e t i p e m ê n a , marido da sobrinha do varão, por ser casado com filha de sua irmã, ou com prima do varão,

que seja filha de sua tia. — Os índios respeitavam as filhas dos irmãos, ás quais chamavam filhas, e nessa conta as tinham. Assim explica Anchieta. *Informação*, 259: "...*neque fornicarie* as conhecem, porque têm para si que o parentesco verdadeiro vem por parte dos pais, que são os agentes; e que as mães não são mais que uns sacos, em respeito dos pais, em que se criam as crianças..."

i e t i p ê r a , sobrinha do varão, filha de sua irmã, ou prima do varão, filha de sua tia. — Delas usavam os índios *ad copulam*, sem nenhum pejo. "E por esta causa os padres as casam agora com seus tios, irmãos das mães, se as partes são contesntes, pelo poder que têm de dispensar com êles, o qual até agora se não fez com sobrinho filho de irmão, nem ainda em outros gráus mais afastados que vem pela linha dos pais, porque entre os índios se tem isto por muito estranho" — Anchieta, *Infofrmação*, 160.

i m ê n a - p o t a ç á b a , esposada, noiva. *Diccionario Brasiliano*, 109.

k e v i r a , veja *kibyra*.

k y b y r a , irmão uterino, ou primo da fêmea sómente. *Diccionario Brasiliano*, 119, *kevira*.

k y b y k y r a , irmão, ou primo mais moço da fêmea, porém mais moço não só a seu respeito, senão de todos os mais irmãos.

m a r ã n ô g á r a , parente, parentela.

m a y a n g á b a , madrinha do macho, e fêmea. *Diccionario Brasiliano*, 121.

m e m b y c u n h ã , sobrinha da fêmea, se é filha de qualquer de suas irmãs. Também significa a enteada da da fêmea.

m e m b y r a , filho ou filha natural da fêmea; filho em relação à mulher: *xe membyra*, o gerado de mim. Batista Caetano, *Vocabulário*, 265. Pelo uso passou a ser também o afilhado de pia da fêmea, ou a afilhada. Comp. *membyra-angába*.

m e m b y r a - a n g á b a , enteado ou enteada, e depois da catequese o afilhado ou afilhada. Literalmente figura ou imagem do filho.

m e m b y r a - t a y c ê , sobrinho da fêmea.

m e m b y r a t y , nora da fêmea, mulher de seu filho ou sobrinho; ajuntada ao filho. Batista Caetano, *Vocabulário*, 265. Também se diz *membytaty*.

m e m b y t a t y , veja *membyraty*.

m ê n a , marido legítimo da mulher.

m e n d a ç á b a , casamento. *Diccionario Brasiliano*, 123.

m e n d a ç á r a , casado, casada. *Diccionario Brasiliano*, 123.

m e n d a ç á r a y m a , solteira. *Diccionario Brasiliano*, 123.

m e n d ú b a , pai do marido, sogro da fêmea; *menúba*. Anchieta, *Arte*, 90.

m e n d y , sogra da fêmea, mãe do marido.

m e n d y r â m a , noivo, noiva, o que vai casar.

m e n i b y r a , cunhado da fêmea, irmão mais moço de seu marido.

m e n ú b a , veja *menduba*.

m ũ , aliado, coligado, aparentado; tanto significa parentesco, como a pessoa da mesma geração. Veja *cemũ*.

n h e m ô i a , comborça da fêmea, manceba de seu marido; duas ou mais mulheres de um só homem; comborços, os homens que co-habitam com a mesma mulher. Batista Caetano, *Vocabulário*, 330.

p a y a n g á b a , padrinho de homem e mulher. *Diccionario Brasiliano*, 143.

p ê n g a , sobrinho da fêmea, primeiro filho de seu irmão.

p ê n g a t y , mulher do sobrinho da mulher.

p e û m a , genro da fêmea, marido de sua filha, ou de sua sobrinha.

p i r a t y , manceba de qualquer homem.

p y k y y m ê n a , cunhado da fêmea, marido de sua irmã mais moça, ou da prima ou sobrinha mais moça da fêmea.

p y k y y r a , irmã mais moça da fêmea, ou sua prima ou sobrinha mais moças em idade.

t a i y m ê n a , genro do varão, ou o marido da sobrinha do varão, filha de seu irmão, ou marido da filha do primo varão.

t a i y r a , filha do varão, ou sobrinha do varão, ou de seu irmão, ou de seu primo. Figueira, *Arte*, 75.

t a m u y a , veja *tayia*.

t a m y i a , veja *tayia*.

t a m y i p a g o â m a , antepassados, assim do homem como da mulher; *xeramyipagoâma*, meus avós, Araújo,

Catecismo, 271; *aico xeramyia recóbo*, vivo polos costumes de meus avós, Figueira, *Arte*, 7.

t a t i ú b a , sogro do homem. Batista Caetano, *Vocabulário*, 489. Também *tatúba* e *tatuúba*.

t a t ú b a , veja *tatiúba*.

t a t u ú b a , veja *tatiúba*. Anchieta, *Arte*, 13.

t a t y , nora, mulher do ilho. Batista Caetano, *Vocabulário*, 489.

t a y c ê , parente da geração, ou nação da fêmea; parente varão (em relação à mulher). Batista Caetano, *Vocabulário*, 475.

t a y i a , avô varão do varão e da fêmea. Anchieta, *Arte*, 13, *tamuya;* Figueira, *Arte*, 75, *tamyia*.

t a y r a , filho natural do irmão; sobrinho, filho do irmão ou primo do varão; *xeryir*, tenho sobrinhos por parte minhas irmãs. Figueira, *Arte*, 38. — A segunda pessoa da Santíssima Trindade. Baptista Caetano, *Vocabulário*, 490.

t a y r a - a n g á b a , enteado, posteriormente afilhado do homem.

t a y r a t y , nora do varão, ou a mulher de seu sobrinho filho de irmão. O mesmo *taytaty*.

t a y r y p y , filho primeiro, primogênito. Batista Caetano, *Vocabulário*, 476.

t a y t a t y , veja *tayraty*.

t a y x ô , sogra do varão. Anchieta, *Arte*, 13.

t a y y a m ê n a , genro do homem; ainda *tayycamêna*. Batista Caetano, *Vocabulário*, 491.

t a y y c a m ê n a , veja *tayyamêna*.

t a y y m ê n a , marido da filha, genro (do homem). Baptista Caetano, *Vocabulário*, 491.

t e i n d i r a , veja *tendyra*.

t e k y y r a , veja *tykyyra*.

t e m i a r i r ô , neto ou neta da fêmea.

t e m i m i n ô , neto ou neta do varão.

t e m i r e c ô , a mulher legítima do varão; literalmente, aquilo que se tem, o que é tido, conduzido, mantido. Batista Caetano, *Vocabulário*, 506. — Assim também chamavam os índios as contrárias que tomavam na guerra, com as quais se amancebavam; do mesmo modo se

denominavam as mancebas índias dos portugueses, e com êste título lh'as davam os pais e irmãos àqueles que iam a resgatar às suas terras.

t e m i r e c ô - e t ê, uxor vera. Escreveu Anchieta, *Informação*, 258: "... creio que tomaram (o nome) dos padres, que lhes queriam (aos índios) dar a entender a perpetuidade do matrimônio, e qual é a mulher legítima, porque dêste vocábulo *etê*, que quer dizer legítimo, usam êles nas cousas naturaes da sua terra..."

t e m i r e c ô - m e m b y r a, filho da mulher legítima.

t e m i r e c ô - p y k y r a, cunhada no varão, irmã mais moça de sua mulher.

t e m i r e c ô - y k ê r a, cunhada do varão, irmã mais velha de sua mulher.

t e n d y r a, irmã ou prima do varão. Anchieta. *Arte*, 15, *teíndira*, irmã.

t i b i r a, veja *tybyra*.

t i q u é r a, veja *tykêra*.

t i q u i i r a, veja *tykyyra*.

t o a ç á b a, compadre e comadre de pia.

t o b a i á r a, cunhado do varão, o irmão ou primo de sua mulher. Também significa contrário.

t u b a, pai natural, assim do macho, como da fêmea. Com o mesmo nome também significam o tio do varão, ou seja o irmão ou primo de seu pai, ou o tio irmão ou primo da fêmea; pai e seu pai. Figueira, *Arte*, 67, *xerúba*, meu pai, mudado o *t* em *r* na composição.

t u b a t y, madrasta, companheira do pai.

t u b e t á, pais, os avós, os antepassados, os ascendentes.

t u b e t ê, pai verdadeiro, legítimo.

t u b e y m b a e, sem pai, órfão de pai. Batista Caetano, *Vocabulário*, 539.

t u t i r a, veja *tutyra*.

t u t y r a, tio irmão da mãe, ou primo da mãe, assim do varão como da fêmea; também os filhos da irmã chamam o mesmo aos filhos de seu tio irmão de sua mãe *utriusque sexus*. Literalmente, para Batista Caetano, *Vocabulário*, 546, *tutyra* devia ser tio paterno, O mesmo que *tubyra*. Figueira, *Arte*, 77, *tutira*.

t u t y r a i , primo, prima, primos e parentes em geral. Batista Caetano, *Vocabulário*, 546.

t y b y k y r a , irmão mais moço de todos que tem o varão, o caçula.

t y b y r a , irmão mais moço do varão. Anchieta, *Arte*, 13, irmão menor.

t y k e m ê n a , cunhado da fêmea, marido da irmã mais velha; também marido da prima ou da sobrinha da fêmea, estas mais velhas em idade do que ela. Veja *ukei-mêna*.

t y k ê r a , irmã mais velha da fêmea; a prima da fêmea, se é mais velha. Anchieta, *Arte*, 13, *tiquéra*, irmã maior da fêmea; Figueira, *Arte*, 75, idem.

t y k y y r a , irmão mais velho do varão, primo do varão mais velho que êle, se é filho de irmão de seu pai. Também *tekyyra*. — Anchieta, *Arte*, 13, *tiquiira*, irmão maior.

t y k y y r a t y , cunhada do varão, primeira mulher de seu irmão mais velho.

u k e i , cunhada da fêmea, mulher de seu irmão ou primo, filho do tio materno; também as mulheres de dois irmãos assim se chamam entre si.

u k e i - m ê n a , o marido da cunhada da fêmea, ou seja o irmão casado de seu marido; e porque a mulher do primo é *ukei* (como se disse), *ukei-mêna* é também o primo da fêmea, sendo casado, e filho do tio materno da fêmea. Veja *tykemêna*.

y o a i r é , sobrinho, filhos uns dos outros. Batista Caetano, *Vocabulário*, 593.

y r a , sobrinho, filho da irmã do varão; também o primo filho da tia, ou do tio irmão do pai do varão; juntamente o tio filho da avó do varão. Também se toma pelo enteado do varão.

y r a t y , a mulher dos precedentes, a saber: mulher do sobrinho do varão, ou do primo filho do tio, ou do tio filho da avó do varão.

AS CARTAS DO P. DAVID FÁY E A SUA BIOGRAFIA

CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS MISSÕES JESUÍTICAS NO BRASIL NO SÉCULO XVIII

PAULO RÓNAI :

E' desnecessário insistir sôbre a importância das missões jesuíticas nos primeiros séculos seguintes ao descobrimento do Brasil. Páginas essenciais da história da civilização brasileira encontram-se nos anais de tais missões. As reminiscências, os memoriais e as cartas dos missionários jesuítas contêm um tesouro de informes valiosos não sòmente no tocante à catequese dos índios, como também no que diz respeito ao folclore, à geografia, à história natural e à evolução étnica e política do Brasil.

Entre os jesuítas das missões havia homens de tôdas as nacionalidades européias. Necessàriamente devia haver, entre êles, húngaros, visto o papel importante que o reino de Santo Estêvão, país católico desde o primeiro ano de nosso milênio, nunca deixou de desempenhar na Igreja. Sem dúvida, a primazia da religião romana ficou aí sèriamente ameaçada pelo arremêsso da Reforma nos séculos XVI e XVII, mas, graças ao poderoso ímpeto da Contra-Reforma, a fé católica retomou entre as confissões da Hungria o primeiro lugar, que até hoje conserva. Pois na ofensiva da Contra-Reforma, desencadeada desde o princípio do século XVII, papel relevante coube aos jesuítas. Aguerridos na luta contra calvinistas, luteranos e socinianos, seus inimigos temíveis munidos de tôdas as armas da teologia e às vêzes do poder, deviam êles considerar emprêsa relativamente fácil a catequese de selvagens.

A participação de húngaros na obra das missões não é, aliás, uma simples hipótese. Vários estudos, cuja essência resumimos em recente artigo (1), foram estampados em língua magiar, em diversas publicações da Hungria. Nossas pesquisas nos permitiram encontrar na biblioteca arquiepiscopal da cidade da Kalocsa a biografia manuscrita em latim dum dêsses missionários húngaros que trabalharam no Maranhão, o padre David Fáy, escrita por dois de seus companheiros, como também um folheto raro, em que estão reproduzidas três cartas húngaras do próprio missionário, conservadas no arquivo arquiepiscopal da cidade de Eger. Certo, as biblio-

tecas e arquivos da Hungria abrangem, além dêstes documentos, muito material valioso concernente à vida dos companheiros de Fáy; será preciso, porém, esperar o fim da guerra atual, quando na Europa, liberta das trevas do ódio e da destruição nazistas, se restabelecerem as condições indispensáveis a pesquisas objetivas, feitas à luz da ciência.

A biografia ou antes elogio do P. David Fáy foi escrita vários anos depois de sua morte por dois membros da Companhia, com um duplo fim. Além de perpetuar a memória de um confrade eminente, os autores pretenderam, segundo sua própria declaração, fornecer argumentos para que seja concedida a seu defunto amigo a coroa de mártir. Por isso dão especial destaque aos elementos que julgam apropriados a êsse fim. Tais elementos se lhes ofereceram por acaso na mocidade e nos últimos anos de vida do P. David, isto é, os anos que precederam a sua morada no Brasil e os que a ela sucederam. Na mocidade, apresentaram-se três motivos de certa maneira milagrosos: a conversão do pai protestante, que levou o filho menor também ao catolicismo; a inesperada revelação da vocação de David; afinal a imprevista conversão da mãe calvinista, muitas vêzes inùtilmente tentada pelo filho. Por outro lado, os últimos anos de David Fáy, passados nas prisões de Pombal, e a sua morte cristã, eram aos olhos dos biógrafos outras tantas credenciais dum mártir. Eis uma das razões por que o elogio contém referências tão breves à atividade do P. David no Maranhão. Um dos coautores, aliás, foi testemunha da mocidade de Fáy na Hungria; outro, de seus últimos anos e da sua morte em Portugal; nenhum dêles o assistira no trabalho da catequese no Brasil, senão durante breves dias. Por tal coincidência, a biografia em aprêço talvez ofereça à história do Brasil contribuïção menos importante do que se poderia esperar. Mesmo assim, apresenta o relatório autêntico de um dos numerosos conflitos entre os jesuítas e o govêrno pombalino, e aponta as acusações levantadas contra êsses últimos no que diz respeito ao seu contacto com os indígenas. O amador de relíquias históricas não deixará de ler com interêsse os demais capítulos da biografia, cuja primeira parte oferece a narração palpitante duma "caça de almas", uma das mil batalhas oferecidas pela Contra-Reforma ao protestantismo quase vitorioso. Alí, há o desenho curioso e pitoresco duma época que assinala o fim das guerras de religião.

A discussão, as armas da dialética, começam a substituir os meios violentos dos séculos anteriores; mas o leitor, após tantas páginas que testemunham a extinção do fanatismo atávico, inesperadamente dá com uma em que o piedoso autor, embora de modo velado, acusa da morte duma jovem neófita os médicos e os farmacêuticos protestantes da cidade de Debrancen, a "Roma calvinista". Não menos estranha pode parecer ao leitor profano a outra explicação que dá o biográfo acêrca dêsse prematuro falecimento, por êle atribuído ao êxito das preces do P. Fáy, cunhado da morta, que teria implorado para ela um fim rápido, afim de que não ficasse exposta às habilidades dos pastôres de sua antiga religião.

Em verdade, a biografia revela pouco da personalidade do biografado: só nos últimos capítulos, relativos ao seu cativeiro, encontramos, além de traços convencionais da hagiografia, algumas feições individuais dessa figura pálida que comove pela constância de sua fé, isenta de tôda e qualquer dúvida, e pela humildade desarmadora que opõe aos sofrimentos da prisão.

O historiador de costumes lerá com interêsse as elegias, sonetos, epitáfios e décimas, cheios de acrósticos e trocadilhos, dum mau-gôsto caracteristicamente barroco, acrescentados à biografia pelos autores. Piedosa e fielmente êles copiaram tôdas essas homenagens, escritas num idioma, o português, completamente desconhecido e exótico para um leitor húngaro e que devia ainda mais pôr em destaque, com seus acentos misteriosos, as virtudes do mártir.

O *"nihil obstat"* no fim do elogio mostra que êste era destinado à publicação.

Merecem especial atenção as menções feitas nos capítulos XXIV e XXV do manuscrito a duas obras de polêmica, capazes de melhor esclarecer, se forem encontradas, êsse capítulo da história das missões jesuíticas. Trata-se dum libelo antijesuítico, redigido em português sob o título de *Relação abreviada*, cujo autor anônimo expunha as acusações feitas contra o P. Fáy, e duma réplica latina dêste último, que se esforçava por defender a atividade das missões, numa verdadeira apologia.

Do mesmo padre foram conservadas três cartas húngaras, escritas a membros de sua família, uma de Lisboa e duas do

Maranhão, tôdas de 1753. Por conseguinte, apenas do princípio da estada de David Fáy no Brasil é que possuímos informações diretas. Desta vez ainda, foi-nos conservada a parte menos interessante, pois as cartas ulteriores de Fáy, se as houve, deviam conter pormenores muito mais valiosos. As cartas conservadas demonstram que o autor, sem possuir as prendas dum observador excepcional e ainda menos de um sintetizador, procurava transmitir informes exatos e minuciosos a respeito de tudo o que o rodeava na sua nova pátria. Em todo o caso, suas primeiras impressões sôbre as plantas, os animais, a comida, os índios, não são desprovidas de interêsse.

Destas cartas, a figura do missionário avulta naturalmente muito mais humana do que do elogio. Conhecemo-lo muito ligado à família e particularmente à mãe; meticuloso nas descrições, cauteloso na escolha de têrmos, receoso de expressões cruas; acessível a certos temores humanos, principalmente o do mar, natural num filho das planícies; deixando transparecer às vêzes uma pequena ponta de vaidade mundana, quando por exemplo relata suas palestras com a Rainha-mãe; despertando real simpatia com a confissão de suas misérias materiais e com a ingenuïdade quase infantil que manifesta em certos trechos. Com mais algumas cartas, vê-lo-íamos ainda mais vivo, ainda mais homem; mesmo assim, adivinhamo-lo pessoa simples e boa, bem mais autêntica e viva do que o santo algo convencional do elogio.

Entre a biografia e as cartas, reproduzimos a introdução que acompanhou estas no folheto onde foram publicadas pela primeira vez. O seu principal interêsse consiste nos dados biográficos de Fáy, aliás nem sempre concordes com os do elogio.

Procuramos traduzir com a maior fidelidade o elogio, a introdução e as cartas, o primeiro do latim, as outras do húngaro. Quisemos conservar o estilo solene, eclesiástico e empolado da biografia, como também a feição cerimoniosa, tautológica e ingênua das cartas. Várias vêzes, para conservar o sabor destas últimas, em vez de recorrer aos equivalentes portugueses, restringimo-nos simplesmente a verter certas locuções idiomáticas, próprias da língua húngara naquela época, assim as contínuas apóstrofes à "Senhora mi-

nha Doce Mãe", o emprêgo freqüente da conjunção "por isso" sem necessidade lógica, etc.

Grifamos no presente trabalho as palavras, frases ou trechos que no texto latino estão escritos em ortuguês ou tupí, como também tôda palavra portuguesa, tupí ou latina do texto húngaro das cartas e da sua introdução.

Cumpre-nos por fim o dever aprazível de agradecer sinceramente a nosso ilustre amigo prof. Aurélio Buarque de Holanda por ter revisto o português das três versões com seu cuidado habitual, prestando ao nosso modesto trabalho o auxílio de sua incontestável autoridade, e ao R. P. Augusto Magne, S. J., eminente mestre de filologia clássica e moderna, que com extrema cortesia quis resolver várias dúvidas nossas acêrca da interpretação do texto latino.

ELOGIO PÓSTUMO DO P. DAVID ALUÍSIO FÂY, DA COMPANHIA DE JESÚS, FALECIDO EM 12 DE JANEIRO DE 1767 NO CÁRCERE DO FORTE SÃO JULIÃO, À FOZ DO TEJO. (1)

COM ACRÉSCIMO DE VARIOS EPITÁFIOS

PREFÁCIO

A todos os Padres mui religiosos em Cristo que lerem êste Elogio póstumo saúdam os padres José Kayling e Anselmo Eckart.

No tempo em que a Deus, Senhor da vida e da morte, aprouve libertar o P. David Fây, nosso diletíssimo irmão em Cristo, dos vínculos não sòmente do cárcere, como também do corpo, eu já tinha começado uma carta dirigida ao P. Kayling, à qual acrescentei um relatório sucinto do óbito precoce daquele padre, previsto havia muito e, no entanto, pouquíssimo aguardado no dia em que ocorreu seu feliz passamento dêste mundo. Na mesma carta pedí ao P. Kayling que redigisse, se queria fazer coisa muito grata a mim, a todos os sócios e principalmente aos amigos do defunto, um elogio segundo o costume generalizado nas províncias da Germânia, contando pormenorizadamente sobretudo a conversão milagrosa à fé ortodoxa da ilustre mãe do P. David. Acedeu logo o P. Kayling ao meu pedido e em pouco tempo redigiu o panegírico, obra digníssima tanto do autor como daquele cujas virtudes tão merecidamente proclamava. Ao mesmo tempo, persuadiu-me com doçura e insistência a que continuasse o elogio, acrescentando o que porventura faltava e coroando tôda a narração de um epílogo. Por isso, visto que tal obra serve para maior glória

(1) O manuscrito original encontra-se na biblioteca arquiepiscopal de Kalocsa, Hungria. Dêste manuscrito a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possue agora uma cópia fotostática.

de Deus, ornamento da fé católica, honra das províncias tanto da Áustria quanto do Maranhão, decôro da Companhia tôda e, afinal, estima invulgar da pessoa do P. David, acompanhai de vosso habitual favor o nosso trabalho empreendido por caridade, vivei em boa saúde e não cesseis de rezar pelos vivos e pelos mortos.

Assim, confiado na benevolência dos leitores, transcreverei com pena fiel a história da vida davídica, segundo me foi relatada pelo P. Kayling, companheiro de estudos, durante dois anos, do padre defunto, e seu sócio predileto até em terras do Maranhão, remotíssimas dos confins da Hungria. Dividí-a, para maior comodidade dos leitores, em parágrafos, o primeiro dos quais aqui principia.

I. NASCIMENTO DO P. DAVID E A ADMIRAVEL PROVIDÊNCIA DE DEUS A SEU RESPEITO DESDE MENINO.

Nasceu o P. David Fáy no castelo de sua família, situado numa localidade chamada Fáy, do nome da família, na diocese de Eger, do condado de Abauj, na Hungria Superior. Teve por pai Estêvão Fáy, senhor dêsse castelo e das terras a êle pertencentes, e por mãe Catarina Borsi (1). Veio à luz em 1722, no dia 8 de fevereiro. Ambos os pais eram heterodoxos, poderosos por causa da sua nobreza, e tão dedicados a Calvino que destinaram êste quadrigênito entre sete filhos e quatro filhas, antes mesmo de nascido, a ser um dia uma coluna da sua seita. Efetivamente o pai de David e N. Bartzay, outro prosélito calvinista, tendo observado que o seu dogma não sòmente não tinha rogresso em tôda a Hungria, como até regredia cada vez mais, julgaram derivar isto do fato de quase não haver, entre os ministrinhos que prègavam pela Hungria afora, nenhum de origem nobre e ilustre. Os tais sacerdotes nem conheciam bem o próprio pseudo-evangelho, em razão da sua quase absoluta falta de cultura, conseqüência natural da pobreza da plebe, e viam-se, por isso, desprezados de seus próprios acólitos. Por deliberação comum, decidiram os dois senhores, estando suas espôsas ambas na iminência de dar à luz, no caso em que ambos viessem a ter filhos varões, pôr-lhes, respectivamente, os nomes de David e Jônatas, e mandá-

(1) João Foltin, o autor da introdução às cartas do P. Fáy, que damos a seguir, não concorda com o elogio no que diz respeito ao nome dos pais.

-los, quando crescidos, para a Inglaterra, afim de se instruírem em tôda a espécie de sabedoria. Igualmente resolveram não poupar nenhum gasto para que os filhos voltassem um dia à pátria como prègadores *eminentes* e *perfeitíssimos* da doutrina heterodoxa, aos quais não mais faltariam nem a nobreza da linhagem, nem os recursos para conseguirem a autoridade necessária de seu ministério. Mas quão fúteis são os desígnios humanos, ante a vontade do Senhor! A Bartzay, com efeito, *não nasceu nenhum Jônatas, mas sim* uma filhinha, arrebatada da sagrada fonte ao céu, para ali implorar a Deus tornasse vã e destruísse a esperança nutrida por Fáy a respeito de seu filho David. Destruíu-a realmente; enquanto David cresce e bebe, néscio, com os primeiros elementos do saber, a peste dos erros paternos, preparada pelos seus preceptores acólitos de Calvino, e atinge, se bem me lembro, o décimo ano, Deus misericordioso deita sôbre êle um olhar favorável e, juntamente com o pai, retira-o das trevas para a luz, em virtude da vocação admirável que tinha o menino para adorar a Providência. Nada dizer aquí de tal vocação seria crime e ofensa não pequena à única religião salvadora.

II. NOTAVEL CONVERSÃO DO PAI DE DAVID À FÉ CATÓLICA.

Estava por acaso o senhor Estêvão Fáy em viagem para Pozsony (cidade mais conhecida fora da Hungria pelo nome de Presburgo), afim de tomar parte no Conselho Real, de que era membro, quando, entre Buda e Pest, atravessando o Danúbio numa ponte volátil (espécie de maquinismo maior que qualquer navio de guerra), foi cumprimentado por um religioso praguense como jamais vira, um Hiberno (tal gênero de franciscanos é completamente desconhecido na Hungria). Acreditando que o monge lhe pedisse esmola, abriu a bôlsa para, com a oferta de algum cobre, evitar qualquer outro colóquio com o sacerdote católico romano; aquêle, porém, recusando a esmola oferecida, disse:

—É outra coisa que ardentemente peço a vossa senhoria ilustre, a saber: queira folhear ligeiramente êste livro.

Com isto, apresentou-lhe um livro, que o outro tomou e examinou — era o *Controversiarum fidei compendium*, de Roberto Bellarmino — para devolvê-lo com irritação.

— Porque me impõe esta couve (1) — disse — que já li mais de uma vez e sempre com fastio?

No entanto o monge pediu-lhe insistentemente recebesse o brinde, o conservasse e tornasse a lê-lo repetidas vêzes, porém com a alma predisposta mais do que antes a entender e a seguir a verdade; nem podia deixar de modificar a sua opinião acêrca de uma obra ditada por Deus e escrita para a salvação das almas, etc.

Verificou-se, depois, ter-se escondido um anjo bom sob o hábito do frade; êste desaparecera de tal modo que, não obstante a diligência das pesquisas, nada foi possível saber depois a seu respeito.

Seja como fôr, o senhor Estêvão Fáy, para livrar-se da urbanidade daquele homem piedoso e importuno, aceitou o libelo e prometeu lêllo. Efetivamente, não esqueceu essa promessa; como viajava sòzinho no carro, começa a lê-lo para matar o tempo; de vez em quando o depõe, retoma-o, lê, medita. Intimamente turvado pela graça celestial, entra a lutar consigo mesmo, e medita sôbre a religião católica, sentindo para esta uma atração cada vez mais veemente. Para que falar muito? Chega a Pozsony; conversa com os magnatas da igreja, principalmente o conde Erdödi, então bispo de Eger; instrue-se mais amplamente a respeito da verdade; afinal, confessa-se vencido e, tendo purificado a alma por homologese geral, a-pesar-da dissuasão dos acatólicos, principalmente de seus parentes, depõe nas mãos do arcebispo de Strigonium (2), o príncipe Eszterházi, em presença de grande multidão de fidalgos (não sei se o Imperador Carlos VI, Rei da Hungria, também assistiu à cerimônia), uma vez dito o sacramento, a sua profissão de fé católica segundo a fórmula tridentina. Pode-se fàcilmente imaginar a alegria de todos os católicos e a sua esperança de que uma conversão tão ilustre lhes traria muitos outros fidalgos, criados na heresia. No entanto, nenhum dos irmãos de Estêvão, ou quem quer que fôsse, renegou a Calvino, que eu saiba, em tôda a região, até à partida do P. David para as Índias. Não podendo mais constranger os dois filhos adultos e o primogênito, senhor Ladislau Fáy, atualmente vis-

(1) "Couve", em latim *cramben*. Usa o francês de metáfora parecida ao chamar um mau jornal de *feuille de chou*?

(2) "Strigonium". Em húngaro: Esztergom.

conde de dois condados, naquela altura já ligado a uma espôsa herética, Estevão Fáy reduziu-os à Igreja suavemente, logo que lhe foi possível; quanto aos outros filhos, confiou-os aos cuidados dos nossos em diferentes lugares.

III. VOCAÇAO DO P. DAVID À COMPANHIA DE JESÚS, EM QUE ENTRA, DEPOIS DE ACABADOS OS ESTUDOS DE RETÓRICA.

Entretanto, David foi imbuído de boas artes no Seminário Mariano de Tirnávia (1). Tendo já aprendido os primeiros elementos da língua latina nas escolas heterodoxas, começou na nossa os estudos a partir da classe média de gramática, com o intuito, ao qual, aliás, o resultado respondeu perfeitamente, de merecer um lugar entre os primeiros. Enquanto seguia com empenho o curso de retórica, comunicou aos pais que se sentia chamado à Companhia de Jesús. Tal notícia por pouco não os matou. O pai, embora já fôsse católico, criava os filhos para o século, e não para a profissão de religioso (como costumam fazê-lo certos fidalgos húngaros aos quais se dá o nome de puritanos). Afinal obteve David licença dêle em parte por suas próprias súplicas, em parte graças à intervenção dalguns homens eminentes, e calcando aos pés a afeição da mãe herética, sempre oposta ao projeto, apressou-se a levar o vexilo de Cristo; entrou no Tirocínio de Viena em 9 de novembro de 1736. No dia 13 do mesmo mês, isto é, na festa de Santo Estanislau (que escolhera como seu protótipo na vida religiosa), vestiu o hábito da Companhia.

IV. NOVIÇO DA COMPANHIA DE JESÚS, VOLTA DAVID ÀS HUMANIDADES, ESTUDA A FILOSOFIA E TORNA-SE MESTRE DAS CLASSES INFERIORES.

De como se mostrou durante os dois anos de estudo nessa escola de virtudes, constitue luminoso testemunho o resto de sua vida até à morte, vida conhecida de muitos aquí residentes, aos quais invoco, e conspícua por tantas virtudes, cujo fundamento assenta na casa da provação (2). Saído do Tirocínio, foi cultivar a Szakolca (pequena cidade húngara, confinante com a Morávia) musas menos austeras, sem nada afrouxar do seu fervor primitivo ou dos exercícios próprios dos noviços,

---

(1) "Tirnavia". Em húngaro: Nagyszombat.

(2) Casa da provação, isto é, do noviciado.

que só pela própria obediência moderava. Depois estudou em Tirnávia, durante três anos, a filosofia, disciplina em que sempre mereceu os maiores gabos de seus superiores e de todos os árbitros imparciais. Encarregado de ensinar as classes inferiores, lecionou gramática, no curso inferior, em Sopron, e no curso médio em Taurinum (1), e poesia em Tirnávia. Nesta última cidade publicou um opúsculo, dedicado, segundo a praxe, aos novos bacharéis em filosofia, no qual celebrava em versos elegíacos, aliás tersíssimos, a régia índole de José II, então de sete anos de idade. Por tôda parte deixou grandes saüdades em alunos seus; professor não menos desejoso de *inspirar a virtude do que aplicado ao ensino das letras, tornou* os seus discípulos, até os menos dóceis, admiràvelmente flexíveis à disciplina.

V. O P. DAVID, FEITO SACERDOTE NO FIM DO SEGUNDO ANO DE ESTUDOS TEOLÓGICOS, ESFORÇA-SE POR CONVERTER A MÃE À RELIGIÃO VERDADEIRA.

Talvez por causa das insistências dos parentes, desejosos *de verem o seu David depressa iniciado no sacerdócio, como se* assim aumentasse a esperança da conversão da mãe, não ensinou David mais de três anos. Enviado depois a Viena matriculado no curso de teologia, acabou a custo o primeiro ano, afetada que lhe foi a saúde por uma espécie de tísica, que ainda não se revelava inteiramente. Assim, talvez cedendo aos conselhos dos médicos e às preces dos parentes, transportou para Cassóvia (2), na Hungria Superior, e alí terminou os três anos restantes de teologia. E sob aquêle céu quase pátrio (pois o castelo de Fáy dista apenas seis horas dali) foi aos poucos recuperando a saúde, não tão cedo, porém, que não se tivesse de recear a sua morte antes de êle receber as ordens sacras. Eis porque, segundo a vontade dos superiores, ao concluir o segundo ano, foi feito sacerdote. Celebrou a primeira missa entre os seus, que, embora heterodoxos, atenderam em grande número ao convite.

Assistiam dois padres da nossa ordem, reünidos ao P. David para tentar a conversão, se não de vários hóspedes convidados à solenidade, pelo menos da mãe de seu confrade.

(1) "Taurinum". Em húngaro: Zimony.

(2) "Cassovia". Em húngaro: Kassa.

conhecido pela virtude e sabedoria. Essa senhora, aliás ingênua, testemunhara várias vêzes simpatia e hospitalidade àqueles dos nossos que, de passagem por aquelas bandas, foram visitá-la; mas declinara de tôda e qualquer palestra acêrca dos dogmas da Fé. Conheci eu mesmo os tios de David, pessoas mui urbanas em tudo que não tangia à sua seita. Desde que a respeito desta última fôsse feita a mais leve menção, entravam a defendê-la com nímio fervor. Assim, nessa nova oportunidade frustrou-se igualmente a esperança de sua conversão.

VI. MORRE O PAI DO P. DAVID, QUE NESSA OCASIÃO TENTA DE NOVO A CONVERSÃO DA MÃE.

Isto, porém, parece menos admirável, pois entre tôda aquela assistência de parentes, homens e mulheres, não houve nenhum outro católico exceto o senhor Estêvão e seus filhos, irmãos e irmãs de David. Mais teimosa mostrou-se ela no decurso de mais ou menos três meses, quando Estêvão, moribundo, mandava vir David com o deão de teologia. Nessa altura o filho piedoso nada descuidou para afastar a mãe do êrro e dar, assim, um consôlo supremo ao pai. O próprio moribundo, enquanto não perdera os sentidos, chamou-a junto a si e, em presença de todos os filhos, que derramavam lágrimas, com voz débil a conjurou e suplicou-lhe, pela última vez, que o acreditasse em tal momento: não havia salvação fora da Igreja Romana, etc. Nada conseguiu porém, além de lágrimas estéreis da espôsa, que lhe deplorava a morte iminente. Talvez o P. David tivesse prestado com olhos secos as honras fúnebres devidas ao pai, se pudesse mitigar a própria dor pelo consôlo da conversão da mãe; mas como esta permanecesse na sua heresia, tornou a Cassóvia com olhos ainda úmidos, afim de alí continuar o terceiro ano de teologia. Tivera entretanto terminado o segundo no Internato dos Fidalgos como sócio do regente e prefeito dos internos, honrado e sobretudo querido por todos êles em razão de suas egrégias virtudes e da candura de seus costumes.

VII. O P. DAVID CANDIDATO ÀS MISSÕES DAS ÍNDIAS.

Experimentando contínua melhora na saúde, sentiu confirmar-se a sua vocação às Índias e voltou a escrever para Roma, de nenhum modo desviado por uma primeira recusa, nem mesmo quando tôda a sua esperança podia parecer des-

feita, sendo êle igualmente excetuado do número dos indípetas (1) que o P. Ladislau Orosz (2), procurador da Província Paraguaia, reünia na Província de Áustria com beneplácito do nosso mui R. P. Francisco Retz, para depois se transferirem a diversas Missões da América Hispânica. Foi a um só tempo que manifestamos o nosso desejo (sem nada saber um do outro) ao mesmo general preposto da companhia, eu pela primeira, êle pela terceira vez. Recebemos a resposta quase simultâneamente. Vim a saber que a minha esperança ia ser cumprida pròximamente (e, com efeito, no mesmo ano, isto é, em 1748, fui designado com o P. Francisco Xavier Haller (3), mas o provincial decidiu que eu ficasse na Hungria à espera de outra resposta a meu respeito), enquanto êle foi informado de que devia renunciar de vez a tal esperança. Como gostava particularmente do P. Fáy, confiei-lhe primeiro a resposta que recebera; ao que êle também me comunicou a sua, tão inquieto pela própria sorte quanto alegre pela minha. Quase acabei por ter maior certeza da vocação dêle do que da minha, em vista do desejo veemente que David manifestava de muito sofrer afim de conduzir a mãe ao caminho da salvação, quando estivesse longe dela, pois nada conseguira enquanto estivera perto na pátria. Afirmava, porém, que não desanimaria; pois se a Divina Providência fôsse servida de mudar a sentença do nosso mui R. P., êste acabaria, cedo ou tarde, por escutar os seus votos. Que isto era um vaticínio, demonstraram-no os acontecimentos dois anos mais tarde, quando eu ainda seguia o curso de teologia, ao passo que êle, tendo-o concluído, já o coroara do maior êxito, após a defesa pública de uma tese de teologia.

VIII. O P. DAVID, ENTRANDO NO ANO DA TERCEIRA PROVA, MOSTRA-SE OPERÁRIO INDEFESSO.

Depois de ter concluído completamente os trabalhos escolares, partiu no fim de 1750 para a Escola de Afetos de Neosolium (4) (é uma cidade mineira, com jazidas de cobre,

---

(1) "Indípetas". Neologismo do autor, feito à semelhança, por exemplo, de "centrípeta". Designa aquêles que vão às Índias.

(2) Cf. nosso artigo citado sôbre *Viajantes húngaros no Brasil*.

(3) Ibid.

(4) "Neosolium". Em húngaro: Besztercebánya — Escola de Afetos, isto é, a terceira provação.

na Hungria) afim de ser submetido à terceira prova. Embora devesse obter isenção parcial dos exercícios obrigatórios durante quatro semanas ou mesmo 30 dias, sem interrupção, como também do desempenho de missões durante tôda a Quaresma, não quis gozar de nenhum favor particular: e obteve como prêmio que nem de uma nem de outra vez se viu acometido por qualquer enfermidade corporal. Quem poderia dizer o resultado de suas aplicações nos dois ditos gêneros de exercícios, se êle mesmo procurava sempre esconder com habilidade admirável tudo o que lhe pudesse valer louvores? Sei apenas que descreveu com pena diligente tôdas as meditações e considerações das quatro semanas, registrando seus propósitos e inspirações, e que mais tarde, mesmo durante a viagem terrestre e marítima, costumava reler essas anotações. Quando, depois, na tempestade da perseguição, lhe foi confiscado tudo o que possuía, nenhuma outra perda sentiu tanto, penso eu, quanto a do seu livrinho de apontamentos. No que diz respeito ao desempenho das missões, posso afirmar que o P. David deixou indeléveis saüdades de si nos párocos, que como operário incansável aliviou de muitos trabalhos, e no povo, que edificou por meio das missões evangélicas. Depois da Páscoa voltou ao seu ascetério de Neosolium, rico de despojos arrancados ao inferno e de uma ceifa úbere, feita nos campos do Senhor. Ficou em Neosolium até o fim do ano da terceira prova, quando, após oito dias de exercício, se transferiu para outro lugar em conformidade às leis da obediência.

IX. O P. DAVID, PROFESSOR DAS LÍNGUAS HEBRAICA E CALDAICA, MISSIONÁRIO CASTRENSE, CONCIONADOR E CATEQUISTA.

Tal obediência, aliás, não lhe era de todo suave, pois o fêz voltar aos encargos escolares, que sobremodo quisera evitar; nem fácil, pois, com o manto filosófico de doutor da Universidade, impôs-lhe ensinar uma disciplina da qual nada tinha anteriormente estudado a não ser as primeiras noções; e assim teve de estudar e ensinar, a um tempo, as línguas hebraica e caldaica, e isto num colégio de onde saíra apenas um ano antes. No entanto acolheu com prazer esta difícil tarefa, agravada por duas outras cheias de fadigas apostólicas. Com efeito, além das aulas e dos trabalhos acessórios, foi-lhe confiado o cuidado de assistir aos exercícios aristotélicos e teológicos e

nêles intervir com freqüentes argumentações na legião de Vetés (uma legião de infantaria entre os húngaros), na qualidade de missionário estacionário castrense fixo. Além disso, falou à assembléia húngara, no nosso templo, tôdas as sextas-feiras de Quaresma. Demais, durante o mesmo período sagrado do grande jejum, quis êle, nos outros dias, fazer exortações pelo menos aos seus catequizandos, e escolheu para tal fim, com licença dos superiores, a igreja das Religiosas de Santa Úrsula. É coisa admirável que um homem não robusto, pelo contrário de saúde frágil, se tenha devotado a tantas tarefas e as desempenhasse tão bem como se outras não tivera. Todos os que então morávamos no Colégio de Cassóvia com o P. David, observamo-lo com íntimo gôzo obrar em tudo segundo o exemplo do apóstolo, como se fôra um filho gêmeo de Nosso Santo Pai: ora assistia aos doentes e moribundos no hospital militar (tive ocasião de auxiliá-lo duas vêzes nessa tarefa por causa de dois doentes cuja língua êle ignorava), ora consolava os presos nos cárceres; já intercedia em favor dos acusados, já mendigava esmolas para os pobres com grande indústria, sem, porém, se tornar importuno e incomodativo; procurava os magistrados militares, os cidadãos ricos, os fidalgos; ouvia os penitentes nos tribunais sagrados do nosso templo; combatia do sacro púlpito os vícios, e exortava os ouvintes às virtudes não sòmente nas sextas-feiras de Quaresma, como também no primeiro domingo de cada mês, e em tôdas as festas da Beata Virgem Maria e nas outras solenidades do ano; na cadeira, desfazia os nós das línguas hebraica e caldaica, guiava as mãos dos discípulos na formação das letras, ensinava-lhes a leitura e a compreensão das Escrituras.

X. O P. DAVID, DESTINADO ÀS MISSÕES ÍNDICAS, DIZENDO O DERRADEIRO ADEUS À CASA PATERNA E EXORTANDO COM VEEMÊNCIA A MÃE E OS CUNHADOS A ABJURAREM A SUA HERESIA, OFERECE A DEUS A SUA PEREGRINAÇÃO ÀS ÍNDIAS E OS SEUS LABÔRES APOSTÓLICOS EM PROL DA CONVERSÃO DOS PARENTES.

Em meio a tais ocupações chegou-lhe em 13 de maio de 1752 a ordem inesperada do nosso mui R. P. Visconde para ir ter às Índias. Fui nomeado sócio dêle e juntos saímos de Cassóvia no dia 16 daquele mês, ignorando a que regiões ultramarinas seríamos chamados. Nem devíamos sabê-lo senão

em Gênova por uma nova carta, dada em Roma, ao P. José Celle. Tivemos de viajar através da jurisdição da família Fáy. O P. David precisava de muita arte e eloqüência para impedir os seus de intervirem junto aos superiores afim de ser revogada a ordem que o enviava fora da pátria, ou frustrada a sua viagem mesmo por meios não louváveis (de fato, que excesso não inspira o amor dos consanguíneos?) No entanto o irmão mais velho, senhor Ladislau Fáy, esforçou-se, quanto pôde, por moderar a própria dor e a dos outros, sobretudo da mãe. Demais, como é católico zelosíssimo (afirmava ter já reservado vinte mil florins para fundar uma casa da Companhia em Miskolc, cidade principal dos ditos protestantes), pensou que talvez lhe fôsse oferecida pelo céu aquela oportunidade de converter ou a mãe ou um dos tios. Por isso, convocou-os de seus respectivos prédios, segundo o costume daquela gente, a um lugar chamado Emöd. (É uma aldeia de muitos habitantes, residência do emérito Antônio Fáy, general de hussardos, seu irmão mais próximo, antes de David; há ali uma igreja bela, mas usurpada pelos calvinistas. O pároco católico, introduzido pelo senhor da aldeia, tem um sacelo na própria casa para os poucos habitantes que até então se converteram ao catolicismo e para os adventícios). Pois, como digo, convidou todos os irmãos e cunhados a Emöd, afim de ali dizerem o derradeiro adeus a David. Nessa ocasião, pensava êle, deviam-se empenhar tôdas as fôrças para que a mãe presente (que nos tinha acompanhado desde o castelo de Fáy, como nos acompanhara também desde Miskolc o reverendíssimo senhor Francisco Fáy, irmão menor mais próximo de David, agora cônego de Nagyvárad) acabasse por ceder às preces unidas de todos os filhos, e principalmente às de David, prestes a partir para nunca mais voltar. João Fáy também nos causou um atraso de alguns dias, enquanto mandava vir de Debrecen a sua espôsa calvinista (embora por mala-posta, isto é, a condução mais rápida), na esperança de que talvez em semelhante ocasião renegaria os seus êrros. Nada, porém, foi conseguido, nem com ela, nem com a mãe. A velha senhora, tôda apegada a uma Bíblia que tinha e que explicava a seu modo, saída, além disso, dalguma tipografia calvinista, mal escutava o bom conselho; embora ouvisse o que a reverência do filho lhe ousava sugerir, a cada passo mudava de assunto, como se estivesse ocupada de outra coisa. Quanto à cunhada,

embora moça submissa e de bom caráter, apenas percebeu uma palavra sôbre a Fé, recusou tôda e qualquer resposta e ficou mais muda do que um peixe do ponto Euxino, apesar de ser boa palestradora em qualquer outro assunto. Havia também um tio, de nome Américo, mais que sexagenário, ao qual nem tàcitamente se devia exortar, pois ao insinuarmos mesmo de leve qualquer discussão em tôrno dos dogmas, logo se enfurecia. Parecia então mais aconselhável conversar com êle sôbre assuntos indiferentes, ainda que religiosos. Passamos alí as festas de Pentecostes. Então a mãe, mandando todos os católicos adiante a casa do pároco, foi sòzinha, quase à nossa revelia, ao oratório de sua seita.

Chegou o dia do último adeus. Depois de almôço lautíssimo, o P. David, já pronto a retomar comigo o caminho, pôs-se, na presença de todos, de joelhos curvados, a exortar a mãe por meio duma oração tão vigorosa e cheia de reverência e amor filial, que nenhum dos homens alí presentes conseguiu conter as lágrimas. (Eu mesmo, embora de compunção difícil, não me pude impedir de chorar.) Entre outros, o principal motivo da sua peregrinação às Índias, proclamava (e com quanto sentimento! ninguém podia duvidar de que era êle quem falava, mas que naquela hora era inspirado quanto dizia), era o desejo de, por seus padecimentos em terra e no mar, oferecer-se todo em holocausto a Deus, afim de assim alcançar a graça da conversão da sua mãe. Acabado o discurso, todos permaneceram alí, calados, atônitos, esperando algo de grande; eu mesmo considerava aquêle momento favorável à resipiscência da mãe de tal filho, fazendo suas últimas súplicas. Porém esta, tornada a si da sua aflição, com a voz entrecortada de lágrimas e soluços, assim falou :

— Meu filho, deixa-me ir a Deus por outra via que não a tua; nenhuma nos desvia da salvação eterna; vai com Deus, e recebe a bênção de tua mãe, que não há-de viver muito após a tua partida.

Querendo dizer mais, faltou-lhe o ânimo, pelo que foi conduzida para dentro de casa. Subimos ao carro puxado por seis cavalos do senhor Ladislau, que nos acompanhou até Muda, não devendo nós revermos nem a êle nem aos outros senão na eternidade. Depois, veio-nos visitar à hospedaria o senhor Jorge Fáy, prefeito de algumas tropas colocadas na casa dos inválidos, atualmente governador do Presídio de

Szeged. Preveniu-me o P. David de que não travasse nenhuma discussão com aquêle seu tio. Ambos cuidamos de assim proceder, mas êle, acólito de Calvino, pôs-se a exaltar a doutrina dêste, lançando sarcasmos contra a invocação dos santos. O P. David, pagando-lhe na mesma moeda, mas de maneira conveniente a um religioso (não sendo muito perito na língua húngara, tive de calar-me, visto que aquêle militar fingiu não conhecer a língua latina), e sabendo que êle teria rejeitado os livros dos macabeus, do Apocalipse, etc., recordou trechos de Jeremias, Isaías e Job, apropriados ao caso. Doeu sobremodo ao P. David o fato de ter-lhe escapado *sem êxito a oportunidade, que tão excelente julgara,* de sua partida da pátria. Embora atormentado intimamente e desejando tornar-se uma oferenda em prol de seus irmãos, tios e mãe, contra tôda probabilidade confiou que Deus misericordioso não toleraria fôsse inteiramente frustrado no seu principal intuito o sacrifício de sua peregrinação tão longínqua e tão perigosa. Patenteou-se bem cedo quanto era bem fundada tal esperança.

XI. O P. DAVID, TRANSFERIDO PARA VIENA, NA AUSTRIA, VEM A SABER DA CONVERSÃO DA CUNHADA, FALECIDA POUCO TEMPO DEPOIS DE SUA SAÍDA.

Apenas fomos chegados a Viena, na Áustria, em 4 de junho de 1752, recebeu David uma carta de seu irmão João. Segundo esta, a cunhada (aquela que se mantivera muda ao ouvir qualquer explicação a respeito da fé salvadora), logo após a despedida, voltou para Debrecen, metrópole dos reformados, isto é, dos sequazes de Calvino na Hungria; alí não deixou de pensar no cunhado partido para as Índias; ficou agitada com a lembrança do que êle, no ato de partir, lhe havia dito, e que o marido repetira, com fervor ainda maior, e não suportando que a graça de Deus permanecesse por mais tempo frustrada, afinal abjurou pùblicamente os dogmas de Calvino no meio daquela nação acatólica (pois a cidade de Debrecen possivelmente conta cem mil habitantes adultos dos quais há apenas uns cem católicos entre a nobreza. Os párocos são padres das escolas pias, sendo os nossos, recomendados por Carlos VI quando constrangeu a cidade a admitir também a igreja católica, pertinazmente repelidos.) Eis o primeiro fruto do sacrifício, um fruto não simples; e

talvez se deva atribuir às preces dêle o fato de a moça, pouco tempo depois da sua profissão de fé verdadeira, haver falecido, antes que qualquer malícia lhe pudesse modificar o entendimento. Era aliás muito jovem e de uma compleição que predizia vida longa; mas não sei que doença leve a acometeu e extinguiu dentro de um mês aproximadamente. Confesso ter eu pensado em várias causas, pois não há em Debrecen, que eu saiba, nenhum cirurgião, nem médico, nem farmacêutico católico. Mas não quero esmiüçar coisas que escapam à minha alçada, e prefiro atribuir ao zêlo de David também a prematura passagem de sua cunhada para o céu.

XII. O P. DAVID VEM A SABER, NO MARANHÃO, PELA CARTA DO P. MIGUEL MELZER, DA PROFISSÃO DE FÉ VERDADEIRA FEITA PELA MÃE MORIBUNDA.

Poucos meses depois seguiu a mãe, mas o filho não foi informado da conversão dela senão no Maranhão, em 1754, por duas cartas que eu mesmo li e que vou relatar a seguir, se não literalmente (pois não tenho a memória tão fiel), pelo menos de modo substancial no que diz respeito ao nosso presente assunto. A primeira foi escrita pelo P. Miguel Melzer, cuja mãe é casada com Ladislau e a irmã com Antonio Fáy, irmãos de David.

Se bem me lembro, foi a êle próprio que os filhos de D. Catarina Borsi chamaram a assistir a mãe moribunda, em companhia do professor de teologia P. Jorge Biró, que cumpria então o seu terceiro ano de magistério em Cassóvia, onde eu naquele tempo estudava filosofia.

"Reverendo P. David em Cristo!

Não muito tempo após a partida de vossa reverendíssima, a senhora vossa mãe adoeceu; talvez fôsse a própria velhice, talvez a dor da perda de seu David, ou qualquer outra razão, que a acometera; em todo caso, temia-se que a doença fôsse mortal, antes mesmo que viesse a sê-lo. Logo acudiu o senhor Ladislau, nosso acólito, e não mais se afastou da cabeceira da doente, receando com tôda a razão que, em sua ausência, não houvesse ninguém para apartar os cunhados heréticos e principalmente os ministrinhos de Calvino que a doente de certo chamaria. Graças à autoridade que possue junto a todos, conseguiu conjurar ambos os perigos. Além disso, chamou em tempo, de Cassóvia, o deão P. Jorge Biró, professor pri-

mário de teologia, para que sugerisse à enfêrma o que Deus lhe inspirasse. Nada foi omitido. Êle mesmo, com os irmãos, as irmãs e os parentes católicos, rodeou a cama da doente, a qual, orém, não estava ainda a morrer, como parecia. Todos lhe imploraram que acreditasse ser a fé romana, na qual o marido morrera e os filhos viviam, o caminho indubitável da salvação, não existindo nenhum outro. Ela, todavia, em certos instantes de enfraquecimento nada respondeu a isto; depois, com firmeza, mandou sair a todos, exceto minha mãe, o senhor Ladislau e, por motivos de cortesia, o padre hóspede. Êste, pensando que a coisa devia ser confiada sòmente a Deus, exortou a todos de casa a que contìnuamente rezassem, o que fizeram por vários dias, sucedendo-se uns aos outros no sacelo do castelo. Entretanto, o P. Jorge continuou a desempenhar o seu papel à cabeceira do leito. A um dado momento, enlanguescida, a doente pareceu pegar no sono: então o padre colocou por baixo do travesseiro, à revelia da senhora, uma imagem da Beata Virgem Maria; convoca a família e manda-a rezar e confiar no patrocínio da magna padroeira da Hungria. (1) A enfêrma dormiu muito suavemente; despertou depois de uma hora ou mais e perguntou :

— Que foi que colocastes sob a minha cabeça ? Sinto-me tão leve, tão livre de qualquer moléstia !

Aproveitando a ocasião, respondeu êle :

— Fui eu que, à revelia de vossa senhoria, lhe coloquei sob a cabeça uma imagem da Deípara, salvação dos enfermos. De qualquer maneira, vossa senhoria acredita que ela é a verdadeira mãe de Deus? De certo vossa senhoria já começa a experimentar o que ela pode junto a seu Filho Divino, etc.

Assim a exortou o padre; obsecraram-na os filhos e os parentes católicos; ela pediu a imagem, tomou-a nas mãos, começou a venerá-la e a beijá-la.

Para quê continuar ? enquanto o padre, que tirou proveito de tôdas as circunstâncias, lhe estava sempre ao lado, ela primeiro confessou espontâneamente, diante da imagem da Virgem que por si só extingue tôdas as heresias, que detestava o seu êrro, e pediu perdão; depois, mandou sair todos afora o único padre hóspede. Quem poderia relatar a alegria de todos os filhos e filhas ao ouvir esta ordem ? Obedeceram logo. Então

(1) A "magna padroeira da Hungria" é a Virgem Maria.

um dia inteiro tratou, com o confessor, da profissão pública da fé, do recebimento dos sacramentos segundo o rito católico, numa palavra, ùnicamente de sua salvação. Mas como as fôrças da doente nada prometessem de seguro, o padre, em vista da boa vontade dela, começou a exortá-la à confissão auricular e animá-la a renegar a heresia enquanto estivesse com os sentidos sãos. Destarte não se poderia dizer depois, como às vêzes acontece, que a agonia a fizera delirar e não soubera o que fazia. Obedeceu em tudo, e com a ajuda do padre fêz resenha das culpas de tôda a vida como penitente. Absolvida, desejou que viesse a família tôda e outras testemunhas da sua sincera confissão, até mesmo os cunhados heréticos. (Êstes, porém, vendo de que se tratava, desapareceram sem demora.) Proclamou a todos os presentes ter concebido a intenção de abraçar a fé romana não apenas então, mas havia quase um ano (isto é, quando vossa reverendíssima chegou ao têrmo da sua viagem). Diferira a realização de tal intento, do que estava sinceramente arrependida; mas, afinal, confessava-o pùblicamente, querendo morrer no seio da única religião salvadora. Logo depois, recitou a fórmula tridentina predita pelo padre, e embora tivesse a voz enfraquecida, diligenciou que todos a percebessem distintamente. Depois, foi-lhe dado tempo para escrever seu testamento e preparar-se a tomar no dia seguinte, pela primeira e última vez, o Santíssimo Corpo do Senhor.

Daquí por diante, não tenho lembrança certa; parece-me, todavia, que o padre contou haver ela morrido antes do alvorecer, e portanto não podendo tomar o viático senão por ardentíssimo desejo."

XIII. RECEBE O P. DAVID, NO MARANHÃO, OUTRA CARTA, ESCRITA PELO PADRE TIBORTZ SÔBRE O MESMO ASSUNTO.

A outra carta, escrita pelo P. Tibortz, outrora colega do P. David no magistério, era dêste teor :

"Reverendo padre em Cristo !

Fui já informado, por outros mensageiros, da conversão de vossa mãe e do seu óbito católico, como também da morte de Gabriel, irmão de V. Revma., criado durante cinco anos no Colégio Teresiano, em Viena, com grandes esperanças do Reino, infelizmente por demais cedo cortadas, e que foi chamado há pouco de Ágria, (1) do estudo do direito pátrio que

(1) "Agria". Em húngaro: Eger.

alí começara, ao consórcio dos anjos, que seus costumes sempre lembravam. Não quero, pois, avivar com mais palavras a vossa dor, mas vou comunicar-vos algo que há-de aliviá-la muitíssimo, e que até na Hungria poucas pessoas sabem. Quero dizer que a adesão da senhora tão piedosamente defunta aos católicos não data apenas das vésperas de sua morte. Naquela altura, ela apenas repetiu pùblicamente o que muito tempo antes fizera, sendo eu testemunha única. Vossa reverendíssima saíu de entre nós no mês de maio do ano 1752. Pelo fim dêste ano, mandado à Transilvânia para alí ensinar a filosofia moral em Claudiópolis, (1) embora não me fôsse preciso atravessar a terra natal de V. R., fí-lo por cortesia, querendo também cumprimentar a senhora e consolá-la na sua tristeza causada pela partida de um filho e o óbito prematuro de outro. Recebido, como sempre todos os nossos, com humanidade, fui mais feliz que os precedentes, porque a senhora não sòmente ouviu sem constrangimento uma alusão minha a coisas da única fé verdadeira, como também continuou, ela mesma, a falar de tais coisas. Fiz o que me pareceu de minha obrigação; e tão pouco desagradei, que fiquei retido mais dois dias como hóspede, aliás com grande prazer meu. Deu-me a senhora abundantíssima recompensa, confiando aos meus ouvidos uma confissão geral de tôda a sua vida e a sua firme decisão de professar a fé (que já professava ocultamente a mim, no sacro tribunal, sem outra testemunha) pùblicamente e em presença de todos. Acrescentou ainda que por enquanto não convinha fazer tal profissão por motivos justos (em nada fúteis). Entretanto, pedia-me segrêdo, por causa dos seus, que eram poderosos, e entre os quais, em tôda a linhagem, não havia um católico sequer, etc."

Nestas duas cartas patenteia-se bastante, penso eu, o fruto com que o P. David, de pia memória, foi servir às Missões Índicas. Suponho que os seus nove anos de exílio e a sua morte preciosa diante do Senhor já trouxeram igualmente a luz da verdade a algum tio ou outro parente seu; tanto mais conseguirão agora no céu, onde êle está cercado da láurea do martírio. Porque duvidaríamos disto? A Igreja Católica já a outorgou até a alguns que, voltando do exílio, faleceram em paz na sua cama, que foi o caso de Santo Eusébio de Vercella e de São Félix, presbítero de Nola, na antevéspera de

---

(1) "Claudiópolis". Em húngaro: Kolozsvár.

cujo dia o P. David expirou; porque negaríamos, então, tal coroa àquele que tão duro exílio padeceu, e morreu no cárcere, tudo isto por uma causa que indubitàvelmente é das requeridas pelo martírio? Confesso ter-me ocorrido não fazer nenhum sufrágio por tal defunto, que acredito, se para tanto bastasse a minha autoridade só, ter morrido como mártir; antes ia pedir os seus sufrágios junto a Deus, a cuja presença devia conduzí-lo seu santo libertador, Aluísio, logo após a morte, poupando-lhe qualquer demora nas chamas expiatórias, graça esta resgatada por aquêle ano (1) que lhe acrescentara a vida, e por tôda esta, passada na cama da doença, para daí sair apurado como o ouro da fornalha. Aquí vem-me vontade de pôr fim ao trabalho, pois nada mais me fôra pedido. Começa a tomar-me o cansaço e a minha mão fatigada recusa o serviço. Contarei, porém, brevemente o que ainda me sobra.

XIV. AS OBRAS DE CARIDADE PRESTADAS PELO P. DAVID, DURANTE A VIAGEM PARA GÊNOVA, A UM COMPANHEIRO DOENTE.

A viagem através da Estíria, Carniola, Dalmácia, Venezas e Insubria, até Gênova, favoreceu admiràvelmente o padre David, embora tivesse de recear o sol da canícula e a água, bebida pouco salubre sobretudo na Itália (pois desde a meninice nunca bebera vinho e só começou a tomar um pouco em Lisboa, atendendo ao conselho de padres que merecidamente venerava). A viagem, pois, correu-lhe bem, e não sòmente no que diz respeito à saúde, visto que lhe ofereceu muitas ocasiões de se vencer heròicamente e de exercer a sua caridade para com um sócio doente, o P. Henrique Hoffmayer. Tôdas estas ocasiões, aproveitou-as êle com avidez, deixando-me apenas uma pequena parte. Nas hospedarias, passava noites em claro à cabeceira do enfêrmo, arrumava-lhe a cama com solicitude; quando, por causa de calores às vêzes intoleráveis, era preciso continuar a viagem durante a noite e repousar durante o dia, o P. David considerou a perda de seu repouso uma vantagem extraordinária, quando podia passar o tempo a êle destinado à cabeceira do P. Henrique, a caçar môscas (uma verdadeira praga, principalmente no trecho da Lombardia). Nunca se lhe ouviu uma queixa, nunca foi visto impaciente, a não ser quando advertido por mim com insistência afim de ser menos pródigo da própria saúde, ou quando impaciente-

(1) *Cf. o capítulo* XXXXIX.

mente repelido pelo próprio P. Henrique, que não queria vê-lo baixar-se até a imundície no exercício dos deveres da caridade.

XV. O P. DAVID, ANTES DE COMEÇAR A VIAGEM MARÍTIMA, CONSAGRA OITO DIAS DE EXERCÍCIOS AO NOSSO SANTO PADROEIRO.

Apenas chegou a Gênova, P. David cumpriu com grande fervor os exercícios de oito dias ao nosso santo padroeiro, que não pudéramos fazer antes do comêço da viagem e que eu e o P. Henrique adiamos até nossa chegada a Lisboa. Fê-los com edificação dos padres da Casa Professa, os quais em vão procuraram dissuadí-lo alegando os calores veementíssimos daquele mês (estava-se já em meados de agôsto). Replicou-lhes que não queria confiar-se ao mar sem ter cumprido essa sua ascese anual, e desejava rezar um pouco mais, antes de chegar o tempo em que nada poderia fazer por causa dos incômodos do mar e do fastio do próprio estômago. Teria sido um verdadeiro profeta, se não julgasse também oração ótima e suficiente para o seu esfôrço de perfeição a paciência com que suportaria, logo depois, os achaques do corpo. Durante os doze dias de viagem (feliz no tocante à brevidade, mas perigosa por causa do grande número de tempestades de Gênova a Lisboa, entre 15 e 28 de outubro) ficou pregado ao leito, mas não sentia senão uma coisa, isto é, não poder prestar nenhum serviço a qualquer dos companheiros.

XVI. O P. DAVID, TENDO PASSADO SETE MESES EM LISBOA, VÊ-SE PÔSTO À TESTA DA NAU DA REAL MISSÃO.

Nada lembro a respeito dos sete meses que passamos no Colégio de Santo Antônio, o Grande. Com o P. David residiam alguns dos nossos que alí moram. O P. Francisco de Cordes o teve por companheiro quase cotidiano de seus passeios e pode dar amplo testemunho de suas múltiplas virtudes. Nem é preciso que eu recorde a nossa navegação até o Maranhão. Vimos com nossos olhos, e todos observamos, a extrema amabilidade do superior para com o P. David. Posso invocar as testemunhas mais dignas de confiança, como os padres Martim Schwartz e Anselmo Eckart e todos os noviços, aos quais ainda inflama, após tantos anos, a lembrança de sua virtude. Daqueles estudantes, em número de onze, poderia dizer-se com grande prazer: Nenhum dêles se perdeu: na atual tempestade, todos generosamente tiveram por somenos o exílio que a sua vocação.

XVII. O P. DAVID, CHEGADO AO MARANHÃO, MOSTRA-SE OPERÁRIO ZELOSO DA CASA DE TAPUITAPERA, DESTINADA A FUTURO COLÉGIO.

Chegamos ao Maranhão em 16 de julho de 1753. Logo depois da festa de nosso santo padroeiro (1) fomos mandados em convalescença e férias; o P. David, ao contrário, apenas decorridos oito dias de repouso seguiu para Tapuitapera, a exercer os trabalhos próprios dos operários da Companhia. Embora ficasse apenas três meses naquela casa, deixou em todos uma lembraça bendita e duradoura, e nenhum outro nome senão os de *Santinho* e *Santo de Deus*. Mereceu-os principalmente pelo seu trabalho assíduo no Sacro Tribunal, e pelo modo suave com que tratava os penitentes, e que lhe atraíu tôda aquela cidade (atualmente tão grande quanto a própria cidade do Maranhão). Como ainda não tivesse prática da prègação lusitana, falou pela primeira vez aos confrades de sodalício das almas do purgatório, na igreja paroquial, no dia de todos os fiéis defuntos. A curiosidade encheu de ouvintes o templo, embora muito amplo, até o vestíbulo; os ouvintes, porém, sentiam encher-se a alma duma admiração ainda maior ao orador, que pronunciou fervente oração em prol das almas por livrar das chamas do purgatório. Eu mesmo ouví lembrar e exaltar com merecidos louvores êste zêlo até por pessoas que uma só vez o tinham ouvido do púlpito, quando voltei a morar na mesma casa, então já em parte transformada em colégio. Uma vez empreendeu uma navegação de dois dias até a um prédio daquela casa, chamado *Piricuma*, afim de preparar um tapuia doente para o caminho da eternidade. Como quase nada entendesse ainda da língua brasílica, durante a própria viagem pôs-se a estudá-la, com zêlo apostólico, por meio de certas anotações manuscritas feitas pelo estudo daquele idioma e dum catecismo impresso, e tirou todo o proveito bastante para que o moribundo pudesse sair desta vida cheio de consolação. De nenhum modo posso omitir o que aconteceu ao P. David antes que lhe fôsse anunciado o óbito da senhora sua mãe. Certo dia estava deitado em sua rêde (é a cama habitual dos americanos) quando súbito percebeu uma agitação desta. Levanta a cabeça; olha para todos os lados afim de ver se havia por perto alguém que pretendesse de algum modo excitá-lo a levantar-se; mas a-pesar-de olhar por tôda parte, tanto da rêde

(1) O dia de "nosso padroeiro" é 31 de julho.

quanto de fora dela, ninguém vê. Notou, porém, o dia, e bem prestes lhe vem à mente que aquêle aviso súbito e ignoto poderia ser o sinal da morte dalgum amigo ou parente seu. Depois de alguns meses, chegam cartas da Europa anunciando-lhe a morte da mãe (acontecida naquele dia). Nos Atos dos Apóstolos, cap. 12 ou 15, lê-se: "Asseverava que assim era. E êles diziam: deve ser o seu Anjo."

XVIII. O P. DAVID MISSIONARIO APOSTÓLICO NA ALDEIA DE SÃO JOSÉ.

Transferido para a aldeia à qual São José dera o nome, distante três léguas do Maranhão, na qualidade de missionário, civilizou durante cêrca de um ano e meio o lugar que lhe fôra destinado: e foi missionário irrepreensível sob todos os pontos de vista, como se deve ser entre neófitos. Eu mesmo vi com êstes olhos (numa ocasião em que o visitei e com êle estive uns oito dias, esperando que o colégio preparasse, para a vinda do visitador R. P. Francisco Toledo, o barco que eu viera procurar), vi, como digo, e fiquei espantado de ver, a afluência ao pé dêle não só da ínfima plebe dos índios e dos negros, como também de muitos europeus que alí vieram, em peregrinação, de várias léguas de distância; vi a igreja cheia de povo nos domingos e feriados, como também muitos penitentes restaurados pela sacra comunhão. Mas o que me causou a maior admiração, e até me encheu de perplexidade, foi ver o P. David, livre do olhar de qualquer censor, dentro da própria casa, seguir o mesmo regime de vida que a disciplina mais severa dos colégios costuma recomendar. Nada omitia das orações matinais, dos exames de conciência e dos outros exercícios espirituais, a tal ponto que às vêzes lhes consagrava horas inteiras. Ao meu parecer, é isto louvor não pequeno; assim, nas almas acostumadas a uma virtude sólida, mesmo quando alongadas da vigilância dos superiores e do temor da correção, continua a imperar só a lei íntima da caridade.

XIX. ENQUANTO SE ACHA À TESTA DA CASA DE MARACÚ, O P. DAVID ESTENDE O SEU ZÊLO A TÔDA A VIZINHANÇA.

Depois foi preposto ao coadjutor que administrava os bens e propriedades em Maracú. Em poucos meses recolheu alí muitos frutos espirituais, para o que invoco o testemunho da pessoa que me convidou a escrever um elogio do defunto, o P. José Romone, que morava então numa aldeia próxima, cha-

mada igualmente Maracú (hoje a cidade chamada Vila de Viana, deserta, tendo os índios regressado às suas matas), outrora uma das principais missões do Maranhão. Por isso não há nada de particular que eu deva dizer aquí a tal respeito. Omito a estação de um ano que fêz em Pindaré; não falo da começada redução dos amanajoses; nada refiro da bela iniciativa frustrada pelo inferno invejoso, nem da acusação que foi causa do exílio que mais tarde lhe infligiram, nem afinal de tudo o que lhe aconteceu depois. Com efeito, e vossa reverendíssima e outros melhor o sabem do que eu. Assim, com sua vênia, retiro a mão cansada do trabalho que empreendí por proposta de vossa reverendíssima (tamanha fôrça têm sôbre mim os desejos dum tal amigo). Tratei-o, porém, não segundo o mérito do assunto, mas conforme à estreiteza do meu engenho. Peço como recompensa do meu trabalho uma lembrança nas santas preces a Deus.

JOSEPHUS KAYLING.

Agora chega a vez de Anselmo Eckart extrair de sua pena extremamente modesta os recentes e os antigos acontecimentos. O próprio tempo lhe manda cumprir as promessas feitas ao P. Kayling e obedecer às ordens dêste último, contando em ordem cronológica os grandes e claros feitos do P. David até a sua morte; passo, destarte, ao parágrafo seguinte.

XX. O P. DAVID TRABALHA ANIMOSAMENTE NA MISSÃO DE CARARA PARA A REDUÇÃO DOS AMANAJOSES.

Tendo feito os quatro votos solenes na igreja do Colégio do Maranhão em 13 de abril de 1755, ligado mais estreitamente à Companhia, foi mandado à Missão de Carara afim de aliviar em parte a carga do P. João Nepomuceno Szluha, alí residente. É uma aldeia situada à margem do rio Pindaré, talvez a mais importante das Missões do Maranhão, freqüentada outrora por uma grande multidão de neófitos (pertencentes a uma nação de nome guajararas). Aqui o P. David encontrou vastíssimo campo para plenamente difundir, o que sempre almejara, o seu zêlo ardente, e para observar exatamente aquela palavra do nosso santo padroeiro Inácio no ato de enviar ao trabalho seus sócios apostólicos: "Andai e acendei tudo". Entretanto, ao fogo sagrado em que ardia todo o seu ser, administrava um alimento cotidiano sob a forma dos sacros exercícios, que nunca deixava de cumprir, procedendo

ao mesmo tempo a uma obra de mortificação contínua. Ao acabar o seu exame vespertino (como pessoalmente soube por êle), maltratando-se piedosamente a si próprio com azorrague, reduzia o corpo à servidão, temendo, como o apóstolo, ficar incluído em o número dos réprobos, enquanto prègava aos outros a prática das virtudes. Desejoso de propagar o Reino de Cristo e, ao mesmo tempo, del-Rei Fidelíssimo, resolveu procurar os bárbaros, atraí-los à vida civilizada e fundar uma nova missão. Efetivamente, não longe da Missão de Carara há várias nações ainda na noite cega de sua gentilidade, que êle queria, a poder de tôdas as suas fôrças, conduzir ao lume da fé verdadeira. Entre elas uma se distingue, conhecida pelo nome antigo de amanajoses, menos áspera assim na índole como na côr, a qual se parece com a dos europeus, superior a todos os índios que nos distritos do Maranhão e do Pará ainda vivem de maneira silvestre. Pois o zelosíssimo caçador de almas vivamente desejava entrar em contacto com êles, e a Deus aprouve ouvir os seus votos. Os amanajoses, convidados a uma palestra, comparecem; fàcilmente subscrevem aos pedidos eficazes do P. David, que os exorta a se deixarem introduzir na liberdade dos filhos de Deus; nem se recusam a prestar homenagem a sua majestade fidelíssima; apenas excetuam os serviços que devem ser prestados aos lusitanos, e aos quais todos os neófitos das outras missões, dos 15 aos 40 anos de idade, estavam constrangidos. Os amanajoses queriam, então, gozar de uma imunidade que desfrutam os índios guajajaras, um privilégio que outrora lhes concedera a sereníssima rainha Maria Ana, austríaca, de memória gloriosíssima, que naqueles anos reinava, por intermédio do P. Francisco Wolff, de pia memória, antigo missionário cararense, da província de Boêmia. Além disso, estabeleceram outras condições e prometeram sair de sua terra natal se elas fôssem observadas. Tôdas estas condições, no entanto, se referiam ao ponto que era o principal das negociações, isto é, a isenção dos serviços. O padre escuta as condições propostas pelos amanajoses; nada porém pactua com êles, como depois alguns homens mal intencionados o fizeram acreditar ao povo. Entretanto não poupa nem esforços nem gastos para livrar do cativeiro do demônio tantas almas, resgatadas com o sacrifício do sangue Divino. Já se procura lugar para a construção da nova aldeia; já se prepara um campo espaçoso; já se semeiam as plantas que deviam dar farinha brasileira durante um ano aos neófitos;

já se constrói uma casa. Assim uma porta bastante grande foi aberta para disseminar o Evangelho da lei verdadeira; mas, ai! um inimigo vem fechá-la e um joio péssimo sufoca a boa semente.

XXI. O P. DAVID É CHAMADO OUTRA VEZ AO MARANHÃO PARA LECIONAR TEOLOGIA AOS NOSSOS.

Acabrunhado pos êsses trabalhos imensos, assaltou-o uma febre maligna; mas depois se lhe restabeleceu a saúde, e sarou para cumprir ainda muitas façanhas, para a glória de Deus e para muito padecer; então continuou a obra encetada relativa aos amanajoses para levá-la a um êxito feliz. Êsses índios, atraídos em parte pela afabilidade inata do P. David, em parte por vários presentes apropriados a captar os corações humanos, principalmente uns instrumentos de ferro, mais uma vez vieram à aldeia de Carara. A colheita já parecia madura, em tempo de ser submetida à foice. Mas a esperança dos frutos úberes, que tantas sementes prometia, foi primeiro enfraquecida pelos discursos dalguns maus conselheiros, emissários do diabo. Depois, em seguida ao golpe desferido simultâneamente contra os pastores (os quais, coisa que não se pode referir sem lágrimas, foram forçados a abandonar a grei que durante tantos anos lhes estivera confiada), tôdas as ovelhas foram dispersadas; voltaram às suas covas na floresta; permaneceram na goela dos lobos. 1757 foi o ano tão funesto (que causou a tôdas as missões da vice-província do Maranhão estragos que mui difícil será reparar) em que o P. David foi nomeado para a cadeira de teologia, afim de ensinar os nossos, discípulos que ouviam embasbacados um mestre tão perspicaz.

XXII. O P. DAVID CONSTRANGIDO AO EXÍLIO PELO GOVERNADOR DO PARÁ.

Já desde certo tempo o eminente professor de teologia desempenhava as funções que lhe foram confiadas, com grande proveito, tanto seu como da companhia; eis senão quando vem uma carta, escrita por ordem de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador do Pará, ordenando o extermínio do P. David. Após a expulsão de três sócios, já em 1755, por obra da côrte de Lisboa, e de dois outros no ano seguinte, o mesmo pretor supremo das prefeituras do Maranhão e do

Pará obtivera del-rei faculdade ampla para exterminar todos os religiosos que julgasse dignos de exílio. Todos os confrades se espantaram com o exílio imposto ao P. David, e mais ainda com a causa dêste exílio. Quando o R. P. Francisco de Toledo, visitador e vice-provincial, voltou do Pará ao Maranhão, já preparado para a viagem da Missão de Caeté ao Pará, li um bilhete mandado pelo governador ao P. visitador, no qual, se bem me lembro, se fazia esta pergunta ao P. David: "Com que autoridade aceitara êle os amanajoses em condições tão iníquas e perigosas para a coroa lusitana?" Em resposta, o P. David redigiu uma carta ao P. Bento da Fonseca, procurador-geral da vice-província do Maranhão, em Lisboa, em que expôs fiel e brilhantemente tudo o que acontecera no tocante à referida tentativa de redução de bárbaros, afim de que o P. Benedito explicasse a sua majestade fidelíssima as condições propostas por aquela nação e ao mesmo tempo os decretos reais, publicados sob o regime de Pedro II, de felicíssima memória, num livro intitulado *Regimento das Missões*. Nessa obra está explicado de maneira eloqüente que os missionários devem ouvir e aceitar os índios em quaisquer condições, contanto que queiram sair das florestas e abraçar a santa lei de Nosso Senhor Jesús Cristo. Uma cópia desta carta, não sei por que via, foi dar às mãos do governador. Pois isto era um crime novo, até ali inaudito, um delito tão grande que só se podia castigar com o exílio: isto é, que o P. David ouvira os pactos e as condições dos amanajoses; que os comunicara ao P. da Fonseca, etc. O galardão dêste mundo consiste em transformar em veneno, por obra de aranhas, o suco espremido das flores, de onde as abelhas tiram seu mel; pagar com vitupério, em vez de louvores merecidos; compensar os benefícios por más ações. Então o P. David podia dizer: "Impugnado sem crime (para citar as palavras de Santo Ambrósio sôbre o Psalmo 118), impugnado como nocivo, embora em tal ação eu merecesse louvores."

XXIII. EXILADO, O P. DAVID VÊ-SE DEPORTADO PARA LISBOA COM QUATRO COMPANHEIROS EXILADOS.

Veio afinal o dia de 28 de novembro, em que foi mandado embarcar num navio mercante com quatro outros sócios, igualmente relegados pelo governador, isto é, os padres Toledo, vice-provincial e visitador, José da Rocha, reitor do Colégio do Maranhão, Luiz de Oliveira, ùltimamente procurador das

missões paraenses, e Antonio Moreira, morto em maio de 1760 na cidade e fortaleza de Almeida, vítima dos sofrimentos do ergástulo, sem a consolação de qualquer companheiro de cativeiro. Êsses cinco exilados podem sér merecidamente incluídos em o número daqueles afortunados dos quais outrora disse o nosso Salvador: "Bem-aventurados sereis, quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem todo o mal contra vós, mentindo, por meu respeito. E quando vos separarem, e exprobrarem, e rejeitarem o vosso nome, como um mal." O P. David, durante aquela viagem, além dos incômodos comuns a todos os navegantes, padeceu os próprios com muito ânimo, sempre obrigado a estar de cama em razão da extrema fraqueza do corpo. Antes que aparecessem as ilhas submetidas ao domínio lusitano, a nau que trouxera os padres do Maranhão juntou-se ao nosso navio de guerra (que partira do Pará acompanhado de outros navios, ditos mercantes) com outra embarcação, que a seguia. Alí vim a saber que o P. David estava pregado ao leito, acometido pela sua enfermidade, e encontrei ocasião favorável de o consolar, por meio de uma carta.

XXIV. DESEMBARCADO. O P. DAVID PARTE PARA O EXÍLIO COM QUATRO SÓCIOS DO MARAHNÃO E DEZ DO PARÁ.

Decorridos dois meses e meio de luta com as ondas perigosas do mar, chegou ao Tejo em 12 de fevereiro de 1758. Depois de uma demora de quase quatro dias, após o almôço foi transportado à praia, onde já diversos carros esperavam os exilados. Subiam dois a dois a cada carro. Na mesma tarde, expulsos da cidade, pernoitamos em Sacavém, cidade da Extremadura lusitana. Tive por companheiro de carro o P. David num caminho bastante difícil, tendo o cocheiro deixado virar o carro duas ou três vêzes. Além de suas devoções habituais, que não eram poucas, o P. David venerava de um culto particular ao divino João Nepomuceno, patrono de bom nome da Companhia de Jesús. Durante aquela viagem êsse culto aumentou ainda, quando num libelo satírico, intitulado *Relação abreviada,* leu que era acusado não dum delito qualquer, mas dum crime sobremodo atroz, o de lesa-majestade. O governador do Pará mandara imprimir naquela infame sátira um trecho da carta escrita pelo P. David ao P. Fonseca sôbre a tentativa de redução dos amanajoses, carta que havia interceptado. Tivera obrado muito melhor se divulgasse a carta na íntegra, pois o sentido dela é completamente diferente. Mas

é um costume daqueles pseudo-políticos utilizar declarações mutiladas contra quem querem caluniar, induzindo em êrro, assim, ao leitor ignorante, ou, pelo menos, tornando-o perplexo e menos benévolo para com aquêles que são caluniados. Foi destinado o P. David, de primeiro, à residência chamada Pedroso, subordinado ao Colégio de Coimbra; mas enquanto descansávamos na cidade de Leiria, veio uma carta do R. P. João Henrique, provincial de Portugal, a qual determinava, além de outras modificações, que o P. David rumasse em direitura à residência de Roriz, situada entre Pôrto e Braga.

XXV. O P. DAVID É TRANSPORTADO À RESIDÊNCIA DE RORIZ, LUGAR DE SEU EXÍLIO.

No mês de março do ano supradito chegou ao lugar que lhe prescrevera a obediência, isto é, à residencia de Roriz, pertencente ao Colégio de Braga, com seu sócio o P. Luiz Álvares, que, entrando no caminho da eternidade em 16 de novembro de 1765, já tem igualmente terminada a sua carreira. É admirável quão cedo começaram a estimar alí o P. David tantos que até então não o conheciam, e como outros sócios, passando por aquela residência, atraídos pelos seus costumes suaves, propalaram em outros lugares a sua preclara fama. Embora pudesse gozar alí de repouso absoluto, pois não exercia nenhum ofício da Companhia, não descansava de todo. Pelo contrário, empreendeu um trabalho dificílimo, para honra da nossa ordem, para a reconquista do bom nome de que qualquer religioso deve sobremodo cuidar, e para apagamento da mancha com que os caluniadores sujaram principalmente os jesuítas da América. Com efeito, escreveu em idioma latino uma obra insigne, plenamente digna do autor, merecedora de publicação e apropriada a tapar a bôca, afinal, aos caluniadores e aos mentirosos. Nem mesmo naquela solidão lhe esqueceu oferecer-se às nossas autoridades para servir à Companhia em qualquer região do mundo, onde se pudesse esperar da sua atividade maior proveito para Deus. A êsse respeito me escreveu uma carta, a mim que então vivia exilado na residência de São Félix, vulgo São Fino, perto da Galícia. Nessa carta, cheia de espírito apostólico, me fêz claramente entender que não sòmente o seu zêlo não se apagara, senão que também estava prestes a irromper em chamas, tanto que fôsse possível. Acrescentou que, mesmo se a côrte lhe concedesse licença para sair da Lusitânia, de nenhum modo

queria voltar aos ares pátrios, mas desejava ardentemente ser mandado às missões espanholas. Evidentemente não queria, uma vez postas as mãos ao arado, olhar para trás. Preferia tornar-se o mais apto possível ao Reino de Deus, que sofre a fôrça e que os violentos arrebatam.

XXVI. COM APARATO MILITAR VÊ-SE O P. DAVID CONDUZIDO AO COLÉGIO DO PÔRTO E SEPARADO DE TODOS OS COMPANHEIROS.

Durante a noite de 15 para 16 de fevereiro de 1759 (fatal a quase todos os domicílios da província lusitana, de tal maneira que a sua memória nunca se há-de apagar) é a residência rodeada de soldados, e no dia seguinte um funcionário real, por ordem da administração do Pôrto, faz sair todos os padres, com tanta rapidez que o P. David é constrangido a abandonar não sòmente todos os seus pequenos bens, como igualmente o próprio breviário e o rosário, às mãos dos perturbadores. Apenas entrou no colégio, logo foi encerrado num quarto, com dois soldados a guardar a porta. Alí permaneceu até 12 de março, quando recebeu ordem de se transferir a uma das classes. Para que esta lembrasse o aspecto mais triste de uma prisão obscura, fecharam-lhe tôdas as janelas, apenas deixando uma pequena abertura pela qual penetrava uma luz fraca. Alí ficou sòzinho; mas, em vez de se afligir, alegrou-se à idéia de que fôra considerado digno de sofrer, pela glória de Deus, o desprêzo, a ignomínia, a perda de tudo o que tinha e, demais, a sujidade do cárcere. Mesmo naquele cativeiro encontrou, pelo seu discurso agradável, favor da parte de todos, principalmente de um dos guardas, o qual vinha visitá-lo cada vez que estava de atalaia; assistia-lhe ao almôço e jantar; consolava-o; contava-lhe várias coisas; e até fêz esforços junto à côrte de Lisboa para ver se conseguia devolver o P. David à antiga liberdade. Êste último abrandou o fastio do ergástulo por meio de orações contínuas e de leitura, sobretudo da história da Companhia escrita pelo P. Juvêncio; lendo-a, comparava as suas tribulações, das quais se gloriava com o apóstolo, com aquelas que outrora tanto gloriosos mártires da Inglaterra padeceram, detidos nas cavernas subterrâneas de Londres. Como aquela escola olhasse a um nosso templo, era-lhe de grande consôlo ouvir tocar órgão ou cantar missa. No período da Páscoa obteve o particular favor de assistir ao ofício

sacrossanto (celebrado numa das classes por algum carmelita, chamado da cidade, para que assim ficasse impossível todo e qualquer comércio com os nossos que moravam no colégio). Assistiram apenas três outros padres da vice-província do Maranhão, igualmente cativos, quando chegou o momento de tomar o pão angélico.

XXVII. NO CARCERE DO COLÉGIO DO PÔRTO, O P. DAVID ESPONTÂNEAMENTE SE INFLIGE NOVOS CASTIGOS.

Não se contentando com as lúgubres trevas do ergástulo e a sujidade molesta que êste trazia consigo, macerou de novos tormentos um corpo já bastante extenuado, mortificando-se piedosamente com cilício e açoite. Foram tão veementes os golpes, que os soldados que estavam de guarda diante da porta se encheram de admiração, exclamando: "Ai de nós! Que não faz êste padre penitente para conseguir a salvação eterna !" Com efeito, o reino dos céus sofre a fôrça e os violentos arrebatam-no. Em verdade, o nosso inocente cativo poderia dizer com o grande apóstolo das gentes: "Assim luto eu, não fustigando apenas o ar, mas castigando o meu corpo e reduzindo-o à servidão." Continuou êste severo modo de viver durante oito meses, isto é, de 12 de março a 11 de novembro, quando, constrangido a deixar aquêle cárcere, foi deportado para outro.

XXVIII. O P. DAVID É CONDUZIDO DO CARCERE DO PÔRTO PARA O DE ALMEIDA.

Teve onze companheiros em tal viagem, seis provindos do Colégio do Pôrto, e cinco da prisão de Braga, que chegaram à cidade supradita em 8 de novembro. Era um domingo. Chegamos ao pôrto da cidade que alí forma o rio Douro (nascido nos confins da Arragônia e que desemboca no mar Atlântico perto dum castelo vizinho, São João de Foz), de manhã, com o céu chuvoso como se chorasse por nosso novo cativeiro, e com soldados cercando de todos os lados a liteira em que viajávamos. Alí o rio, embora não muito largo, é extremamente rápido: na véspera, 18 pessoas que deviam cruzá-lo pereceram num naufrágio mui triste. O P. David atravessou o Douro junto aos onze cativos com mais sorte, reservado

para suportar ainda mais por Deus. Os cativos, conduzidos à margem do rio por soldados de infantaria, já eram esperados por cavaleiros de armadura ligeira, vulgo dragões. A disposição daquela procissão fúnebre era a seguinte: o cavaleiro que precedia os outros, levava o cetro da justiça; seguiam-no soldados, atrás dos quais nós avançávamos entre espadas desembainhadas; fechava o desfile o funcionário real, único transportado num carro. Todos os dias ressoava o toque de trombeta. Efetivamente, costumava-se dar por meio de trombeta o sinal para continuar a viagem, e êsse sinal reünia por tôda parte multidões de povo a ver um gênero tão insólito de espetáculo. No dia oitavo daquela peregrinação almoçamos juntos pela última vez na cidade de Pinhel, da província de Trás-os--Montes. Nesse dia celebra-se a festa da consagração da Basílica dos Santíssimos Apóstolos Pedro e Paulo. Por isso o P. David, enquanto na cidade de Pinhel recitava as horas canônicas, aplicou oportunamente a si e a seus sócios estas palavras do hino *Coelestis urbs Jerusalem* : "É graças aos golpes do escopro salubre e a muitíssimas pancadas que as rochas, polidas pelo martelo do artífice, constroem êste edifício."

XXIX. NO NOVO ERGASTULO, O P. DAVID EXPERIMENTA ESTAS "MUITISSIMAS PANCADAS" LOGO NA PRIMEIRA NOITE.

Apenas introduzido no cárcere, fecham-se de novo as portas. Esperam-no três soldados, que com o maior rigor esquadrinham tudo o que trouxera. Confiscam todo o dinheiro, todo o ferro, principalmente o papel em que houvesse algo de escrito, penas e tinteiros. Aquêles esfomeados não se atêm a pesquisar todos os apetrechos de viagem. Era preciso despir o cíngulo da veste religiosa. Examinam-se as bôlsas do manto e das calças. O relicário dependurado ao pescoço, que tinha reflexo de prata, é roubado. Quê! Um dos carcereiros que se chamam segundos, despojando-se de todo o pudor, palpa-lhe o corpo nu, manuseia-o, pesquisa-o a ver se encontra ouro ou prata escondida sob a pele. Afinal, quatro soldados que esperavam junto às portas reviram os leitos já preparados (formados por um colchão de palha, coberto de um só lençol), lançam-nos para diversas partes, deixam-nos depois juntos num montão. Mas é esta a vossa hora, assim outrora falou Cristo aos que vieram a prendê-lo, e o poder das trevas.

XXX. O P. DAVID SOFRE MUITO POR CAUSA DA ASPEREZA E INCLEMÊNCIA DO LUGAR.

Agora direi algo a respeito do cárcere de Almeida. O edifício era um quartel cujo andar inferior conduzia aos cárceres destinados aos jesuítas. Havia ali 21 cubículos para outros tantos padres, cada um fechado por três portas. A primeira era a antiga porta do cubículo militar, cuja parte superior tinha um buraco provido de uma portinhola que se podia abrir e fechar à semelhança de uma janelinha, mas que, por maior segurança, estava munida de dois vínculos de ferro, aproximadamente de quatro dedos de largura. A esta parte velha acrescentava-se outra por fora, feita de grades de madeira. Além disso, afim de impedir qualquer vista da praça, levantou-se um muro de tal comprimento que abrangia tôdas aquelas prisões. Em cima dêste muro colocaram uma espécie de caniço, para maior ornamento, mas também para diminuir a luz; com efeito, a claridade chegava aos presos através dêsses caniços dispostos em forma de arco. Na cêrca de pedra, ou seja, no muro, deixaram espaço para 21 portas. Cada uma olhava para as duas entradas de um cárcere; mas para que um cativo não pudesse falar com outro, separaram cada cubículo do vizinho por meio de paredes de cimento ligadas ao muro longitudinal. Cada vez que se abriam as portas, lá estavam três soldados, cada um levando a sua caixa de 21 chaves, de modo que sempre eram necessárias 63 chaves. Além do presídio permanente, de noite e de dia, outras rondas passavam dia e noite para fiscalizar os guardas. Durante a estação hibernal a temperatura era frigidíssima. No mês de abril via-se a tôrre coberta de abundante camada de neve. O pavimento era revestido de lajedo. Havia uma lareira, mas construída perto do muro, onde os ventos, lutando entre si, uivavam freqüentemente. A parede levantada recentemente no ergástulo era tão úmida que até erva brotava dela.

XXXI. O P. DAVID, VIVENDO ÙNICAMENTE PARA DEUS, OFERECE ILUSTRE EXEMPLO AO PRÓXIMO.

Transformando, como o rei e mártir São Hermenegildo, o seu cárcere em ascetério, além da mortificação cotidiana, não deixou o seu espírito descansar da oração. À oração sucedia a leitura, à leitura a oração. Enquanto o meu cárcere era vizinho do seu, quantas vêzes não me ressoaram aos ouvidos, dia e noite, as jaculatórias como também os suspiros levanta-

dos ao céu por essa pomba retida nos buracos daquela pedra, daquela caverna! Um dos guardas que traziam a comida (era um galego), entrando um dia no cárcere, pronunciou estas palavras: *"É terrível êste lugar!"* Outra vez disse: *"Gabo a paciência que aqui tendes."* Sem dúvida, a paciência muda é o testemunho mais eloqüente da verdadeira virtude em meio à adversidade, em face de Deus e dos homens.

XXXII. O P. DAVID, EMBORA POBRE, EXERCE AS OBRAS CHAMADAS CORPORAIS DA MISERICÓRDIA.

Durante os dois anos que passamos em Almeida, aconteceu que recebemos ambos uma vez, recìprocamente, a confissão do outro. Esta indulgência, porém, não fôra consentida como consolação mútua dos padres aflitos, mas por comodidade dos próprios carcereiros, para que não tivessem de esperar demais. Pois naquela ocasião o P. David foi pôsto no meu cárcere: e quando veio a saber, por mim, que faltava parte do meu lençol, ofereceu-me com a maior liberalidade uma das suas camisas, para que me pudesse cobrir honestamente, cumprindo, assim, uma tradição de Tobias, que, pôsto em cativeiro, não abandonou o caminho da verdade, a tal ponto que partilhou com seus irmãos igualmente cativos tudo o que pudera obter. Pôde êle realmente dizer com o vate hussítico (1): "Porque desde a minha meninice cresceu comigo a minha misericórdia, e do ventre de minha mãe saiu comigo. Quando vi um mísero, porque não tinha vestido e um pobre sem cobertura." (2)

XXXIII. O P. DAVID SOFRE OUTRA RIGOROSÍSSIMA PERQUISIÇÃO DAS RELÍQUIAS DE SUA POBREZA.

Nas calendas de dezembro de 1761, fora do tempo destinado à abertura das portas, entram com ímpeto alguns carcereiros e sacodem tôda a mobília; arrebatam os livros, consolação única daquela triste solidão; deixam apenas o livro das Horas Canônicas, mas só depois de terem arrancado dêle as imagens e as páginas de papel limpo, em que nada estava impresso. No mesmo dia foram restituídos a catorze companheiros de cativeiro os seus breviários, confiscados em 19 de outubro precedente, de modo que durante quarenta dias não

---

(1) "Vate hussítico", isto é, o profeta Job, de Huss.

(2) O período está incompleto, no original.

lhes foi possível recitar as horas canônicas. Ainda possuo um livrinho que pertenceu ao P. David. Foi feito para a devoção de nove semanas ou dias de São João Nepomuceno, impresso em Viena d'Áustria na Tipografia Kalivoda: conservo-o em perpétua lembrança de meu benfeitor.

XXXIV. O P. DAVID É DEPORTADO PARA O PROPUGNÁCULO DE SÃO JULIÃO.

Em 28 de janeiro de 1762, às sete horas da manhã, fora da esperança e expectativa de todos, entram dois carcereiros e convidam o P. David a preparar-se para partir dentro de uma hora. Teve seis companheiros entre os nossos, cativos da mesma prisão. Rodeados por soldados de cavalaria, montam em burros providos de selas péssimas, os pés dependurados, sem estribos. Assim a equitação era molestíssima. Ao fim do dia, entraram numa hospedaria de província, entre duas filas de soldados que mantiveram o povo afastado dêles. No dia seguinte chegam de Coimbra liteiras, meio de comunicação mais cômodo: sem elas, enfraquecidos como se achavam pelos horríveis burros, não teriam podido prosseguir. No dia 9 de fevereiro entraram em Lisboa com uma lua esplêndida, de modo que podiam ver tudo e ser vistos de todos. Dali continuaram a viagem até uma pequena fortaleza, chamada Junqueira, distante uma boa hora de Lisboa; mas como nesse lugar não cabiam mais cativos, tiveram de pernoitar na prisão pública de Belém, entre ladrões e salteadores; no dia seguinte tornaram-se moradores do forte de São Julião.

XXXV. O P. DAVID É ENCARCERADO NUM ERGÁSTULO ESTREITO E TENEBROSO.

Ao entrar da rua, descem-se vários degraus e penetra-se num recinto ao longo duma sala comprida e abobadada, situada em baixo dos quartos dos soldados. Depois que tôdas as aberturas do recinto (chamadas *clarabóias*, através das quais entra a luz) foram tapadas, entrou cêrca de meio-dia um oficial com uma lâmpadazinha acesa. Abre-se, e logo depois se fecha, a porta do cárcere. Quão deforme, quão hediondo, quão horrível o espetáculo que feriu os olhos! Tateando com as mãos, explorando o lugar onde estava, o P. David acabou por atingir a cama de madeira que devia servir-lhe de leito e de cadeira. Ficou sentado mais de uma

hora naquelas trevas, na sombra da morte. Trouxeram uma candeia de sebo. Consumida esta, retornou a noite, inimiga de todos. Espantaram-se até os carcereiros de Almeida que acompanharam o padre (pois imaginavam próxima a sua libertação e a dos companheiros) ao vê-lo atirado do purgatório no inferno.

XXXVI. O P. DAVID, TRANSFERIDO DA PRIMEIRA ESPELUNCA PARA UMA CAVERNA AMPLA, OBRA MUITO E SOFRE AINDA MAIS.

Na noite que precedeu o dia 4 de março, rebentou uma tempestade muito forte e uma chuva tão copiosa que, pelo arco do ergástulo, isto é, uma parte do teto abobadado, primeiro caíram alguns pingos, e depois verdadeiro aguaceiro, que molhou todos os utensílios. O pavimento nadava em água. Dois companheiros vizinhos experimentaram o mesmo dilúvio. Batem à porta, até que os guardas do cárcere vêm auxiliá-los. A inundação era tamanha, que água abundante corria em todo o recinto em redor do cárcere, e era preciso caminhar sôbre pranchas especialmente colocadas. Eu, que fui vizinho do P. David tanto no cárcere de Almeida quanto no de São Julião, tornei-me aqui sócio de suas tribulações. As paredes dêste novo antro, acabadas alguns dias antes, estavam ainda tão úmidas, que, ao tocá-las com a mão, os vestígios dos dedos ficavam visíveis. Veio também o prefeito do cárcere, para ver êsse cataclismo deucaliônico. Quis êle que ali permanecêssemos pelo menos alguns dias, até que as paredes das nossas primeiras cavernas secassem; mas o homem põe e Deus dispõe. Entretanto ficamos naquele palácio subterrâneo, ao qual se descia por uma escada de 23 degraus, perto da nossa porta. Quem poderia descrever em estilo bastante triste o horror, as misérias, e tôda espécie de calamidades? Que parte de nosso ser não era exposta às vexações mais molestas? Tinha-se de fazer tudo à luz trêmula duma lâmpada fumegante, dia e noite. A pulsação contínua dos tímpanos foi a nossa música de todos os dias, pouco agradável. O latido horrível dos cães, principalmente à noite, durava muitas horas e roubava o sono aos cativos. Nada digo a respeito do intolerável calor de verão, contra o qual tivemos de lutar; nem das mordeduras dos mosquitos que encheram tôda a habitação; nem das pranchas úmidas que faziam as vêzes de leitos e que estragaram o sono em vez de favorecê-lo. Assim,

todos os objetos, principalmente os feitos de lã ou de couro, apodreceram. Demais, durante o inverno e as chuvas, por causa da imensa quantidade de águas sujas que desciam da escada, o pavimento ficava tão emporcalhado de lôdo que não era possível caminhar de pé firme, ficando os sapatos pegados ao chão. A despeito desta inesgotável ceifa de moléstias cada vez mais numerosas, o P. David não diminuia seu zêlo, seguindo as pègadas do grande apóstolo das gentes, e, com êle, pôde gloriar-se dizendo: "Tornei-me enfêrmo para os enfermos ... tudo para todos." Cada vez que lhe era possível prestar algum serviço aos sócios e companheiros de cativeiro ou a qualquer pessoa de fora, prontificava-se a fazê-lo. Convidado por um porta-bandeira a executar-lhe algumas figuras geométricas, abraçou logo com ambas as mãos êste trabalho, difícil, como afirmam, e, em várias semanas de labor, realizou a tarefa de outrem, cumprindo assim as palavras do profeta mantuano: "Ó abelhas, assim fazeis vosso mel para outros." Não se envergonhou de descer das artes liberais às mecânicas; até se alegrava sobremodo se conseguia consertar camisas, lenços, fitas femorais pela noite. Uma vez, empreendendo em meu favor um trabalho de alfaiate, fêz uma batina inteira segundo a usam os jesuítas. Admirável o ânimo pronto e hílare com que acudia aos enfermos, sempre de joelhos dobrados, como se nos doentes visse o próprio Cristo. Em 1766, quando três cativos de nacionalidade gálica do forte de São Julião foram libertos, sentiu incrível prazer. Que mais? Ofereceu-se a si mesmo a Deus em sacrifício e holocausto, contanto que pela sua morte impetrasse a liberdade de todos os seus sócios que sofriam durante tantos anos naquelas catacumbas.

XXXVII. O P. DAVID, ACOMETIDO POR DOENÇA MORTAL, PREPARA-SE PARA O FIM.

Ocupado dêstes obséquios cotidianos de caridade heróica para com o próximo, e atento sem interrupção ao próprio aperfeiçoamento espiritual, progredia não sòmente em idade, como também em sabedoria e graça diante de Deus e dos homens, avançando de virtude em virtude. Eis, porém, que em abril de 1764 sentiu tal enfraquecimento de suas fôrças, que começou logo depois a usar remédios, em parte prescritos pelo cirurgião do castelo, em parte oferecidos ao enfêrmo pela caridade do P. João Koffler, outrora proto-médico

na Cochinchina. Então se preparou para a morte, embora nunca se tivesse esquecido de preparar-se à futura feliz saída desta vida, observando até ao fim estas palavras do apóstolo: "Morro todos os dias." Por isso mesmo, afim de obter o último momento duma morte feliz, do qual depende a eternidade, constantemente recita as preces que ao eminentíssimo cardeal João Batista Ptolomeu, da Companhia de Jesús, se tornaram familiares por uso cotidiano. Aos patronos mensais que lhe caíam por sorte invoca todos os dias, para que intercedam em favor dêle no momento da morte. Por meio de confissões freqüentes apaga da sua alma tôdas as nódoas, até as mais leves. Como todos os remédios nada adiantaram, continuou a sofrer dum mal intestino, uma tosse atroz, e chegou em perigo de vida às calendas de outubro de 1769. Despertado por um catarro mortal, tão dificilmente respirou que se acreditou morresse dentro em poucos minutos. Destarte, depois de recitado o sacrifício da missa, recebe o sacro viático pela primeira vez. Todo aquêle dia foi por êle consagrado a orações contínuas a Deus, à Deípara, aos santos. Falou pouco, e às vêzes incoerentemente, pois a febre perigosa perturbara-lhe sobremodo a cabeça. Nos dias seguintes voltou a serenidade da cabeça, começou a respirar com mais facilidade: tinha escapado a um manifesto perigo de morte.

XXXVIII. O P. DAVID, DUAS VÊZES MORIBUNDO, ATRIBUE O SEU RESTABELECIMENTO A SÃO LUIZ, COM MUITA RAZÃO.

Antes de se restaurar pelo pão angélico, pôs a sua confiança, depois de Deus, em São Luiz; tomou uma farinha prodigiosamente acrescida por obra dêste santo, e em poucos dias sentiu sua febre diminuir. Compreendeu que o jovem angélico foi quem o libertara das garras da morte. Não sòmente êle, como também outros, principalmente as pessoas peritas na arte médica, julgaram assim. Ao ser visitado duas vêzes pelo P. Koffler, êste, após exame do pulso e de todo o aspecto do rosto, que não apresentava senão a imagem viva da morte, declarou que, considerando as fôrças da natureza, o P. David não tinha mais muito tempo para viver, e convidou-o fraternamente a preparar-se para o ingresso na casa da eternidade. Decorreu aquêle mês fatal de outubro até ao fim. Chega o dia 26 de novembro do mesmo ano, e quem sarara não sem milagre vê-se outra vez levado às portas da morte. Por isso, pela se-

gunda vez, pede-me farinha luisiana e toma-a com inteira confiança. Em honra dêsse santo faz um voto a Deus, e volta *mais uma vez à vida, não sem admiração de todos.* Ficou estupefato o cirurgião, que depois declarou várias vêzes ignorar como o P. David ainda podia viver, pois os remédios que usava não eram capazes de reduzir tão cedo uma doença tão grave. Até o P. Koffler, que òtimamente conhecia o estado interno do doente, não hesitou em afirmar que estava pronto a atestar, sob sua palavra de sacerdote, que aquela cura repentina tinha algo de prodigioso. Seja então louvado Deus em seus santos e no taumaturgo de nosso século, São Luiz. Desde então, o doente duas vêzes redivivo votou ao seu Angélico Patrono, a cuja intercessão, como pùblicamente o proclamava, devia a própria vida, particular veneração, e trazia dependurada ao pescoço, dia e noite, a farinha do santo, suas relíquias, que recebera do P. Luiz Maria Dugad, transmitidas da província de Lião, e em seu ícone; instituiu para todos os dias devoções luisianas; reiterou cotidianamente os agradecimentos ao seu salvador. O P. Luiz e seu companheiro, o P. José Kayling, desejaram igualmente visitar o P. David, de quem souberam que já duas vêzes ressuscitara da morte; quiseram saüdá-lo, abraçá-lo e felicitá-lo cordialmente pela saúde readquirida. Felicitaram-no, saudaram-no, abraçaram-no em 27 de janeiro de 1766. Mas, ai! foi a última vez neste mundo, pois só poderão vê-lo de novo no outro, sob traços eternos. O P. Dugad quis exprimir a alegria de sua alma, e o consôlo que dá o culto luisiano, por meio dum testemunho público, compondo um novo ofício, escrevendo novas ladainhas, acrescentando um novo hino à maior glória de São Luiz. *Além disso, compôs outro hino mais breve, precedendo-o dêste título :*

AÇÃO DE GRAÇAS A SÃO LUIZ PELA SAÚDE RESTABELECIDA DO AMIGO (1)

"Enternecem-se as nossas preces, e, piedoso, arrancas duas vêzes às garras da morte o nosso companheiro David, que duas vêzes acometeram a tosse atroz e a febre :

Recebe, pois, benigno, as graças e os cânticos eucarísticos dos louvores que oferecemos como servos, de coração grato ao generoso Senhor."

---

(1) O original está em estrofes asclepiadéias.

O mesmo obsecra pouco depois ao P. David, com muito empenho, que se lembre dêle nos seis sacros exercícios dominicais que dedica ao seu angélico patrono; e acrescenta os versos seguintes:

A SÃO LUIZ, POR TER RESTAURADO A SAÚDE DO AMIGO (1)

"Eis David que, salvo duas vêzes por teu socorro, ó Gonzaga, duas vêzes se prostra, suplicante, diante de teus altares.

Agora que êle dedica o dia sagrado ao culto do Senhor. podes ver duas e três vezes que a ti também venera de coração grato.

Assim antecipa as honras sólitas de tua festa, agradece-te e pede-te novos brindes.

Em prol dêste cliente que nos é igualmente caro a nós, teus outros clientes, ó Gonzaga, nós também oferecemos votos e fazemos preces.

Termina o que começastes: restitue, com a vida, o vigor a David: e assim nos voltará, a nós, a vida com o vigor."

Demais, o P. David cumpriu uma ordem dada outrora ao P. José Spinelli, S. J. (o qual, professor de filosofia no Colégio de Palermo, sarou pela mão taumaturga do Divino Luiz não sem autêntico milagre) pelo mesmo Santo, isto é, que em lembrança do benefício recebido tomasse dalí por diante o nome de Luiz, para se lembrar da graça que lhe fôra concedida, cada vez que o chamassem. Não tomou, porém, o P. David o nome de Luiz senão depois da confirmação do P. provincial de Lusitânia.

XXXVIII. O P. DAVID, VIVENDO SANTAMENTE AINDA UM ANO MAIS, MORRE SANTAMENTE.

Qual vida, tal morte. Quem sempre mostrara a todos, por seus costumes angélicos, um exemplo brilhante, depois da adoção do nome do angélico jovem esforçou-se ainda mais, propondo-se como exemplo seu benigno salvador, o médico celeste; e para demonstrar-lhe maior gratidão pelo benefício obtido, fêz preceder a festa de Luiz de seis domingos de devoções; cumpriu o voto concebido em sua honra; com diversos exercícios cotidianos de piedade, glorificou a Deus no seu santo, tendo experimentado, o que muitos com-

(1) O original está em dísticos elegíacos.

preenderam pela sua cura, que para obter muitas e grandes
graças é eficacíssima a veneração de São Luiz, o qual, como
piedosamente esperamos, impetrou a sua morte igualmente
feliz. Cêrca do fim de junho, começou a perder de novo as
fôrças, progressivamente abaladas por várias doenças de que
foi acometido. Acabou por entrar em funda prostração. A
diarréia com que já em 1765 lutara durante vários meses,
voltou no ano seguinte (causando, entre fortíssimas dores
intestinais, repetidas disenterias), em conseqüência do afrou-
xamento das fibras. Vieram-lhe misturados de sangue fre-
qüentes escarros, e, além duma febre lenta que também o
consumia, uma tosse veementíssima (que havia algum tempo
lhe ocupara todo o peito) dilacerou-lhe de tal modo a gar-
ganta que mal conseguia comer e ainda mais dificilmente be-
ber, pois grande parte da água escoava-se pelas narinas.
Bem percebeu, assim, que se aproximava do sepulcro a lar-
gos passos. Com efeito, ao abandonar a rêde americana de
que se utilizara durante mais de um ano e ao preparar para
si um leito novo, europeu, declarou que aprestava o seu leito
mortuário. Repetidas vêzes revelou suas culpas no sacro tri-
bunal; passou várias horas na contemplação dos santos; do-
brava as jaculatórias, sem se esquecer de outras orações que
aprendera de cor, esperando a morte e a companhia de Cristo.
Ouví-o suspirar : "Oh ! quando chegarei e aparecerei diante
de tuas faces, ó Senhor ! Maria, mãe de graça e misericórdia,
protege-me do inimigo e recebe-me na hora da morte !" No dia
8 de janeiro de 1761 foi confortado pela terceira vez com o
pão dos fortes, para poder subir ao monte Santo onde des-
cansa o homem de mãos inocentes e limpo de coração. Dois
dias antes de morrer, referiu-me ter implorado a vênia de
Inácio nosso S. patriarca por ter levado uma vida tão tíbia em
tantos anos passados na Companhia. Em sua grande humil-
dade, o nosso Luiz acabou por se convencer de que tudo o que
até então obrara não era nada. No domingo seguinte, isto é, a
11 de janeiro, ao almôço vomitava a carne e recusou todo o
jantar, convidado que já fôra por Deus ao jantar do Cordeiro.
Pouco antes das onze horas da noite pediu-me água lustral.
Quando o aspergi com esta, comunicou-me não ter ainda ter-
minado naquele dia tôdas as preces que costumava recitar em
honra de São Luiz. Depois, pediu-me água morna para beber;
mas a água escoou-lhe pelas narinas. Então — disse — era

vontade de Deus que êle não bebesse, mas se contentasse de umedecer apenas a bôca. Ergueu-se da cama, sentou-se e pronunciou estas palavras: "Amanhã, ao que me parece, poderei receber a extrema-unção." Voltou a deitar-se e adormeceu suavemente, aprestando-se para a morte. Uma hora depois de meia-noite ouviu-se um grito: "Eis vem o noivo! Vinde ao encontro dêle!" Percebeu-se um suspiro único. Acodem os companheiros a ver se pedia alguma coisa. Mas não deu resposta, nem podia dar, porque já tinha devolvido o espírito ao Criador, desligado dos vínculos da carne. Parecia antes adormecido que morto, com as mãos colocadas em cruz sôbre o peito, afim de testemunhar mesmo depois de morto o que desejava quando vivo, isto é, finar-se com a cruz e na cruz, segundo o exemplo do nosso Salvador. Rezadas as preces habituais da igreja após a saída das almas, o P. Koffler, em nome de todos, rezou missa de réquiem pelo falecido Luiz, que morrera mais cheio de obras que de dias, para seguir o Cordeiro no céu, por onde quer que andasse. A separação dessa alma santa operou-se no dia precedente à oitava da Epifânia (1). Manifestamente, os três Santos Reis que êle invocara todos os dias entre outros santos, patronos dos moribundos,para obter boa morte, conduziram o seu cliente à contemplação da espécie da divina alteza, impetrando para êle a coroa da justiça e impondo-lhe na cabeça a láurea do martírio.

XL. A ESTIMA VOTADA AO P. DAVID APÓS A SUA MORTE.

O cadáver, aspergido de água lustral, é estendido de maneira tão honesta quanto possível. Batem à porta, pelas sete horas. Entra o capitão. Admira que o padre tenha desaparecido já de entre os vivos e manifesta o seu pesar. Chama três gatos-pingados. Êstes, com o auxílio do capitão e do chaveiro, após a oração habitual, transportam o defunto para o cárcere em que passara, após a sua chegada a êste lugar, três semanas. Pelas dez horas da noite o corpo é confiado à terra na igreja do presídio, onde, com quinze outros que já tombaram vítimas de morte gloriosa, espera, para quando fôr completo o número dos irmãos (2), a vingança divina do sangue santo, que clama de sob o altar. Contou no dia seguinte o capitão que, de quantos morreram naquele lugar, o corpo de

(1) "O dia precedente à oitava", mais exatamente o último dia da oitava da Epifânia, isto é, 13 de janeiro.

(2) "O número dos irmãos", isto é, dos cristãos.

ninguém permanecera tão flexível, de maneira que se lhe pudessem mover a cabeça, mãos, pés e outros membros por todos os lados. Tal fato merece admiração tanto maior quanto o cadáver ficara exposto durante quase 20 horas ao ar, então muito frio. O P. Luiz, para melhor atrair do alto a si a graça de Deus, baixara-se com humildade profunda melhor que todos os outros; mas à medida que se adiantara no desprêzo de si mesmo, Deus o trazia mais perto dos olhos e da veneração de cada um. Assim o P. Francisco de Cordes, procurador-geral da província do Japão, que não sòmente estimara o P. Luiz, mas o tinha em afeição como pai a filho, demonstrando-lhe paternal solicitude, principalmente nos três últimos anos de sua doença, escreveu-me em carta de 12 de janeiro: "*Dou à V. Ra. o pezame de perder um companheiro de tantos annos e tão santo etc.*" Confessou, além disso, que não pudera recitar o ofício dos finados sem que lhe corressem abundantes lágrimas. O P. Bento da Fonseca, para demonstrar a afeição em que sempre tivera o P. Luiz, mesmo depois da morte dêste último, quis redigir breve elogio de defunto, que terminou por estas palavras: "*Foy conduzido da sepultura dos vivos para a dos mortos da freguezia do São Gião, onde jaz e donde resuscitará glorioso, como piamente cremos fundados no justo juízo da sua santa vida. Requiescat in pace, Amen.*" O P. Aluísio Álvares, da província do Brasil, benfeitor insigne do P. Luiz, assim na vida como na morte, exprime-se dêste modo em carta que me escreveu: "*Lembrei-me da sua alma, porque levou as quatro missas, e levaria mais, se julgasse, não injuriava a um martyr, e tal martyr tão purgado, como foi neste purgatório.*" O P. Martim Schwartz, da província da Germânia Superior (o qual também, como pobre e modesto, fazia a opinião mais humilde de si mesmo, mas há-de entrar um dia no céu como rico), assim escreve: "Possa morrer a minha alma da morte dêste justo; e para que assim morra, é necessário leve uma vida diferente da que até agora levou." Por sua vez, o P. Jaime Graff, da província do Reno Inferior, não o menor dos amigos do P. Luiz, escreve nestes têrmos: "Devemos afligir-nos de que o P. Fáy tenha morrido na flor da idade; mas também alegrar-nos por ter êle, cheio de méritos, trocado, segundo esperamos, êste ergástulo estreitíssimo pelo palácio amplíssimo do céu..." Muito me alegrou uma frase do capitão em que declara que êle lhe pedira perdão dos

incômodos que tinha causado, antes de voar ao céu. Ó Deus bendito, eis que até os nossos adversários proclamam em alta voz falecermos da morte dos justos, nós que fomos difamados pelas quatro partes do mundo como incorrigíveis. O mesmo carcereiro que em nossa ausência cumprira o ditado: Louva depois da morte, manifestou, também em nossa presença, a sua estima ao P. Luiz; perguntando-me se o P. Fáy tinha deixado alguma cesta e recebendo de mim a resposta que êle era não apenas pobre, mas mísero, afirmou: "Pois mais rico será êle que todos nós, visto que possue um tesouro que o ladrão não rouba, nem os vermes roem, e que não lhe há-de faltar nos céus." Passo em silêncio sôbre outros, numerosos, que poderia invocar como testemunhas das minhas asserções, por não tornar demais longa esta narração, abusando da paciência do leitor benévolo. Mas não posso pôr fim a esta oração fúnebre sem gravar no sepulcro do P. Luiz, que é e será glorioso, os epitáfios seguintes. O que se nos apresenta primeiro é dum panegirista excelente: o P. Manuel Francisco, procurador-geral da província de Gea :

A SAUDOSA MEMORIA DO V. PADRE DAVID FAY

EPITÁPHIO

Jaz aqui (quem sem assombro dirá ?)
O muito illustre Fay nomeado
Pello seu obrar tão afamado
Como a fama o diz, e cantara.

Aos pays par filho muito devera,
Maz o que fez a hum destes comparado
He tanto mais sublime, e elevado
Que escrito nos Annaes assombrara.

Callete não poderemos filhos dar
Aos pays equevalente, vantajozo
Foy o que Fay lhes soube despensar.

Óbteve de Deos, e pude alcançar
Feito Missionario fervorozo
A sua May a Heresia abjurar.

Teve o P. Luiz outro insigne panegirista e poeta não inferior ao precedente: o P. João de Pina, reitor do Colégio de

Braga, em Lusitânia, que em poucas palavras soube tudo resumir.

PARA DESPERTAR A MEMORIA DO BOM P. LUIZ FAY

Depois de ter vivido sepultado
Em obscura prisão tempo comprido
Acredor de sepulcro mais luzido
Jaz aqui de Loyola hum Filho amado.

Deolhe Fay berço, e nome, nome herdado
Dos avos gentilitio esclarecido.
Nas letras em Viena bem polido.
As Missioens lhe levarão todo agrado.

Foy de genio tractavel, e de cera,
De juizo muy claro, e excellente.
As virtudes amou, como devera,

Muito pobre, devoto, e penitente.
Viveu justo, morreo como vivera
E vivera no ceo eternamente.

O P. Manuel Ribeiro, da vice-presidência do Maranhão, quis confirmar a excelência dêsses versos, e, servindo-se do preclaro engenho de que é dotado, escreveu o segundo poema, utilizando as rimas do poeta precedente :

SONETO

Vive Fay, ainda quando sepultado,
Por morrer em vida tempo comprido.
Deolhe a natureza berço luzido;
A graça o deo homem justo; ſelo amado:

Doque daquella teve bem herdado
Com esta ſez thesoro esclarecido :
A mesma que o ſez lustroso e polido,
O ſez rico com lhe roubar o agrado:

Esta o ſez para todos branda cera
De bom molde, ou de virtude excellente :
A graça quiz pagar, como devera,

Com lhe dar tudo; pobre, penitente
Viveo; a morte diz, que bem vivera:
Quem assim morre, vive eternamente.

Outro poeta que não fica atrás de ninguém, o P. Paulo Ferreira, da província de Lusitânia, enalteceu até ao céu o P. Luiz, que conhecera e venerara em terra, isto é, no Colégio de Santo Antonio, em Lisboa, como exímio professor de teologia.

EPITAPHIO PARA A SEPULTURA DO M. R. P. LUIZ FAY

SONETO

Em virtudes e em sangue esclarecido
Aqui jaz sepultado o viandante
Hum tal Heroe de Fé tão revelante
Que pella sublimar foi abatido.

Por viver de si proprio esquecido
Novo mundo buscou, no qual constante
Qual sol, luzes diffundira, e brilhante
Em tumulo acabara mais luzido.

Porem da Providencia foy destino,
Que acabasse aqui nestes horrores;
Porque o ouro se apura, se he fino

Com chamas; e com ellas se apurou
De tal sorte, que em claros resplendores
Triunfante as estrellas se elevou.

Esforçou-se o P. Joaquim de Carvalho, da vice-província do Maranhão, por alcançar os precedentes com passos iguais, e com argúcia e erudição não menores aludiu ao nome e cognome do defunto, tecendo-lhe uma teia muito sutil.

A SAUDOSA MEMORIA DO V. PADRE LUIZ FAY

SONETO

Fay, que DAVID *foi, e deixou a* VIDDA,
De Aloysio o nome quiz tomar
A quem soube innocente imitar
Como penitente em tanta lida.

Sua virtude era conhecida :
Era flexivel no seu obrar
Doque foy premio ao enterrar
Nelle a flexibilidade advertida.
Foy Fay, Afy, Yfa e tambem Fya
E tendo as suas linhas bem lançado
Somente em aquelle Deos confia
Que o podia fazer predestinado.
Nem outro algum mais tribunal temia
Que aquelle, em que se fia bem delgado.

Ocupa lugar último em ordem, não porêm no que diz respeito à elegância dos versos e à sua sublimidade, o P. Teodoro da Cruz, da vice-província do Maranhão, que quis acomodar o seu estilo, que se chama de ligado, ao período tornado ilustre pela estrêla que perceberam outrora os Santos Reis (o qual abrange o dia do óbito do P. David Fay).

AO ILUSTRE P. DAVID FAY, FALECIDO NO OITAVARIO DOS S. S. REYS

DECIMA

Da patria David sahio;
As costas ao mundo deo,
Por ser de Deos, não foy seo.
Trabalho nenhum fugio.
Seus intentos conseguio;
A Bellem com os Reys chegou;
Boa Estrella o goiou.
Tendo a Deus offertas dado;
Por caminho melhorado,
A Patria com os Reys voltou.

A êstes seis homens laureados se juntou um sétimo, igualmente digno de láurea, que, aliás, lhe oferecemos já sob forma de anagrama :

LAURUS IN TE

isto é, o P. LAURENTIUS Karlen, da província ,do Reno Inferior, o qual, afim de testemunhar a sua afeição ao defunto, escreveu para o sepulcro de Luiz, num estilo como de David,

e a que chamamos de lapidar, um epitáfio sem metro, cujo texto é o seguinte :

Eis Viandante !
Aquí jaz quem sempre esteve de pé
Diante de Deus
E assim estará eternamente.
Não acredites morto quem há-de viver nos séculos !
Não viu a Morte, pois expirou dormindo.
Assim, apenas adormeceu no Senhor
Sôbre que sempre velou.
A Morte não se atreveu a agredí-lo de novo enquanto velava,
Pois já foi desiludida uma vez, falhando o golpe.
Assim, êle que, ainda em vida, espontâneamente morreu
Para a Morte, o Mundo e a Carne,
Sendo sepultado vivo
Saíu de ambos os seus cárceres imerecidos,
Nascido para a liberdade
E eternamente vivedouro
Para si, Deus e os Sócios.
Vale.

Pode-se imprimir. — MATIAS RETALLER, censor de livros do cabido de Nagyvárad.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS DO MISSIONÁRIO DAVID LUIZ FÁY

Por

JOÃO FOLTIN (1)

No suplemento de Páscoa do corrente ano dêste jornal (2) saíu um artigo de *Debrecenes* (3), intitulado "Missionários húngaros", que despertou merecido interêsse. O autor faz-nos conhecer o nome de vários missionários húngaros do século passado (4), pertencentes à Companhia de Jesús. Lembra entre êles David Fáy, de alma bela, o qual, depois de ter desenvolvido atividade de missionário durante cinco anos na América, especialmente nas colônias brasileiras de Portugal, caíu, com outros membros da ordem, vítima da fúria selvagem de Pombal, tão cruel quanto injusta, acabando a nobre vida em Lisboa, na prisão de São Julião (5).

É dêsse David Fáy que eu tenho a sorte de conservar entre meus papéis, como relíquia preciosa, três cartas escritas em língua húngara, uma das quais êle mandara de Lisboa, e

---

(1) Esta introdução encontra-se sem título nas páginas 3-8 do folheto húngaro *Fáy Dávid multszázadi hittérítö levelei Amerikából*. Közli Foltin János. (Cartas de América do missionário David Fáy, do século passado, publicadas por João Foltin), impresso em Budapeste em 1890 pela tipografia Hunyadi Mátyás. Como se conclue do próprio texto, o divulgador foi pároco da cidade de Miskolc, na Hungria.

(2) "Êste jornal". Algum periódico católico que atualmente não nos é possível identificar. A alusão indica terem sido as cartas publicadas primeiro no citado periódico e depois em separata, isto é, no folheto cuja tradução aqui damos por extenso.

(3) *Debrecenes* é pseudônimo latino e significa: habitante de Debrecen. Talvez o artigo dêsse autor contenha, a respeito dos missionários húngaros no Brasil, dados não divulgados em outros estudos; infelizmente, como acima dissemos, por enquanto é impossível obtê-lo.

(4) "Do século passado", isto é, do século XVII.

(5) Cf. Bangha, *Magyar jezsuiták Pombal börtöneiben* (Jesuitas húngaros nas prisões de Pombal). Budapeste, 1937, ed. Pázmány Péter Társaság.

duas da América, à mãe viúva, que tinha deixado viva na Hungria, e ao irmão mais velho, de nome Ladislau.

De posse de tais cartas, acolhi com alvorôço o referido artigo, pois desde certo tempo andava pensando na publicação dessas três cartas em algum periódico pátrio, de tendências católicas, afim de torná-las acessíveis ao grande público. O valioso estudo de *Debrecenes* transformou tal intuito em ato, e ao mesmo tempo dispensou-me de tôda e qualquer incerteza na escolha do órgão em que devia efetuar a publicação: esta só podia ser feita no periódico em que o nome do missionário David Fáy fôra mencionado pela primeira vez.

Talvez seja desnecessário explicar porque a publicação das cartas em aprêço me pareceu oportuna.

Afirma *Debrecenes* ter sido levado a escrever o seu artigo pelo fato de muitas pessoas acreditarem que a Hungria não tenha dado à humanidade nenhum missionário no decurso dos séculos passados.

Se realmente existem pessoas que pensam de um modo tão errado, as cartas de David Fáy podem convencê-las do contrário da maneira mais evidente. Com efeito, nelas êle não se apresenta apenas a si próprio na qualidade de missionário, mas revela o nome de outro missionário húngaro, até agora desconhecido, João Szluha (1). Em outros pontos das cartas, faz alusão uma vez a dezesseis, em outra ocasião a dezessete outros indivíduos, sem nomeá-los, que o acompanharam à América, igualmente como missionários. Não é impossível que, entre êsses, tenha havido outros húngaros além daqueles cujos nomes temos a sorte de conhecer graças ao ensaio de *Debrecenes*.

Destarte as cartas de David Fáy possuem real importância no que diz respeito à história da civilização, e por isso é justíssimo darmo-las à luz. Acaso não deve enaltecer a nossa conciência de patriotas o conhecimento dum ato que não é lícito ignorarmos, isto é, que também outrora, especialmente em meados do século passado, houve entre nossos patrícios homens ilustres, os quais, desejosos de promover o maior bem da humanidade — a propagação das idéias cristãs — tomaram parte, entre outras tarefas, no grande trabalho de civilização das Américas e na fundação da sua vida social hodierna, baseada nos princípios da religião cristã ?

---

(1) Cf. o parágrafo XX do precedente Elogio, e nosso artigo citado sôbre *Viajantes húngaros no Brasil*.

Por outro lado, as cartas de Fáy, não destinadas ao público, estão *ipso facto* isentas de todo artifício e nos apresentam nas côres mais nítidas a generosidade da sua índole e os altos dotes do seu caráter. Revelam-nos estas despretensiosas manifestações os sentimentos sublimes e as preocupações filantrópicas que inspiraram aquêles varões de alma heróica na carreira rodeada de mil perigos que livremente escolheram. Não tinham desejo mais fervente que o de servir à causa santa de Deus e promover a expansão da igreja do Cristo entre os povos pagãos, espalhando entre êles a luz do Evangelho. Tais desejos e sentimentos são aliás mais de uma vez expressos pelo próprio Fáy nas três cartas conservadas.

Outro motivo, não desprezível, para a publicação das mesmas, foi o ensejo de completarmos os dados biográficos de Fáy, comunicados por *Debrecenes*.

Cumpre observar, aquí, que um irmão digno do ilustre varão, de nome Francisco (1), foi pároco de Miskolc e, assim, meu predecessor; portanto os Anais da minha paróquia também fornecem alguns dados a respeito da vida dêsses dois irmãos, eminentes servidores da Igreja. Aproveitando êsses dados, como também os que tive ensejo de coligir, há alguns anos, no arquivo do ramo de Emöd da família Fáy, posso confirmar a maior parte das afirmações feitas por *Debrecenes* — baseado em Eckart (2) — a respeito da família de David Fáy.

Assim, entre outros dados, posso confirmar que êle nasceu no lugarejo de Fáj, do condado de Abauj, de pais protestantes, nomeadamente Gabriel Fáy e Susana Koos (3), e que a conversão da família é devida em parte à influência do conde Gabriel Erdödy, bispo de Eger, que na sua extensa diocese foi campeão incansável da Contra-Reforma, chamado, por isso

---

(1) Francisco Fáy, pároco arcediago de Miskolc, mais tarde cônego de Nagyvárad, por vários feitos insignes tornou igualmente respeitado o nome de Fáy. Assim em Felsö-Gagy, no condado de Abauj, onde sua família possue propriedades, retomou aos protestantes a igreja católica e fundou, junto a esta, uma paróquia. Na diocese de Nagyvárad foi benfeitor liberal da igreja de Furta, e a Miskolc teve a maior parte na fundação do Asilo da Velhice Desamparada, que ainda existe. (*Nota de J. Foltin*).

(2) Eckart, um dos coautores do Elogio. O pároco Foltin pretende basear-se em parte em *Debrecenes*, o qual, segundo afirma, seguiu Eckart. Em todo caso, Foltin discorda de Eckart no que diz respeito ao nome dos pais de David, como mostra o simples confronto dêste trecho com o parágrafo I do elogio.

(3) Iván Nagy, à página 131 do vol. III de seu *Magyarország Családai* (Famílias da Hungria), dá erradamente, como nome da espôsa de Gabriel Fáy, o de Susana Diószeghy, pois os documentos do arquivo familiar concordam no nome de Susana Koos. (*Nota de J. Foltin.*) Notemos que os autores do Elogio dão como pais Estêvão Fáy e Catarina Borsi (parágrafo I).

mesmo, nos anais já mencionados da minha paróquia, de apóstolo zeloso do condado de Borsod. Foi efetivamente o seu desvêlo que converteu, além da família Fáy, as famílias Bük e Döry.

Quem abandonou primeiro a religião protestante foi o pai do nosso David. Aconteceu isto, segundo interessante depoïmento dos Anais da minha paróquia, durante uma sua permanência (1) em Viena. Está quase fora de dúvida que simultâneamente se achava ali o conde Gabriel Erdödy, bispo de Eger.

Entretanto, conforme leio nos Anais citados, a espôsa, que ficara em casa, sonhou que o marido se tornara católico. Por isso, depois do regresso do marido, observou atentamente se êle se benzia antes ou depois do almôço. Tendo percebido uma vez que sim, falou-lhe nestes têrmos: "Então eu sonhei certo: em Viena vossa mercê tornou-se papista." Ao que o espôso deu a seguinte resposta: — "Sim, minha alma, tornei-me papista, porque me tinha convencido no coração. Nem por isso tens de te agitar ou comover, pois eu nunca hei-de aborrecer-te, nem te constranger, sequer com uma palavra, a abraçar a mesma fé." Efetivamente, segundo as minhas fontes, o marido morreu antes que a espôsa se tivesse recolhido ao seio da nossa igreja.

A conversão da mãe estava reservada pela Providência Divina ao filho David, a cujo respeito os mesmos Anais contêm a referência seguinte: "*Celebris fuit in ordine suo.*" O eminente religioso, embora tivesse resolvido tomar parte na catequese de povos pagãos, não teve descanso; embora ansiasse alcançar o rumo que se propôs, não se separou da pátria (2), enquanto não teve certeza de que a própria mãe era ovelha da Igreja por cuja glória e propagação estava pronto a sacrificar até a vida.

Tal desejo não ficou frustrado, pois, segundo sempre as mesmas fontes, a mãe acabou por obedecer à doutrinação do filho (3), recolhendo-se ao seio da Igreja Católica, depondo,

(1) "Durante sua permanência em Viena...". Este dado contradiz o parácontrário ao Elogio, parágrafo XII.

(2) "Não se separou da pátria, enquanto não teve certeza..." Dado igualmente contrário ao Elogio, parágrafo XII.

(3) "A mãe acabou por obedecer à doutrinação do filho... "Versão contradita pelos parágrafos XII e XIII do Elogio.

com todo o fervor de alma, a sua profissão de fé entre as mãos do filho, e recebendo das mesmas o pão da vida pela primeira vez.

Segundo os meus dados, portanto, contràriamente aos de *Debrecenes,* o pai de nosso David já não vivia, quando êle se despediu da pátria afim de se transferir para a América. Isso ressalta, aliás, das próprias cartas mandadas do continente longínquo à mãe sòzinha.

Para falarmos, afinal, pormenorizadamente, das mesmas, considerando primeiro a sua apresentação, observarei em geral que estão escritas em forte papel de membrana *in-fólio,* com letra bonita e ordenada, em linhas espêssas, com grande cuidado e esmêro. Embora escritas há cento e trinta e sete anos, as cartas se acham em bom estado de conservação, principalmente a de Lisboa, mui legível. As duas outras, mandadas da América, são de leitura menos fácil; o efeito da longa viagem marítima é nelas manifesto. O papel destas, embora igual ao da precedente, molhou-se de tal modo que a tinta se dissolveu, e, infiltrando-se, atingiu o avêsso; demais, o papel apresenta-se quebrado ao longo de várias dobras, onde também a leitura é difícil.

As três cartas datam igualmente de 1753, ano da partida da Europa e da chegada à América. O autor, por inadvertência, deixou de datar a primeira; ao cotejá-la com as duas outras, conclue-se, porém, fàcilmente, que deve ter sido escrita em Lisboa, aí pelo dia 25 do mesmo mês.

Em razão de seu conteúdo, essas cartas podem ser incluídas com mais justeza na categoria das cartas de viagem.

Com efeito, na primeira o autor comunica à mãe a sua feliz chegada a Lisboa, relatando depois as experiências e observações feitas na côrte real.

Na segunda já refere a partida de Lisboa. Sob forma de jornal, conta a viagem marítima, bastante monótona. Narra, também, a chegada ao Novo Mundo e as experiências realizadas no breve período de dois meses.

Na terceira carta, dirigida, na pessoa do irmão Ladislau, a todos os seus parentes, continua a descrição das observações feitas na América, em parte, segundo êle mesmo observa, para ter que contar aos referidos parentes.

A linguagem das cartas, particularmente se consideramos o estado da nossa língua no século passado e se as conferimos

com outros produtos literários da mesma época, é bastante pura, fluente e vernácula, embora de vez em quando demonstre na construção influência latina.

Não posso deixar de observar que as cartas foram conservadas no arquivo do ramo de Emöd da família Fáy (1). É também mister salientar, com a maior gratidão, que as possuo, e portanto posso publicar, graças à benevolência duma senhora da família, a condessa Szilárd Péchy, em solteira Sara Fáy, pessoa conhecida em amplos círculos, de alma culta e sentimentos profundamente religiosos.

Tanto basta à guisa de introdução às referidas cartas, que reproduzimos a seguir em cópia literal.

---

(1) Atualmente as cartas se encontram no arquivo arquiepiscopal da cidade de Eger.

III

CARTAS DO JESUÍTA DAVID ALUÍSIO FAY

1.

Louvado seja Jesús Cristo! (1) Com sincera obediência ofereço todos os meus préstimos à senhora minha doce mãe.

No nono dia dêste mês recebí humildemente a carta desde muito tempo desejada da senhora minha doce mãe, beijando com amor filial os traços de suas maternas mãos. Agradeço. antes de tudo, o maternal amor que me testemunha a senhora minha doce mãe e a alegria que demonstra por ter eu chegado aquí em paz; na verdade, sòmente agora viemos a saber por que lance tínhamos passado, pois, havendo o nosso capitão vendido aquí o navio, os três mercadores lisboetas que o compraram tiveram de gastar em consertos mais de seis mil florins e ainda hão-de gastar quase mais dois mil. Estão agora muito arrependidos de tê-lo comprado, pois as partes de baixo e principalmente os lados eram de madeira úmida, tanto que ao levantar as tábuas e ao visitar as partes de dentro com machados e furadores, as grandes vigas desfizeram-se em pó. De certo, se algum vento contrário se tivesse levantado, sem dúvida alguma teria eu encontrado meu ataúde nos vagalhões do mar; mas embora êste durante dois ou três dias estivesse mui entumecido e bravo, graças à misericórdia de Deus majestoso tivemos tal vento que melhor não se podia desejar.

No tocante a mim, ao começo não temí o mar quanto agora o temo, cada vez que me ocorre o devermos pròximamente jogar a nossa sorte às ondas marinhas. Contudo, tenho inteira confiança na clemência de Deus infinitamente

(1) O texto húngaro das cartas, cujo original se encontra no arquivo arquiepiscopal de Eger, Hungria, foi publicado nas páginas 8-36 do folheto referido na nota I da precedente Introdução.

bondoso, esperando me prestará auxílio completado de sua santa graça, afim de que possa eu, vaso frágil e pequenino, levar a cabo a tarefa para a qual lhe aprouve designar-me. Nada há neste mundo que a tais perigos me possa mover, a não ser o amor de Deus magno e da senhora minha doce mãe (1). Queria Deus majestoso consiga eu realizar meu mãe (1). Queira Deus majestoso consiga eu realizar meus dias em júbilo. Quanto à bênção da senhora minha doce mãe, agradeço-lha de coração humilde, desejando com amor filial, e almejando com férvidos votos, eterna alegria para nós no céu glorioso, onde ninguém nos tira o nosso regozijo, uma vez que neste mundo efêmero não mais terei a sorte de me alegrar com a vista da senhora minha doce mãe.

Agradeço também com humildade filial à senhora minha doce mãe o ter-se lembrado de mim e haver-me auxiliado com algum dinheiro; acho-me com efeito em tal indigência, que apenas me atrevo a escrever uma cartazinha; é verdade que daquí em diante hei-de escrever com mais atrevimento, pois a senhora minha doce mãe me quer ajudar. As lembranças do senhor Ladislau meu irmão, igualmente as recebo com gratidão fraterna e confio na promessa dêle. Verdadeiramente posso escrever que não passa dia sem que repetidamente me lembre da senhora minha doce mãe e de meus caros e amorosos irmãos. Se a senhora minha doce mãe quiser ajudar-me com alguma coisa, é só mandar a Miguel Melczer para que sua mercê de Viena a faça enviar *per cambium* para aquí, *apud Procuratorem Generalem Provinciae Sinensis*, ou *Maragnonensis*.

A nossa partida ainda é coisa duvidosa, embora sua majestade tivesse designado desde fevereiro os navios que deviam partir, mas o tempo ainda não é certo. Três naus de guerra e seis navios mercantes hão-de ir, as primeiras, tôdas, para nossa defesa contra os pagãos africanos e também para transportar a gente destinada à América, pois nelas cabe mais gente; o navio mercante em que nos iremos a dezesseis, chama-se *Divina Providencia*.

---

(1) Como vimos no Elogio, o P. Fáy partiu para a América na esperança de que Deus ia recompensar o seu zêlo convertendo em sua ausência a mãe calvinista. Assim se compreende que entre os motivos de sua decisão inclua o amor à mãe, que, em outras circunstâncias, o teria antes impedido de partir.

A província aonde nós vamos é ainda distante quase setecentas léguas; em cinqüenta dias, se tivermos vento bom, provàvelmente a alcançaremos; mas se os doze dias de viagem marítima foram tão fastidiosos e terríveis, embora várias vêzes tivéssemos entrevisto a terra, como hão-de ser êsses cinqüenta dias, quando não veremos absolutamente nada, senão céu e água, até chegarmos!

Mede a província quinhentas léguas de comprimento e setenta de largura; a maior parte é todavia paganismo e selvajaria; o povo que a habita é forte e grande, não de todo prêto, antes vermelho.

Ùltimamente uma tribu tornou-se cristã; chama-se Gamelas; os homens dessa tribu também não são pretos, e são, atê, quase tão bonitos quanto os europeus. A província é muito boa, abunda em tudo, exceto em pão; mas em vez de trigo há uma espécie de raiz, chamada *Mandioca*, por dentro cheia de farinha, com a qual se faz o pão; dizem os que a experimentaram que é boa e que, uma vez acostumada a ela, a gente dificilmente se acostuma depois ao pão. Nasce alí tôda sorte de frutas, principalmente o *Ananás*, perto do grande rio chamado *Fluvius Amazonum* ou, na sua língua, *Pará*, isto é, mar, por causa do tamanho. A laranja é tão gostosa, que, embora das laranjas européias sejam as daquí as melhores, são muito estimadas as laranjas de lá, e desejadas, porque são maiores e mais doces que as portuguesas. Pois nós aquí como sobremesa usamos laranja, porque já está amadurecendo.

Relataria mais amplamente à senhora minha doce mãe o que ouví contar sôbre a nossa província de além-mar, mas na verdade tenho pouca vontade de escrever sôbre coisas que não si, pois já fui várias vêzes desiludido; se a Deus nosso Senhor Majestoso aprouver transportar-nos acolá, em paz, a senhora minha doce mãe poderá ter minhas notícias sem falta, em janeiro ou fevereiro próximo; pois eu, ainda que venha a viver de esmolas, nunca me hei-de esquecer de meus deveres filiais.

Aquí, graças sejam dadas a Deus, estou de boa saúde; o ar daquí é mui principesco, do que não há melhor prova que esta: jogam nas ruas tôdas as sujidades imagináveis e (falando com respeito diante da senhora minha doce mãe) até animais mortos; no entanto nenhuma mudança má se produz no ar. A cidade é terrìvelmente grande, situada na maior

parte em montes. O poviléu é muito pobre, porque, em razão de sua grande preguiça, não se ocupa em nada; os artífices são na maioria de países estranhos e aquí enriquecem fàcilmente; o rio Tejo, no ponto em que deságua no mar, está cheio de navios grandes; contando os navios que num ano entram e saem, teremos quase dez por dia; donde se pode coligir quão rico é o comércio: não acredito que na Europa haja outro pôrto igual.

Com S.M. a rainha viúva já falei duas vêzes; não saüdamos ainda S. M., mas antes de partir iremos ao beijamão. Com o irmão menor de seu pai, o senhor infante Dom Manuel, almocei há quatro dias.

Já estou conversando em língua lusitana (1), e por isso acabei por tecer relações com alguns senhores; êles me incomodam bastante, tanto tenho de falar da Hungria, de S. M. a rainha ,e das últimas guerras, que valeram aos húngaros, aquí, magna glória; diz-se que desta vez realmente foram êles que ajudaram S. M. (2).

S. M. a nossa rainha está também em grande glória e lembrança, principalmente nas rodas femininas. Às vêzes não posso deixar de rir das perguntas que me fazem; por exemplo, se a rainha tem jardim, granja... e outras parecidas. As mulheres andam sem touca e frisam os cabelos, como agora os rapazes em nosso país. Todos andam vestidos de prêto, pois aquí não é lícito levar prata ou ouro de qualquer gênero na vestimenta, exceto aos soldados e ádvenas; S. M. também veste sêda pura.

No dia 18 de fevereiro pereceu um navio com grande desastre: estava desde três dias fora, em alto mar, sem poder entrar no pôrto por causa do vento contrário; depois disso, tendo virado o vento, houve grande nevoeiro sôbre o mar todo, tanto que não se podiam ver os dois fortes à entrada do pôrto (um *Castrum S. Julianni*, outro *Bugio*); pelo que o capitão não quis entrar de nenhum modo; porém o mestre, dizem que Pilatus, divergiu dêle, tanto que o capitão acabou por consentir em entrar; mas apenas vieram as velas, o vento levou a nau para

---

(1) Isto é: em português. Lusitânia é antigo nome histórico do atual Portugal e provém, como se sabe, de Augusto. (*Nota de J. Foltin*).

(2) Aqui o nosso epistológrafo lembra Maria Teresa, rainha da Hungria, e a guerra de sete anos que ela com vária fortuna conduziu, mas levou a cabo com resultado favorável. (*Nota do mesmo.*)

Bugio, onde há bancos de areia entre grandes rochedos, com os quais o navio veio a abalroar-se; percebeu o capitão o perigo e ordenou ao mestre que virasse as velas, afim de saírem quanto antes do pôrto, sendo iminente o perigo; aquêle, porém, ia repetindo que não havia perigo nenhum, que várias vêzes alí estivera e bem conhecia o rumo; mal acabou estas palavras, o barco chocou-se pela segunda vez de encontro aos bancos de areia; volta o capitão a perguntar-lhe se percebe o lance, ao que o mestre responde: — "Senhor capitão, ajude-se vossa mercê como puder"; exclama o capitão: —"Deus poderoso, então todos estamos perdidos!" Apenas terminou tais palavras, parte-se o navio, com o qual afundaram 140 homens e 26 mulheres com tôda a mercância. Cinco pessoas, achando-se perto do forte, nadaram até os bancos de areia e os rochedos; duas delas, no entanto, por causa do mêdo e do cansaço, logo morreram; as três outras salvaram-se acolhidas em barcas de pescadores e, trazidas à cidade, relataram o acontecido. 25 barrís de vinho cozido, e as cartas, deram à costa, mais a esmola enviada a um pobre estudante, trinta ducados, com grande maravilha de todos.

Houve outro desastre em 24 de março. Preparava-se a partida de um navio com rumo a Gênova; haviam carregado nêle mercancias, pólvora entre as demais; mas, sendo noite, os tripulantes foram para a cidade, deixando a bordo dois rapazelhos para tomar conta; os quais, não tendo cuidado do fogo, não se sabe como, a pólvora estourou, fêz partir-se um lado do navio, a água entrou e a embarcação foi a pique. Dela nada mais vi senão o tôpo dos dois mastros mais altos; mas êste barco será tirado da água talvez na semana vindoura.

No dia 25 de abril vai sair a Frota Brasileira, 30 barcos para Pernambuco, dalí para Rio-de-Janeiro *[sic]*.

Além disso, nenhuma outra notícia posso dar à senhora minha doce mãe, mas antes de partir, informá-la-ei, conforme ao meu dever. Quando a senhora minha doce mãe me escrever, é só endereçar a carta como fêz outro dia o senhor Ladislau, meu irmão. Com isso, recomendando-me à lembrança e mercê da senhora minha doce mãe com humildade filial, fico até à morte da senhora minha doce mãe filho obediente — David Fáy, missionário S. J.

Posescrito. Saudações fraternas, nomeadamente aos senhores Ladislau, João, Antônio, meus irmãos, à senhora Maria,

minha irmã, ao senhor Francisco, meu irmão menor, a meus cunhados Traím, às senhoras minhas tias e aos santinhos, às senhoras Elisabete e Helena, minhas sobrinhas, ao senhor Gabriel, meu sobrinho, à senhora Clara, minha sobrinha, ao senhor Cristóvão, meu sobrinho.

2.

Louvado seja Jesús Cristo. Com sincera obediência filial ofereço meus préstimos todos à senhora minha doce mãe.

Chegado aquí em paz, graças à clemência infinita de Deus, informo, segundo meu dever filial, a senhora minha doce mãe a respeito de minha viagem e meu estado atual, e antes de tudo o mais beijo suas maternas mãos com humildade filial, desejando de todo o coração que esta carta a encontre em saúde perfeita.

Antes de têrmos saído de Lisboa, dezessete missionários, fomos admitidos, segundo o costume, ao beijamão de S. M. el-rei; depois, recebidos por S. M. a rainha; afinal, por S. M. a rainha-mãe, com quem tive a sorte de conversar cinco vêzes; ainda desta, dignou-se falar conosco um quarto de hora, e entre outras coisas perguntou ao P. procurador quem era o superior ou chefe da viagem, e o procurador, com forte corar de minhas faces, nomeou-me a mim, diante de S. M.; curvei os joelhos para S. M., e S. M. me retribuiu a saüdação inclinando a cabeça; depois, no decurso da conversa, deu-nos constantemente o título de padre reverendíssimo.

Despedindo-nos, pois, de quem convinha, e tendo preparado tôdas as nossas mercâncias, no dia primeiro de junho, cêrca das duas horas, embarcamos em nosso navio, que tinha o nome de *Divina Providência*, e cêrca das quatro horas levantamos âncoras e lançamos as velas ao vento, mas a viagem apenas durou duas horas, pois não tendo alguns navios concluído os aprestos naquele dia, progredimos apenas duas léguas; por isso diante da tôrre de Belém (assim se chama uma parte de Lisboa), lançamos uma âncora e descansamos em paz.

No dia dois de junho levantou-se vento contrário, pelo que os navios não quiseram sair; mas S. M., enviando num pequeno esquife real Marchio de Alagrete, deu ordem de ou sairmos ou os mercadores ficarem em Lisboa o ano todo. Por isso, vida ou morte, levantamos a âncora e partimos empurrados para lá e para cá, os 40 navios ao mesmo tempo; S. M.

em pessoa, com seus irmãos e quase tôda a fidalguia, veio de cavalo à beira-mar para assistir à saída; na verdade, não se encontra fàcilmente outra diversão tão bela como a de ver muitas naves no mar; não dá outra impressão senão a de outros tantos castelos remando no mar, principalmente quando as velas tôdas estão desfraldadas.

Partimos, pois, cêrca das quatro horas, e, sendo o nosso navio bom corredor, logo se meteu perto das naus reais armadas afim de, andando diante dos outros navios mercantes, ficar longe do perigo, visto como, quando dois barcos se chocam, de certo hão-de partir-se ao meio, tal é a fôrça do vento quando se lança nas velas; contudo, embora primeiros, estávamos bem receosos de que o vento, que soprava muito fraco, parasse de súbito, justamente enquanto nos achássemos no meio dos rochedos; pelo que o nosso capitão, Joannes de Sylva Ledo, fês aprestar cinco âncoras para qualquer eventualidade, porque, parando o vento naquele lugar, o remoinho contínuo do mar precipita os barcos nos rochedos e os pulveriza. Mas, graças a Deus, apenas fomos chegando ao alto mar, o vento começou a crescer e, depois de nos ter sido contrário, tomou-nos pelas costas e dentro de meia hora nos livrou de todo perigo.

Ao sairmos, os navios armados dispararam oito tiros de canhão, saüdando o forte de São Julião como à guisa de despedida; ao que o forte saüdou a todos os navios armados e aos demais com 7 tiros de canhão como para dar votos de feliz viagem, e assim nos despedimos para sempre de Lisboa e de tôda a Europa. Dê-lhes ventura Deus Nosso Senhor, segundo sua vontade, em tudo. Tôda a noite avançamos bem, mas ao amanhecer percebemos que um navio ficara atrás; por isso a nau capitânia advertiu-nos com três tiros de canhão para voltarmos; assim, virando as velas, perdemos de dia o caminho que fizéramos de noite, mas o navio nos alcançou às nove horas, aproximadamente.

Apenas entramos no mar alto, logo me sentí mal, e dois dias estive de cama, e comigo todos os demais; razão por que, embora fôsse domingo, não pudemos dizer a santa missa.

No dia 4 de junho todos os navios iam com vento bom, mas os que se dirigiam para o Brasil em direção da água do rio de Janeiro, aos poucos nos foram deixando; entretanto, padecíamos de fraqueza; mas à noite já pudemos tomar uma

sopazinha; os navios passeavam cumprimentando-se uns aos outros, e ouvimos canhoneio quase o dia todo, usando os navios tal modo de saüdação.

No dia 5 de junho nós também cobramos alento e levantamo-nos de cama. Por isso fizemos matar um carneiro e algumas galinhas para remediarmos a fome de dois dias. Graças sejam dadas a Deus, durante a viagem tôda tivemos que comer, e nesse ponto não experimentamos falta nenhuma, mas a água acabou por tornar-se muito má, o que remediamos com caldo de limão. Leváramos conosco, para a viagem, mil limões e mil laranjas, mas nos últimos quatro dias já se tinham acabado. Tivemos vento bom o dia todo, sem poder aproveitá-lo como desejávamos, porque um dos nossos navios, estando com muita carga, avançava a custo, e as naus armadas não o quiseram abandonar; pois estávamos perto da África e aquêle mar é temível por causa dos barcos do turco pagão.

À tarde, achando-se todos de boa saúde, depois das cinco horas, todos nós, e os marujos com o capitão, em voz alta recitamos o rosário e cantamos as Ladainhas de Loreto em honra da Virgem Bem-Aventurada, pedindo feliz viagem, e que rogasse por nós ao seu amoroso Filho; depois do quê, houve prática cristã, e assim ficou sendo daí em diante, todos os dias, até o último.

No dia 6 de junho, dia de São Norberto, eu disse a santa missa em intenção do senhor Norberto Jabróczki, meu cunhado, e à mesa bebemos à sua saúde. Naquele dia abordaram-nos dois navios, um do capitão Cardoso, e outro de nome *Neptunus*, que nos perguntaram se estávamos de boa saúde e como viajávamos. À noite todos os navios tiveram de parar à ordem da nau capitânia, transmitida por tiros de canhão, e esperar quinze dias por causa dum barco atrasado, espera que durou até 22 de junho.

Cêrca das nove horas de 7 de junho, querendo, por nosso lado, retribuir a homenagem, fomos saüdar primeiro a nau capitânia, cumprimentando o capitão, alguns de nossos bons conhecidos, e, afinal, os que na véspera nos vieram saüdar.

Pelas 11 horas de 8 de junho a nau capitânia fêz disparar três canhões e içar a bandeira branca; logo depois, os dois outros navios armados fizeram o mesmo, ao que todos bradaram: — "Terra ! Terra !" — significando que havia terra próxima; por isso o capitão mandou subir um marinheiro ao

tôpo do mastro grande para examinar que terra seria; o qual, logo reconhecendo, disse que era a ilha de Pôrto Santo; à noitinha todos a percebemos bem.

9 de junho. As coisas vão como no dia precedente.

10 de junho, dia de Pentecostes. Passamo-lo todo em exercícios de piedade; sendo o mesmo dia aniversário de S. M. el-rei, as naus armadas ornaram-se de tôda a espécie de estandartes; os demais navios içaram tôdas as bandeiras grandes, e pelas doze horas as três naus reais soltaram 24 tiros de canhão cada uma, os navios mercantes 6 cada um. Às quatro horas a nau capiânia deu mais três tiros de canhão, e vimos a ilha da Madeira.

11 de junho. Cêrca das nove horas o vento nos abandonou, e por isso estivemos com mêdo de que os navios se chocassem; mas isso durou apenas uma hora, e começou a soprar um vento bom. Depois disso até vinte e dois de junho continuamos na mesma, não havendo nenhuma novidade diferente.

22 de junho. Aborrecidos com a longa espera a que fomos constrangidos por causa de um navio atrasado, dois barcos pediram licença à nau capitânia para continuar segundo o seu desejo. Tendo observado o capitão ao meio-dia que havíamos alcançado a altura das ilhas Canárias e que, portanto, estávamos livres do perigo dos bárbaros, chamou por um tiro de canhão os dois barcos e, segundo seu desejo, deu licença para continuarem; êstes com alguns tiros de canhão se despediram, diante do que o nosso capitão desfraldou logo as velas, e dentro de três horas atingimos os dois barcos; em seguida, as naus reais, disparando 12 tiros de canhão cada uma, e dois outros navios mercantes, nos ultrapassaram; entretanto os nossos três barcos continuaram juntos até o fim; os dois outros, se pudessem ter ido mais depressa, ter-nos-iam de certo abandonado, ao passo que nós tivemos de esperar por êles várias vêzes.

23 de junho. Com ótimo vento progredimos muito bem; do mesmo modo nos dias 24, 25, 26 e 27.

24 de junho, dia de São João, eu disse missa em prol do senhor João meu irmão, e à mesa bebemos à saúde dêle.

28 de junho. Fomos infelizes, porque de manhãzinha um grande peixe, chegando-se ao nosso navio, roubou 12 libras de carne de nossa propriedade mergulhadas no mar (1) e à vista de todos, passeando ao longo do navio, as ia mostrando; é certo que os marinheiros lançaram logo um chuço atrás dêle, mas debalde, pois tem a pele como ferro; teríamos pegado um, se não houvesse quebrado o grande anzol de ferro. Chama-se tal peixe *Tubarão*. Há neste mar uma multidão indizível de peixes; vimo-los constantemente, e os marujos apanharam muitos, sobretudo de um peixe barbudo que por isso se chama judeu. Há outros peixinhos também, como por exemplo um pequeno peixe branco, o qual, quando perseguido pelos peixes grandes, voa; alguns voaram para dentro do nosso navio; têm asas parecidas às dos gafanhotos.

O dia 27 de junho, dia de São Ladislau, consagramo-lo com santa missa ao senhor Ladislau meu irmão, como já fizéramos com o dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, consagrando-o ao senhor Antônio, meu irmão, e à mesa bebemos em honra dêles.

A 29 de junho, estivemos em grande perigo, porque, estando tôdas as nossas velas desferradas, com muito vento, nos apanhou repentino furacão, e se com tôda a pressa e trabalho penoso não as tivessem colhido, o vento nos teria levado diretamente para o fundo do mar, sem precisão de naufrágio. Não decorreu um quarto de hora, estávamos fora de perigo. Aquí muitas borrascas, calmarias, ventos contrários amofinaram-nos quatro dias inteiros, de maneira que não avançamos mais de 4 léguas; mas obtendo em 3 de julho vento bom, viajamos regularmente até 10 de julho.

Nesse dia começamos a ver areias da América espalhadas por cima do mar, chamadas lençóis, grandes e pequenos, porque semelham lençóis estendidos por cima do mar. O mar também, que até então parecia ser de côr azul, já era verde, isto é, verdadeiramente côr de mar, o que logo nos encheu de mêdo, porque naqueles lugares a água não tem profundidade bastante e em certas partes não mede mais de duas braças. Quando algum navio chega por alí, todos podem despedir-se dêste mundo.

---

(1) Provàvelmente a carne estaria mergulhada no mar, pendente duma corda, para efeito de conservação.

Cresceu nosso mêdo também pelo fato de o mar subir além do comum e soprar vento forte, tanto que durante cinco dias nem pudemos dizer missa por causa da grande agitação. Muitos voltaram a adoecer, grandes vagalhões passaram por cima do navio; nós outros dia e noite rezamos sem parar e mergulhamos no mar as santas relíquias, e, com tôda a certeza, vimos o mar acalmar-se, enquanto nós, para nos afastarmos cada vez mais do perigo, de noite nos apartámos sempre da terra; assim navegamos até 14 de julho, dia feliz em que vimos pela primeira vez a terra da América, isto é, um montículo que o povo daquí chama de Itacolumim, quer dizer criança de pedra. Sendo, porém, de tardinha, não ousamos progredir, e lançamos as âncoras; graças à clemência particular de Deus, o mar justamente se tinha calmado e o vento parara, de modo que pudemos descansar a noite tôda, exatamente como se estivéssemos sôbre qualquer rio tranqüilo.

No dia 15 de julho, alçando as âncoras, partimos rumo ao Maranhão. Chegados às quatro horas, com grande alegria, a um lugarejo de nome São Marcos, lançamos âncoras outra vez, e pusemos têrmo à viagem, dando graças a Deus Majestoso por nos ter, vigiando sôbre nós com magna misericórdia, livrado de perigos maiores,protegido nos perigos já defrontados e permitido realizarmos um desejo concebido havia tantos anos. Não pudemos entrar na cidade, mas logo deitamos ao mar um esquife e eu escreví uma carta ao nosso P. reitor para nos enviar alguém que bem conhecesse os caminhos do pôrto do Maranhão.

Tornando o esquife ao alvorecer do dia seguinte, trouxe um sarraceno, que ficou no navio dez dias, isto é, enquanto não houvesse vento bom para os navios entrarem no pôrto. Mas às dez horas o nosso P. provincial enviou-nos a própria barca com dois padres RR. e, depois do almôço, colocando os nossos leitos e a nós mesmos na barca, às quatro e meia chegamos ao lugar desejado, pensando quase durante dois dias estarmos ainda no mar; parecia-nos o chão todo sacudido pelas ondas, e só a custo pudemos caminhar direito.

O colégio todo, vindo ao nosso encontro até à beira-mar, cumprimentou-nos com todo o amor e alegrou-se da nossa feliz chegada. Depois, em bela ordem, entramos na cidade e no colégio, dirigindo-nos alí logo à igreja, dando graças a Deus misericordioso por tôdas as providências tomadas em nosso

benefício, e outrossim pedindo seu auxílio para nos manter no ofício para o qual lhe foi servido eleger-nos e mandar-nos, tornar agradável tôda a nossa atividade em sua santa presença, afim de por nós, vasos frágeis, também proclamar seu nome sublime, aumentar a santa igreja-mãe e esclarecer os pagãos errantes nas trevas. Tal foi o voto comum de todos nós; tendo eu, porém, obrigação particular, que bem sabida é da senhora minha doce mãe, não a esquecera, como, em verdade o digo, nada faço sem que dela me lembre; também digo que cada vez que me ocorre aquela obrigação, imploro com preces ferventes a Deus infinitamente misericordioso que ouça minhas súplicas e me console nestas minhas misérias e vida amarga neste mundo. Tal foi e tal há-de ser o meu pedido enquanto viver, e o fito de todos os meus atos.

Ao acabarmos as nossas preces, para aliviar de certo modo nossa penosa viagem, trouxeram-nos logo muitas e belas frutas americanas e néctares saborosos, com um pote cheio de água e farinha de pau, que é aquí o nosso pão. Assim chegamos a esta província daquém-mar, almejada havia muito, a respeito da qual não duvido que a senhora minha doce mãe queira ouvir algo; por isso descrevo o que vi em dois meses; poderia escrever mais, se tivesse penetrado mais dentro do país, mas até aquí a minha morada foi perto do mar. No mês de dezembro hei-de ir mais dentro, mas não sei ainda o rumo.

Por isso o Maranhão é uma ilha bela, mas não muito grande, com 6 léguas de extensão e 5 de largura; abrange uma cidade, de nome Maranhão, e quatro ou cinco aldeias. Os moradores da cidade são todos lusitanos, exceto os criados e as criadas, que são ou sarracenos da África ou naturais daquí. Os sarracenos são servos, comprados a alto prêço, às vêzes por cento e cinqüenta, duzentos, até trezentos florins; êles e seus descendentes são escravos perpétuos, os descendentes, porém, nem todos, mas só aquêles que são filhos de escrava; quando um escravo sarraceno casa com mulher livre, os filhos também são livres; quando um homem livre casa com escrava, os filhos são escravos perpétuos. Dêstes se compõe tôda a servidão, que não é muito grande.

De nenhum modo é lícito sujeitar o povo daquí a qualquer serviço; por isso, afim de ficarem isentos de serviço, é proïbido contratá-los mesmo por um dia sem licença do missionário; a êste respeito quase anualmente S. M. manda ordens

para que os governadores protejam a todo o transe a liberdade dos índios. Nas aldeias só habitam índios, porém os desta ilha são já todos cristãos. Aquí já não há pagãos, mas no interior do país existe ainda uma multidão enorme dêles.

Em matéria de carne o país abunda, mas vinho e pão não se encontram; em vez do pão há uma espécie de raiz que o povo daquí chama de *mandioca*, os lusitanos de farinha de pau, e com justeza. A raiz tem forma de rabanete ou de cenoura, branca por dentro, preta por fora; a parte interna, enquanto não é cozida, é veneno puro, mas a casca é antídoto; por isso a quem a come crua, mas com a casca, não faz mal nenhum. Descascam-na bem, e espremem o suco em saquinhos compridos, adrede feitos da casca; mas tal suco deve ser guardado; recolhem-no em cochos e, depois de deixá-lo alí mais um dia e uma noite, entornam o líquido. Tal suco é puro veneno; se alguma rês por ventura o bebe, de certo morre. A farinha, depois de ser dela espremido o suco, é colocada em grandes caldeiras; em baixo destas faz-se um bom fogo, e assim cozem a farinha, padejando-a com grandes colheres, e é este o pão. No tocante à segunda farinha, sedimento do suco espremido da primeira raiz, expõem-na à luz do sol para secar e cozem-na depois da maneira já dita; ambas são brancas, mas a segunda é como a neve, e serve sòmente para ser comida pura como tempêro, ou, ainda, preparam-na com mel de cana, e é como a sêmola.

A primeira farinha, isto é, o pão, comem-no com colher; eu ainda não o uso, apenas, por assim dizer, o petisco, e como carne só. Tenho ainda, é verdade, um bocado de pão sêco daquele do navio, mas o saboreio apenas de vez em quando, à guisa de pospasto, quando estou com muita fome. Se tivesse um pouco de dinheiro, teria comprado uns dois barrís de farinha de trigo ou de macarrão, para comer às vêzes um bolozinho ou uma fogaça ; mas, por enquanto, tudo isto outro remédio não tem senão paciência resignada. Diz-se que aquêles que estão acostumados ao pão daquí, nem lhes ocorre desejar pão de trigo.

A carne é de vaca, carneiro, veado e javalí. A forma dêste último é como em nosso país, porém é menor, tem o umbigo nas costas, e uma carne bem branca, diferente, mas mui saborosa.

Bem diverso animal é o de nome *Paca;* eu ainda não a vi, mas dizem-na coisa principesca. Há também outros animais, como p. ex. a *Anta,* semelhante ao cavalo, com a cabeça muito parecida à dêste; tem crina, mas muito pequena, como se fôsse cortada artificialmente, unha bifurcada, pêlo castanho; vi uma delas, não viva, mas cortada em quatro partes, que os índios mataram com seis flechas, mas não a experimentei, porque deve permanecer pelo menos durante um dia exposta ao sol para ficar boa, e eu tinha pressa. Foi na localidade de nome *Piricuma* que vi êsse animal.

Onças, há tantas, que nem a metade seria precisa (1), e por isso é medonho passear na floresta; comumente, quando percebem que alguém passa pela floresta, galgam as árvores a furto e pulam em cima da gente. Quando me dirigí a *Piricuma* através de duas espêssas florestas de palmeira, tive de ir uma légua de pé, e em todo o caminho levamos espingarda na mão. É verdade que, se a gente leva um cão, a onça pula neste último e deixa passar o homem; quando um europeu vai com um homem daquí ela pula em cima dêste e deixa aquêle ir-se embora em paz; quando um homem daquí passa com um sarraceno, ela mata o sarraceno.

Há outros animais belos, porém menores, mui semelhantes à onça, mas não fazem mal nenhum e fogem da gente. Tartarugas, há muitas, pequenas, grandes e médias. As grandes não se comem; só se lhes aproveita a casca, que é vendida muito cara, 46 escudos de Maria por libra (2). Quanto às médias, o fígado delas não é cozido, mas assado; um homem pode-se fartar com um fígado.

Pássaros, encontram-se de todas as espécies, não cantadores, mas de aspecto tão belo que é prazer vê-los; gaios de tôdas as côres, que repetem tudo o que ouvem; o que há de estranho é que nem lhes talham a língua : é como madeira, e no entanto aprendem tudo.

Outro pássaro que particularmente me agrada chama-se *Guará;* é vermelho como veludo e enfeita a praia como se estivesse encoberta de belo veludo vermelho; a carne tem o sabor da do pato selvagem. Há muitos de espécies diversíssimas, alguns que lembram, no aspecto ou no sabor, as galinholas.

---

(1) "Onças, há *tantas, que nem a metade seria precisa*". Expressão de caráter pilhérico e popular, ainda hoje usada em húngaro para exprimir abundância de coisas más.

(2) "Escudo de Maria". Moeda em que se cunhava a imagem de Maria.

Aves das espécies européias, ainda não vi, a não ser a coruja. A respeito de peixes não posso escrever muito, pois moro perto do mar (1): aquí há poucos peixes, e não são muito bons.

Frutas, há bastantes. A mim, sobretudo me agrada o *Ananás*, de que há grande quantidade. Já vi um dêles em Nagyszombat, mas nem de longe era como êstes, que atingem o tamanho de um melão médio. Fazem com êle um licor, que é bebida principesca. Há por aquí um fruto *[segue uma palavra ilegível]*, muito louvado; eu ainda não o vi, porque só começa a florescer no mês que vem; a árvore é parecida com a cerejeira, ou antes, com a ginjeira, mas é pequena. Pelo contrário, saboreio todos os dias a fruta chamada *Pacova*, porque dura o ano todo; a árvore é como o milho, porém maior, com fôlhas muito compridas e quase da largura de dois palmos; o sabugo é como um cacho, pende para todos os lados; tem a forma daqueles cornozinhos feitos pelos padeiros; pevide não tem; tirando-lhe a fôlha, a polpa é tenra, come-se tôda e tem gôsto de morango.

Há muitas outras frutas, sobretudo laranjas, que superam até as de Portugal; os limões não prestam, usamo-los em vez de vinagre. Algodão, cravo, café, mel de cana, cacau, baünilha, chocolate, pimenta e outras coisas assim, há bastante. Da cana faz-se mel, como também açúcar; ainda não vi como se faz o açúcar. O mel não é mais do que água espremida da cana por meio duma prensa: esta água é cozida até que se torne amarela e espêssa.

Seria para mim muito mais agradável que houvesse algumas hortaliças; porém há falta absoluta delas: tivesse eu trazido umas sementes, e seriam agora de grande proveito. Tenho ainda sementes de salsa e de salada, que me deu em Szeged a senhora Ladislau Fáy, minha cunhada: Deus a abençoe por tal esmola, que real e verdadeiramente o foi. No meio de tudo isto, vivemos em tal apêrto, ó senhora minha doce mãe, que há semanas não como senão carne de vaca sêca ao sol, que verdadeiramente é como lasca de madeira, e um pouco de frutas, pois comer muito não é aconselhável, a tal ponto que por um triz não adoeci. A carne não se pode resguardar por causa do grande calor, a não ser depois de bem sêca. Na floresta poder-se-ia encontrar comida, mas onde

(1) Frase irônica, seguramente.

há pólvora e chumbo? Há grande quantidade, é certo, mas não nos dão de graça.

Peço licença à senhora minha doce mãe para pôr na carta por escrever ao senhor meu irmão Ladislau o que ainda me falta dizer, pois tenho obrigação de visitar igualmente com carta o senhor meu doce irmão e sua família, sabendo que a carta vai dar às mãos de suas mercês por intermédio da senhora minha doce mãe. Por isso, beijo, finalmente, as maternas mãos da senhora minha doce mãe, peço com humilde coração filial sua bênção materna e recomendo-me à fiel lembrança da senhora minha doce mãe, ficando até a morte da senhora minha doce mãe. — Tapuitapera, na América, 12 de setembro 1853. Filho obediente David Fáy, missionário S. J. Posescrito. Peço desculpas humildes à senhora minha doce mãe por ousar enviar às suas mãos carta suja (1); tê-la-ia copiado se, tendo pressa os navios, não tivesse mêdo de que as minhas cartas não acabassem por ficar aquí.

3.

Louvado seja Jesús Cristo. Ofereço meus préstimos cheios de verdadeiro afeto fraternal ao senhor meu doce irmão.

Na carta dirigida à senhora minha doce mãe descreví minha viagem marítima e algumas coisas aquí existentes; mas como nela não fiz menção nenhuma de certas coisas, e também porque desejo que nesta carta destinada ao senhor meu doce irmão houvesse igualmente novidades, atrevo-me a incomodar o senhor meu doce irmão com esta nova carta e a demonstrar assim minha natural e fraternal fidelidade, esperando que o senhor meu doce irmão e todos os seus (sendo destinada a presente carta a todos, porque escrever a cada um é impossível por causa dos gastos elevados), como também os senhores meus doces irmãos e cunhados e as senhoras minhas doces irmãs e cunhadas, não desprezarão tal anúncio do amor cordial de seu pobre irmão errante, que outro testemunho dar não pôde.

Por isso, chegados aquí em paz a 15 de julho e desembarcados a 16, como relatei na carta redigida à senhora minha

---

(1) Estas palavras são ditadas ao nosso epistológrafo exclusivamente pelo terno amor filial à mãe querida, pois, além de alguns riscos insignificantes, não se encontra na carta nenhum vestígio de sujeira. (*Nota de J. Foltin.*)

doce mãe, quase três semanas descansamos todos nós. No terceiro dia, o R. P. provincial presenteou-me com um leito, isto é, uma rêde feita de fio de algodão: é, aquí, a cama de tôda a gente, coisa boa, logo que a gente se acostuma, e bem adaptada ao calor daquí. Dependuram-no em dois grandes pregos ou em duas árvores, e logo o leito está pronto, em qualquer lugar, mesmo no caminho; é o maior bem dos índios, e o mais precioso.

No dia primeiro de agôsto recebemos nossas instruções. Eu fui mandado, por ter-me oferecido espontâneamente para isso, entre uma gente de nome *barbados*. Saíram êles da floresta há uns vinte anos, mas continuam terríveis, e não podem despir a selvajaria, principalmente as mulheres; estas, quando dão à luz, imediatamente examinam a sua prole e, achando-a feia, matam-na ato contínuo; por isso o missionário deve cuidar de estar presente, seja para evitar a morte dos recém-nascidos, seja para impedir que morram sem batismo.

Os homens, como as mulheres, perfuram as orelhas, de modo que se pode olhar através delas, alargam o furo, e enfiam nêle grandes coroas de fôlha de palmeira, milho, ou de outra planta, ou ainda coroas de ervas para servirem de brincos. Quando se lhes quer dar outros brincos, de prata por exemplo, não gostam, dizendo que tais brincos são bonitos e convêm aos lusitanos, mas não a êles. Acostumam--se dificilmente ao vestuário; os homens o toleram um pouco, as mulheres de nenhum modo; afinal, depois de muitas admoestações e muita persuasão, quando saem da choupana ou quando um missionário vai visitá-los, cobrem-se de algumas fôlhas e com isso o vestido de gala está pronto.

Com vidros pintalgados e dourados, fiz uns brincos, e pu-los em um fio; um homem do Maranhão viu um dêles e não me deixou em paz enquanto não lho dei; disse com muita alegria que ia levá-lo à mulher; talvez esta ninharia lhes agrade; tenho material bastante, posso confeccionar até milhares dêsses brincos. A gente daquí, e os índios em geral, não conhecem presentes mais gratos do que os objetos de ferro, nomeadamente machados, facas e porretes. Os índios não são pretos, nem amarelos, mas variam entre o preto e o amarelo, e são bem feios. Da igreja ainda não gostam muito, e quando, num dia da semana, um dêles vem assistir à missa

ou a outro serviço divino, logo depois vai procurar o missionário, dizendo: — "Pai, paga-me por ter eu vindo à igreja." Sem serem pagos, não dão sequer um passo; aliás a retribuïção não é muito grande: um anzol, uma agulha de coser, um bocado de mel ou outras nicas do mesmo gênero; às vêzes, porém, até essas bagatelas nos faltam; que há-de fazer, em tal caso, o pobre do missionário? Não acha outra coisa senão farinha de pau.

O que há de mais grave nesse povo é que não admitem nenhum castigo. O missionário precedente, querendo castigar uma criança por alguma travessura, bateu-lhe na mão; lógo a aldeia inteira se sublevou e quiseram voltar à floresta; teve bastante que fazer para apaziguá-los. Era para o meio dêsses gentios que eu devia ir; não sei porque o R. P. provincial teve tal confiança na minha modesta pessoa. Eu também, é verdade, pedira a sua paternidade me enviasse à missão mais penosa que houvesse; no entanto, não sei por que razão modificou depois a sua ordem. Houve aquí, nesta altura, alguns daquele povo; fí-los chamar, abracei-os, e beijei-os um após outro, ao que êles, sorrindo, me apertaram contra o peito, e os que sabiam a língua dos lusitanos começaram a conversar comigo. Se vossas mercês tivessem estado presente, ter-se-iam divertido comigo: em pouco tempo, tomaram-me afeição e prometeram ensinar-me em breve a própria língua.

Quando souberam da minha mudança, vieram-me procurar, com grande aparato, e disseram-me quanto desgôsto tal mudança lhes causara, porque todos gostavam de mim, e pediram-me que fôsse viver com êles, senão neste ano, pelo menos no vindouro; afinal, em vez de despedida, pediram-me anéis e fumo, e eu dei-os a todos êles.

Agora até o dia 12 de dezembro servirei aos portugueses em *Tapuitapera*, uma vila bem grande. Esta palavra significa na nossa língua, isto é, na brasileira, lugarejo que pertencera aos *tapuios* mas não lhes pertence mais. *Tapui* significa bárbaro; por isso se alguém dá tal nome ao povo daquí, não gostam, embora êles nos dêem o mesmo nome a nós outros que somos brancos, mas não lusitanos: mas acrescentam ao nome a palavra *tinga*, que significa branco, donde *Tapuiringa* [*sic*], isto é, bárbaro branco.

Aos lusitanos chamam, mais honestamente, de *caraíbas*, o que também significa branco, mas a palavra tem origem mais elevada, pois vem de *caraibebé*, que significa anjo. No entanto gostam mais de nós e sabem distinguir entre nós e os lusitanos. Um índio veio ao Maranhão, da aldeia de *Pindaré;* estando todos nós no quarto do P. João Szluha, veio ter conosco, abraçou-nos e disse a cada um de nós: *Tapuitinga katu, Tapuitinga katu,* isto é: o bárbaro branco é bom, o bárbaro branco é bom, rindo e pulando de alegria. Uma semana após a minha chegada tive a sorte de visitar uma aldeia de índios. Havia entre êles muitos doentes, coitadinhos, e não encontraram ninguém que os ajudasse naquele extremo; por isso vieram implorar-nos; embora não soubesse ainda a língua, vali-me do catecismo em língua lusitana e brasileira, auxiliei como melhor pude aquêles desamparados; até batizei uma criança de quinze dias: êste foi o primeiro fruto da minha missão na América.

O caminho, tive de percorrê-lo ora por mar ou rio numa pequena canoa, ora através das florestas, a pé. As florestas que eu vi são muito belas. São constituídas sobretudo de palmeiras, mas há também grande número de outras árvores. Geralmente as árvores aqui são magníficas, vermelhas, azues, amarelas, pretas. Um homem honesto me presenteou com uma vara de pau, de côr verdoenga: esfregada com pano, fica brilhante qual o vidro; para construção acham-se muitas madeiras, cada qual mais bela, tôdas de lavra difícil por causa da dureza; pela mesma razão, ardem dificilmente, e não há perigo de que as casas de madeira se queimem com facilidade, a menos que se fizesse um grande fogo ao pé delas. A melhor madeira para o trabalho é o cedro, por ser duradouro e mole. Há uma árvore, de nome *Kisi* (leia-se: *quixi*), cujo fruto é sabão. Há outra árvore bem grande que dá um fruto de que se fazem chícaras, copos, pratos e outros vasos da mesma espécie: na realidade é cucúrbita, mas é muito bonito, enquanto pende da árvore, qual uma melancia; os índios sabem pintá-la com muita arte.

Para onde serei mandado depois da minha atual estada, ainda não sei dizê-lo. Por enquanto, estou designado para ir à aldeia de *Maraen,* a que chamam aqui paraíso terrestre, mas tenho quase certeza de não ir lá antes de mais ou menos seis meses, porque esperamos um bispo governador de Lisboa,

visto que ambos (os dois bispos anteriores) morreram em três semanas. A dita aldeia chama-se paraíso terrestre porque, tendo um chão bom e fértil em tudo, possue campos e florestas excelentes. Existe alí, particularmente, um lago bem grande; como agora, no verão, os riachos e torrentes da região secaram, todos os animais se encontram alí de manhã e de noite para matar a sêde. Estando de canoa, é um prazer observar aquela variada multidão de bichos.

Aquí a variação das estações consiste em verão e inverno; na verdade, o tempo é igual o ano todo, como na Hungria costuma ser nos meses de junho; no inverno, porém, chove quase todos os dias; no verão, de noite e de dia não pára o vento, enquanto não há chuva.

Não tenho mais o que comunicar a vossa mercê senão uma notícia que certamente os deixará alegres conosco por causa do acréscimo da santa igreja-mãe, a saber : que dois povos foram retirados da floresta e estão construindo povoados. O primeiro chama-se *Ivarí* e está distante daquí 400 léguas húngaras; o segundo, *Carara*, ou, em lusitano, *Gamelas*, por causa dos enormes beiços; êles fendem os beiços quando crianças, atravessam-lhes um pauzinho redondo e alargam-nos todos os anos, até que obtêm a forma duma colher de pau, daquelas que servem para tirar a coalhada. Não seria, aliás, um povo feio; as mulheres não deturpam os beiços, só os homens. Tendo êles muitos inimigos, recorreram aos lusitanos para que os defendessem; por isso, foi-lhes mandado pelo governador um comissário, acompanhado pelo nosso provincial e dois padreís, e fizeram aliança com êles, segundo pediram. Êsse povo pediu aos lusitanos que o defendessem dos inimigos; nós, por nosso lado, pedimos-lhe que saísse da floresta, morasse numa aldeia e adotasse a doutrina; ambos os pedidos foram aceitos.

Portanto o P. provincial celebrou missa santa, durante a qual os soldados, que tinham ido com o comissário, descarregaram as armas, como de costume. Ouvindo isto pela primeira vez, aquela gente selvagem teve um susto terrível e, como costumam em nosso país as reses, correu por aquí e por alí, com grandes berros e pavor. Depois de voltar, examinaram as espingardas e admiraram que viesse delas tamanho barulho; aproximaram-se, porém, das armas, com muito tremor,

e quando os soldados dispararam uma segunda vez, de novo se dispersaram correndo.

Tendo acabado o P. provincial a missa santa, aproximou-se dêles o P. provincial com a língua (êles têm uma fala particular, diferente de tôdas as outras, e não entendem a língua *geral*, isto é, *cabacca*.) Estando o P. Provinical com a cabeça coberta, o povo começou a admirar-lhe o chapéu; rodearam o P. provincial, tiraram-lhe o chapéu com grande habilidade, depois experimentaram-no, uns após outros, homens e mulheres, nas próprias cabeças, pondo-se a rir e a gritar de alegria. O P. provincial, para se precaver dos raios do sol, que aquí são muito nocivos, cobriu a cabeça com o lenço, à falta de outra coisa; mas o lenço também agradou muito aos bárbaros e fizeram com o lenço o que tinham feito com o chapéu. Que se devia fazer? O P. provincial deu-lhes chapéu e lenço, e os dois religiosos tiveram de agir do mesmo modo.

Contudo, êsse povo conhece uma arte que talvez possa servir a vossas mercês. Não comem carne crua, mas quando matam algum animal, cavam um fôsso na terra, fazem fogo, tiram o carvão provindo da madeira queimada, põem metade por baixo, metade por cima do animal, e recobrem-no de terra: dentro de meia hora ou menos, fica bem assado. Tendo aprendido os nossos tal processo, envolvem a carne em papel ou em fôlhas verdes, passam-na ao fogo, e depois, como os índios, cobrem-na primeiro de fogo e depois de terra. Dizem que é excelente. Mas os bárbaros não pelam o animal, nem mesmo o limpam; apenas o põem ao fogo tal qual é.

Êsse povo compõe-se de cinco povoados, isto é, de cinco grupos, que moram em diversas florestas. Um dêles já está morando numa aldeia, e esperamos encontrar os outros quatro (é preciso, porém, procurá-los muito nas selvas e nos montes) e reuní-los ao primeiro. Mas recentemente foram encontrados dois povos, de natureza muito bela e boa. A cada hora, saem missionários à procura dêles, e é possível que a sorte caia em mim. Queira Deus nosso Senhor Todo-Poderoso que eu possa trabalhar entre os pagãos, o que, aliás, no futuro, não deixará de acontecer. Quanto ao mais, seja feita a vontade de sua majestade santa; temos obrigação de proporcionar a todos o reino de Deus, e temos trabalhado bastante, mesmo com os maus cristãos.

Não sei o que narrar ainda. Futuramente também, cada vez que vierem barcos, prometo a vossas mercês informá-los de tudo. Possa eu ter a sorte de, não podendo ver vossas mercês em pessoa, observar ao menos, pela sua letra, que ainda não caí completamente de sua memória; é verdade que se esquecem fàcilmente os ausentes, mas eu, embora imerecidamente, senti sempre tanta fraternidade em vossas mercês, que nisso nem devo pensar. Se tivesse meio, oferecer-lhes-ia, à senhora minha doce mãe como também a vossas mercês, algumas raridades brasileiras, mas difìcilmente o creio possível. Até Viena talvez pudesse mandar alguma coisa, porém não seria sem gastos; é possível, no entanto, que daqui a cinco ou seis anos tenha ensejo de fazê-lo; de certo, não hei-de desprezar nenhuma oportunidade.

Afinal, para verem os europeus que língua bela nos é preciso aprender agora, transcrevo aqui o padre-nosso, que nós costumamos transcrever segundo a língua lusitana, mas desta vez o faço segundo a pronúncia húngara para vossas mercês lerem bem :

Oré rub Übáküpe tokoár imoëte-püramo nde réra tojko tour nde Reino: Tonyemonyang nd remimotara übü-peübaküpe nyemonyánga iabé ore rembiu araiabióndára eimeény kori orébe, ndenyiro ore angaipába reszé orébe, ore reredo memoaszia szupé orenyiró iabe, Ore-moár ukár-üme-iepé tentaszao pupé, ore püszüro-te-iepé mbue aiba szui. Amen.

Com isto termino já a minha carta, pedindo ao senhor meu doce irmão me faça a caridade de mandar copiar esta carta e a que dirigi à senhora minha doce mãe, para enviá-las aos senhores meus irmãos e aos senhores meus cunhados Norberto Jabroczky e Amerigo Foglár, e, se houver um terceiro, a êle também, e prinicipalmente às senhoras minhas doces cunhadas. Copiá-las-ia pessoalmente, mas faltou-me tempo, tendo ocupações incessantes nos serviços espirituais, e também temi o gasto excessivo; por isso tôdas as bênçãos celestes e terrestres de Deus nosso Senhor sejam com vossas mercês, *ut sic transeam super bona temporalia, ut non amittamus aeterna.* Humildemente cumprimento a senhora minha doce cunhada, como também os santinhos, o Chico, o Alberto, as duas Marias, a Aninha, a Cunegundes, e o Tésai, de cujo outro nome não me lembro. Recomendando-me à lembrança e ao amor fraternal de vossas mercês, subscrevo-me, até à morte,

do senhor meu doce irmão e de vossas mercês, em Tapuitapera, na América, Ano 1753, die 16 Septembris, afetuoso servidor, irmão e cunhado — David Fáy, S. J. missionário maranhense.

P. S. Se vossas mercês quizerem escrever-me, redijam assim o endereço: Rdo. Patri in Xto. Patri Davidi Fáy, e Soct. Iesu, Vice-Provinciae Maranhão missionario. Commendatur R. P. Procuratori Generali. Provincia Maragnonensis. Ulyssipondin Coll. S. Antonii.

Peço, porém, a vossas mercês com muita humildade queiram escrever em papel fraco, de modo que não pese muito, senão às vêzes devem ser pagos até quatro florins por uma carta.

A BIBLIOTECA NACIONAL EM 1942

RELATÓRIO

que ao

EXMO. SR. DR. GUSTAVO CAPANEMA
MINISTRO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

apresentou em fevereiro de 1943

O diretor

RODOLFO AUGUSTO DE AMORIM GARCIA

Ministério da Educação e Saúde. — Biblioteca Nacional.

— Rio de Janeiro, D. F. — Fevereiro de 1943.

Senhor ministro :

Em observância da alínea 27 do art. 9.° do regulamento desta repartição, e nos têrmos da circular G - 288, de 10 de novembro de 1936, tenho a honra de apresentar a V. Ex. o relatório das ocorrências verificadas e atividades realizadas durante o período de 1 de janeiro a 31 de dezembro do ano próximo findo, dos serviços a cargo da Bibliotéca Nacional.

PESSOAL

Admissões

Armando Sampaio de Matos, admitido como diarista a partir de 20 de abril.

Ismael Calvet Corrêa, admitido como diarista a partir de 18 de setembro.

Ângelo Damásio dos Santos, admitido como diarista a partir de 23 de outubro.

Apresentações

Octavio Calasans Rodrigues, bibliotecário classe I, apresentou-se a 21 de setembro, por ter regressado dos Estados Unidos, onde se achava fazendo um curso de especialização.

Vera Barbosa de Oliveira, bibilotecário-auxiliar classe G, por ter regressado, em outubro, dos Estados Unidos, onde se achava fazendo um curso de especialização.

Curso de especialização

Maria Antonieta de Mesquita Barros, bibilotecário-auxiliar classe F, designada em agôsto para fazer um curso de especialização nos Estados Unidos.

Designações

Emmanuel Eduardo Gaudie Ley, bibliotecário classe L, chefe da 1.ª Seção, para fazer parte da comissão encarregada de elaborar o Código Brasileiro de Catalogação de Bibliotécas.

Pedro Rodrigues da Cunha, bibliotecário classe J, com exercício na 4.ª Seção, para lecionar a cadeira de bibliografia do 2.° ano do curso de biblioteconomia, durante o impedimento do bibliotecário classe L, Emmanuel Eduardo Gaudie Ley.

Vera Barbosa de Oliveira, bibliotecária auxiliar classe G, designada para representante do Ministério da Educação, na

comissão encarregada de elaborar o Código Brasileiro de Catalogação de Bibliotecas.

Waldemar de Carvalho Costa, servente classe E, designado para exercer a função de chefe de portaria, em 12 de setembro.

Dispensas

José de Oliveira, servente classe C, dispensado a pedido, em 11 de setembro, da função gratificada de chefe de portaria.

Maria da Penha Haddock Lobo de Affonseca, bibliotecário classe I, dispensado a pedido, da atribuição de representante do Ministério da Educação, na comissão encarregada de elaborar o Código Brasileiro de Catalogação de Bibliotécas.

Elogios

Asgal de Medeiros, bibliotecário auxiliar classe H, elogiado pelos inestimáveis serviços prestados à Bibliotéca, com rara dedicação e comprovada eficiência.

José Francisco, servente classe E, elogiado pela assiduidade, zêlo e boa vontade demonstrados pelos serviços durante o impedimento do chefe de portaria, licenciado para tratamento de saúde.

Arthur José Ferreira Braga, trabalhador classe D, elogiado pelos bons serviços e a bôa vontade demonstrados nas arrumações e modificações feitas nas diversas Seções, por ocasião das obras realizadas nesta Biblioteca.

Aposentadorias

Pedro Alvares Coutinho, bibliotecário classe J, aposentado por decreto de 24 de março.

Asgal de Medeiros, bibliotecário auxiliar classe H, aposentado por decreto de 31 de março.

Arthur Dias, servente classe E, aposentado por decreto de 11 de novembro.

Exoneração

Evilásio Alves Maia, servente extranumerario diarista, dispensado em 6 de maio, por ter aceitado outra função pública.

Licenças

Victor Léo Römer, servente classe D, licenciado nos períodos de 19 de dezembro de 1941 a 18 de março de 1942 e de 19 de março a 18 junho.

Americo Rodrigues da Silva, servente classe B, licenciado no período de 13 de outubro de 1941 a 12 de janeiro de 1942, em prorrogação.

Alzira Cabral Barreira Cravo, bibliotecário auxiliar classe G, licenciado por um ano, em prorrogação, na forma do artigo 165, do decreto-Lei 1.713, de 28 de outubro de 1939.

Arcilio de Moura Estevão Junior, assistente de ensino XV, licenciado por 15 dias para tratamento de saúde, a partir de 23 de junho.

Regina Maldonado d'Eça, dactilógrafo classe G, licenciado por 10 dias para tratamento de saúde, a partir de 26 de junho.

Eustachio Carmo, bibliotecário auxiliar classe H, licenciado por 10 dias para tratamento de saúde, a partir de 18 de junho.

Jurema da Costa Araujo, dactilógrafo classe G, licenciado por 20 dias para tratamento de saúde, a partir de 21 de julho.

Antonio de Souza, servente classe D, licenciado por 7 dias para tratamento de saúde, a partir de 7 de julho.

Waldemar de Carvalho Costa, servente classe E, licenciado por 30 dias para tratamento de saúde, a partir de 25 de outubro.

Rodolfo Julio Ferreira Filho, servente classe C, licenciado por 8 dias para tratamento de saúde, a partir de 17 de outubro.

Francisco Waldemar Veiga, servente classe C, licenciado por 8 dias para tratamento de saúde, a partir de 23 de outubro.

Manoel Affonso Braga, bibliotecário auxiliar classe F, licenciado para tratamento de saúde, no período de 2 a 24 de dezembro.

Rafael Lopes Ferraz, servente classe C, licenciado para tratamento de saúde, por 32 dias, no período de 28 de novembro a 29 de dezembro.

Nomeações

Maria Regina do Vale, Acyl de Medeiros, Alice dos Reis Principe, Marilia Socci Cabral, Eunice Socci Cabral, Nidia Dantas e Nadir Teixeira de Castro, nomeados para exercer, interinamente, as funções de bibliotecário auxiliar classe E, por decreto de 10 de fevreiro d 1942.

Octavio da Silva Ramos, Paulo de Leão, Evilásio Alves Maia, Manoel Rodrigues Fernandes Filho, Mirco Peter, Ademar Mota dos Santos Wilson Gallart de Menezes, Nilo de Oliveira Santos, Waldir Joaquim Camara, Maria das Dores da Silva Azevedo e Walker Calvet Corrêa, serventes interinos, admitidos como extranumerários diaristas a partir de 2 de fevereiro do corrente ano.

Flora de Araujo Jorge Whitehurst, nomeado para exercer interinamente as funções de bibliotecário auxiliar classe E, por decreto de 10 de fevereiro.

Promoções

Manoel Rodrigues da Silva, servente classe D, promovido para a classe E, da mesma carreira, por decreto de 31 de dezembro de 1941.

Antonio Julio do Nascimento, Benjamin Constant Ferreira e Antonio de Souza, serventes classe C, promovidos para a classe D, da mesma carreira, por decreto de 31 de dezembro de 1941.

José de Carvalho, servente classe B, promovido para a classe C, da mesma carreira, por decreto de 31 de dezembro de 1941.

Luiz Gonzaga de Siqueira Cavalcanti, bibliotecário classe I, promovido para a classe J, por decreto de 25 de agôsto.

Bernardino Carioca e José Maria da Silva Reis, bibliotecários auxiliares classe F, promovidos para a classe G, por decreto de 26 de agôsto.

Rodolfo Julio Ferreira Filho, servente classe B, promovido para a classe C, por decreto de 28 de agôsto.

Celuta de Hannequim Gomes, bibliotecário auxiliar classe G, promovido por merecimento para a classe H, por decreto de 31 de dezembro.

Manoel Affonso Braga, bibliotecário auxiliar classe F, promovido por antiguidade para a classe G, por decreto de 31 de dezembro.

Remoções

Jurema da Costa Araujo, dactilógrafo classe G, removido da Divisão do Pessoal para a Bibliotéca Nacional, por decreto de 3 de fevereiro.

José Gonçalves, escriturário classe F, removido do Instituto do Livro para a Bibliotéca Nacional, por ofício 4374, de 2 de julho.

Carlos Pinto dos Santos, servente classe C, removido para o Serviço de Comunicações, por decreto de 22 de dezembro.

Designação de serviço interno

Alvaro Freitas dos Santos, bibliotecário auxiliar classe H, para responder pelo serviço noturno de consulta pública, em 6 de fevereiro.

Maria Antonieta de Magalhães Requião, bibliotecário auxiliar classe E, para servir como secretário *ad hoc* no Curso de Biblioteconomia, em 6 de março.

Cecilia Helena Roxo Wagley, bibliotecário auxiliar classe G, para organizar o serviço de referência anexo à 1.ª seção, tendo como ajudantes os bibliotecários auxiliares classe E, Maria Antonieta de Magalhães Requião, Acyl de Medeiros e Nadir Teixeira de Castro.

José Gonçalves, escriturário classe F, para servir na 1.ª seção, turma da noite, removido do Instituto do Livro para esta repartição, em 2 de julho.

Dispensa de funções

Marilia Alencar Roxo, bibliotecário auxiliar, classe E, do serviço de secretário ad hoc do Curso de Biblioteconomia.

Waldir Joaquim Camara, diarista, por ter sido nomeado para outro cargo, em 24 de agôsto.

João José Vaz de Siqueira Cavalcanti, diarista, dispensado a pedido, em 5 de outubro.

Elogio

Americo Rodrigues da Silva, servente classe E, elogiado por ter encontrado um relógio de niquel com corrente e feito entrega ao seu respectivo dono.

Férias

Sem prejuízo para o serviço, os funcionários desta Repartição, gozaram as férias regulamentares, de janeiro a dezembro, em diversas turmas.

DIREITOS AUTORAIS

Foram lavrados, para garantia da propriedade literária e científica, de acôrdo com a lei vigente, 127 têrmos de registo de números 6.484 a 6.611, que assim se classificam:

Poesias	1
Teatro	14
Diversos	76
Direito	1
Didáticos	35
	127

Requereram registo 129 autores e editores proprietários.

SERVIÇO DE PERMUTAÇÕES INTERNACIONAIS

Durante o ano findo manteve o serviço de permutações internacionais o intercâmbio bibliográfico com 87 bibliotécas estrangeiras e 107 bibliotécas e repartições nacionais.

Foram extraídas 112 guias para várias remessas, sendo 94 guias para as bibliotécas nacionais e destinatários do interior do país, constando de 441 postais, 159 cartas, 2 ofícios e 470 amarrados com 1.171 pacotes, na importância de seiscentos e vinte e seis cruzeiros e noventa centavos (Cr $ .... 626,90) e 18 guias para aquisição de selos na importância de quatro mil, quatrocentos e cincoenta e sete cruzeiros e vinte centavos (Cr $ 4.457.,20), para remessa às bibliotécas estrangeiras (Convenção Pan Americana) e destinatários do interior do país de 29 postais, 8 cartas e 1.744 pacotes com 25.042 exemplares de publicações.

Além das publicações remetidas por via postal, foram entregues à Secretaria da Bibliotéca, 71 publicações com 777 exemplares para diversos.

Entraram por efeito de lei e foram registados, 90 publicações em 72.462 exemplares, procedentes dos Ministérios e diversas repartições.

Entraram e foram registados 16 pacotes de publicações procedentes: 11 do Japão e 5 da Suiça.

CONTRIBUIÇÃO LEGAL

Entraram no ano de 1942, por contribuição legal 11.445 obras em 13.199 volumes, 1.540 peças musicais e 32.956 exemplares de jornais e revistas.

*

* *

CONSULTA PÚBLICA

Durante o ano de 1942 obtiveram na Secretaria cartões de freqüência 3.310 leitores.

Consultaram os vários salões de leitura 57.420 leitores, conforme se verifica do seguinte quadro demonstrativo.

MESES	1.ª SECÇÃO	2.ª SECÇÃO	3.ª SECÇÃO	4.ª SECÇÃO	SALA DE ESTUDOS	TOTAL
Janeiro	2.232	48	49	1.213	428	3.970
Fevereiro	2.003	93	67	989	392	3.544
Março	2.460	79	61	1.409	315	4.324
Abril	2.907	35	72	1.264	423	4.701
Maio	3.811	365	73	1.343	412	6.004
Junho	3.887	327	32	1.509	416	6.171
Julho	3.267	414	80	1.074	316	5.151
Agôsto	2.999	79	16	843	410	4.347
Setembro	3.152	55	12	862	638	4.719
Outubro	3.013	281	60	872	565	4.791
Novembro	3.242	278	80	1.136	538	5.274
Dezembro	2.714	211	110	927	462	4.424
TOTAIS	35.687	2.265	712	13.441	5.315	57.420

A Biblioteca funcionou durante 354 dias.

*

* *

CLASSES E LÍNGUAS	OBRAS	VOLUMES
Obras gerais	815	998
Filosofia	4.232	4.597
Religião	1.058	1.160
Sociologia	5.643	6.198
Filologia	7.601	8.413
Ciências naturais	17.720	19.522
Ciências aplicadas	15.126	16.771
Belas Artes	1.215	1.337
Literatura	19.700	21.746
História e Geografia	10.009	11.288
BRASIL		
Obras gerais	442	497
Agricultura e Zootecnia	536	588
Política, Administração e Legislação	4.095	4.536
Comércio, Indústria e Comunicações	1.472	1.655
Corografia, Viagens e Sociografia	1.287	1.412
Educação e Assistência	549	606
Literatura e Belas Artes	9.155	9.860
História e Biografia	4.483	5.014
SOMA	105.138	116.198
Sendo em:		
Alemão	582	651
Espanhol	4.311	4.937
Francês	16.630	18.906
Inglês	4.105	4.652
Português	78.401	85.802
Outras línguas	1.109	1.250
SOMA	105.138	116.198
Consultantes:	35.687	
Observações		

A segunda seção (manuscritos) foi freqüentada por 2.256 leitores, que consultaram 92.403 documentos, sendo 611 códices contendo 53.457 documentos e 38.946 manuscritos avulsos, bem como 256 obras de referência em 333 volumes e 2.460 impressos avulsos num total de 2.795 peças.

Tanto os códices como os manuscritos avulsos eram escritos nas seguintes línguas :

	Códices	*documentos N.º de*	*Avulsos*	*Total*
Alemão	—	—	2	2
Espanhol	20	5.942	1.603	7.545
Francês	6	6	49	55
Guaraní	1	1	3	4
Latim	2	2	—	2
Português	582	47.506	37.289	84.795
	611	53.457	38.946	92.403

As obras de referência eram impressas nas seguintes línguas :

Espanhol	3	6	173	179
Francês	128	137	—	137
Inglês	16	17	—	17
Latim	1	1	2.287	2.288
Partuguês	108	172	—	172
	256	333	2.460	2.793

Quanto aos assuntos, assim se classificam os códices consultados.

Classes e línguas	*Códices*	*N.º de documentos*	*Avulsos*
Administração	85	19.935	166
Autógrafos	1	1	12
Bahia (Estado)	—	—	1
Bibliografia	3	2	—
Biografia e docs. biográficos	14	1.584	4.768
Botânica	20	284	—
Brasil em geral	41	1.041	—
Colônia do Sacramento	—	—	6
Corografia do Brasil	9	205	10
Direito	1	1	—
Epistografia	15	2.249	242

Classes e línguas	Códices	N.º de documentos	Avulsos
Espírito Santo	3	17	—
Estados Unidos	1	—	—
Estatística	—	—	1
Farmacologia	1	1	—
Genealogia	52	6.913	5
Geografia	1	3	—
Goiaz	20	1.713	14
História do Brasil	155	8.105	30.750
História Natural	9	72	—
História de Portugal	1	101	—
Imprensa	3	3	—
Inventários	1	1	—
Jesuítas	4	86	606
Limites	44	2.474	432
Linguística	4	4	—
Maranhão	10	812	9
Marinha	—	—	9
Mato Grosso	8	12	1
Medicina	1	1	—
Meteorologia	3	351	—
Minas	4	105	—
Música	—	—	211
Nobiliarquia e Heráldica	19	626	2
Ordens Honoríficas	8	84	16
Pará	—	—	16
Paraguái	8	2.429	857
Pernambuco	7	751	1
Poesia	5	555	1
Política	5	555	1
Portugal	10	211	3
Religião	3	140	—
Rio Grande do Sul	7	209	54
Rio da Prata	3	812	584
Santa Catarina	3	108	—
São Paulo (Estado)	2	162	14
Sergipe	1	95	57
Sesmarias	1	315	—
Teatro	1	1	1
Viagens	15	248	33
Total	611	53.457	38.946

Línguas			
Alemão	—	—	2
Espanhol	20	5.942	1.603
Francês	6	6	49
Guarani	1	1	3
Latim	2	2	—
Português	582	47.506	37.289
Total	611	53.457	38.946

Obras impresas	Obras	Volumes	Avulsos
Anais	4	23	—
Bibliografia	14	32	—
Cronologia	11	11	—
Genealogia	1	1	—
História do Brasil	3	30	—
Linguística	2	3	—
Paleontologia	221	244	2.460
Total	256	333	2.460
Línguas			
Espanhol	3	6	173
Francês	128	137	—
Inglês	16	17	—
Latim	1	1	2.287
Português	188	172	—
Total	256	333	2.460

A terceira seção (estampas e cartas geográficas) foi freqüentada por 726 leitores, que manusearam 902 estampas avulsas e 974 coleções com 77.335 peças. Consultaram 529 mapas avulsos, 177 atlas com 17.430 cartas, 233 avulsos e 143 obras especiais em 22 volumes, assim classificados quanto aos idiomas :

Português	31 obras	em 46 volumes
Francês	56 "	" 89 "
Italiano	21 "	" 21 "
Inglês	15 "	" 27 "
Alemão	14 "	" 24 "
Espanhol	6 "	" 11 "
	143 "	" 225 "

*

* *

A quarta seção (jornais e revistas) foi freqüentada por 13.440 leitores que consultaram 22.892 volumes e 203.551 avulsos, assim discriminados quanto aos assuntos :

Almanaques	1.040	
Anais	1.518	
Jornais	10.305 e	189.977 avulsos
Leis, decretos, decisões, etc	3.888	
Mensagens	929	
Relatórios	1.353	
Revistas	3.860 e	13.574 "
	22.892 "	203.551 "

Quanto ao idiomas assim se classificam :

Alemão	88
Francês	929
Espanhol	77
Holandês	7
Inglês	177
Italiano	96
Português	21.507
	22.892

*
* *

SALA DE REFERÊNCIA

Durante o ano foram consultadas as seguintes obras :

História e biografia	140
Dicionário e biografia	200
Enciclopédias gerais	467
Dicionários de línguas e bi-língues	711
Bibliografia e obras de biblioteconomia	144
Dicionário de línguas e bi-línguas	711
Catálogos	10
Coleções	18
Atlas	6
Obras requisitadas dos andares para consulta	382

ENCADERNAÇÃO

Foram encadernados pelas oficinas gráficas da Imprensa Nacional, 4.262 volumes de obras diversas.

Devido à dificuldade no serviço de encadernação de jornais e revistas pelas oficinas da Imprensa Nacional, esta Bibliotéca solicitou por ofício nº. 79, de 24 de março, providências à Divisão do Material, no sentido de serem encadernados os jornais e revistas por concorrência pública, tendo sido encarregada dêsse serviço a firma L. G. Costa & Cia., desta Capital. Nestas condições foram encadernados 1.344 volumes de jornais e revistas.

DOAÇÕES

Durante o ano de 1942, recebeu a Bibliotéca Nacional as seguintes doações de livros :

Do Dr. A. Batista Pereira, ilustre escritor e bibliófilo, um exemplar das *Declamationes*, de Marcus Fabius Quintilianus, apud Simonen Colinaeum, Paris 1542, in-4.°.

Êsse livro contem as declamações maiores (19) do grande orador romano. Simon de Colines (Colinet), livreiro e impressor francês, nascido em fins do século XV e falecido em 1546, colaborador, sócio e sucessor de Henri Estienne, e mestre do célebre Robert Estienne, seu enteado, trabalhou de 1521 a 1546. Cêrca de 700 obras saídas de suas oficinas, testemunham sua habilidade e competência. Seguiu a técnica dos Aldos, imprimindo livros de pequeno formato (n-16), acessíveis à bolsa do povo. Empregou o itálico no texto, criou novos caracteres gregos, aperfeiçoou o romano e aboliu o gótico. Foi amigo e colaborador de Geoffroy Tory. Letrado, latinista, sua casa era o ponto de reünião dos eruditos parisienses, cujas obras imprimia.

A dádiva do Dr. Batista Pereira tem sido devidamente apreciada.

Entre as doações recebidas merece especial menção o legado feito pelo ilustre e saudoso escritor Stefan Zweig, de uma página de provas tipográficas de Honoré Balzac, com inúmeras emendas e correções por letra do grande romancista. Êsse legado veio acompanhado por uma carta escrita em francês ao diretor da Biblioteca Nacional.

De S. Exia. o Sr. Presidente da República, 541 obras em 630 volumes.

De S. Excia. o Sr. ministro da Educação, 59 volumes de obras diversas.

Do Sr. Dr. Jorge Duron, secretário da Delegação de Honduras na 3.ª Conferência dos Chanceleres Americanos, 10 obras em 10 volumes.

Do Observatório Nacional, uma obra em 23 volumes.

Do Sr. comandante Francisco J. da Rocha, 36 números da revista americana *Life*.

Do Sr. Dr. Cândido de Campos, 377 números do jornal *A Noticia*.

Do Sr. Professor Melo e Souza, 3 obras em 3 volumes.

Do Sr. Dr. Alvaro Bomilcar, 4 números da revista *Brasilea*.

Do Sr. Dr. Alberto Rangel, uma obra.

Do Sr. General Tasso Fragoso, uma obra.

Do Sr. Antônio de Souza Pinto, pela Exposição do Livro Português, 60 obras em 62 volumes.

CATALOGAÇÃO

No correr do ano, foram extraídas 4.034 fichas de autores e de assuntos, para os catálogos das diferentes seções, sendo tôdas elas colocadas nos respectivos fichários à disposição do público.

SECRETARIA

Além do registo de direitos autorais e do serviço de permutações internacionais, expediu a Secretaria às diversas seções 634 guias, sendo 460 de contribuição legal, 16 de compra, 62 de doações, 30 de permuta internacional e 3 de transferência.

Quanto à correspondência expedida constou de 318 ofícios, 89 cartas, 81 guias de recolhimento de renda à Tesouraria Geral do Ministério da Educação e Saúde, 22 portarias, 34 editais, 120 comunicações aos jornais e foram extraídas 180 certidões, sendo 127 de direitos autorais, 25 de teôr e 28 de relatório.

Incumbiu-se de todo o seu expediente, dando andamento aos vários processos, fôlhas de pagamento, fôlha de auxílio para fardamento do pessoal subalterno e processamento das diversas faturas.

O secretário recebeu durante o ano dois adeantamentos de cem mil cruzeiros (Cr $ 100.000,00) cada um, sendo um em 9 de março e outro em 8 de outubro, para aquisição de livros; em 8 de dezembro mil e quinhentos cruzeiros (Cr $ 1.500,00), para despesas miudas e de pronto pagamento. Dêsse último foi aplicada apenas a quantia de seiscentos e oitenta e quatro cruzeiros e 40 centavos (Cr 0 .... 648.40), tendo sido recolhido o saldo de oitocentos e quinze cruzeiros e sessenta sentavos (Cr $ 815.60).

Recolheu à Tesouraria Geral do Ministério da Educação e Saúde, a importância total de vinte e dois mil, setecentos e cincoenta e dois cruzeiros e oitenta centavos (Cr $ .... 22.752,80), em 81 guias de números 1 a 81, de acôrdo com a rubrica 142, Renda da Bibliotéca Nacional, Anexo n.° IV — Diversas Rendas — do decreto-lei n.° 3.960 de 19 de dezembro de 1941.

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Durante o ano findo o curso de biblioteconomia funcionou com tôda a regularidade. As aulas começaram a 8 de abril e foram encerradas a 30 de novembro para o primeiro ano e a 23 de dezembro para o segundo ano.

Lecionaram as quatro cadeiras de que consta o curso, os Srs. bibliotecários Emmanuel Eduardo Gaudie Ley até junho e a partir de 24 de junho Pedro Rodrigues da Cunha, a cadeira de bibliografia; João Carlos Moreira Guimarães, a cadeira de história literária com aplicação à bibilografia; Bacharel José Bartholo da Silva, a cadeira de paleografia e diplomática e Floriano Bicudo Teixeira, a cadeira de iconografia e cartografia.

Matricularam-se no 1.º ano, 170 alunos, a saber :

1 — Maria Sophia Carneiro de Souza Bezerra
2 — Myrthes de Souza Ferreira
3 — Beatriz Helena Moreira Leite Pinto
4 — Malvina Kraiser
5 — Laura Barreiros de Carvalho
6 — Elza de Andrade Janeiro
7 — Clarisse Altwegg
8 — Nelly Kaminitz
9 — Glauce Martins do Pilar
10 — Elyanna Rocha de Niemeyer
11 — Maria da Gloria de Sant'Anna
12 — Maria Laura Ribeiro
13 — Marina de Oliveira Guimarães
14 — Emilia Regina Falcão
16 — Amalia Marco
17 — Nina Duarte
18 — Maria Luiza Nesi de Freitas Lima
19 — Orsely Guimarães Ferreira
20 — Ugytassy de Pinho e Benevides
21 — Guiomar de Mattos Goulart
22 — Nice Miranda Santos.
23 — Annette Mary Clarkson
24 — Mario Camarinha da Silva
25 — Paulo de Carvalho Armando
26 — Maria Magdalena Lopes Damásio
27 — Gloria Carmen Dannemann

28 — Aline Medina Silva
29 — Maria Regina Behring Coimbra
30 — Maria Lucia Behring Coimbra
31 — Heloisa Behring
32 — Marina Bahia de Azevedo
33 — Yolanda Ferreira Carneiro
34 — Sênia Sampaio
35 — Cecilia Raineri de Magalhães Machado
36 — Yara de Goes Ferreira
37 — Lucia Maria Vianna Machado
38 — Solon José de Albuquerque Maranhão
39 — Luiz Alberto Magalhães Pegado
40 — Lêda Maria Nogueira
41 — Natalina da Cunha
42 — Anna Leopoldina Batista Rodrigues
43 — Regina Maria Meirelles de Castro Lima
44 — Ruth Maria de Araujo Carvalho
45 — Evaristo Martins de Araujo
46 — Lucia Laport
47 — Sylvia de Vasconcellos
48 — Maria Laura da Cunha
49 — Marilia Torres de Mello
50 — Marina Botelho Junqueira
51 — Anna Espinar Assaf
52 — Maria Eugenia Gonçalves de Andrade
53 — Ivete de Jambo e Lima
54 — Ondina Lopes Ribeiro
55 — Nilze Pinto Sobral
56 — Nilze de Souza
57 — Maristella de Mendonça
58 — Aida Monteiro Furtado
59 — Dulce da Fonseca Fernandes da Cunha
60 — Maria da Fonseca Peyon
61 — Maria Consuêlo de Messias
62 — Nilza Pinheiro Guida
64 — Maria Ailza Franco
65 — Maria de Lourdes da Costa e Silva Castro
66 — Edda Multedo
67 — Eunice de Barros
68 — Cylda Marques de Souza
69 — Maria de Lourdes de Abreu Lima Raposo

70 — Geraldo José Rodrigues
71 — Iracema Gentil Pacheco
72 — Maria Alice Ferraz e Silva
73 — Paulina Celina Albrecht
74 — Marina Amaral Gomes Brandão
75 — Lygia Marques dos Santos
76 — Fira Sirota
77 — Lygia da Cruz Debize
78 — Alice Doris Bacellar Kostenbader
79 — Maria de Lourdes Barreira da Fonseca
80 — Dulce Dantas
81 — Alda Oliveira Pires
82 — Léa Pinna
83 — Dagmar Esteves Dias
84 — Iza Gerheim Parizzi
85 — Maria Thereza Miranda de Loyola
86 — Damares Bacelar dos Santos
87 — Maria Thereza Lage de Souza
88 — Maria Belia da Costa
89 — Maria Carmelita da Gouveia Rego
90 — Maria de Lourdes Ribeiro de Castro
91 — Luiza Gulkis
92 — Maria da Penha da Fonseca Costa
93 — Maria Amelia Porto Migueis
94 — Neuza Pinto do Nascimento
95 — Wanda Carneiro Martins
96 — Lucia de Almeida
97 — José Pais de Mélo
98 — Aurea Gentil Pacheco
99 — Dulce Moreira
100 — Marilda Vianna
101 — Neuza dos Santos de Freitas Guimarães
102 — Helen Palhano Pain
103 — Maria José Vaz Saroldi
104 — Marieta March
105 — Isadora Mariz
106 — Vera Botelho Orestes
107 — Maria de Lourdes Borda
108 — Maria das Neves Niederauer Tavares Cavalcanti
109 — Wilma Arantes de Mattos
110 — Heloisa Isaacson Carneiro Felippe

111 — Maria Aparecida Hachiya
112 — Carmen de Andrade Botelho
113 — Satiye Hachiya
114 — Iná de Almeida Drumond
115 — Amaury Burlamaqui Dias
116 — Sylvia Constant Andrade Fraenkel
117 — Maria Pariz de Castro
118 — Stella Xavier de Brito
119 — Mary Alice de Rezende Noronha de Carvalho
120 — Geza Guimarães Villano
121 — Musa de Moraes Coutinho
122 — Myrian Gurjão de Mello
123 — Neuza Marques de Oliveira
124 — Alice Maron Gedeon
125 — Sylvia Reis
126 — Guiomar Esteves Dias
127 — Nelie Figueira
128 — Frederico Teixeira Filho
129 — Elsa Flores Behring
130 — Yvette Pitanguy Pinheiro Chagas
131 — Ilka da Costa Paiva
132 — Lia Flores Behring
133 — Abigail Teixeira de Sá Campos
134 — Alice Tolomei
135 — Nilza Santos
136 — Carlos Alberto Belford Vieira
137 — Rebeka Tiomy
138 — Nicia de Oliveira Lima
139 — Neréa Vianna de Carvalho
140 — Waldyr Joaquim Camara
141 — Adelaide Vaccani Levy
142 — Niobe Bessa Gonçalves
143 — Marilda Louzada Mello de Lima
144 — Sonia Maria Pereira Rego
145 — Alba Esperança Ribeiro de Cerqueira Lima
146 — Margarida Rinelli de Almeida
147 — Yedda Vianna
148 — Tuba Scheiva Schneider
149 — Wanda Gonçalves Arruda
150 — Nylma Thereza de Salles Velloso
151 — Maria Cecilia Quintanilha de Sá

152 — Wanda Pereira da Costa
153 — Edinéa Simões dos Reis
154 — Maria de Lourdes Caçador Stahel
155 — Rita Levy Touriel
156 — Aydéa Costa
157 — Affonso Ligorio de Souza Pinto
158 — Jurema Ferreira de Castilho
159 — Olga dos Santos Luzes
160 — Regina Helena Halfeld Magalhães
161 — Nilza da Costa e Souza
162 — Helena Palmeira
163 — Echiel Meilman
164 — Milena de Oliveira Coutinho
165 — Clarinda Gonzaga de Siqueira Cavalcanti
166 — Magnolia Guimarães
167 — Maria Luiza de Souza Mello
168 — Lygia de Lacerda Portocarrero
169 — Lêda Nascimento Cumplido
170 — José Noronha Santos.

Dêsses 170 alunos sòmente 100 se submeteram aos exames de primeira época das duas cadeiras do 1.º ano, sendo aprovados com as seguintes médias :

NOMES	MÉDIAS
1 — 1 — Orsely Guimarães Fererira	10
2 — Maria Carmelita de Gouveia Rego	9
3 — Marina Botelho Junqueira	9
4 — Elyanna Rocha de Niemeyer	9
5 — Maria Sophia Carneiro de Souza Bezerra	9
6 — Regina Helena Halfeld Magalhães	9
7 — Maria Lucia Behring Coimbra	9
8 — Neuza dos Santos de Freitas Guimarães	9
9 — Neuza Pinto do Nascimento	9
10 — Myrthes de Souza Ferreira	9
11 — Heloisa Behring	9
12 — Maria de Lourdes Ribeiro de Castro	9
13 — Maria Thereza Lage de Souza	9
14 — Maria de Lourdes Borba	9
15 — Maria Pariz de Castro	9
16 — Maria da Penha da Fonseca Costa	8
17 — Marilda Vianna	8
18 — Maria Regina Behring Coimbra	8
19 — Ruth Maria de Araujo Carvalho	8
20 — Nilze Pinto Sobral	8
21 — Léa Pinna	8
22 — Sênia Sampaio	7
23 — Aida Monteiro Furtado	8
24 — Nylma Thereza de S. Velloso	7
25 — Satiyé Hachiya	7

NOMES	MÉDIAS
26 — Maria Laura da Cunha	7
27 — Iza Gerheim Parizzi	7
28 — Maria Laura Ribeiro	7
29 — Sylvia Constant de Andrade Fraenkel	7
30 — Aline Medina Silva	7
31 — Nellie Figueira	7
32 — Carmen de Andrade Botelho	7
33 — Maria Alice Rezende Noronha de Carvalho	7
34 — Solon José de Albuquerque Maranhão	7
35 — Dulce da Fonseca Fernandes da Cunha	7
36 — Yvete de Jambo e Lima	7
37 — Maria Luiza Nesi de Freitas Lima	7
38 — Ugytassy de Pinho e Benevides	7
39 — Maria Eugenia Gonçalves de Andrade	7
40 — Malvina Kraizer	6
41 — Natalina da Cunha	6
42 — Nelly Kaminitz	6
43 — Guiomar Esteves Dias	6
44 — Helen Palhano Pain	6
45 — Ondina Lopes Ribeiro	6
46 — Alice Tolomei	6
47 — Beatriz Helena Moreira Leite Pinto	6
48 — Clarisse Altwegg	6
49 — Dagmar Esteves Dias	6
50 — Maria Amelia Porto Migueis	6
51 — Wanda Gonçalves Arruda	6
52 — Olga dos Santos Luzes	6
53 — Yeda Vianna	6
54 — Dulce Dantas	6
55 — Nilza Ferreira da Costa e Souza	6
56 — Anna Leopoldina Batista Rodrigues	6
57 — Eunice de Barros	6
58 — Maria Magnalena Lopes Damasio	6
59 — Margarida Rinelli de Almeida	6
60 — Annette Mary Clarkson	6
61 — Nilza Santos	6
62 — Sylvia Reis	6
63 — Adelaide Vaccani Levy	6
64 — Helena Palmeira	5
65 — Maria de Lourdes da Costa e Silva Castro	5
66 — Marilia Vasconcellos Torres de Mélo	5
67 — Ilka da Costa Paiva	5
68 — Musa de Moraes Coutinho	5
68 — Nilza Pinheiro Guida	5
70 — Rebeka Tiommy	5
71 — Sonia Maria Pereira Rego	5
72 — Lêda Maria Nogueira	5
73 — Alice Maron Gedeon	5
74 — Edinéa Simões dos Reis	5
75 — Glauce Martins do Pilar	5
76 — Wanda Pereira da Costa	5
77 — Lêda Nascimento Cumplido	5
78 — Nilza de Souza	5
79 — Norma Mallet	5
80 — Vera Botelho Orestes	5
81 — Yara de Góes Ferraz	5
82 — Guimar de Mattos Goulart	5
83 — Nice Miranda Santos	5
84 — Lygia de Lacerda Portocarrero	5

Não conseguiram a média exigida para aprovação 15 alunos. Sòmente um dos alunos inscritos não compareceu aos exames.

Matricularam-se no 2.º ano, 94 alunos, a saber :

1 — Miridan Paranaguá Zander
2 — Carmen Flora Cabral
3 — Elza Torquato Moreira
4 — Paulina Goffman
5 — Maria Thereza Sá Antunes
6 — Daisy Motta
7 — Celeste Ferraz de Magalhães
8 — Eliesita Garcia Romey
9 — Lêdda Maria Nunes Pires
10 — Maria da Gloria Corrêa Vallim
11 — Emilia Maria La Roque
12 — Maria Thereza Belfort
13 — Clotilde Belisario de Carvalho
14 — Lygia Mendes Camello
15 — Adelia Kauffman
16 — Yedda Berlink Rego Macedo
17 — Ruth Martins
18 — Julia Godois Vianna
19 — Herminia Duarte Lisbôa
20 — Lêda Reis
21 — Pêrola Cardoso
22 — Antonieta Caiado Jardim
23 — Otavio Regis Konder
24 — Annita Saraiva Ramiz Wright
25 — Maria da Piedade Bezerra Mergulhão
26 — Eny de Oliveira e Silva
27 — Leilah Maria Coimbra da Silva
28 — Maria Thereza de Mello e Souza
29 — José Reis Fontes
30 — Lys Fontes Gonçalves
31 — Marilia Goulart Penteado
32 — Deoclecio Leite de Macedo
33 — Maura Heloisa Parente Napoleão
34 — Ester Moreira Lima
35 — Celita Alda Castello Branco
36 — Marilia Pedrosa

37 — Helena Maria da Costa Azevedo
38 — Helyette Celia Brant
39 — Carmen Vera Barcellos
40 — Jamille Salles
41 — Marieta Polistchuck
42 — Arlette Campos
43 — Nelsina Pinheiro Curty
44 — Lena Ribeiro da Cunha
54 — Yedda Fleury Leite
46 — Nilda Maria Portes Paixão
47 — Nadyr Fleury Nazareth
48 — Glaucia Guimarães Barreto
49 — Kléber Theophilo Ferreira
50 — Maria de Nazareth Moniz de Aragão
51 — Elza Machado da Silva
52 — Leda Faustino de Figueiredo
53 — Ercilia Baker de Andrade Botelho
54 — Marina Baker de Andrade Botelho
55 — Zilda Galhardo de Araujo
56 — Suzana Schmelzinguer
57 — Rode de Morais
58 — Yedda Maria Lavrador
59 — Heloisa de Barros
60 — Maria Luiza de Oliveira Lima
61 — Cacilda Jorge
62 — Rubens Saldanha
63 — Nilcéa Amabilia Rossi
64 — Guiomar Reis
65 — Hugo di Biase
66 — Helena Maria Costa Calvão
67 — Tarquinio José Barbosa de Oliveira
68 — Nilza Dolores de Carvalho
69 — Hermance de Andrade Pinto
70 — Maria de Lourdes Cavalcanti Araujo
71 — Véra Oliveira da Silva
72 — Odette Senna de Oliveira
73 — Antonietta Vianna Castello Branco
74 — Maria Alice Azevedo
75 — Maria Helena Bastos
76 — Carolina Victoria Ceylão Pereira
77 — Antonio Lopes de Faria

78 — Alice Alves de Souza
79 — Nancy do Carmo Rosadas Speranza
80 — Helida Gonçalves
81 — Dulcy Melgaço Filgueiras
82 — Regina Magalhães Gomes
83 — Luiza Teixeira Ribeiro
84 — Yvonne Pinto Sobral
85 — Irene de Queiroz Monteiro
86 — Dulce Pedra
87 — Mary Socci Camelier
88 — Marcella Cheferino
89 — Yara Alvarenga
90 — Maria da Penha de Freitas Martins
91 — Fausto Jesus da Silva
92 — Marietta Latorre
93 — Léo Bernardes
94 — Heloisa de Oliveira Vasconcellos

Desses 94 alunos, sòmente terminaram o curso 18, sendo considerados aprovados com as seguintes médias :

NOMES	MÉDIAS
1 — Ercília Baker de Andrade Botelho	6
2 — Deoclécio Leite de Macedo	6
3 — Hermance de Andrade Pinto	6
4 — Celeste Ferraz de Magalhães	6
5 — Marina Baker de Andrade Botelho	6
6 — Marilia Pedroza	5
7 — Miridan Paranaguá Zander	5
8 — Lêda Reis	5
9 — Julia Godois Vianna	5
10 — Helena Maria da Costa Azevedo	5
11 — Otavia Regis Konder	5
12 — Marilia Goulart Penteado	5
13 — Celita Alda Castello Branco	5
14 — Yedda Fleury Leite	5
15 — Esther Moreira Lima	5
16 — Marietta Latorre	5
17 — Carmen Flora Schnidlin Cabral	5
18 — Mary Socci Camalier	5

Só requereram exame 66 alunos.

Não compareceram aos exames de paleografia e diplomática 37 alunos e o de bibliografia 18.

Não conseguiram média para a aprovação 11 alunos.

Exame de 2.ª época relativo ao ano letivo de 1941.

NOMES	MÉDIA
1 — Maria Alice Azevedo	8
2 — Hugo de Biasi	8
3 — Nilza Dolores de Carvalho	7
4 — Tarquinio José Barbosa de Oliveira	7
5 — Luiza Teixeira Ribeiro	7
6 — Yvone Pinto Sobral	6
7 — Irene de Queiroz Monteiro	6
8 — Carolina Victoria Ceylão Pereira	6
9 — Helida Gonçalves	6
10 — Helena Martins Costa Galvão	5
11 — Maria de Lourdes Cavalcanti Araujo	5
12 — Alice Alves de Souza	5
13 — Antonietta Vianna Castello Branco	5
14 — Maria Helena Bastos	5
15 — Maria da Penha de Freitas Martins	5
16 — Nancy do Carmo Rosadas Speranza	5

Inscreveram-se aos exames do 2.º ano 27 alunos. Não compareceram 3 alunos, não obtiveram média 7 e foram considerados aprovados 17, a saber:

23 — Alcides Dias de Souza	5
24 — Cléa de Mello	5
25 — Sylvio do Valle Amaral	5
26 — Clelia Ponce	5
27 — Maria Elisa Pimenta Batista	5
28 — Maria de Lourdes Rodrigues de Almeida	5
29 — Maria Aparecida Bransford de Oliveira	5
30 — Clara Maria Catta-Preta de Faria	5
31 — Maria de Pompeia Araújo	5
32 — Diva de Souza Carvalho	5
33 — Yvonne Rasina	5
34 — Antonio Traverso	5
35 — Véra Miranda Monteiro	5
36 — Zelia Gama de Miranda	5
37 — Maria Amalia de Faria	5
38 — Rosalina C. M. de Almeida Motta	5
39 — Nelson Joaquim Baptista	5

Nota: A classificação dos alunos do 2.º ano, aprovados em 2.ª época, foi feita em continuação a dos alunos que passaram em 1.ª época.

O curso de biblioteconomia funcionou com a máxima regularidade, cumprindo resaltar o interêsse e a bôa vontade demonstrados pelos bibliotecários que lecionaram as respectivas cadeiras.

AQUISIÇÕES DE LIVROS

No ano de 1942, adquiriu esta Biblioteca para a 1.ª seção 3.906 obras em 4.491 volumes, sendo por contribuição legal 2.236 obras em 2.479 volumes; por compra 736 obras em 937 volumes; por doação 380 obras em 433 volumes; por permuta internacional 554 obras em 642 volumes, além de 1.396 números de músicas diversas.

Para a 2.ª seção (manuscritos) entraram 10 códices e 14 manuscritos avulsos, sendo por contribuição legal 5, por doação 1 e por compra 4; quanto aos manuscritos, 13 entraram por doação e 1 por compra.

*

* *

Para a 3.ª seção (estampas e cartas geográficas) adquiriu esta Bibliotéca 524 estampas em 10 coleções iconográficas e 130 peças avulsas, sendo :

Por compra	407
Por doação	116
Por contribuição legal	1
	524

Distribuidas essas peças em relação aos processos artísticos assim se classificam :

Litografias	140
Fotógravuras	73
Desenhos	103
Águas-fortes	23
Heliogravuras	50
Xilografias	89
Tricomias	40
Rotogravuras	6
	524

Quanto à nacionalidade :

Brasileira	180
Estrangeiras	344
	524

Entraram também para a seção 92 obras em 103 volumes com 12.868 ilustrações, que foram adquiridas :

Por compra	76 obras em	87 vols. c/	11.169 ilustrações
Por doação	13 obras em	13 vols. c/	1.542 ilustrações
Por permuta	3 obras em	3 vols. c/	157 ilustrações
	92	103 c/	12.868 ilustrações

Quanto à nacionalidade :

Brasileiras.	8 obras em	13 vols. c/	728 ilustrações
Eestrangeiras.	84 obras em	90 vols. c/	12.148 ilustrações
	92	103 c/	12.863 ilustrações

OBRAS ESPECIAIS

Foram adquiridas 67 obras em 76 volumes.

Atendendo aos meios de aquisição :

Por compra	27 obras em	34 vols.
Por doação	28 obras em	30 vols.
Por contr. legal	10 obras em	10 vols.
Por transferência	2 obras em	2 vols.
	67	76

Em relação à nacionalidade:

Brasileiras	52 obras em	54 vols.
Estrangeiras	15 obras em	22 vols.
	67	76

CARTAS GEOGRAFICAS

Durante o ano foram adquiridas 61 peças avulsas e 12 atlas com 465 peças.

Considerados os meios de aquisição :

AVULSAS

Por doação	3
Por permuta	45
Por permuta	3
	61

ATLAS

Por compra	2 atlas com	217 peças
Por doação	5 " "	156 "
Por contr. legal	3 " "	90 "
Por permuta	2 " "	2 "
	12	465

Em relação à nacionalidade :

AVULSAS

Brasileiras	20
Estrangeiras	41
	61

ATLAS

Brasileiros	8	atlas com	321	peças
Estrangeiros	4	" "	144	"
	12	" "	465	"

Para a 4.ª seção (jornais e revistas) entraram jornais, almanaques, mensagens, relatórios, leis, decretos e outras publicações, tanto nacionais como estrangeiras, elevando-se o número no correr do ano a 22.892 volumes e 203.551 avulsos.

*

* *

PRINCIPAIS AQUISIÇÕES

De uma neta da Condessa de Itapagipe, que foi dama do Paço Imperial e camareira-mór da Imperatriz D. Amélia, adquiriu esta Biblioteca parte do arquivo daquela dama, contendo preciosos documentos inéditos, como cartas de José Bonifácio, D. Pedro I, de D. Amélia, da Marqueza de Aguiar, de Paulo Barbosa da Silva, do Cônego Renato Boiret, do Marquês de Rezende, do Barão de Inhomirim, da Marqueza de Queluz e de outras personalidades da época. São documentos de real interêsse histórico, entre os quais se encontra a ordem de D. Pedro I, despedindo do Paço Maria Graham, que era preceptora das princesas, e por ela referida, mas não transcrita, porque o Imperador exigiu que lhe fosse devolvida, conforme consta da correspondência de Maria Graham com a Imperatriz D. Leopoldina, publicada nos *Anais da Bibliotéca*, volume LX.

Outras aquisições devem ser mencionadas :

— *Voyages aux Indes Australes*, de André Thevet, — cópia do manuscrito original e inédito da Bibliotéca Nacioonal de Paris. Êsse códice pertenceu à bibliotéca de Eduardo Prado, e acha-se autenticado pelo Barão do Rio Branco.

— Cartas do General J. I. de Abreu Lima, historiador pernambucano, escritas ao Barão de Guararapes e a sua filha Mariasinha, Recife, 1865 a 1869.

— Carta do historiador Robert Southey, datada de 1 de fevereiro de 1812.

— *I manoscritti di Leonardo da Vinci, della Realle Biblioteca de Windsor*. Dell'Anatomia Togli B. — Publicati da Teodoro da Giovanni Piemati, con traduzione in lingua francese. Torino, Roma e Viarengo, editori, 1901.

— *The literary Works of Leonardo da Vinci*. Compiled and edited from the original manuscripts by Jean Paul Richter. Second edition. London, New York, Toront, Oxford Union — University Press, 1939, 2 vols.

— Pomponii Melae, De Orbis siti libri III, accuratissime emendati, una cum commentariis *Joach. Vadiani Helvetti castigat . . . Lutetiae Parisiorum*, 1530, *pet.* in fol.

— George Arents. — *Tobacco: Its history illustred by the books, manuscripts and angravings*. — New York, The Rosenbach Company, 1937, 3 vols.

— Santiago Prampolini. — *Historia Universal de la Literatura*. Buenos Aires, 1940-1941, 13 vols.

— *The Jewissh Encyclopedia*. New York and London, Funk and Wagnalls Company, 1901, 12 vols.

PUBLICAÇÕES

Das publicações a cargo da Bibliotéca foram distribuídos os volumes LXII e LXIII dos *Anais*, relativos aos anos de 1940 e 1941. O sumário do primeiro volume consta de uma *Narrativa de viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1833-1835), de autoria desconhecida, que consegui esclarecer como sendo de Charles James Fox Banbury. É documento importante que constitue um capitulo inédito da história das explorações cientificas no Brasil. Constam ainda dêsse volume a *Relação dos estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra de* 1772 *a* 1872, em número de 1.242 brasileiros, figurando entre êles os vultos mais representativos do Brasil por fins do século XVIII e por quase todo o subsequente, na política, na administração, na igreja, nas ciências e nas letras. Completa o volume um documento quinhentista de grande interêsse histórico: *Capitulos de Gabriel Soares de Sousa contra os Jesuitas residentes no Brasil* (1592).

O volume LXIII compreende as *Ordens do dia do General Barão de Caxias, comandante em chefe do Exército Nacional na Guerra dos Farrapos*, de 1842 a 1845. São documentos inéditos, que muito contribuem para melhor conhecimento da história daquele período glorioso do passado nacional.

Dos *Documentos Historicos* foram publicados os volumes LIV, LV, LVI LVII e LVIII, que continuam a série das provisões, patentes e alvarás de 1689 a 1699.

Essa publicação desperta particular interêsse entre os estudiosos nacionais e estrangeiros.

Com a edição fac-similar, autorizada por S. Ex. o Sr. ministro da Educação, do *Catecismo da Doutrina Christã na Lingua Brasilica da Nação Kiriri, do Padre Luiz Vincencio Mamiani*, conforme a *editio princeps* de Lisbôa, 1698, a Bibliotéca Nacional se desempenha de um compromisso tomado pelo seu antigo e egrégio diretor, Dr. B. F. Ramiz Galvão, que publicando em 1877 a *Arte de Gramática da Lingua Brasilica da Nação Kiriri*, do mesmo autor, contava que lhe sucedesse a reimpressão do mesmo *Catecismo*, livro talvez mais raro do que a Gramática, e inexistente na Bibliotéca. De fato,

dêsse cimélio apenas se conhece o exemplar do fundo jesuítico da Bibliotéca Nacionale Vittorio Emanuele, de Roma, do qual consegui a cópia fotográfica que permitiu a edição fac-similar, primorosamente executada nas oficinas da Imprensa Nacional.

O *Catecismo* do Padre Mamiani não é apenas uma curiosidade bibliográfica : é também para a etnografia americana um documento de alto prestimo, que será devidamente apreciado pelos competentes.

EDIFÍCIO

O edifício da Bibliotéca passou por uma pintura geral interna e externamente, fazendo-se também os reparos de que necessitavam as claras-boias, vidraças e assoalhos.

Os serviços foram executados pela firma Zambrano, Couto & Irmão.

PANÉIS E BAIXO-RELEVOS

Em 8 de dezembro foram inaugurados no *hall* da Bibliotéca os dois paineis ali pintados pelo ilustre pintor norte-americano Sr. George Biddle, os quais encimam os dois baixos-relevos em bronze de sua esposa e escultora Helena Sardeau Biddle. Essas notáveis obras de arte constituem uma expressiva oferta do govêrno dos Estados Unidos ao Brasil. A cerimônia da inauguração, presidida por S. Ex. o Sr. ministro da Educação, teve a presença do Sr. Embaixador Americano, do pintor, de altas autoridades, escritores e artistas.

*
* *

São estas, senhor ministro, as informações que devo prestar a vossa excelência ao dar conta das ocorrências verificadas e dos serviços realizados nesta Bibliotéca durante o ano de 1942.

Saúde e Fraternidade.

O Diretor,

RODOLFO GARCIA

À Sua Excelência o Senhor Doutor Gustavo Capanema, Dignissimo Ministro da Educação e Saúde.